História Secreta do Brasil
O Millennium e O Homem Universal
Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco
EDITORA
Proton

Índice

3ª Parte

Final

SONHO E PROFECIA DO MILLENNIUM:
Esperança e Finalidade de Todos os Povos

"A Idade de Ouro: o mais improvável de todos os sonhos que já existiram, mas o único pelo qual os homens deram a vida e toda sua força. Pelo qual profetas morreram e foram mortos, sem o qual os povos não querem viver e não podem sequer morrer."

Fiodor Dostoievsky, escritor russo,
um dos maiores literatos de todos os tempos[1]

Jean Delumeau, historiador francês, professor no Collège de France, em Paris, e autor de *"Mil Anos de Felicidade — Uma História do Paraíso"*, declarou em recente entrevista o seguinte:

"Portugal foi atravessado, do século 15 ao 17 inclusive, por profundas correntes milenaristas, sem o conhecimento das quais a história desse país seria incompreensível".[2]

Como se sabe, o milenarismo a que se refere Delumeau é a crença baseada em profecias do Antigo Testamento e no Apocalipse de São João de que haverá na Terra, antes do fim do mundo, um período simbólico de mil anos de felicidade (que pode significar muitos milênios)—crença essa existente desde os primórdios do cristianismo e também presente em outros povos e culturas.

Richard Heinberg, em seu livro *Memórias e Visões do Paraíso* [3] , mostrou que a lembrança de um Paraíso, de uma Idade de Ouro feliz, é comum a tribos da África, Austrália e Américas, tradições do Japão e da Mesopotâmia, da Grécia e Roma; assim também a idéia de uma queda, em que a natureza humana afastou-se da divina, devido a alguma trágica aberração na atitude dos seres humanos, segundo ele é comum a diversas civilizações e culturas tribais, em diferentes eras - e muitas alimentaram sonhos milenaristas, isto é, de um mundo de ouro por vir.

Como se percebe, Delumeau estava vendo a necessidade de incluir na História os movimentos e motivações espirituais como condição essencial para

entender a evolução dos acontecimentos. Ele considerou o chamado milenarismo como o mais importante e constante ao longo da história.

Mais à frente, na mesma entrevista, o historiador afirmou:

"A pesquisa recente mostrou que era necessário dar uma significação escatológica aos projetos e às expedições ultramarinas de D. Manuel, o Venturoso. Ele sonhava com uma espécie de reino universal e messiânico, o Quinto Império de Daniel, que veria Portugal trazer para a religião de Cristo todas as nações não cristãs." (*Escatologia = teoria teológica sobre as coisas que hão de suceder no final dos tempos*).

Neste livro, eu mostro que todos os reis-templários de Portugal, de Afonso Henriques a D. Manuel, tinham esse mesmo ideal voltado ao Quinto Império, que, na verdade, significava viver o Império do Espírito Santo no mundo, algo como um retomo ao cristianismo original, dos primeiros tempos, muito diferente da religião oficial institucionalizada.

Aliás, declara Delumeau em sua entrevista: *"Em Portugal, a persistência do messianismo, animando a mentalidade de um povo durante um tempo tão longo* (...) *é um fenômeno que, com exclusão do povo judeu, não tem equivalente na História. "* [4]

Delumeau acentua que alguns grupos tentaram impor o Milênio (o reino de mil anos de felicidade na Terra) pela força, como os radicais tchecos nos anos 1420, a revolta dos camponeses de Turíngia, à frente dos quais se colocou Tomás Müntzer em 1525. Na França, segundo ele, muitos ignoram, mesmo nos meios protestantes, que Jurieu, o grande adversário reformado de Bousset e o grande animador, desde Roterdã, da resistência a Luís XIV, era milenarista.

"A história inglesa no século 17 é ininteligível, se não se reconhecerem nela as iniciativas escatológicas", diz ele.

Ideal Antigo

A República, de Platão, *Utopia*, de Thomas Morus, *Shangrilá*...

Na verdade, o que se denomina de milenarismo nada mais é do que o ideal de se formar na Terra uma sociedade perfeita, onde todos tenham o necessário e sejam felizes. Esse ideal, a quem ninguém escapa, é tão antigo quanto o homem. Está no interior de cada um de nós, como um fogo que jamais se apaga, mesmo que muitos não queiram percebê-lo. Inúmeros povos têm-no buscado e, consciente ou inconscientemente, participado de sua preparação, tijolo por tijolo, ao longo dos milênios. Porém, esse mundo feliz só não foi ainda alcançado por causa dos chamados sentimentos negativos, como a inveja, arrogância, ira, ódio e ciúmes, que tudo destroem e impedem o nosso desenvolvimento.

O ideal desse "reino de felicidade" , vem de longa data – há milhares de anos – como tradição, conforme já o dissemos, dos povos judaico-cristãos e

também dos não cristãos, como os islamitas, budistas e outros. Ele está largamente documentado ao longo de toda a Bíblia (nos profetas como Isaías , Jeremias e Daniel, nos Salmos, nos Evangelhos, nas Epístolas e, principalmente, no Apocalipse de São João). Cristo referiu-se a esse reino de felicidade, liberdade e abundância de justiça repetidas vezes; antes da sua partida, reiterou a promessa de seu Pai e garantiu a execução do milênio de felicidade.[5] Por este motivo, o milenarismo teve e continua tendo muitas expressões no decorrer da história, tema de que também tratarei ao longo deste livro.

Pode-se dizer que Platão, quando formulou a República, estava em busca desse mundo ideal; o mesmo se pode afirmar de Aurélio Agostinho, natural da África (atual Argélia) quando, inspirado em Platão (neo-platonismo de Plotino) concebeu a *Cidade de Deus*, como o mundo ideal, em oposição *à Cidade dos Homens.*

O povo judeu, com sua imorredoura esperança messiânica, destaca-se como o grande impulsionador, mantenedor e reavivador desse sonho de se formar na Terra o Reino de Deus, a sociedade perfeita, a Jerusalém Celeste, conforme pensava Einstein, ao afirmar que o que tem unido os judeus por milhares de anos e continua unindo até hoje é sobretudo o ideal de justiça social: *"Personalidades como Moisés, Spinoza e Marx, mesmo com todas as suas diferenças de vida, se sacrificaram pelo ideal de justiça social, sendo que a tradição de seus antepassados os conduziram por esse espinhoso caminho".* Aliás, foi Daniel, profeta judaico de linhagem nobre, quem, interpretando o sonho do rei Nabucodonosor, profetizou a formação do Quinto Império Universal, que viria no final dos tempos, após a sucessão dos quatro impérios humanos.[6] Maria, mãe de Jesus, e Cristo, assim como os apóstolos que o seguiram, eram todos judeus (da tribo de Judá).

Os fenícios, semitas de Canaã, grandes navegadores, que chegaram até as costas brasileiras e fundaram entrepostos comerciais e colônias desde a Ásia Menor até o Oeste do Mediterrâneo, atuaram como se fossem os "portugueses" de seu tempo: levando os hebreus em suas embarcações, conduziram o monoteísmo hebraico, a mensagem de Javé, o Pai Celeste, 1ª Pessoa da Trindade, a povos conhecidos e desconhecidos da época. Basta lembrar o acordo feito entre o rei Salomão, dos judeus, e o grande rei de Tiro, Hirão II, pelo qual os fenícios, cerca de três mil anos atrás, trouxeram os hebreus às costas brasileiras.[7] Segundo alguns autores, tribos indígenas brasileiras tiveram estreito contato (e até miscigenação) com os fenícios e hebreus, sendo influenciados no tipo de religiosidade. Assim como os fenícios difundiram o judaísmo, coube aos italianos (romanos) levar depois o cristianismo, a revelação da Segunda Pessoa da Trindade, a todos os povos do Império Romano, a partir de 313 d.C, ano da publicação do Edito de Milão, pelo qual o imperador Constantino tomou o cristianismo a religião oficial de Roma.

Não parou aí a contribuição da Itália: coube ao teólogo italiano (calabrês) Gioachino di Fiori, com sua Doutrina das Três Idades, influenciar toda a cultura européia para a espera convicta da Parusia e o culto do Espírito Santo, que ganhou, em Portugal, maior força que em outros reinos, com o Rei D. Dinis e a Rainha Santa Isabel, em 1296.[8]

Fiori afirmava que a humanidade passaria por três "dispensações" divinas: a primeira foi a do Pai, que se manifestou ao povo judeu por Moisés e os profetas; a segunda dispensação foi a do Filho, com a vinda de Jesus, prolongando-se pelo cristianismo; a terceira dispensação será a do Espírito Santo, com a humanidade atingindo a plenitude espiritual e material, num estágio semelhante à Idade de Ouro descrita pelos milenaristas.

A ordem fundada por São Francisco de Assis, também italiano, foi a principal divulgadora da doutrina gioachimita na Europa, atraindo para a suas fileiras o famoso português que ficou conhecido como Santo Antônio de Pádua.

Dante Alighieri, cavaleiro templário, grão-mestre da Ordem e poeta maior do Renascimento, colocou em seu livro *Divina Comédia* toda a expectativa da formação do Quinto Império, motivo pelo qual sua obra passou a ser chamada de "Apocalipse Gioachimita".[9]

Por fim, os franceses (S. Bernardo) e germânicos (Ordem Teutônica) construíram a defesa e a expansão do Cristianismo a todos os povos do "Império" – São Bernardo de Claraval, que tinha grande influência junto ao papa, encarrega seu primo Henrique de Borgonha (borgonhês, de ascendência germânica) de formar o Reino de Portugal (Porto do Graal), com o fito de guardar a salvo as relíquias sagradas, formar uma frente de defesa contra o islamismo vindo do Norte da África e, futuramente, empreender as grandes navegações para chegar à Terra Prometida. Todos os reis portugueses eram descendentes dessa dinastia franco-germânica, além de templários.[10]

Com as navegações promovidas por esses monarcas com a Ordem de Cristo (herdeira da Ordem do Templo), os portugueses levaram já não só o cristianismo, mas o anúncio da vinda do Divino Paráclito e da formação do Reino do Espírito Santo ou Quinto Império até os confins da Terra. Os espanhóis, com o auxílio de Cristóvão Colombo, participaram da "descoberta"do Novo Mundo.[11]

Idade Moderna

Modernamente, um grande número de filósofos, poetas, estadistas tentaram fazer esse reino, influenciados por di Fiori. Até mesmo muitos marxistas, que desejaram fazer através do marxismo a sociedade justa e igualitária que, a seu ver, os cristãos prometeram e não fizeram. António Quadros [12] sugere que a influência da teoria gioachimita , permanecendo em suspensão ou em ideal recalcado na memória inconsciente da cultura européia, reapareceu na obra

dos filósofos que dominaram os dois últimos séculos de nossa cultura, citando os seguintes:

1 Lessing(Gotthold Ephraim) crítico literário, dramaturgo e teólogo alemão (1729-1781), que concebeu a Terceira Idade como o futuro reino da razão, da realização humana perfeita e da consumação do cristianismo;

1 Augusto Comte, filósofo francês que formulou a lei positivista dos três estados: teológico, metafísico e positivo, ou científico, uma imitação ao contrário da teologia da história de di Fiori;

1 Johann Fichte (1762-1814) filósofo alemão, que afirmou, nas palavras de Löwitt, que vivemos a perversidade total, antes de uma regeneração final em nova idade do Espírito, correspondente ao reino milenário da revelação de S. João;

1 Hegel (estudante de teologia), cuja Filosofia da História pode ser considerada uma tradução filosófica e moderna da teoria de Gioachino di Fiori;

1 Schelling na sua *Filosofia da Revelação* imaginou que Pedro seria o apóstolo do Pai, Paulo o do Filho e João o do Espírito Santo; o primeiro representaria a Idade do Catolicismo; o segundo, a do Protestantismo e o terceiro a religião perfeita da humanidade;

1 Krasinski, pensador russo, escreveu *O Terceiro Reino do Espírito Santo;*

1 Merejkovki, também russo, autor de *O Terceiro Testamento do Cristianismo.*

Afirma Quadros não ser difícil seguir o rasto do gioachinismo *"no próprio marxismo de leitura leninista e russa, muito embora projetada naquilo a que podemos chamar uma heresia reducionista do Espírito Santo. Assim, a luta de classes, a luta do proletariado contra a burguesia e o capitalismo (contra o "Anti-Cristo") visa a obtenção de uma sociedade sem classes (equivalente sócio-econômico da idéia religiosa da fraternidade universal) que é também uma Idade da Ciência, reduzida no entanto a um materialismo, isto é, a um anti-espiritualismo, por substituição naturalista, positivista e cientista-materialista do conteúdo fenomenológico-espiritualista das formas mentais hegelianas.O Espírito da Verdade confunde-se, porém, agora, com a letra de uma pseudoverdade científica imposta pelo Estado"*.

Richard Heinberg, em seu livro *Memórias e Visões do Paraíso*, já citado, afirma na página 5, que o impacto da imagem paradisíaca sobre a consciência coletiva humana é tão profundo quanto vasto, reemergindo na literatura, na arte e nos ideais sociais de cada geração, sendo que nossas lembranças coletivas de uma Idade de Ouro perdida e nossos anseios pela sua volta seriam uma espécie de motivação básica da cultura e da história. Segundo ele, *"os grandes empreendimentos da história – as Cruzadas, as revoltas milenaristas da Idade Média, a demanda do Graal, o descobrimento e a colonização do Novo Mundo, os movimentos utópicos na literatura e na política, o marxismo e o culto do progresso – todos, de certo modo, estão enraizados no solo do Jardim mítico*

original. Quanto mais nos familiarizamos com a essência da história, tanto mais freqüentemente lhe reconhecemos o reflexo nos devaneios nostálgicos e nas fervorosas aspirações de todas as culturas em todas as idades." (p.5)

Diz Jean Delumeau na contra capa de seu livro *Mil Anos de Felicidade: "Se nosso fim de século fica visivelmente marcado pelo pessimismo generalizado, a história da cristandade não está menos marcada pelo milenarismo. Muita gente acreditou no regresso de Cristo à Terra, aqui permanecendo durante mil anos, junto dos justos, entretanto ressuscitados. Os homens, finalmente, viveriam. felizes. O diabo, a morte, o pecado e o inferno se desvaneceriam ".* [13]

Segundo o autor francês, *"essa crença, que se baseava em profecias do Antigo Testamento e no Apocalipse de São João, foi combatida por Santo Agostinho. Mas reapareceu em finais do século XII, pela escrita do monge calabrês Gioachino di Fiori, cujas visões proféticas se espalharam por toda a Europa. Com a passagem dos séculos, o milenarismo se revestiu de múltiplas formas. Tomás Müntzer, João de Leida, Campanella e Jurieu, entre outros, evocaram esse futuro radioso, que para uns seria instaurado pela violência e, para outros, seria estabelecido em paz. Cristóvão Colombo esperava estender esse reino cristão dos "últimos dias" à terra inteira Os puritanos ingleses, que se instalaram na América do Norte nos anos 20 do século XVII, pretendiam fazer dessa parte do mundo o reino de Cristo – esperança essa que se tornou um dos componentes da identidade americana"* .

Diz ainda Delumeau: *"As expectativas milenaristas tornaram-se laicas, pouco a pouco, aderindo à ideologia do progresso: Priestley esperava que viessem mil anos de felicidade na seqüência da Revolução Francesa. E foi ainda a tradição milenarista que inspirou Pierre Leroux, inventor da palavra "socialismo" ao escrever": `o reino de Cristo está prometido para a Terra".*

Aos olhos de Delumeu, mesmo Marx, Augusto Comte, Anatole France e Hegel seriam "filhos bastardos" do milenarismo. De acordo com estes autores, aquilo que o cristianismo prometeu fazer, fá-lo-iam os seres humanos idealistas.

Fato é que, realizado por Deus, pelos homens de boa vontade, ou, melhor ainda, por uma ação conjunta de Deus- Ser Humano, a sociedade de felicidade para os homens, nesta vida terrena, há de se tomar realidade.

Mesmo porque estamos agora no fim de todos esses tempos, na "Terra Abençoada e Prometida" (Brasil), de onde, segundo Jeremias e o santo D. Bosco, "correrá leite e mel", onde finalmente a mensagem trina (do Espírito Santo, unida à do Filho e à do Pai) estará promovendo uma riqueza inconcebível (espiritual e material) para todos os povos da Terra que se unam nesse ideal.

Brasil, Berço De Todos Os Povos
E Anunciada Capital do 5° Império

"O Brasil é um país cuja importância para as gerações vindouras não podemos calcular. (...) *Quando cheguei ao Rio de Janeiro percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo."*
Stefan Zweig, escritor austríaco[14].

O Brasil — terra cantada como o *"país lendário e a ilha mágica"* por James Joyce, o *"vértice da suprema humanidade"* por Withman (poeta americano do século passado), a *"nova Jerusalém com povos e línguas de toda a terra"* por William Blake, *"a Terra Prometida, com riqueza inconcebível, de onde emanarão leite e mel"* pelo santo italiano D. Bosco, *"nação exemplar e país do futuro"* pelo famoso escritor austríaco Stephan Zweig — foi também alvo de muitas outras previsões e profecias ao longo da história, todas apontando num sentido muito positivo para o nosso país; por exemplo, a de que ele seria sede, a partir mais ou menos desta época, do Quinto Império profetizado por Daniel, ao interpretar o sonho de Nabucodonosor, assunto que desenvolvo em várias partes deste livro.

Na verdade, a nação homenageada como *"a pátria de Deus"* pelos sambistas tem sido foco de atenção de um sem número de profetas, místicos, santos e videntes, reis, literatos e políticos, que viram nesta nação a Terra Prometida do futuro, berço de incomensuráveis riquezas das quais todos queriam se aproveitar (e querem até hoje).

A Terra Bíblica de Ofir Parvaim e Tarschisch

Os primeiros visitantes interessados no Brasil dos quais temos registros (gravados em pedras e cavernas do Nordeste, principalmente) foram os fenícios e os judeus, que cerca de três mil anos atrás, no tempo do rei Salomão, navegaram juntos para cá, em sucessivas expedições marítimas.

Tais viagens, constantes do Antigo Testamento (I Reis: 14-27) ocorreram mediante acordo firmado entre o rei Davi (de Judá) e o rei Hirão II (de Tiro), conforme abordamos no *capítulo 3* e em outras partes deste livro.

Daqui, da região amazônica, os hebreus e fenícios teriam levado muitas das riquezas (ouro, madeira, pedras preciosas) com as quais foi construído o Templo de Salomão . Isto deu-se a partir do ano 970 a.C.

O historiador Onfroy de Thoron, entre outros autores – como veremos com detalhes em alguns capítulos - demonstrou com rigorosa lógica que os locais descritos na Bíblia como *Ofir*, *Parvaim e Tarschisch*, de onde se extraíam pedras raras, ouro e outras riquezas, estão situados no Brasil, na região amazônica, conforme publicou no seu livro *Voyage de Vaisseaux de Salomon au fleuve des Amazones*, publicado pela Câmara de Manaus, 1876.

Desde então, a história de nosso país ligou-se de modo indefectível ao destino do chamado "povo eleito", o judaico – sobretudo depois que a tribo de Judá emigrou à Península Ibérica e, após, ao Brasil, convertendo-o numa Segunda Judá (Sefarad); como é do conhecimento geral, os judeus em Portugal transformaram-se nos "cristãos novos", e tiveram seus nomes mudados para uma variedade enorme de nomes que hoje formam grande parte das famílias brasileiras: Camargo, Carvalho, Pereira, Coelho, Avelino, etc., etc..

Conforme mostro no capítulo 3, esta tribo judaica (de Judá) recebeu a herança divina do cetro da sabedoria e da liderança espiritual; a ela pertenciam o rei-sábio Salomão, o seu pai, rei Davi, Jesus , sua mãe Maria, e os apóstolos primos-irmãos de Cristo; a ela caberia unir no fim dos tempos os povos e nações sob o cetro espiritual da sabedoria divina.

A descoberta dos Templários
Os Reis de Portugal e os Segredos do Templo de Salomão

Com a interrupção das viagens fenício-judaicas regulares, devido a problemas de guerras entre os povos do Mediterrâneo, o Novo Mundo ficou praticamente esquecido.

Foi, porém, no século XII, por ocasião da fundação da Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão (os Templários) em Jerusalém, que um grupo de europeus, tendo entrado em contato possivelmente com a fabulosa biblioteca do Templo de Salomão guardadora de tesouros incríveis em matéria de mapas do mundo e de informações secretas sobre o passado e o futuro da Terra – vieram a saber da existência do "Brasil", de suas riquezas incomensuráveis e de seu futuro mais precioso ainda, como é mostrado nos capítulos *5 e 6*, sobre os Templários e a atuação da ordem na Península Ibérica Tal fato deu origem às futuras grandes navegações e "descobertas" empreendidas pelos reis-templários portugueses, mudando a face do mundo moderno.

A "Ilha da Felicidade"

Na verdade, esse vocábulo (Brasil) não deriva da madeira vermelha aqui encontrada (pau-brasil), mas foi um termo utilizado para designar esta terra muito antes da chegada oficial das naus portuguesas ao Novo Mundo; a palavra *Brasil* já aparecia nos mapas medievais como o nome dado a uma das

ilhas mágicas, conforme é mostrado no capítulo 12, sobre *o "Descobrimento Planejado do Brasil"*.

Diz Pedro Paulo Funari em artigo publicado na Folha de São Paulo de 28 de abril de 1997: *"De fato, nos mapas medievais, o mundo conhecido aparecia rodeado de ilhas reais ou imaginárias. Uma delas, a Ilha Brasil, aparece primeiramente situada em um mapa de 1324, a oeste da Irlanda, localização repetida em diversos planisférios posteriores"*.

As mais amigas grafias — como *"Ho Brasile "*, *"O Brasil "*, *"Hy Brasil"* — demonstram tratar-se de um nome celta, grupo de línguas da Irlanda e do País de Gales. O sentido sena *"Terra dos Bem-Aventurados"*, *"Ilha da Felicidade"*, *ou "Terra Prometida"*, já que a raiz *"bras"*, em irlandês, significa *nobre*, *sortudo*, *feliz*, *encantado... Os* portugueses, no século XIV, produziram diversos mapas com a *"Ilha Brasil"* situada mais ao sul, na frente da Península Ibérica e dos Açores.

Certamente não é por mera coincidência que o Brasil tenha sido o último império a ser formado, o mais criança, que, entretanto, nunca chegou a crescer como os demais anteriores. Provavelmente, o Império que iria (e irá) crescer no Brasil será diferente, como já o foram seus imperadores D. Pedro I e II. Pedro II, que aqui instauraram um regime de mais democracia e liberdade logo de início, sem necessidade de lutas e sangue.

O que é o Quinto Império Ou Era do Espírito Santo

De acordo com profetas, poetas, místicos, literatos e historiadores, do Oriente e do Ocidente, e de diferentes períodos históricos, reunidos e comentados neste capítulo, haveria de nascer no Brasil, aproximadamente na virada deste século, a Nova Humanidade, em todo o esplendor, a qual duraria cerca de cinco mil anos. Entre esses está o filósofo alemão Hermann Keyserling, criador, com o famoso psicanalista suíço Carl Gustav Jung, da Escola da Sabedoria na Alemanha. Segundo seus estudos, surgiria em São Paulo, Brasil, a partir da década de 1970, uma nova orientação para a Humanidade, que se difundiria por todo o mundo. Muitos outros também previram, anunciaram e viveram pela realização desta Era de Ouro.

Nos capítulos 2 e 3 mostramos o que significa o nascimento do Quinto Império, inaugurador de um período de apogeu para toda a humanidade, e que foi profetizado por volta de 586 a. C. pelo profeta judaico Daniel. Segundo ele, haveria no futuro uma sucessão de quatro impérios humanos cada vez mais decadentes, sendo o primeiro de ouro, o segundo de prata, o terceiro de bronze e o quarto e último (do poder econômico anglo-americano atual) de ferro e barro; no fim dos tempos tais impérios seriam substituídos pelo Quinto Império, que seria o divino, conforme explicamos em detalhes ao longo do livro.[15]

Baseada na liberdade total de consciência, de justiça e paz, esta Nova Era (não confundir com New Age) será caracterizada pela abundância de bens para todos – não haverá mais pobres, nem prisões, e o ser humano, livre de condicionamentos materialistas do apenas *Ter*, poderá, finalmente, *Ser e Ter* em plenitude, em harmonia com o cosmos e com o Ser Divino.

A Terceira Idade – A Era do Espírito Santo Da Consciência e da Ciência

Está igualmente previsto que mais ou menos nesta época em que vivemos, sob ação espiritual e histórica do Espírito Santo, a humanidade já estará madura para assumir a verdadeira espiritualidade, cumprindo-se então o ciclo histórico da Três Idades da Humanidade anunciado pelo abade Gioachino di Fiori, teólogo italiano do século XIII, responsável pelo Renascimento Europeu: a Idade do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo.[16]

De acordo com di Fiori, e também com o filósofo português contemporâneo Agostinho da Silva (abordado nos capítulos *1 e 15*), a chamada Terceira Idade ou Idade do Espírito Santo seria um Quinto Império Espiritual, que estabeleceria a paz universal entre os povos e traria de volta a perdida Idade de Ouro dos mitos antigos.

O chamado Reinado do Espírito Santo, ou a Era da Consciência, caracterizar-se-á por uma mudança na consciência interior dos homens – um "reino" organizado "de dentro para fora", livre de qualquer condicionamento de poderes temporais patológicos, quer sejam políticos, econômicos ou eclesiásticos. Mas será também uma reforma nas leis sociais e econômicas, posto que possibilitará uma redistribuição justa das riquezas, total liberdade de consciência e o conhecimento universal.

Para o professor Agostinho, tal evento terá como centro Portugal e Brasil (sobretudo esta nação).

Trilogia Analítica

Caminhando por vias diferentes, científicas e experimentais, o cientista psico-social e filósofo brasileiro Norberto Keppe, também observou que a evolução do ser humano e da civilização está dividida em três fases (à semelhança da Trindade Divina):

1) A *era teológica*, que corresponde ao domínio da *Teologia* na sociedade, e do *Sentimento* no interior do ser humano; em termos metafísicos, corresponderia *à Era de Deus Pai* (*Judaísmo*)*;*

2) A *era*, *filosófica*, que corresponde à primazia da *Filosofia* (com a Teologia) na sociedade e da *Razão* no ser humano; seria a *Era de Deus Filho* (*Cristianismo*)*;*

3) Era *científica* (*trilógica*) —que corresponde à unificação dos três fatores (ciência, teologia e filosofia) com ênfase *na Ciência* (*Consciência*) na vida social, e da *Ação* (*boa*, *bela e verdadeira*) na vida individual; seria a *Era do Espírito Santo* ou da *Espiritualidade Universal.*

Quando colocada em prática, a integração dos três elementos tanto no ser humano, como na sociedade, resulta em grande poder energético e de realização, à semelhança da unidade das três pessoas da Trindade Divina. De acordo com Keppe, cujo trabalho expomos sinteticamente na *Parte III*, essa conscientização a nível planetário possibilitará a realização da Nova Civilização, com grande desenvolvimento de todos os setores da sociedade e do ser humano.

BRASIL

Terra onde as raças se fundiram

País privilegiado no seu clima, natureza abundante, rica e variada, o Brasil foi igualmente beneficiado pelas imigrações de europeus, africanos e asiáticos, que para cá vieram, geralmente com um espírito peculiar — diferente daquele que, a grosso modo, levou outros grupos étnicos a emigrar para a América do Norte.

Na verdade, ao longo dos séculos parece ter havido como que uma "seleção natural" que dividiu as correntes migratórias em dois grandes grupos — indo para o norte geralmente os ambiciosos pelo poder econômico e social, os belicosos, os imperialistas e os racistas, e vindo para o sul mais as pessoas interessadas em viver bem.

É claro que havia também muita ambição nos italianos, alemães, poloneses, judeus e outros que para o Brasil se mudaram, mas, ao lado disso, havia também um sentimento de cansaço das infindáveis guerras racistas e (raticidas entre os povos europeus.

É notório que nas pessoas e famílias que se mudaram para o Brasil quase sempre predominou sensivelmente um desejo de viver bem, de alcançar uma qualidade de vida superior e uma usufruição maior dos bens da existência; um anseio de poder viver em paz, criar os filhos com tranqüilidade, afeto e liberdade; uma esperança de viver numa sociedade não imperialista, onde as fronteiras fossem apenas um sinal visível de que as pessoas que aqui adentram têm de deixar lá fora qualquer intenção de fazer deste povo e deste país uma outra nação poderosa do Primeiro Mundo, que manda nas demais e esmaga os povos irmãos mais fracos.

Esse espírito predominante no povo brasileiro parece reforçar as afirmações de Fernando Pessoa, Camões, Vieira, os hindus Rabindranah Tagore e

Aurobindo, São Francisco de Paula, entre outros segundo os quais a nova civilização, a do Espírito, será difundida universalmente por meio da língua portuguesa, partindo do Brasil, sendo que os portugueses e brasileiros fariam na nação brasileira a capital e centro difusor do Quinto Império — sendo este, como já dissemos, não um reino geográfico, material ou pelas armas, mas um império da felicidade do Espírito Santo para o mundo inteiro.

Entretanto há uma outra face da moeda. Devido, provavelmente, a esse espírito afetivo do brasileiro, muitos desse Primeiro Mundo tão voraz e atroz aqui entraram e entram, não para se estabelecerem com suas famílias e auxiliarem a construir este país, mas com o propósito de cá estarem apenas pelo tempo necessário para rapinar o que puderem.

Vimos até hoje ser repetido o procedimento de muitos europeus inescrupulosos do passado, que saíam carregados de ouro, pedras preciosas, em troca de alguns espelhinhos, miçangas e fogos de artifício, que davam aos índios brasileiros dóceis e ingênuos, sob os olhos atônitos e o coração dolorido dos mais conscientes (como os jesuítas das primeiras missões).

Diante disso tudo, pergunta-se: como poderemos, portanto, imaginar uma reviravolta tão grande acontecer no mundo e sobretudo no Brasil, sendo que, ao que tudo indica, nunca a humanidade esteve tão assolada pelos mais diversos males — doenças, fome, miséria, violência, guerras, materialismo, corrupção, ateísmo, desigualdade de classes e injustiça, sem contar as intensas e crescentes catástrofes ecológicas?

Que dizer então do poder patológico atual? Na verdade nunca um grupo tão pequeno de indivíduos , dotados de colossal poder econômico, teve tanto domínio sobre o povo e tantas condições tecnológicas para o exercício do controle e da repressão dos homens.

Ao mesmo tempo, é difícil imaginar como é que poderia surgir do Brasil – um país afogado em problemas econômicos e diferenças gritantes de classes – um exemplo de sociedade avançada e modelo para o 3° Milênio, quando milhares de crianças perambulam abandonadas e drogadas pelas ruas, enquanto adultos passeiam em seus Mercedes e mantêm contas milionárias nos paraísos fiscais ...

Quem duvida que a humanidade chegou ao seu mais alto grau de violência, decadência material, moral e espiritual neste século XX? Somente aqueles que devido a uma incredulidade ingênua e alienada crêem no que apregoam as principais mídias e os escritores a serviço das organizações dominantes (do governo invisível da Terra).

Diz Olivo Cesca, no prefácio do livro Parusia, a Segunda Vinda de Jesus, de Léo Persch: "*Tantos e tamanhos são hoje os problemas que eles só se explicam pela ação incansável do espírito do mal. É a fome, a injustiça social, a desocupação, a miséria, a delinqüência, a droga, a violência, a loucura nuclear, a corrupção política, o declínio dos valores morais e a perda da fé,*

sem falar nas crises que espoucam em todas as áreas. É a crise da economia, a crise da energia, a crise da democracia, a crise da habitação, a crise da terra. Ainda pior é o assustador vazio existencial que se alastra, a perda do sentido da vida, de tal maneira que o niilismo se tomou a nota dominante de grande parte do pensamento contemporâneo... Realmente, Satanás conseguiu infiltrar-se em todos os pontos nevrálgicos do mundo, apoderando-se das comunicações, do comércio, das finanças, da política e das diversões".[17]

O que Cesca quer explicar, de um ângulo mais religioso, é que nunca o mal teve tanto acesso a tantos setores da sociedade como agora, e faz uma relação direta entre o que se passa no planeta e as advertências apocalípticas de João Evangelista e do próprio Cristo.

Durante os últimos 17 anos de trabalho com o "primeiro mundo", pude perceber claramente o seguinte fato: quando cientistas, jornalistas e muitos indivíduos menos alienados se pronunciam, mostram que o mundo está prestes a um colapso, apresentando dados mais que suficientes de comprovação - e, segundo eles, quando esta situação ocorrer não se poderão prever as conseqüências de ordem ecológica, econômica ou de extinção mesmo da vida humana, principalmente.

A realidade assume tintas catastróficas; por isso, movida pela urgência de nos unirmos para fazer algo no sentido de interromper o pior, criei em Paris a *Associação Stop a Destruição do Mundo*, que congregou pessoas idealistas de todos os campos. Em Paris, Lisboa e São Paulo organizamos fóruns internacionais com a finalidade de divulgar ao máximo os dados que nos são intencionalmente escondidos pelos agentes responsáveis por essa destruição (os poderosos econômicos e seu governo invisível).

Tivemos oportunidade de reunir os pesquisadores mais sérios de inúmeros países, bem como artistas, jornalistas, representantes de classe, líderes estudantis, ecologistas e outros que têm mais consciência dos problemas ameaçadores da própria subsistência da humanidade.Sofremos toda sorte de sabotagens por parte dos que se corrompem por causa de um pouco de poder e servem aos que tentam impedir os grupos de consciência de trabalhar em conjunto. Apesar de toda a censura, as informações levantadas a respeito do plano de destruição que os grupos patológicos do poder estão executando, foram o suficiente para qualquer indivíduo normal sentir-se aterrado.

O importante é notar que, em meio a esses terríveis acontecimentos, todos eles previstos pela ciência e também anunciados pelos profetas, subsistem as previsões científicas e as profecias do surgimento de um mundo novo, da verdadeira civilização, de uma Idade de Ouro, em que a humanidade estará no seu apogeu. Por este motivo, em meio ao anúncio de tantas catástrofes, conclui Olivo Cesca em seu prefácio: *"A semelhança do Apocalipse, ele (Persch) procura demonstrar que Cristo ainda é o Senhor da História, e Ele salvará*

os seus, justamente quando tudo parecer perdido. E terá início então a nova humanidade, sem violência, sem injustiça, sem prisões e sem tribunais, onde Deus será tudo em todos, O `reino de justiça, de amor e de paz', preconizado pelos profetas" (*p. 7*).

Faltou-lhe apenas mencionar que, às portas da comemoração dos 500 anos do "Descobrimento" da Ilha de Vera Cruz, de acordo com as mais diversas previsões, o tempo está maduro para que se cumpra Portugal (o Millennium), no Brasil; assim como no ano de 1808 D. João VI com sua corte fugiram dos ataques dominadores do ambicioso imperador Napoleão refugiando-se em terras brasileiras, agora que Portugal perde sua soberania para a "Comunidade Européia" (mais propriamente para a França, Alemanha e Inglaterra), a alma portuguesa, com seus ideais mais caros do Quinto Império ou Império do Espírito Santo será salva e revivida no Brasil.

É desse assunto que trato neste livro.

Brasil, com 2/5 das águas do mundo será a nação líder na Era de Aquário.

PARTE I
Brasil e Seu Futuro

Apresentação

Esta primeira parte, constituída de dois capítulos, trata de qual poderá ser o futuro do Brasil e da Humanidade no novo milênio que surge. Nela, o leitor encontrará a tese central deste livro, que se baseia em dados históricos, filosóficos, científicos e teológicos (proféticos) pesquisados durante mais de quinze anos no Brasil, Estados Unidos e Europa.

No Capítulo 1, trazemos uma coletânea de previsões e profecias sobre o Brasil, feitas por literatos, reis, filósofos, pensadores, cientistas, místicos do Ocidente e do Oriente, como o santo italiano Dom Bosco, o filósofo alemão Herman Keyserling (criador, com o psicanalista Carl Gustav Jung , da Escola da Sabedoria na Alemanha), prof. Agostinho da Silva (filósofo português), papa João XXIII, Yves Christiaen (escritor francês) e muitos outros. De modo geral, todos apontam um futuro radioso para nossa pátria, que, apesar de todas as aparências em contrário, deverá, de acordo com essas previsões, ser o líder do novo mundo que surge precisamente nesta Era de Aquário.

O leitor será introduzido, com um pouco mais de profundidade, neste primeiro capítulo, em alguns dados essenciais, como a vinda dos hebreus e dos fenícios ao Brasil nas navegações promovidas por Salomão e a construção do Templo de Jerusalém com o ouro e metais preciosos do solo brasileiro; também terá notícia de como a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão, descobrindo esses segredos, construiu Portugal e planejou as grandes navegações para chegar à Terra Prometida, isto é, ao Brasil, vocábulo que, desde tempos imemoriais, significa "Terra Abençoada".

No capítulo *2* (*Estados Unidos x Brasil: De quem será a Liderança no Terceiro Milênio? O Esoterismo Fazendo História*) mostramos como a profecia de Daniel sobre o Quinto Império foi adotada por poderosas seitas secretas internacionais, que têm dirigido os acontecimentos mundiais na esperança de que eles possam dominar o novo Império !

Por exemplo, a partir da interpretação de que os quatro impérios humanos anunciados por Daniel já teriam passado, a Inglaterra, que formou um império nos tempos modernos, obtendo 3/4 das riquezas da Terra, passou a se considerar o Quinto Império, causando estranheza em Fernando Pessoa, que não via nesse país o nível de espiritualidade exigido.

Atualmente, vemos um minúsculo grupo de milionários e poderosos pretender a todo custo implantar o Império Mundial – onde eles teriam domínio – com o auxílio das instituições que criaram. A compreensão deste fato permite ao leitor entender o que está por trás do FMI, do Pentágono, da globalização, etc.

Nesse capítulo mostro que o chamado Império Anglo-Americano, já em franca decadência, é na verdade o quarto e último previsto por Daniel, chamado de Império do Ferro e do Barro, que seria o mais daninho que já houve para a Humanidade– basta ver sua belicosidade e a quantidade incrível de armas, tanques, bombas (inclusive atômicas) e grades de ferro que produz
.

Portanto, a Humanidade permanece no aguardo do Quinto e definitivo Império, o chamado Reino Divino, que de acordo com todas as previsões das pessoas mais geniais, terá início a partir do Brasil, por motivos que serão explicados no capítulo em questão.

Capítulo 1

BRASIL, MITO DE TODOS OS POVOS:
Coletânea de Profecias e Previsões sobre o Brasil.

"Aparecerá aqui a terra prometida, de onde flui leite e mel.
Será uma riqueza inconcebível."
Dom Bosco, santo italiano, 1818 — 1888

" O Brasil será o vértice da suprema humanidade."
Withman, poeta americano

"Assim fala o Senhor, Deus de Israel: Ouvi a minha voz e fazei tudo o que vos mando. Então sereis o Meu povo e Eu o vosso Deus. Então ratificarei o juramento que fiz a vossos pais de lhes entregar uma terra de onde mana leite e mel."
11 Jeremias 4, 6

"O Brasil será transformado numa prodigiosa Força de Bondade, Berço da Sabedoria e Amor à Humanidade, dons naturais de todos os homens evoluídos do Brasil. Haverá peregrinação do Oriente e de toda a parte, em demanda ao Verdadeiro Centro Único do Mundo, o Brasil, o Celeiro da Cultura Universal, no presente Ciclo do Homem Superior"
Rabindranath Tagore, filósofo hindu

Q*into Império*, *Idade de Ouro*, *Millennium*, ou *Era de Aquário* são todos nomes que tratam do mesmo assunto, ou seja, dos sentimentos que todos os povos conhecidos possuem relativos à criação e realização de uma sociedade justa, espiritualizada, pacífica e universal. Esses ideais sempre estiveram presentes entre gregos e judeus, cristãos e islamitas, e povos das mais variadas culturas do Ocidente e do Oriente.

Do mesmo modo, a tese segundo a qual o Brasil será o país realizador desses sonhos, o centro irradiador da Idade de Ouro - não só por suas imensas riquezas materiais, mas, sobretudo, por causa da espiritualidade que está gerando e irradiando - é muito antiga . Disseminada em muitas culturas, existia

já antes da tomada de posse do Brasil em 1500 por seus verdadeiros descobridores, ou seja, a Ordem dos Cavaleiros do Templo e sua herdeira direta, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo (organizações fundadoras e mantenedoras de Portugal, o Estado Templário).

"Terra Abençoada"

O nome Brasil, significando *"terra abençoada"*, já existia antes de Cabral ter batizado estas terras de *Ilha de Vera Cruz* (ou seja: da *Verdadeira Cruz*) - e durante a Idade Média, no período anterior ao descobrimento, "a lendária Ilha Brasil *povoa a poesia*, *os mapas*, as *tradições*, *as profecias*, *o folclore*", conforme nos afirma, entre outros autores, Felipe Coccuza, em seu livro "A Mística da Amazônia". [18] Segundo este autor, o Brasil foi descoberto pelos portugueses antes de 1343; neste ano, tal descoberta foi informada ao papa Clemente VI, que recebeu um mapa com o nome de *Ínsula do Brasil* (Ilha do Brasil) – portanto já com o nome que tem atualmente. [19]

Não são poucos os pesquisadores a afirmar que os reis-templários, responsáveis pelas navegações portuguesas, desde o século XII já tinham conhecimentos precisos sobre essas imensas terras a ocidente da África, obtidos da Biblioteca do Templo de Salomão, possuindo mapas-múndi bem delineados, além de conhecimentos sobre as correntes marítimas e navegação; sabiam também de profecias dos profetas judaicos (como Isaías e Ezequiel) que dessas ilhas muito ricas sairia no futuro a orientação espiritual que vigoraria na terra.

Rainer Daenhardt, reconhecido historiador alemão, em seu livro "A *Missão Templária nos Descobrimentos*" , discorre longamente sobre a forma como os reis portugueses teriam adquirido conhecimentos que propiciaram as descobertas marítimas.

Segundo ele, os monarcas de Portugal devem ter tido acesso a parte da Biblioteca de Alexandria, salva do fogo que a consumiu em 48 a.C., pois seus bibliotecários tentaram salvar pelo menos alguns dos rolos mais preciosos (os rolos eram 70 mil ao todo). A Ordem de Cristo também possuía cópias do famoso Claudius Ptolomeus, o cartógrafo de Alexandria do 2° século da era cristã. O infante d. Henrique recebeu também de venezianos documentos das famosas viagens de Marco Polo. Mas o principal, para Rainer, é a possibilidade de os templários terem tido acesso à Biblioteca do Rei Salomão, que estava acomodada em subterrâneos usados depois pelos cavaleiros com capacidade para acomodar acima de dois mil cavalos.

Em 1296 os templários – é fato histórico – trataram de transferir sua biblioteca para a Ilha de Chipre, a fim de defendê-la dos muçulmanos. Que biblioteca era essa, pergunta Rainer, se não havia gráfica em Jerusalém e se entre os cavaleiros não havia copiadores, nem tempo para elaboração de cópias, devido às guerras?

A biblioteca, para ele, seria a encontrada nos subterrâneos do templo. Ela nunca chegou a Chipre nem a Paris, onde a Ordem construiu uma torre para abrigá-la. Para onde foi então? Rainer conclui que ela pode ter sido transportada para Portugal, o local mais seguro para preservá-la, afirmando ainda: *"se os grandes conhecimentos do Infante d. Henrique não vinham somente dos mapas e diários de Marco Polo e dos mapas ptolomaicos de Alexandria, é bem possível que viessem da Biblioteca da Ordem de Cristo - o que permite em parte a hipótese de terem vindo através dos templários das salas subterrâneas do rei Salomão"*[20].

Ludwig Schwennhagen, historiador austríaco que fez pesquisas no Nordeste e na Amazônia brasileira, narra em seu livro *Fenícios no Brasil* (*Antiga História do Brasil de 1.100 a.C. a 1.500 d C.*)[21] , nas páginas 24 a 30 e 79, que os navegadores da Fenícia (atual Líbano) chegaram às costas brasileiras quase três mil anos atrás , por volta do ano 1.100 a. C., deixando sinais e inscrições em pedras por grande parte do território nacional, inclusive a famosa Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Depois, trouxeram para cá os hebreus, a partir de 970 a.C., durante o reinado de Salomão, cumprindo um acordo feito entre o rei de Judá Davi e o rei fenício Hirão II.

"O tratado do historiador Henrique Onfroy de Thoron, sobre o suposto país de Ofir, publicado em Manaus em 1876 e reproduzido em As Duas Américas de Cândido Costa, em 1900, é um trabalho completo, que acabou com todas as lendas e conjeturas a respeito das misteriosas viagens da frota de Salomão. Da bíblia hebraica prova ele, palavra por palavra, que a narração dada no I livro de Reis sobre a construção, a saída e viagem da frota dos judeus, junto à frota dos fenícios, refere-se unicamente ao rio Amazonas", afirma Schwennhagen, na página 39.

Como é evidente, Salomão possuía dados sobre essas navegações, inclusive mapas; e são esses documentos preciosíssimos que podem ter chegado às mãos dos templários, levando-os a organizar as navegações portuguesas. como veremos à frente.

Os cavaleiros de Cristo (os antigos templários) foram capitães de naus e colonizadores das terras descobertas, além de que os próprios reis de Portugal eram templários, assim como toda a estrutura do Estado Português , através dos séculos, desde a fundação desse país por S. Bernardo de Claraval em 1139. Por essa razão, António Quadros o chamou de " país templário". E o sonho maior dos templários, perseguido durante séculos, era chegar às "ilhas imperecíveis", à "Ilha do Brasil", ou seja, "à terra abençoada".

Previsões e Profecias sobre o Brasil

Toda uma plêiade de escritores e historiadores famosos, filósofos e místicos intuíram ou profetizaram sobre a Era do Espírito Santo, dizendo que essa nova Idade de Ouro teria início no Brasil.

***Dom Bosco* (*santo italiano, 1818 - 1888*)**

Num de seus sonhos proféticos, viu no Brasil o aparecimento da Terra Prometida. Ele teve esse sonho em San Benigno Canavese, em 1883. Contou-o em 4 de setembro aos membros do Terceiro Capítulo Geral. O P. Lemoyne o escreveu imediatamente, e Dom Bosco o completou e retocou.

"Eu tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis destes países, que serão descobertas um dia. Via numerosas minas de metais preciosos, depósitos inexauríveis de carvão fóssil, depósitos de petróleo tão abundantes como jamais até então se encontravam em outros lugares. Mas isto não era tudo. Entre os graus 15 e 20 (no Brasil) havia um vale muito largo e muito longo que partia de um ponto onde se formava um lago. Então, uma voz disse repetidamente: - Quando se vierem a escavar as minas escondidas em meio a esses montes, aparecerá aqui a terra prometida da qual flui leite e mel. Será uma riqueza inconcebível °.

(*Obs.:* Em 11 Jeremias 4,6 lê-se que a terra prometida por Deus a seu povo (seus seguidores) é aquela de *"onde mana leite e mel"*.

Por causa dessa profecia, Juscelino Kubitscheck construiu a capital em Brasília, e inaugurou-a à zero hora do dia 21 de Abril, no mesmo dia da fundação de Roma.

***Stefan* Zweig**

"O Brasil (...) indubitavelmente esta destinado a ser um dos mais importantes fatores de desenvolvimento futuro do mundo."

Historiador austríaco, cujos livros foram , em sua época, os mais vendidos no mundo, Zweig via o Brasil como o único país apto a realizar o modelo de civilização ideal - pacífica, universal, sem preconceitos raciais, liberal e humana. Em uma de suas mais famosas obras, *Brasil, País do Futuro*, escreveu:

"(O Brasil é) (...) *um país cuja importância para as gerações vindouras não podemos calcular; mesmo fazendo as mais ousadas estimativas. E(quando cheguei ao Rio), percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo."* (p.13)*; . (...)como poderá conseguir-se, no mundo, viverem os entes humanos pacificamente uns ao lado dos outros, não obstante todas as diferenças de raça, classes, pigmentos, crenças e opiniões?* (...) *nenhum país resolveu (esse problema) de maneira mais feliz e mais exemplar do que aquela por que este o fez: é para gratamente testemunhar isso que escrevi este livro. O Brasil resolveu-o de uma forma que, quanto a mim, requer não só a atenção mas também a admiração do mundo"*. (p.16).

"Logo que alguém chega a esta terra, a primeira surpresa que, depois, todos os dias felizmente se renova, é a de ver a maneira amistosa, e não fanática, como os entes humanos vivem no gigantesco território. Sem querer,

respira de novo, sente-se bem por haver saído do ar mefítico do ódio entre raças e classes inimigas, e por se encontrar nesta atmosfera mais humana. (...) *nós, que experimentamos na nossa própria sorte as terríveis conseqüências dessas exaltações psíquicas, dessa avidez e ganância de poder, sentimos que essa forma mais suave e mais serena de vida é um benefício e uma felicidade"* (p.19) *"Por isso, já não estamos dispostos a reconhecer uma classificação de acordo com o valor industrial, financeiro e militar de um povo, mas sim avaliar o grau de superioridade de uma nação pelo seu espírito pacifico e humanitário"* (p. 20).[22]

Rabindrianah Tagore

Filósofo hindu, afirmou que o Brasil será transformado numa prodigiosa força de bondade, berço da sabedoria e amor à humanidade; será a capital espiritual do mundo. É no Brasil que surgirá a Nova Obra do Homem Superior, em forma de livros.

Haverá o fim do ciclo decadente, com o advento da era de Aquário; o homem de boa vontade, surgido no Brasil, levará ao mundo inteiro a mensagem de uma nova cultura a favor de uma nova idade, de paz, luz e progresso para todos os seres da Terra - o Brasil será o celeiro da Cultura Universal do Homem Superior. [23]

Aurobindo

Filósofo hindu, (1872-1950), conterrâneo de Tagore (ambos bengalis), também acreditava que no Brasil seria gerada e difundida a nova civilização. (Prof. Negalha)[24]

Jinarajadasa

Teósofo do Sri Lanka (1875-1953), afirmou que o Brasil seria o coroamento da evolução da humanidade. A sociedade teosófica recebeu ajuda financeira e promocional inglesa e americana, em troca de duas condições: 1.°) que Helena Blavatsky não revelasse que a "Ilha Imperecível" (Brasil) seria o berço e coroamento da humanidade; 2°) antes da missão do Brasil seria inventada a missão dos Estados Unidos, como a 6ª raça, para durar 2.000 anos mais ou menos.(prof. Negalha).

Vishnu-Purana

Profecia antiquíssima da Índia diz que a restauração da Idade de Ouro seria feita pelos descendentes da raça primordial. O 15° Dalai-Lama (1876-1933) identificou o Brasil como sendo a nação líder dessa Idade de Ouro. A raça primordial é a Tupi. (prof. Negalha).

***Dante Alighieri* (*1265-1321*)**

Quanto à "raça primordial", Dante, em sua obra *Divina Comédia*, refere-se à constelação do Cruzeiro do Sul (desconhecida pelo povo europeu na época, pois não é vista no hemisfério Norte) dizendo que era contemplada pela *gente primitiva ou primordial.* (Canto Purgatório I, 22, 24:"I' mi voisi a man destra, e puosi mente/all'altro polo, e vidi quattro stelle/non viste mai fuor ch ' alla prima gente").

Edmundo Cardillo em "Dante, 600 anos de Dúvidas", aventou a hipótese de que o poeta *"quisesse ter-se aludido a um povo muitíssimo mais antigo que os fenícios, ou seja, o povo da Atlântida, cujos ramos se estenderam pela América do Sul, formando incas e tupis-guaranis"*

Dante previu também o surgimento do Veltro, o Pastor de Almas, que venceria o mal na tormenta. [25]

Felipe Cocuzza

"O cosmonauta russo luri Romanenko, o homem que mais tempo viveu no espaço, mais de um ano (...) *informou que o Brasil difere de todos os países do globo, pois emite fachos de luz tão fortes, que até com os olhos . fechados e dormindo, ele percebia quando a nave passava por cima de nosso pais."* (*Cocuzza.*) [26]

Em seu livro *A Mística da Amazônia*, este autor faz inúmeras referências à missão do Brasil, sendo mais um dentre muitos escritores e historiadores a afirmar que o nome Brasil não vem de pau-brasil (cor de brasa) como se pensa. Ao contrário, a madeira é que recebeu o nome que, antes do descobrimento, esta nação já tinha (p.71). Afirma ele que:

"O continente sul-americano, popularmente conhecido no mundo como Brasil, de acordo com a tradição esotérica, tem a forma de um coração e o Brasil acompanha o seu contorno ocidental, adquirindo também a ,forma de um coração" (*p.17*).

"As ambições estrangeiras sobre a Amazônia têm um objetivo maior, a longo prazo: o domínio de todo o continente do futuro. "(*p.20*)

"A Ilha do Brasil a África Equatorial e do Sul faziam parte do velho continente Gondwana(...) *ao fragmentar-se o Gondwana, a Ilha do Brasil, a terra mais velha e mais sólida do planeta, a que primeiro esfriou e se solidificou, iniciou o seu deslizamento para o Oeste.*(...) *Tudo isto que a ciência moderna descobriu era sabido e ressabido pelos sábios antigos, que conservaram e transmitiram a sabedoria esotérica através de milênios. "*(*p.18*)

"A era dos grandes achamentos marítimos (...) *coincide com o exacerbamento da utopia do paraíso terrestre, latente em todas as civilizações. Essa utopia, que se traduz por uma Idade de Ouro que virá, restaurando a que já existiu, não é mera fantasia do inconsciente. "*(*p.21*)

"Quando os portugueses tomaram posse do Brasil, que já conheciam secretamente há muito tempo, a nova terra assume todas as características

do paraíso terrestre. Todos os navegadores pensam assim e o epistológrafo Américo Vespuccio salienta que a pujança das florestas brasileiras e seus aromas sugerem a proximidade de tal paraíso. "(p.23)

"A cerâmica da Amazônia é três milênios mais velha que a dos Andes e é a mais antiga do hemisfério Ocidental. "(p.34)

"A tradição esotérica diz que o mar amazônico era um mar mediterrâneo e que as ilhas arqueanas do Norte e do Sul (Guiana e Brasil) eram habitadas e que tinham comunicação com a Atlântida. "(p.34)

Almeida Garret

Em seu poema "Camões" apresenta o autor de Lusíadas anunciando, em seus últimos momentos de vida, que a grande civilização lusófona, com seus ideais seria concretizada no Brasil, simbolizado pelo rio Amazonas:

"Onde levas tuas águas, Tejo aurífero? Onde,
a que mares?
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos ficará
de tua glória? Nem herdeiro
de teu renome? Sim: recebe-o, guarda-o generoso
Amazonas, o legado,
de honra, de fama e brio: não se acabe a língua,
o nome português na Terra"? [27]

Victor Hugo

Em seu poema *"Aos Brasileiros"*, diz que *"a Europa durou um segundo"* e que *"o Brasil será a Europa de depois de amanhã"*. (**a**)[28]

Withman

Grande poeta americano do século passado, escreveu *"Uma Saudação aos Brasileiros"* , dizendo que o Brasil será *"o vértice da suprema humanidade"*. **(b)**

William Blake

Para James Joyce e William Blake, o nome Brasil é anterior à descoberta do Brasil. Sintagma pertencente ao repertório da toponímia mítica do Ocidente, significa uma ilha mágica, país lendário, mundo fabuloso. Blake afirmou: *"Paraíso Encoberto, o Brasil Indígena. E 32 nações a morar nos portões de Jerusalém. Venham, nações! Venham, gentes! Venham a Jerusalém!... Peru, Patagônia, Amazônia, Brasil: 32 nações. E sobre essas 32 classes de ilhas no oceano* (é o símbolo das ilhas que Isaías previu) *todas as nações, povos e línguas de toda a Terra"*. **(c)** Como se sabe, o Brasil é o país onde convivem pessoas de todas as raças.

Haggard

Autor (inglês) de As *Minas do Rei Salomão* foi subornado para dizer que essas minas ficavam na África do Sul e não na Amazônia. **(d)**

Montaigne e Rousseau

Montaigne, filho de mãe portuguesa de origem judaica, influenciou Rousseau na teoria da "bondade natural", através da descrição do índio brasileiro - e isto foi decisivo para as conclusões psicológicas , pedagógicas e sociológicas a que chegou Rousseau, na parte revolucionária de sua obra. [29]

Papa João XXIII

Atribuem a este papa várias profecias sobre o Brasil. Foi, oficialmente, o primeiro a ler o terceiro segredo de Fátima, em 1959. Como se sabe, este segredo, confiado aos pastorinhos em Fátima, ainda não foi inteiramente revelado. Ele foi lacrado e guardado no Vaticano para ser aberto só na segunda metade do século XX.

Segundo alguns autores, o segredo foi analisado pelos papas já antes de 1960, mas, oficialmente, foi João XXIII o primeiro a lê-lo.

Ao que tudo indica, esta mensagem também se refere diretamente à pátria brasileira, [30] pois consta que o papa Paulo VI, ao lê-la, desmaiou, dizendo também: *"feliz do Brasil!"*. Isso indica que a mensagem é extremamente positiva para o Brasil, devendo ser comparada a outras aqui reunidas, que apontam no mesmo sentido.

Nas profecias alegadamente de João XXIII ele cita *"a terceira Itália. Duas !tálias tiveram que morrer para limpar o passado. Hoje, Roma não tem mais esse nome e seus palácios não estão no Norte "*, o que é interpretado como sendo: 1ª Roma – Império Romano; 2ª Roma – o Vaticano; 3ª Roma — São Paulo, no hemisfério Sul, a grande cidade construída por italianos e descendentes de italianos (20 milhões de habitantes). Juscelino havia acreditado ser Brasília a 3ª Roma.

Santo Isidoro de Sevilha

Autor de célebre profecia sobre Portugal (e, por extensão, o Brasil), que foi proibida pela Igreja e pela Espanha: muitos espanhóis morreram porque a divulgaram. Dois frades, (um de Valença, outro de Aragão) cantaram-na em versos e foram mortos (século XVI). Essa profecia, referente ao Quinto Império, ligava seus fundadores a Portugal. (Prof. Negalha.)

Dubravski

Místico húngaro contemporâneo, diz que o Brasil é um reservatório para onde fluem todas as energias espirituais, preparando o seu futuro. **(e)**

Oswald de Andrade

Poeta de grande intuição, fundador do Movimento de Arte Moderna no Brasil, ao mesmo tempo que repercutia em Portugal o movimento Renascentista português (Pessoa, Leonardo Coimbra, etc.) declarou: *"a felicidade do homem é uma felicidade guerreira, não temos razão alguma para temer a possibilidade do sonho se encarnar na História. Pelo contrário - vamos realizar a utopia chamada Brasil. "* **(f)**

Antonio Telmo

Autor de *História Secreta de Portugal* , afirma que o movimento da história européia está prestes a inverter-se. O ponto cardeal do ciclo europeu, prestes a findar, foi o Pólo Norte. Os Estados Unidos da América são o principal prolongamento da civilização nórdica. O movimento histórico passará a desenvolver-se do Ocidente para o Oriente, tomando-se predominante o Polo Sul, do qual decorrem: o peso que o Brasil e toda a América do Sul começam a assumir no mundo e as grandes transformações no continente africano.

Pietro Ubaldi

Místico italiano, declarou que *"o sol da Nova Civilização do Terceiro Milênio despontará no ano dois mil. Acrescento agora que certamente ele nascerá no Brasil"*.

São Francisco de Paula

Italiano de Catalina, nascido em Paola, em 1416, e falecido na França, em 1507, escreveu, nas cartas a seu amigo português e filósofo Simão Ximenes, entre 1445 e 1462: *"Vossa santa geração será maravilhosa sobre a Terra, entre a qual haverá um de vossos descendentes que será como o Sol entre as estrelas... Reformará a Igreja de Deus. Fará o domínio do inundo temporal e espiritual e regerá a igreja de Deus... Purificará a humanidade, convertendo todos à lei de Deus; será fundador do Reino Universal de Deus na Terra ou da Nova Religião, em que todos adorarão o verdadeiro Deus... Será funda-dor de uma religião como nunca houve"*.[31]

Hermann Keyserling

Filósofo alemão, fundador com Jung da Escolada Sabedoria em Darmstadt, Alemanha, sabia, por informações esotéricas e históricas transmitidas através dos séculos, que em São Paulo iria se iniciar, na década de 1970, a Era de Aquário e que desta cidade seria irradiada a orientação espiritual para o mundo para os próximos 5 mil anos.

A SITA — Sociedade Internacional de Trilogia Analítica, da qual sou a vice-presidente, recebeu em São Paulo , em 1979, o filho de Hermann, Arnold Keyserling, professor de Filosofia da Universidade de Viena, que disse ter

reconhecido na ciência tri lógica de Norberto Keppe sinais do começo dessa era esperada por ele, por seu pai e pelos da Escola da Sabedoria.[32]

Verdadeiro fenômeno energético-demográfico, e situada em cheio na faixa da Era de Aquário, a Grande São Paulo, capital e coração de fato do Brasil, teve um crescimento sem paralelo em qualquer outra parte do mundo; nos últimos cem anos, passou de 65 mil habitantes (1899) para 20 milhões (1999); a própria cidade de São Paulo atingiu o impressionante número (oficial) de 9 milhões de habitantes, equivalente a toda a população da Suécia ou de Portugal, chegando ao Terceiro Milênio como a maior metrópole do mundo e não só do Hemisfério Sul. Já em 1920 tinha crescido 1.000 % em relação a 1899, tendo 200 mil imigrantes, em sua maior parte italianos, correspondentes a um terço da população , que era da ordem de 600 mil habitantes. Responsável ainda hoje por *metade* do PIB do Brasil, sendo que só conta com trabalho e não com matérias primas, esta incrível cidade constitui um centro energético de tal intensidade que atrai populações do Brasil inteiro e também de todas as partes do planeta, sendo, por exemplo, a segunda cidade-industrial da Suécia (a primeira é Estocolmo). Alguns estudiosos consideram extra-oficialmente que a Grande São Paulo, incluindo as pequenas vizinhas como Osasco, Guarulhos, etc., chegaria a 50 milhões de habitantes. Aqui, nesta grande cidade universal, espelho da universalidade brasileira, convivem pacificamente todos os povos do planeta Terra: "gregos e troianos", alemães e franceses, espanhóis e portugueses, irlandeses do norte e irlandeses do sul, árabes e judeus, chineses e japoneses, ou seja, povos que em seus países de origem estão em freqüentes atritos, mas aqui vivem em paz; seus filhos, esquecendo as origens, logo proclamam-se simplesmente brasileiros.. .

As Cidades dos Rios

Existe uma famosa profecia sobre São Paulo, que trata das "cidades sagradas", com a função de serem berços de um novo mundo (no bom ou no mau sentido); são aquelas que nascem à beira de rios cujos nomes iniciam-se com a letra “T”'.

Pesquisando a respeito, verifiquei que os quatro impérios interpretados como sendo os descritos por Daniel estão dentro desta situação.

Por exemplo, o Império de Ouro, ou Babilônico, de Nabucodonosor (atual fraque), desenvolveu-se à margem do rio *Tigre*, e também do Eufrates. O Império seguinte, de Prata, ou Medo-Persa , acompanhou o mesmo rio, uma vez que incorporou a Babilônia.

O Terceiro Império, de Bronze, ou Greco-Romano, pode ser simbolizado pelo rio *Tibere*, pois foi no vale deste rio que nasceu Roma. Por fim, o Quarto Império, ode Ferro e Barro, ou Anglo-Americano, desenvolveu-se às margens do *Tâmisa*, *ou Thames*, na Inglaterra.

O Quinto Império pode ser simbolizado por dois rios que também começam com a letra T: o *Tejo*, tendo às margens Lisboa, e o *Tietê*, que banha a cidade e o Estado de São Paulo.

Tigre – 1° Império Babilônico e 2° Medo-Persa .
Tibere – 3° Império Greco-Romano
Thames – 4° Império Anglo-Americano
Tejo e Tietê – Quinto Império

Com 1032 quilômetros de extensão, o rio Tietê nasce no mono do Serrote da Barra e, ao invés de correr para o mar, vai no sentido inverso, para o interior do Brasil; atravessa o Estado de São Paulo de ponta a ponta, desaguando no rio Paraná. No seu percurso, banha dezenas de municípios paulistas e gera energia por meio de inúmeras usinas hidrelétricas, como as de Barra Bonita, Avanhandava, Rasgão, Salto de Avanhandava e Porto Góis.

Grupo Mahikari

A professora de francês Luciara Avelino, da Escola de Línguas Millennium, tem um aluno que faz parte do grupo Mahikari de imposição energética das mãos. Esse aluno disse-lhe que tal arte começou há 40 anos no Japão e, quando o grupo completou quinze anos de existência, o chefe deles disse que precisa-riam rapidamente vir ao Brasil, porque daqui iria sair a orientação espiritual para o 3° Milênio – e estão aqui há 25 anos. Esse aluno disse também que o Japão tem 6% da população católica por causa dos portugueses que foram lá no século XVI.

Maria de Lurdes Pelicano

Poetisa portuguesa contemporânea, escreveu em seu livro *Arte e Transcendência* [33] vários poemas sobre o V Império. Dentre eles, selecionamos um que fala diretamente sobre o Brasil:

Santa Cruz

Guarulhos – São Paulo, 9 de Janeiro de 1995

De alma lusa impregnado
O teu corpo e o teu ser
são o luso grandioso
que Camões desejou ver
És o Império por fazer!
És o esquerdo e o direito unos
Corno Pessoa o veio dizer.
És a poesia e a ciência

juntas a acontecer!
És o amor e a dádiva
És a alegria e a razão
És a riqueza e a beleza
És a terra do leite e do mel
Terra de Sta. Cruz –
a prometida e a fiel
És o inundo que há-de vir
És tudo ainda por cumprir
E eis que o momento já vem!
Revolução do amor
Liberdade última e final
Tu cumprirás o sonho Imperial!

Yves Christiaen

Escritor francês, escreveu em seu livro *"A Mutação do Mundo"*, nas páginas 48 e 50, que, *"de 183 a.C. a 1977 d.C é o signo de Peixes, que está terminando.* (...) *É a era do Cristianismo (os primeiros cristãos perseguidos se reconheciam. pelos peixes que desenhavam em sinal de união). A França é seu líder.* (...) *De 1977 a 4137 d.C. – signo de Aquário – a era que virá e que, podemos afirmá-lo, representa uma reviravolta fundamental na História da Humanidade. O Brasil será seu líder"*

Referindo-se à aparição da mãe de Cristo em Fátima, em 1917, o autor comenta o seguinte: *"Como se o céu quisesse mostrar que tínhamos entrado numa fase final, indicando ao mesmo tempo a direção futura do pólo do mundo, a Virgem abandonava a França, onde aparecera em 1830, 1846, 1858 e 1871, para pisar o solo de Portugal, mãe do Brasil, fazendo-o entrar assim na conjuntura mística da História de nosso tempo, do fim da Era de Peixes, como se ele estivesse ligado de forma invisível à economia sobrenatural que deve permitir a transmissão da tocha.* (...) *Em um mundo totalmente renovado e terrivelmente sofrido abrir-se-á verdadeiramente a Era de Aquário, a Era do Espírito, a Era de um novo e verdadeiro socialismo, enquanto no Brasil, "nova terra prometida, correrão o leite e o mel", como dizia a profecia."* [34]

Agostinho da Silva (1906-1993)

Tendo sido professor do ex-presidente de Portugal, Mário Soares, o prof. Agostinho da Silva por diversas vezes fez referências ao Brasil como país que seria concretizador desse sonho universal e lusitano do Quinto Império, ao qual devotou a própria vida.

Natural do Porto, apreciado tanto pelas elites culturais européias como pelo povo português, considerado o maior pensador luso contemporâneo e

uma espécie de Sócrates moderno, foi chamado pelo jornal francês *Liberatión* de "João-Baptista" da atualidade pelo vigor e insistência com que sempre anunciou a vinda do V Império ou Reino do Espírito Santo, que seria o império do Amor e da Cultura e não o da força das armas.

Ele conhecia muito bem nosso país, onde viveu por 25 anos e onde fundou inúmeras universidades em Brasília, Paraíba, Santa Catarina e outros Estados (no período em que viveu exilado pelo governo Salazar e acabou acolhido pelo presidente Jânio Quadros como assessor de política externa das ligações entre o Brasil e a África).

Patrono da "Associação Stop a Destruição do Mundo", o professor Agostinho da Silva, em entrevista a Alcione Scarpin, para a Revista de Psicanálise Integral n.° 21 (1992) declarou que o Brasil será a principal expressão do V Império e identificou o trabalho do cientista Norberto Keppe como sinal do início desta nova era que surge.

Transcrevemos, abaixo, trechos de suas declarações na entrevista:

"A menina Isabel, que já tinha ímpetos místicos que a fizeram santa, trouxe com ela os franciscanos e as idéias de Joaquim di Fiori da Calábria, como o culto ao Espírito Santo. Costumavam pegar um menino, punham-lhe uma coroa na cabeça e coroavam-no Imperador do Mundo. Não há documentação que diga por que eles coroavam-no Imperador do Mundo. A idéia que eu tenho é que quando tudo estiver na ordem final, o mais perfeito sobre o gênero humano e entre as coisas vivas que há no mundo será a criança. (...) Coroavam o menino, não para que ele pudesse governar o mundo como hoje é o governo, mas porque ele era a maravilha do mundo. Uma criança que, ao meu ver, deve ser educada não para ser Imperador, mas uma criança que seja educada de tal maneira que sendo Imperador não deixa de ser criança. (...) Um homem que tenha toda informação que se possa ter na vida mas que possa jogar com tudo isso como selasse uma criança. Estuda, sabe, procura ver como é, não para ganhar dinheiro, não por causa da carreira, mas por se divertir. "

"Todo aquele que prenuncia o início desta Era do Espírito Santo, que percebe sua aproximação, pode ser chamado um "João Batista ". Neste sentido, concordo que eu seja também."

Alcione: - O senhor nos chamou aqui para falar algo a respeito do lançamento da Escola Norberto Keppe em Portugal...

Prof. Agostinho: - *Sim, o professor Norberto Keppe está desenvolvendo um trabalho muito interessante de junção da psicanálise com a economia, através desse modelo de empresa (Empresa Trilógica) onde se procura produzir sem destruir.*

Alcione: - O senhor considera esse trabalho do prof. Keppe como o início desta nova era a que se refere?

Prof. Agostinho: - *Certamente que sim. Ele vai encontrar muita oposição, porque essas coisas dão muito trabalho. Hoje nós assistimos ao que eu chamo de última queda do Império Romano. Um império chamado Rússia caiu sem ninguém lançar uma bomba. Os americanos armados até os dentes e não foi preciso pôr lá um dedo. E os EUA também vão cair: Veja o que está sucedendo lá com as primárias. Os americanos já não acreditam naquilo que elegem. Aquilo vai desabar um dia, e esse dia está muito próximo. Eu costumo dizer que um dia haverá um museu para mostrar como se comportavam os brancos. O branco vai desaparecer O mundo vai ser de várias cores, várias etnias. Por isso eu digo que o Brasil é o modelo de mundo do futuro e é por isso que está dando muito trabalho fazer o Brasil*" .

Este mapa do Brasil, contendo os dos países europeus em tamanho proporcional mostra o seu gigantismo.

Capítulo 2

Estados Unidos X Brasil
De Quem Será A Liderança No 3° Milênio?
O Esoterismo Fazendo História

"O Brasil está sendo chamado para tornar-se líder do mundo, reavivando a cultura. E isto é tão certo quanto Paris ter sido a herdeira de Atenas e de Roma. Assim o decidirá a Era de Aquário"

Yves Christiaen, escritor francês

Observação:
O texto deste capítulo, revisado, atualizado e adaptado para este livro, é baseado na conferência *O Quinto Império e a Ciência Universal*, que proferi na Casa de Portugal de São Paulo, em 18/5/97, no seminário que organizamos para trazer estes dados ao público paulistano.

Senhoras e senhores:

Talvez nem todos conheçam a profecia do Quinto Império. Por isso, vou explicá-la.

Há cerca de 2.500 anos, quando o povo judeu estava subjugado e cativo na Babilônia, Nabucodonosor, imperador babilônico, teve um sonho que o impressionou. Viu uma estátua imensa, com a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés em parte de ferro, em parte de barro. Uma pedra, não lapidada por mão humana, feriu a estátua nos pés e a esmigalhou. O vento levou todas as suas migalhas . A pedra que atingiu a estátua tomou-se uma grande montanha que envolveu toda a Terra.

Representação da estátua do sonho de Nabucodonosor, interpretado pelo profeta Daniel.

Daniel, profeta hebraico, a pedido do rei e por inspiração divina, interpretou o sonho e disse que a estátua representava quatro impérios que iriam se suceder ao longo da história. O primeiro, de ouro, era o Império Babilônico. Depois dele, viria um reino inferior, de prata; em seguida. um terceiro império, de bronze e, após. um quarto reino, muito destrutivo, que seria *forte como o ferro*, *pois o ferro a tudo quebra e esmiúça;* (...) *Corno o ferro quebra todas as coisas*, *assim ele fará em pedaços e esmiuçará*." Esse porém, seria um império dividido, pois seus pés eram formados por ferro e barro, que não fazem casamento. Finalmente, a rocha que fere os pés da estátua, cresce e envolve a terra, será o Quinto Império. Nas palavras de Daniel, "*o Deus do Céu suscitará nOn reino que não será jamais destruído* (...) *subsistirá para sempre*".

Várias interpretações têm sido feitas. Por exemplo, o rabino português Menasseh Ben-Israel, (1604-1657), amigo do padre António Vieira, afirmou que a profecia diz respeito a impérios que tiranizaram povo judeu, sendo o primeiro o *Babilônico*, o segundo *o Medo-Persa*, o terceiro o *Grego* e o quarto o *Romano;* o quinto seria realizado pelo Messias judaico, quando viesse.

Muitos cristãos também crêem nessa mesma seqüência de impérios (Babilônico / Medo-Persa / Grego / e Romano); o de Roma teria sido o último antes da vinda de Cristo, a "pedra celeste"que veio destruir a glória dos anteriores e anunciar o reino eterno de seu Pai aqui na Terra.

Os quinto-imperialistas (como Fernando Pessoa, Padre Vieira e outros) crêem na previsão do abade italiano Gioachino di Fiori: assim como houve uma "dispensação" de Deus-Pai ao gênero humano (por meio de Moisés e dos profetas), outra do Filho (por Cristo e os apóstolos) , haverá uma dispensação do Espírito Santo, que se derramará sobre todos os povos e pessoas, inaugurando o Quinto Império, os "mil anos de felicidade" antes do Juízo Final. [35] Para haver essa dispensação, o Espírito Divino contaria com o trabalho de seres humanos: por exemplo, as duas testemunhas do Apocalipse, representadas no selo dos Templários como dois cavaleiros montados juntos no mesmo cavalo, ou o "Pastor de Almas" que Dante Alighieri apresenta em sua Divina Comédia. Mostram eles a necessidade de haver um ou mais seres humanos escolhidos por Deus que façam o trabalho de organizar as bases dessa nova sociedade de paz.

O grande problema é que, nestes dois mil anos, todos os que tentaram organizar o "Reino de Deus" na Terra na verdade quiseram fazer o reino de poder deles próprios — e por isso até hoje a humanidade está fragmentada em disputas, guerras fratricidas, pobreza e sofrimento.

Por exemplo, a partir da interpretação de que os quatro impérios já teriam passado, a Inglaterra, que formou um império nos tempos modernos, obtendo 3/4 das riquezas da Terra, passou a se considerar o Quinto Império, causando estranheza em Fernando Pessoa, que não via nesse país o nível de espiritualidade exigido; além disso a Grã-Bretanha está em profunda decadência, pois o império britânico já praticamente se desfez e o norte-americano está em franco desmoronamento.

A visão de Fernando Pessoa

Escreveu o poeta Fernando Pessoa que , na figuração tradicional do seguimento dos impérios, "o *primeiro é o da Babilônia, o segundo o Medo-Persa, o terceiro o da Grécia e o quarto o de Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente entendido conto sendo o Império da Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele país; e creio que nesse nível se interpreta bem. Não é assim no esquema português. Este, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material da Babilônia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do Império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica, depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá de ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos*". [36] Como se percebe, o grande poeta português intuiu que o Quinto Império, sendo espiritual, jamais poderia ser

realizado por um país materialista como a Inglaterra; e que mais logicamente seria concretizado pela alma portuguesa.

Concordo com Fernando Pessoa e sou de opinião que a sucessão dos impérios seria: 1°) Babilônico, 2°) Medo-Persa, 3°) Greco-Romano. O quarto, por dedução lógica, seria o que veio depois, encabeçado pelo que eu chamo de Império Anglo-Americano. Império formado não pelos povos destes países, propriamente, mas pelos poderosos da economia neles situados. O Quarto Império, o do Ferro e do Barro, seria esse dos poderes econômico-financeiros articuladores da Nova Ordem Mundial, da Globalização – império que inclusive financiou o nazismo, promoveu a maior perseguição já feita contra os judeus em toda a história da humanidade e ainda hoje esmigalha os povos utilizando artefatos de ferro, tanques, bombardeios, bombas, inclusive as atômicas. Seria esse, portanto, o império a ser brevemente atingido pela pedra divina, conforme anunciou o profeta Daniel e como veremos ao longo desta conferência.

Nos bastidores da História

Conforme mencionado em minhas aulas, sempre existiu uma luta velada, uma disputa de bastidores, movida por organizações secretas dirigentes da Inglaterra (e dos Estados Unidos) contra líderes de Portugal (e Brasil) - uma espécie de *guerra fria* para determinar quem terá proeminência ou domínio no mundo do futuro.

Tal disputa ferrenha tem sido resumida, de modo simplista, como a luta econômica do Primeiro contra o Terceiro Mundo, aquele tentando explorar, dominar, pegar tudo o que pode, e este tentando se defender, sobreviver - pagando, ainda, dívidas que nunca contraiu.

As organizações secretas baseiam-se em profecias, documentos e mapas antiqüíssimos para nortear suas ações. Desse modo, por trás do que aparece desta luta, nos foros secretos, nas intenções escondidas , estão sobretudo as profecias da formação no mundo, mais ou menos na época atual, do V Império ou do Millennium, que trará de volta a Idade de Ouro para a Terra, que será o maior e melhor que já houve, e foi descrito por Daniel ao interpretar o sonho do rei Nabucodonosor.

Os dirigentes do Primeiro Mundo (os grupos secretos que dirigem os Estados Unidos e o G-7), interessados no domínio mundial, atuam intensa - e violentamente - para que sejam eles os líderes neste novo mundo. Acham mesmo que são eles, encabeçados pelos americanos, que cumprirão a profecia , por meio da globalização e da Nova Ordem Mundial, bem como da dominação das demais nações pelo poder econômico e pelas armas. Com esse fim, como veremos, foram criados o *Império Britânico*, *o* atual *Anglo-Americano*, bem como a *"Tríplice Aliança"* (Estados Unidos, Inglaterra e Israel).

É claro que um império desse tipo nada tem a ver com o esplendoroso Reino Divino do Amor, Verdade e Beleza na Terra, isto é o Quinto Império.

Escondidos nos bastidores da história estão os antigos reis templários e os ibéricos, que deram início à Idade Moderna, com as navegações e os descobrimentos, que nunca usaram a coroa de Imperador (como um Carlos Magno ou um Cesar). Dentre eles, havia uma elite de idealistas genuínos, que pretenderam formar para toda a humanidade, e não apenas para eles, esse Império Universal e espiritual, onde os homens seriam como crianças. Chamaram-no Quinto Império ou Império do Espírito Santo. [37]

Os ibéricos envolvidos nessa tarefa viram-se engolfados pelos anglo-saxônicos, criada que foi essa luta velada entre o imperialismo anglo-americano e a cultura lusófona universalista. Unia luta vã, pois, segundo os melhores estudiosos, e segundo um número infindável de previsões e profecias, coube desde sempre não aos Estados Unidos mas ao Brasil — Nova Lusitânia e Pátria de tantos povos - trazer para a terra o sonhado Reino da Felicidade, um reino cultural e espiritual e não de domínio de alguns povos sobre os demais.

Pátria da Universalidade

Todos os estudiosos estão de acordo que uma característica do Quinto Império é a universalidade - e não o racismo, a intolerância entre povos e raças, a rigidez, a ganância e o poderio bélico e econômico, característicos da política de Washington e de Londres.

Ora, qual é o país que hoje reúne em si as melhores condições de universalidade?

Quando observamos uma nação como os Estados Unidos, (pretendente a construtora do Quinto Império Universal) notamos que numa simples cidade, como Nova York, existe a separação quase completa entre povos e países. Há, por exemplo, a *Little Italy* (Pequena Itália) a *China Town* (Cidade Chinesa), os bairros dos negros, os dos latinos, a separação dos judeus, que não se misturam com os árabes, etc. Enfim, cada país, cada povo tem seu gueto dentro da cidade e dentro da América do Norte.

De outro lado, vemos que na América do Sul, no Brasil, árabes, judeus, palestinos, brancos, negros, americanos, alemães, ingleses, portugueses e italianos convivem em paz e se misturam, sendo inegável que esta é a pátria da universalidade.

Isso é um legado, uma herança que temos da alma lusitana, para a qual não damos a devida atenção, nem temos consciência do seu valor.

Nós devemos sentir alívio e podemos ter muito orgulho de termos sido colonizados por portugueses, porque se os colonizadores fossem ingleses, franceses, alemães ou holandeses, agora nós seríamos como uma África do Sul, por exemplo, que teria enormes problemas, como existem lá e vocês devem saber.

Nós tivemos sorte de nascer num país que foi colonizado pelos portugueses, que trouxeram esse espírito de tolerância inter-racial. Vocês sabem, não é, que o único país onde judeus convivem com nazistas é o Brasil; eles conseguem até mesmo ficar amigos.

Entretanto, é muito difícil falar de nossa história, a história que não nos contam nas escolas, que nos escondem nas principais mídias, que os poderes do mundo fizeram tudo para o povo brasileiro não saber.

A história do Brasil é a história do futuro do mundo que não nos é revelada. A Festa do Divino Espírito Santo, que nós celebramos até hoje, e cujo significado profundo é desconhecido pela maioria das pessoas; a questão, por exemplo, do surgimento dos movimentos sebastianistas, de Canudos, dos cangaceiros, isso tudo é revestido de muitas cores desse ideal do Quinto Império e nunca isso nos é explicado.

Por esse motivo, toma-se muito difícil expor em pouco tempo para vocês a história deliberadamente ocultada de 2. 500 anos de nosso passado e a história do nosso futuro. Porém, vamos tentar.

Para isso, nós temos de entrar na dimensão mitológica, mas toda a história do mundo tem sido baseada em mitologia, isto é, as pessoas que fazem a história guiam-se por mitos e, assim, nunca se pode dizer que houve algum acontecimento importante na história não só do Brasil, mas do mundo, que não tenha um componente mitológico.

Sociedades Secretas

Não foi só o Reagan que consultou cartomantes para ver o que deveria fazer. A nossa civilização é dirigida por sociedades secretas que têm um forte componente místico nos seus fundamentos.

Muitas vezes existem choques entre tais organizações porque, por exemplo, o que orienta a formação da Comunidade Européia é um tipo de esoterismo diferente do que orienta a maçonaria portuguesa e brasileira. E é diferente do ideário da maçonaria inglesa e americana, que se autodenomina *"Skull and Bones"* (*"Caveira e Ossos"*). Esta última já entrou muito em choque com a maçonaria de Portugal e do Brasil.

Agora, eu vou mostrar o mapa de um teólogo alemão (1489 - 1552), que foi muitas vezes citado como tendo inspirado a formação da Comunidade Econômica Européia. Ele pode ser considerado totalmente esotérico, carregado de simbologia. E vocês pensam que Portugal foi o primeiro país presidente da Comunidade Européia, quando ela teve início, em 1993, por quê?

Esta é a representação da Europa por Sebastian Münster. Notem que ela é uma mulher (rainha) cuja cabeça seria a Península Ibérica. Portugal é a coroa. Está no topo, com a cruz templária, a cruz de Avis, a cruz esotérica.

Europa unificada representada pelo teólogo alemão quinhentista Sebastian Münster. Pode-se notar que a "coroa" é a Península Ibérica e o símbolo da sabedoria universal está no sul da Itália (Calábria) local de Gioachino di Fiori.
(Ilustração cedida por Rainer Dahenhardt).

Uma vez que este mapa serviu de inspiração e de "guia" para a formação da Nova Europa, foi por isso que Portugal deu início à Comunidade Européia.

Esse início não foi, portanto, ao acaso, como vemos; nada é ao acaso. Nem foi ao acaso que começou a Comunidade Européia em 1993, por exemplo. Porque 1993, dentro dos conhecimentos esotéricos, já é o ano 2.000, uma vez que o nosso calendário tem um erro de sete anos. Ele não foi atualizado por questões óbvias, pois a atualização iria gerar um enorme transtorno em datas, documentos, tudo mais. Então nós estamos, na verdade, no ano 2.007.

É preciso conscientizar que grande parte do que os grupos secretos do poder executam, dentro de uma seqüência de fatos, é regida por profecias, escrituras da Antigüidade, mapas arqueológicos, documentos secretos de extremo valor que algumas organizações possuem até hoje e que vão orientando o futuro da Terra.

Então muitos pensam: *"esoterismo é coisa de nova era, de umbanda, de candomblé, de bruxaria... Esoterismo é algo de que as academias não cuidam... Imagine se as autoridades, se a estrutura econômica vão dar importância a isso"*... E, no entanto, como dão importância a isso! O poder espiritual tem mais importância para os poderosos até do que o próprio dinheiro que possam ter! Foi somente após viver nos EUA e Europa por 13 anos que tomei conhecimento dessa realidade.

Por exemplo, Winston Churchil declarou o seguinte diante do Congresso Americano: *"de fato, nós devemos ter unta cegueira de espírito tal que não nos deixa ver que alguma grande finalidade foi planejada para nós aqui embaixo, para a qual temos a honra de ser servos fiéis* – dando a entender que estava consciente de um plano-mestre para os anglo-saxônicos na Nova Ordem Mundial. Entretanto, há um esoterismo correto, baseado por exemplo nos profetas judaicos e no cristianismo.

Quando analisamos a figura de mulher da Europa, no mapa de Tomás Münster, eles vêem a Coroa apontada para o Ocidente, isto é, para o Brasil e para a América. Pessoa vê um rosto que olha para o Ocidente, nos seguintes versos:

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.
O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália, onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apóia o rosto.
Fita, com olhar 'sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.
(*Fernando Pessoa*, Mensagem. Primeira Parte. Brasão).

Começa, então, o questionamento, a disputa, entre os que acham que a coroa (ou o rosto) aponta para a América do Norte e os que vêem no Brasil a terra do futuro: a antiga luta entre Portugal e Inglaterra - uma briga muito remota que nós lemos parcialmente em nossos livros de história mas cujas conseqüências sofremos em nossas vidas até hoje. Por exemplo: todos querem se apoderar do Brasil. Por que todo esse interesse no nosso país? Porque já se

sabe, ou se pressente, que nesta terra de riquezas, neste paraíso de clima, de tolerância, de fraternidade, de paz é que será decidido o futuro da humanidade, que daqui sairá a Nova Civilização do Terceiro Milênio.

Pátria da espiritualidade

Uma das coisas de que nós podemos nos orgulhar é isto: que o brasileiro pode ter tudo, menos o interesse de ser imperialista. Brasileiro, graças a Deus, tem noção de que o espírito é mais importante do que o dinheiro que tem no bolso. Isso eu digo na maioria dos casos. Existem exceções. Existem pessoas no nosso país também que já estão muito influenciadas por esta filosofia do *Ter* e não do *Ser*.

Os adeptos do Quinto Império vêem *o Ser* humano no seu aspecto metafísico, algo de mais valor do que o *Ter*, embora o Ter faça parte do Ser de um indivíduo que é em sua plenitude. Ele deve ter acesso, controle e equilíbrio nas suas posses; deve haver justiça, eqüidade, fraternidade e igualdade para todos.

Esses princípios universais, entretanto, desagradam a muitos poderes na Terra. Por isso este assunto que eu estou trazendo é muito polêmico, porque conscientiza o povo do porquê e para que o Brasil foi "descoberto", para que ele foi feito e por que tantos reis lutaram e morreram para conseguir chegar aqui. Como foi e como está sendo duro fazer o Brasil!

A dificuldade reside justamente no fato de o Brasil ser um local tão importante para a humanidade. Essa é também a opinião do professor Agostinho da Silva. Toda pessoa que tem interesse em educação já deve ter ouvido falar nesse educador, português, já falecido em Portugal - que em certa época foi exilado, permanecendo 25 anos em nosso país, onde fundou diversas universidades, até mesmo a de Brasília.

O jornal *Libération*, um dos principais da França, trouxe o artigo: *"Les Conversations Vagabondes du Prophète du Portugal"* chamando-o de um João Batista moderno, por anunciar um novo tempo espiritual para o mundo.

Agostinho da Silva, um dos maiores representantes da cultura lusófona da atualidade, não chamava a si mesmo de filósofo, mas de *"vagabundo do pensamento"*, que gostava de conversar e de pensar como uma criança.

Eu tenho orgulho de dizer que Agostinho da Silva foi patrono da associação que fundei em Paris - a *Associação Stop a Destruição do Mundo.* [38] E ele sempre dizia: olha, não há dúvida nenhuma de que o futuro do mundo, a civilização do desenvolvimento, da cultura, do homem superior vai surgir no Brasil - e *`é por isso que é tão difícil fazer o Brasil"*..

E foi por isso que o prof. Agostinho ficou aqui tanto tempo, tentando abrir universidades e escolas do povo, como já tinha feito o rei D. Dinis, no século XIII, em Portugal.

Para quem não sabe, foi este rei português quem inaugurou as universidades para o povo na Europa, rompendo com certas barreiras impostas por religiosos da época, os quais exigiam que o ensino se ativesse a certas elites controladas pelo Vaticano. Além de abrir a universidade popular, este monarca instituiu o português como língua oficial do reino (em lugar do Latim).

Como se percebe, e como dizem muitos livros de história, a mentalidade dos reis portugueses de modo geral, pelo menos até D. Sebastião, era muito avançada. Pode-se dizer que seu espírito permanece em muitos portugueses, um espírito irreverente com as autoridades, com os poderes, que visa a uma libertação da consciência, a um povo livre para pensar, que quer pessoas livres e felizes como crianças.

O Reino do Espírito Santo para D. Dinis, para a Rainha Santa Isabel, assim como para os primeiros cristãos, sempre foi um reino de crianças. Não crianças no sentido de imaturidade, mas no modo como Cristo ensinou: *"aquele que não se tornar como uma criança não vai entrar no Reino de meu Pai"* , ou seja, a pessoa que não se despir da arrogância, da prepotência, da megalomania, do desejo de ser poderoso, da intenção de pisar nos outros, aquele que não desistir disso, não vai conseguir ser feliz, ser são, ter paz na vida.

Do mesmo modo, uma nação que tenha por base o poder bélico, o poderio econômico, sobre os outros povos, tampouco pode ser feliz, nem dela se pode dizer que vá sair algum Reino Universal.

Globalização x Missão do Brasil

Um fato extremamente preocupante é que a era da globalização está aqui, como diz o presidente Fernando Henrique. Não é mais questão de decidir *"se"* o Brasil vai ou não entrar na globalização e sim de saber *"como"* o Brasil vai entrar na era global e *"o que" o* primeiro mundo vai fazer dentro do Brasil na era de globalização.

É por isso que eu acho importante tratar desse assunto com o maior número possível de brasileiros, que têm consciência, que têm dignidade, que gosta-riam de cuidar de seu patrimônio, não só econômico, mas cultural. Se formos analisar os princípios desse império da espiritualidade, uma das primeiras coisas é que ele não vai ser feito por poderosos déspotas como são os poderosos de hoje. As leis vão ser totalmente diferentes, vão ser de justiça, de distribuição de riquezas, de igualdade, e ninguém mais vai ter fome.

Como dizia Agostinho da Silva, o ideal do Quinto Império, do Reino do Espírito Santo, é o ideal cristão, judaico e universal, mas nada tem a ver com o espírito atual das instituições religiosas. Será um reino onde as pessoas vão ter tudo de que precisam, elas vão ter casa, vão ter comida, não vai haver mais cadeias, praticamente o ser humano não vai ter mais necessidade de ser violento, de roubar, de matar, porque ele terá tudo aquilo de que necessita para ser

feliz: Deus sairá das Igrejas para morar no interior dos homens e em toda a sociedade.

Para que então a gente iria precisar de cadeias? É por isso que no dia das festas originais do Divino Espírito Santo (séc. XIII), os reis abriam as portas das prisões. Era uma festa futurista, anunciando o porvir da Terra.

É por isso que nessas festas há o bodo, que é um banquete, e também uma sopa feita num caldeirão enorme, para distribuir à cidade toda. Diz a tradição que, na época, a rainha Santa Isabel, junto com as cozinheiras , fazia a sopa e a distribuía entre o povo. O banquete era compartilhado por ricos e pobres, nobres e plebeus, sem diferença de classes.

Portanto essa festa anuncia o mundo de fartura e igualdade do futuro.

Vocês já ouviram a canção *"A Bandeira do Divino "*, de Ivan Lins? Pois é isso justamente o que ele canta: a vinda do Divino Espírito Santo, trazendo consigo o fim da fome e da injustiça, sobretudo neste trecho:

"A Bandeira acredita/ que a semente seja tanta/ que essa mesa seja farta/ que essa casa seja santa/ Que o perdão seja sagrado/ que a fé seja infinita/que o homem seja livre/que a justiça sobreviva." [39]

Todos os líderes do mundo conhecem essa previsão de um mundo unificado no futuro, um Império grandioso, perene, cheio de glória. O que resta é a disputa para saber quem vai "fazer" o Quinto Império, se são judeus, americanos, ingleses, alemães, franceses, ou a Grande Europa...

Os maiores poderes da Terra, sediados nos Estados Unidos, estão em cheio nessa disputa, para assumir o domínio do novo mundo. A questão é que esse império não será de poder temporal, material — será o império da verdadeira espiritualidade. É disso os poderosos não entendem.

A Decadência dos EUA

Quando nós moramos por cinco anos nos Estados Unidos, notei que o povo americano é muito doente. Vocês pensam que os estadunidenses têm toda essa segurança que os executivos vindos de lá aparentam e os filmes mostram? De modo geral, na verdade eles estão drogados, pobres, analfabetos, cheios de doenças e vícios e, em grande parte, não sabem mais nem ler jornais , porque a educação teve uma decadência enorme, assim como a saúde , a moradia, a qualidade de vida. O estrago é geral, como aliás mostramos em nosso livro *The Decay of American People - and USA*, editado em 1985 em Nova York, [40] pois aquela nação, na verdade, também foi destruída, junto com os ideais americanos, por esse governo invisível, internacional.

Lá chegando, o que pudemos perceber é que dentro dos Estados Unidos existe um poder terrível, que domina a nação e não deixa o americano se manifestar. Qualquer coisa diferente que um estadunidense ou estrangeiro falem desperta a paranóia do governo e do F.B.I.. Vocês podem ver pela lista

enorme de pessoas perseguidas ou assassinadas dentro dos EUA, não só americanos mas estrangeiros, europeus, latino-americanos. O próprio Charlie Chaplin, perseguido, não podia mais entrar nos Estados Unidos. E assim são os americanos até hoje. [41]

Liberdade, só de fachada. Se um dia existiu, não existe mais. E muitos americanos têm a idéia de que a eles caberia a execução desse grande Reino do Quinto Império, o Reino que iria durar para sempre, de acordo com a profecia do profeta Daniel...

Esta é a capa de um livro muito conhecido nos Estados Unidos, mas existem várias outras publicações sobre esse mesmo tema (mostra o slide da capa do livro *"The United States and Britain in Profhecy"*, de Herbert W. Armstrong).

Este livro trata de uma tese segundo a qual os antigos judeus das tribos de Efraim e Menassés migraram para as Ilhas Britânicas e para os Estados Unidos e que a seus descendentes estaria destinado o governo do mundo, subjugando a todos os povos. O já decadente Império Britânico julgava-se o único e definitivo na Terra; atualmente quem tomou o lugar da Inglaterra foram os Estados Unidos que, à custa de violência, exploração e desonestidade estão com o controle mundial em suas mãos. É a raça anglo-saxônica, "herdeira de Israel", que se arroga a hegemonia sobre as nações, causando toda a espécie de transtorno e sofrimento à humanidade, colocando mesmo em risco a integridade do planeta e a sobrevivência do gênero humano.

Os ingleses perderam muito poder, pois tudo que está em azul e em vermelho, 3/4 da riqueza da humanidade, de todo o planeta, pertenciam a eles.

Os povos anglo-saxônicos portanto, dizem: *"Como nós conseguimos tudo isso? Nós conseguimos tudo isso porque nós tínhamos uma herança que nos foi prometida por Deus por meio de Abraão"*.

O trono que a Rainha da Inglaterra usa, segundo se acredita na Grã-Bretanha, teria pertencido ao rei Davi. Por causa disso, portanto, ela seria a "representante" do Reino de Deus na Terra, cabendo então aos ingleses o comando do mundo... (*Ver foto na página 51*).

E vejam vocês que o Império Britânico foi (e é) o reino que distribuiu todas as drogas para o mundo! O reino anglo-saxônico (com os Estados Unidos) trouxe o reino dos narcóticos e do narcotráfico para a humanidade. Viciaram, intencionalmente, por meio da CIA, a juventude do mundo, os intelectuais, os artistas... [42]

A foto mostra, então, o trono que eles alegam ser ode Davi - com a pedra de Davi que teria sido transportada da região do Oriente – Israel - para a Inglaterra, na época da diáspora. Nesta outra foto, a rainha está sendo coroada como representante-mor de Deus na Terra. Ela é até mesmo a própria papisa. Não se submete a ninguém. É a representação máxima da Inglaterra.

Portanto, eu tenho de dizer a vocês que realmente esse império anglo-saxônico precisa ser muito questionado. E é ele que está dirigindo a globalização do mundo!

Este artigo denuncia: *"New Age - Base de um Totalitarismo"*. A New Age, com esse sistema de computação, Internet, constituem meios de controle de todo mundo na Terra. A informática (Internet) e os cartões de crédito são a forma mais fácil e mais simples que os poderosos arranjaram de controlar as pessoas, de saber como você pensa, o que você quer, como você vive, quem você é, quanto você gasta, quanto você tem, quais são os seus interesses, delimitando assim o que não é do interesse deles.

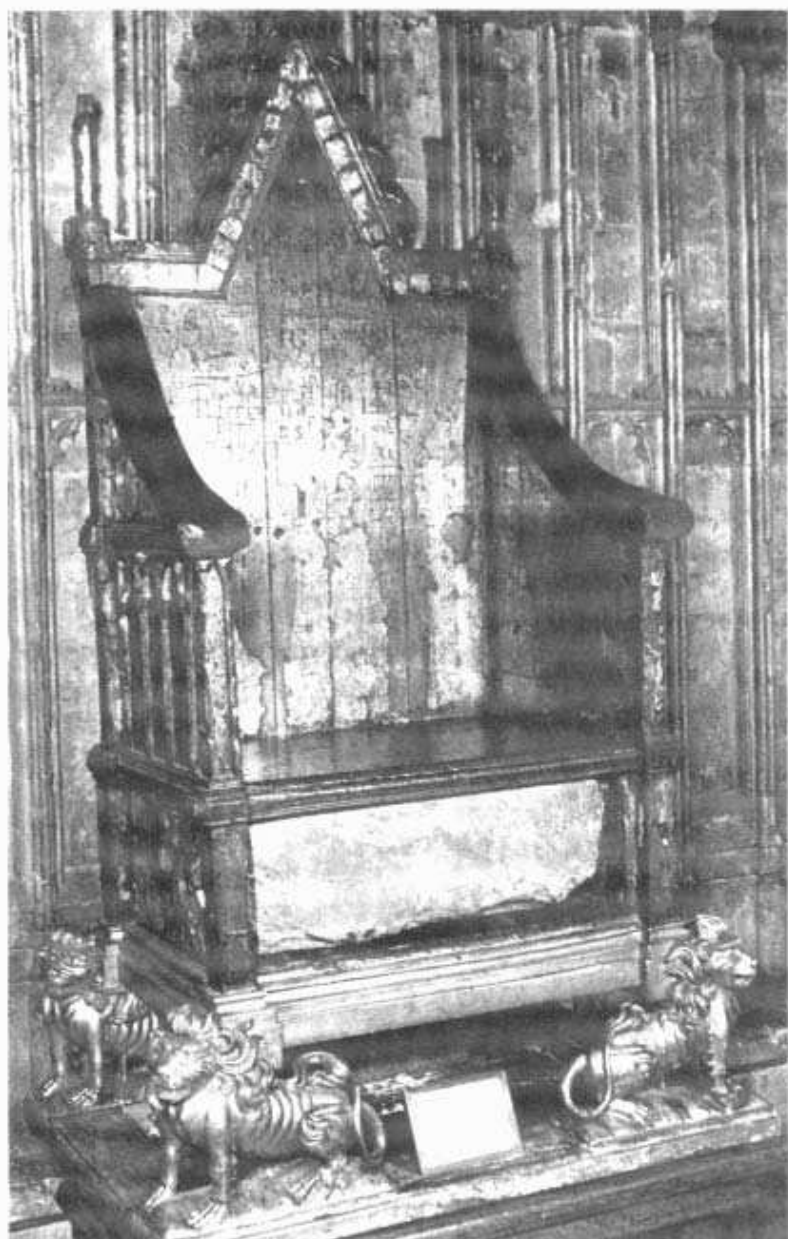
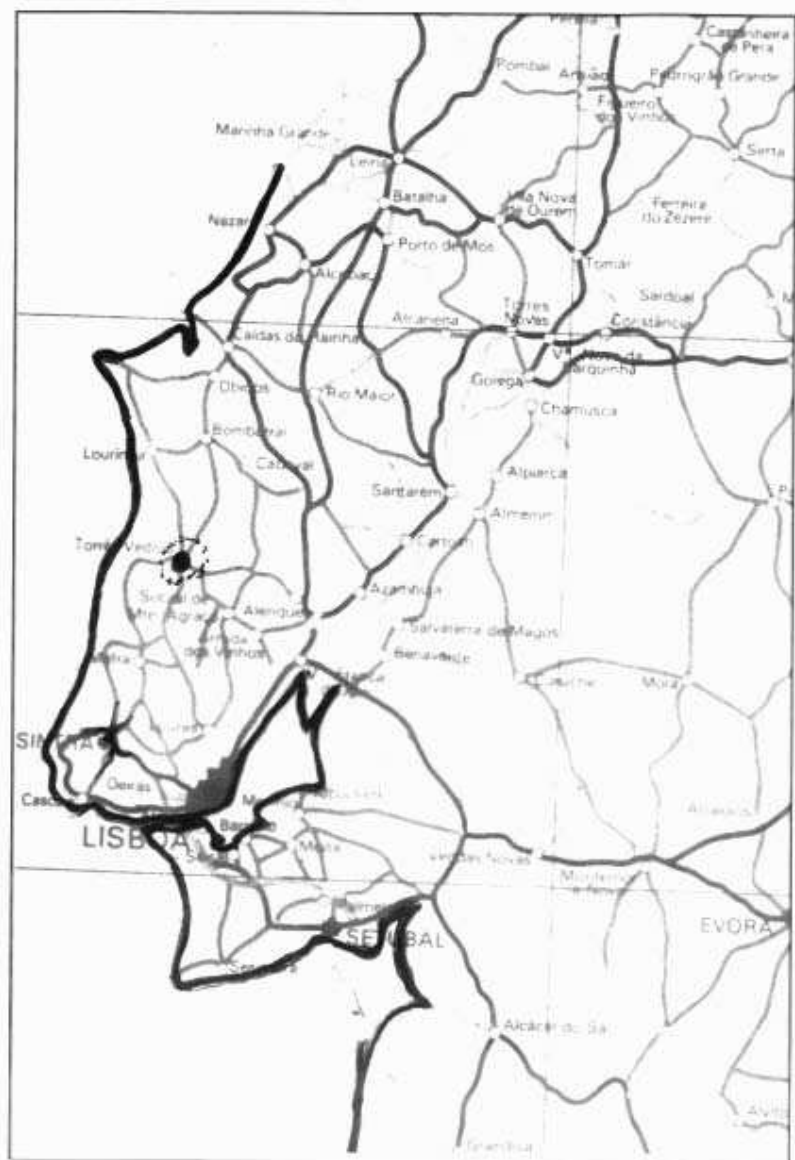
Thimothy Leary, professor universitário americano contratado pela CIA, distribuiu as drogas entre a juventude nos Estados Unidos e no mundo. A Shirley MacLaine , o Paulo Coelho já estão sendo questionados como um movimento intencional dentro da New Age a serviço desse governo invisível que quer derrubar toda a tradição verdadeiramente espiritualista monoteísta (judaísmo, cristianismo, islamismo).

Vocês podem verificar que tanto no islamismo como no judaísmo e no cristianismo, a especulação é um crime; é pecado cobrar juros do dinheiro emprestado. Logo, como poderia o império anglo-americano, que se baseia na especulação, fazer um reino de espiritualidade?

Este é, portanto, o império que esse governo invisível quer colocar: império das drogas, do controle pela Internet, da New Age, da especulação, dos bancos, do poderio bélico e econômico. A própria rainha da Inglaterra é muito manipulada por esse grupo da City of London, de milionários, e não manda mais nada. De fato, Jacob prometeu para Efraim e Menassés muita riqueza, mas ele disse também o seguinte: que a sabedoria do mundo, a orientação espiritual da humanidade (portanto a formação desse Quinto Império) seria a herança da tribo de Judá.

Esse reino seria feito pela sabedoria divina, legada em grande parte ao rei Salomão que, nos porões do Templo de Jerusalém, conservou uma quantidade enorme de livros e de profecias, cálculos esotéricos, de mapas do passado e do futuro da Terra, enfim, uma quantidade enorme de riqueza de sabedoria. Esse templo, aliás, foi construído com o ouro e pedras preciosas das minas, em grande parte, do Brasil.

De acordo com as profecias bíblicas, o Reino da Espiritualidade deverá ser organizado por descendentes da tribo de Judá , e só da tribo de Judá, mas para que todos os povos usufruam dessa felicidade .

Entre os descendentes dessa tribo estão Salomão, Davi, Maria, mãe de Jesus, Cristo e os apóstolos, primos-irmãos de Jesus, como João, Tiago, João Batista, etc. Caberia, portanto, à descendência de Judá a execução desse império, o Quinto, perene, que durará para sempre e será superior a todos os impérios e reinos anteriores.

Trono da rainha da Inglaterra com a pedra que, segundo a tradição, teria pertencido ao trono de Davi.

Mapa parcial de Portugal,
aparecendo a região de Lisboa
onde pode-se ver, curiosamente,
a face de um leão (símbolo de Judá).

Vocês sabem onde existem representantes da tribo de Judá, para onde foram as principais imigrações judaicas? Foram para a Península Ibérica. que é como uma Segunda Judá (Sefarad); de lá, vieram para a América Latina.

As imigrações deram-se em diversas fases. A Península Ibérica (ou Hebréia, ou Hebraica. daí seu nome,) foi toda ocupada por essa tribo de Judá, que são os espiritualistas. Depois, nos anos da perseguição, alguns desses judeus que estavam lá foram para a Holanda. e boa parte veio para o Brasil.

Entre as famílias judaicas que vieram da Holanda para se instalar na Bahia estavam as que posteriormente foram para a América do Norte fundar a Nova Amsterdã (atual Nova York).

Vocês sabem que a tribo de Judá é chamada Leão de Judá? Curiosamente, no contorno do mapa de Portugal, há a cara perfeita de um leão (*figura da página anterior*). Vocês não vêem um leãozinho no mapa? Isto é Portugal. É a carinha de Lisboa. E está olhando para o Brasil, não é? O Leão de Judá olha para o Brasil, para onde foram os seus rebentos.

Outra foto interessante é esta, que muita gente interessada em astrologia conhece. A astrologia contém informações que foram guardadas desse passado de sabedoria oriental, muito de Astrologia é tirado de lá. Então, aqui está o mapa astrológico. Vocês estão vendo aqui?

Na figura acima vemos que Leão (símbolo de Judá) faz dialética com Aquário (símbolo da Era do Espírito Santo) assim como na Era anterior, a do Filho, Peixes (Cristo) fez dialética com Virgem (Maria) e na Era do Pai (judaica), Balança (Lei Mosaica) fez dialética com o Cordeiro. Aparentemente o ciclo terminará quando o Escorpião (Lúcifer) fará dialética com o Touro (?...) e aí será o final dos tempos na Terra.

Até agora nós vivemos sob o domínio astrológico de *Peixes*, em conjunção com *Virgem*. Poderia dizer que *Peixes* é o símbolo do Cristianismo e *Virgem é* Maria, mãe de Crista

Antes disso, aqui seria o símbolo de Moisés (*Libra*), fazendo dupla com o *Cordeiro* (*Áries*), que são símbolos, respectivamente, da Justiça Divina e do judaísmo.

E agora *Aquário*, seria nossa era. Estamos entrando na era de Aquário, que faz dialética com *Leão*, que é o povo de Judá.

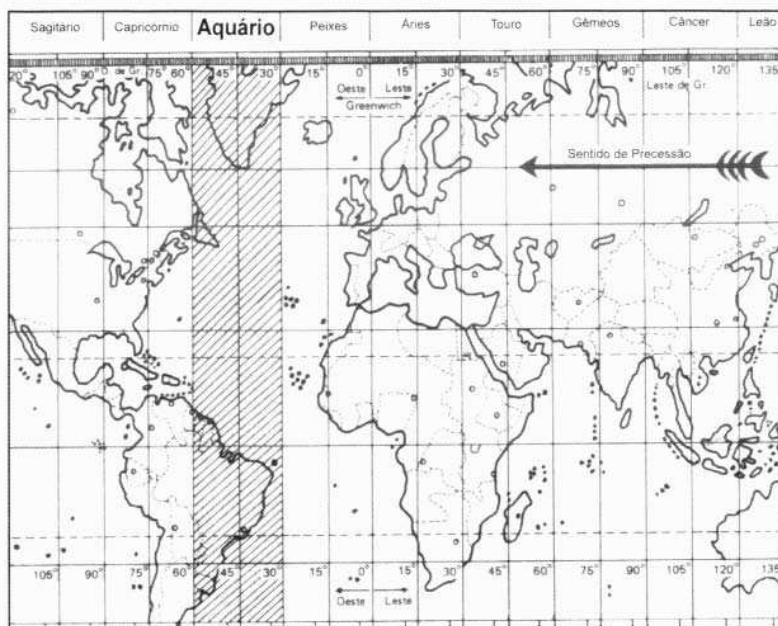
Podemos reconhecer em Aquário a representação feita por Cristo nos Evangelhos. Ele associa o Espírito que iria mandar para o mundo no futuro com a *água viva*. Ele sempre se referia a isso. O batismo não é feito com água? A Bíblia não diz que aquele que não renascer da água e do espírito não vai entrar no Reino de Deus? Então a água é sempre associada a espírito, ao Espírito Santo, ao Espírito Divino, a essa era de espiritualidade esperada pelos judeus, pelos cristãos, pelos islamitas, pelos budistas, por todos eles.

Aquário: a Era das Águas

E qual é o país das águas, que tem 2/5 de toda a água doce do mundo? É *o Brasil*, símbolo portanto de *Aquário*, que fará a dialética com *Portugal*, símbolo do *Leão da Tribo de Judá*.

Artur Spokojny, professor de Medicina da Corneel Medical College e estudioso da Cabala explica que em termos cabalísticos a água é entendida como um reflexo da força espiritual que existe nos mundos superiores. Essa força invisível é a origem e a fonte metafísica da sua existência. Afirma que a Luz Espiritual desdobra-se e desce através dessas dimensões, tomando-se densa a ponto de transformar energia espiritual em matéria física. A água é, portanto, a manifestação física da luz do Criador (luz líquida). Os cabalistas falam mesmo do poder de restauração da estrutura molecular que a água tem, podendo eliminar doença, sofrimento e até a morte. Interessante é que a enchentes, as tempestades, a inundações que ocorrem na Terra no momento coincidem com a Era de Aquário. Seria a origem dessas chuvas em abundância somente fruto do efeito estufa? Nenhum cientista chegou a uma conclusão definitiva.

Notem os senhores que neste gráfico, retirado do livro "A Mutação do Mundo", (*op. cit.*) o Brasil se encontra praticamente todo dentro da Era de Aquário, razão pela qual muitos profetas e pessoas esperam que daqui saia a civilização do Terceiro Milênio, bem como a orientação espiritual que deverá reger o mundo nesses próximos milhares de anos (*mapa na página seguinte*).

Arnold Keyserling, famoso filósofo e astrólogo alemão contemporâneo, esteve no Brasil em dezembro de 1979, especialmente para verificar de onde estaria saindo a orientação que a humanidade deveria seguir. Ao conhecer o

Mapa da Era de Aquário, faixa que passa pelo Brasil. Notem o ponto de cruzamento entre a linha 45° e o Trópico de Capricórnio, exatamente em cima de São Paulo.
A Mutação do Mundo, de Yvez Christiaen, op. cit., p.49.

trabalho de Trilogia Analítica em São Paulo ficou muito impressionado e notou que havia fundamentos para que se previssem as coisas nesse sentido.

O Império de Ferro

É preciso atentarmos bem a um fato: querendo ou não, existe uma programação cósmica e nós estamos inseridos nela.

Não é por causa disso que nós vamos todos aguardar passivamente alguma mudança. A história acontece com as nossas ações (como dizia Fernando Pessoa: *Deus quer*, *o homem sonha*, *a obra nasce*). *A* mudança não vai ser conseguida com "milagre". Porque este *Quarto Império* - o último antes do império da espiritualidade previsto por Daniel a Nabucodonosor - é o pior de todos, é o império do ferro, e não vai permitir essa mudança sem muita resistência... E como seria o Quarto Império, o Império do Ferro para vocês? Se vocês imaginam esse império como Daniel o descreve na visão que teve do quarto animal simbólico - um império de terror, de esmagar, morder, triturar com dentes de ferro seus irmãos, a Terra, os outros povos, outras nações, qual vocês acham que é ele?.

(*Respondendo a unia pergunta*): Sim, o Anticristo estaria inserido neste Quarto império, porque é o último, que será destruído pela espiritualidade verdadeira.

Quando se fala no *Império do Ferro ou Quarto Império*, vocês não pensam por exemplo, num reino de indústrias, máquinas, armas, tanques de guerra, submarinos, bombas, carros, poluição, refrigeradores, televisores, consumismo, drogas, triturando a Humanidade? Se alguém abre a boca para falar a verdade, até as grades das cadeias são de ferro. Então, é um pulso de ferro.

Portanto, esse reino que infelizmente dominou a humanidade, já está, felizmente, sendo conscientizado. Foi instituído pelo *Império Anglo-Saxônico*, ao que tudo leva a crer, ou seja, pelo império que teve 3/4 de toda a riqueza da Terra e que esmagou até mesmo o seu próprio povo – porque o povo inglês hoje em dia também leva uma vida insuportável! Eu vivi também um tempo na Inglaterra, trabalhei lá, atendendo clientes. Acho que pelo fato de eu ser psicanalista, eu posso chegar à alma das pessoas, com mais facilidade, ver como sente uma pessoa, por exemplo, do povo inglês, como sente o americano, como sente um brasileiro, um alemão. Atendi pessoas do mundo todo. Então, o que eu posso afirmar, com certeza absoluta, é que é impossível, para quem tem um pouquinho de consciência, gostar da estrutura social do Primeiro Mundo.

Aqui temos um pianista americano (amanhã ele vai tocar), que veio para o Brasil porque ele diz que a última coisa que pode suportar é ver em que o seu país se tornou. Aliás, muitos americanos estão altamente preocupados com a situação que se passa lá, da mesma forma que muitos ingleses, com a má qualidade de vida da Inglaterra.

Vários clientes que atendi em Londres tinham tenor de sair às ruas na Inglaterra e serem atacados. Os ingleses do povo são pobres: esse império de "riqueza" que os anglo-saxônicos organizaram foi o império que destruiu a eles próprios. Entretanto, não têm qualquer intenção de largar o prazer da corrupção do poder.

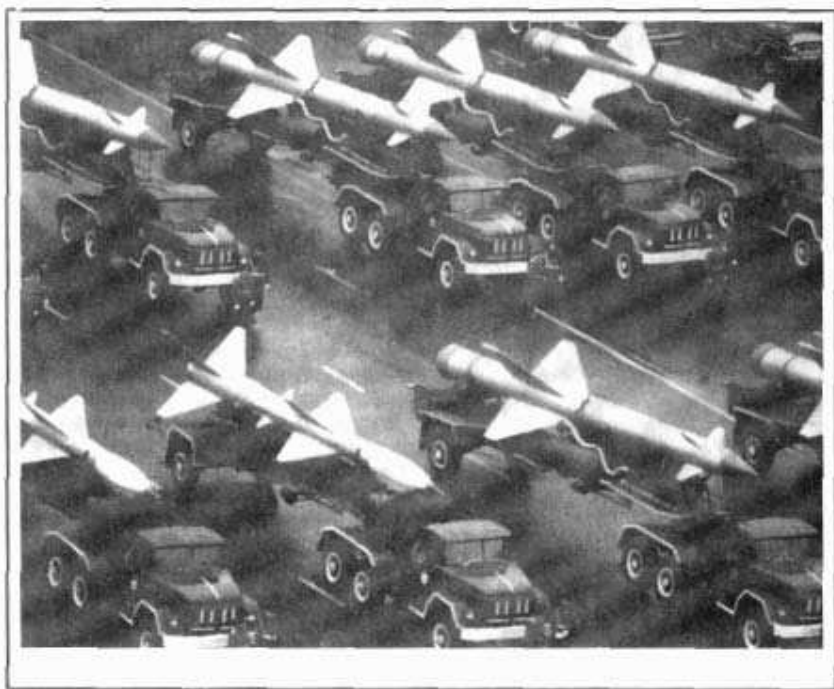
Por isso, eu quero sempre fazer lembrar que não estou falando de milagres. Estou falando de um plano que parece haver no sentido cósmico, mitológico, histórico, porque todos esses dados são comprovados em documentos, mas para mudar o mundo é preciso agir.

Por exemplo, os templários não foram à Lusitânia fundar Portugal por acaso. Portugal foi fundado com uma finalidade esotérico-cristã - econômica também - mas esotérica em grande parte. Isso exigiu muito trabalho, luta, suor e sangue – não foi milagre.

Fundado por São Bernardo e pelos templários, em 1139, Portugal foi o mais novo país da Europa. Os reis que o governaram desde sua fundação eram todos cavaleiros templários iniciados, de altíssima sabedoria e cultura, uma elite européia de reis da Borgonha, de origem germânica. O ideal de construir

um reino do Espírito Santo, um reino de riqueza e de prosperidade para o mundo, levou esses reis cavaleiros e os navegadores templários a enfrentar o Atlântico, morrendo uma porção de gente, até chegar aqui, com uma enorme coragem. porque eles sabiam que o Brasil, por essas escrituras trazidas já nos mapas da Biblioteca do Templo de Salomão, seria o local da civilização do futuro.

Os Sinais da Era do Ferro

Se alguém duvida que estamos vivendo no final do Império do Ferro profetizado por Daniel sugiro que simplesmente olhe à sua volta. Por exemplo, os antigos monumentos, palácios, torres e catedrais, sempre foram construídos de pedra, madeira nobre, metais preciosos e outros materiais.

Convém lembrar que a grande indústria desenvolveu-se principalmente a partir do ferro da *Grã-Bretanha*, cuja produção foi aumentada consideravelmente por métodos desenvolvidos pelos *ingleses*. Em 1805, a Inglaterra exportava *mais de quatro mi! toneladas de objetos de.ferro e outro tanto de ferro bruto*, com que se fabricavam instrumentos, máquinas, obras de engenharia, mas principalmente a milionária indústria armamentista. Por esse

motivo, a Grã-Bretanha é justamente considerada a sede oficial do Império do Ferro que, segundo Daniel, será substituído pelo Quinto Império Divino.

Antes desta era que vivemos, as estradas eram de tesa, chão batido, ou calçadas com pedras e cascalho. *A estrada-de-ferro é* marca exclusiva de nossa era – e também foi desenvolvida pelos ingleses.

A capacidade destruidora das guerras multiplicou-se com o desenvolvimento da indústria de armas, tanques, bombas e mísseis feito de ferro - milhões de seres humano foram destroçados através delas, além de outros tantos milhões que morrem de fome para que a indústria bélica seja sustentada.

Outra marca de nossa era são as frágeis construções de milhares e milhares de casinhas sem qualidade nos grandes aglomerados urbanos, *de tijolo e telhas de barro*, *ou* de *ferro misturado com cimento* (cimento armado) em lugar das construções sólidas, de rocha, da antiguidade . As técnicas para misturar ferro e cimento foram desenvolvidas na *Inglaterra*, *na Alemanha e nos Estados Unidos.*

É o *Império do Ferro e do Barro* tudo massacrando e triturando, como disse o profeta Daniel .

Quinto Império

Paralelamente a essa realidade, sempre houve profetas em diferentes partes do mundo - em quase todos os países - que previram, numa época ou noutra, que Brasil seria o local onde a *Era de Ouro* iria retornar para a Terra. Os portugueses tiveram a sorte de chegar até aqui e conservar o Brasil neste grande território, nesta grande nação, que até hoje é lusófona.

Os lusitanos, junto com índios e negros, "espirraram" com o poder holandês daqui, com o francês, para que o Brasil pudesse um dia cumprir sua missão.

Essa missão pode ser melhor entendida pela história dos primeiros jesuítas com formação templária que vieram para cá e organizaram as primeiras comunidades futuristas, com intenção de construir um modelo de sociedade que nunca houvera, um mundo novo, uma sociedade do futuro. Foi isso que fizeram com as famosas *Missões*, *ou Repúblicas Guaranis*, também chamadas de *"Terras Sem Males"*.

Eu acredito que talvez dr. Keppe possa falar alguma coisa nesta noite sobre o modelo da sociedade do futuro, que ele próprio desenvolveu e que tem muita coisa em comum com experiências altamente idealistas do passado. Ou os livros que já escreveu vão falar isso.

Existe um curso de Socioterapia que nós damos, mostrando que existem meios de construir essa sociedade (por intermédio do modelo das empresas e residências trilógicas, por exemplo).

A mudança, como dissemos, não vai ser feita por milagre. Vai ser feita na raça, no suor, na fé, no esforço e na inteligência, na superioridade da ciência, para se construir um reino como foi profetizado por todos os povos e religiões.

Urgência da Desinversão

Para haver o novo mundo, tem de haver mudança (desinversão) na vontade do homem e nas leis. São elas - muitas , se não a maioria delas - que estão invertidas, de ponta-cabeça, e devem ser desviradas, para a posição natural. Tem de haver a mesma desinversão nos valores, na justiça, nas questões econômicas e sociais. E existem meios práticos e científicos para se fazer isso.

(*Respondendo a uma pergunta*): Sim, Brasil e Portugal versus Inglaterra e Estados Unidos pode ser resumida como a competição entre as tribos de Efraim e Menassés (José) e a tribo de Judá.

É muito interessante lermos esses profetas, como Daniel, [saías, porque embora os textos pareçam, às vezes, meio atrapalhados, adquirem clareza se a gente entende que esses escritos foram feitos para os tempos atuais.

A maior parte do Antigo Testamento é simbólica, mas tem muita coisa que se encaixa nos tempos que vivemos hoje. Por exemplo, está escrito que a tribo de Efraim e Menassés iria humilhar muito a tribo de Judá, até o fim. Mas que um dia, no final dos tempos (e por essas profecias estaríamos agora no final desses tempos) a tribo de Judá iria assumir o comando, por comprovada superioridade de sabedoria.

Agora, como é que um país como o Brasil vai fazer esta virada?

Como será que os brasileiros irão conscientizar essa missão que têm e assumir com dignidade o comando de suas riquezas?

Na realidade, nós temos uma superioridade muito grande, em muitos sentidos, em relação a outros povos. Vocês sabem que aquele escritor austríaco, Stefan Zweig , quando veio para cá, fugindo da guerra na Europa, ficou encantado com o Brasil? Falou: se existe um paraíso na Terra é o Brasil.

Ainda bem que foram os portugueses que vieram para cá, que eu não estou encontrando aqui uma outra Alemanha, um outro Estados Unidos, uma outra França, porque aqui eu tenho paz, o ser humano tem valor como ser humano.

Vejam bem, isso não é considerado pelos poderes como algo de valor, mas é algo extremamente valoroso. Entretanto, como ainda existe uma diferença chocante de classes, o primeiro mundo explora isso nas mídias - jornais e televisão só falam das misérias do Brasil (que eles próprios do primeiro mundo provocam), para depreciar o país. Mas isso também é intencional.

De outro lado, o Brasil e o povo brasileiro não assumem a sua dignidade, os seus valores. Aqui estão os nisseis, os descendentes de árabes, de alemães, de italianos, de todo mundo, numa convivência única, sui-generis! O mundo

todo aqui no Brasil! Os japoneses e filhos que nascem aqui não querem mais saber de voltar para o Japão, pois, se eles voltam para lá, os próprios japoneses não os aceitam mais, não os reconhecem como japoneses. Aí eles correm para cá de volta, porque aqui é a terra deles, é a sua pátria.

Aqui existem certos valores universais que não existem em lugar nenhum do mundo. Isso não há dinheiro que possa comprar nem há nada que se possa equiparar a esses valores. Então, Oscar, nosso amigo português,[43] esta é a nossa grande missão, a missão escatológica portuguesa e brasileira - e cada um que está aqui tem uma missão a realizar, cada ser humano tem uma finalidade para cumprir na vida. Desse modo, cada um que está aqui não está por acaso. Um passou pela rua, outro recebeu um folheto, mas não foi por acaso. Vocês que estão me ouvindo, me lendo, vocês de alguma forma, respeitando a liberdade de vocês, a liberdade de racionalidade e de livre escolha, vocês estão aqui hoje para ter alguns conhecimentos sobre a nossa missão, a missão do Brasil no mundo - e cabe a nós cumpri-la.

Cumprindo Portugal e Brasil

Dizia Fernando Pessoa que falta cumprir Portugal. Até quando Portugal vai ficar nessa condição de humilhado pela Inglaterra, o Brasil humilhado pelos Estados Unidos, se o próprio Império Lusófono já foi tão grande e tão rico? Então cabe a nós conscientizar o nosso valor, o valor da nossa herança.

Cabe a nós começar a botar os pingos nos ii e a cuidar do que é nosso, educar o nosso povo, dar-lhe consciência e meios materiais para fazer do Brasil o maior país do mundo.

Agora eu queria mostrar um outro mapa, um mapa arqueológico não astrológico.

Dentro desse mapa, está o sentido do desenvolvimento da humanidade. Vocês estão percebendo? A cultura, a civilização vieram do Oriente para o Ocidente. Tudo começou lá, depois foi vindo, passou pelo Oriente, Oriente Médio, Europa, e agora está chegando nas Américas. A civilização vem de lá para cá, dentro de um movimento da Terra, de uma questão energética.

Então, aqui seria a fase do Aquário. Está pegando em cheio o Brasil.

Eu vou dizer para vocês alguns nomes de pessoas que consideraram o Brasil como sendo o berço desta cultura do homem superior e da civilização superior do 3° Milênio. Eu não vou poder entrar muito nesse assunto, pois já estamos adiantadíssimos na hora. Vou apenas dizer alguns nomes para vocês: Dostoievsky, o filósofo alemão Hermann Keyserling, o escritor austríaco Stefan Zweig, Agostinho da Silva, Rabindranah Tagore e Aurobindo, filósofos hindus, e muitos outros.

Vocês já ouviram falar na Blavatski, que criou a Teosofia, a Sociedade Teosófica? De acordo com o professor Jonas Negalha,[44] ela foi comprada

pelos ingleses e pelos americanos para não dizer que a grande raça, a raça primordial era a do Brasil, dos brasileiros; propuseram-lhe que, se ficasse quietinha e não mencionasse nada que são os brasileiros que irão fazer este império do futuro, eles lhe dariam um centro muito bacana em Londres e nos Estados Unidos e dariam todo o apoio para o trabalho dela

"Esoterismo" Britânico

O jornalzinho da Blavatski apoiado pela Inglaterra se chamava *Lúcifer*. Em Portugal isso já seria muito pouco provável acontecer, porque o esoterismo português é basicamente cristão, enquanto que o inglês é mais luciferino.

De fato, Blavatsky e o esoterismo inglês na teoria acreditam - e, em grande parte, os franceses acreditam - que Lúcifer foi injustiçado, que Lúcifer era um anjo de luz. O princípio da Nova Era inclui esses conceitos. Que a ele pertenceria a pedra esmeralda da sabedoria. E que a ele tem de ser restituída a sua posição de honra. E que Cristo seria até meio impostor em relação a ele.

Portanto, existem certos conceitos fundamentalmente opostos entre o esoterismo judaico-cristão-lusófono e o esoterismo inglês.

Aliás, o esoterismo britânico pressupõe que a vontade da pessoa deve ser dominante; isto é, a pessoa deve fazer tudo o que ela quer. Isto está no testa-mento de Alex Crowley - aquele esoterista inglês que tentou envolver Fernando Pessoa, por exemplo. Crowley, considerado o homem mais malévolo do mundo pela própria mãe, ficou muito famoso porque escreveu um testamento "A Vontade" (The Will) com dez mandamentos, em substituição aos 10 mandamentos de Moisés. Então ele fala tudo que a pessoa pode fazer, de acordo com a vontade dela. Você deve fazer tudo o que você quer. A vontade é soberana. A sua vontade é a deusa. E o último mandamento: você tem o direito de matar, de tirar a vida de todo aquele que impedir que sua vontade se realize.

Isso é um testamento que vim a conhecer numa exposição que houve na Quinta da Regaleira - quem conhece Sintra conhece bem esse local - uma maravilha arquitetônica, estilo manuelino. Lá dentro fizeram a exposição sobre Fernando Pessoa, junto com esse mago inglês. E não há nada a ver o Crowley com o Fernando Pessoa! O Fernando Pessoa passou mesmo muito mal depois que teve contato com esse esoterista inglês, chegando até à esquizofrenia. O poeta português envolveu-se com ele e depois se afastou, pois percebeu que esse tipo de esoterismo não funciona, porque pressupõe a existência do bem e do mal como duas forças iguais e contrárias (e não o mal como a inexistência, a simples ausência do bem , que é tudo o que existe verdadeiramente).

Pelo esoterismo anglo-saxônico o ser humano deve aceitar o mal também. Vocês não vêm esses filmes americanos e ingleses trazendo violência, decadência, monstros, demônios?

As criancinhas de hoje já não brincam de boneca como era no meu tempo. Agora brincam com monstros. Os brinquedos são criaturas montruosas , armas, para levar o ser humano a aumentar sua tolerância com a convivência com o mal, com os demônios, com os seres do espaço deformados, a fim de que o mal possa conviver na Terra. Por isso a gente já vê a vitória drogas e de toda a permissividade para o mal. Esse é o esoterismo anglo-saxônico.

Já o esoterismo cristão lusófono - de Fernando Pessoa, do prof. Agostinho da Silva, de António Quadros, de Camões, representantes do Quinto-Imperialismo lusófono é totalmente diferente.

Brasil, Pátria da Internacionalidade

Dentro das nações da Comunidade Lusófona e da América Latina, nós (Brasil) já somos um país da internacionalidade, da universalidade, que é um dos pilares do chamado Quinto Império, o qual abrange o conhecimento multidisciplinar, a largueza de consciência, a aceitação de todos os povos, o intercâmbio cultural entre as nações, o derrubar das barreiras belicosas.

O poeta italiano Dante Alighieri, ao se referir ao Cruzeiro do Sul, na Divina Comédia, diz claramente que esta constelação foi vista pela gente primitiva (primeira ou primordial) do hemisfério sul. Quer dizer, a raça primordial seria aqui. Victor Hugo, Montaigne, Rousseau, Whitmann, grande poeta (americano) fizeram predições intuitivas ou considerações muito boas para o Brasil. Blake já dizia que a palavra *Brasil* não foi colocada por causa de pau-vermelho ou pau-brasil. Brasil já era um termo antiqüíssimo, do passado da humanidade, das civilizações da Antiguidade, significando Ilha do Paraíso Perdido. Brasil, portanto, era a mesma Ilha de Vera Cruz, a Grande Ilha, a Ilha do Paraíso. Brasil é um nome muito anterior, é um nome místico.

Por falar em esoterismo influenciando a política, foi Dom Bosco, por exemplo, que motivou Juscelino Kubtischek a fazer Brasília. Não é brincadeira gente! Nós temos a capital em Brasília por causa de uma profecia de um santo italiano! Quando a gente fala em misticismo, mitologia, escatologia, o futuro da Terra, quando a gente fala isso, muitos pensam: "isso é coisa de mulher mística". Que nada! Os grande homens do mundo, os que dirigiram o mundo conheceram isso, deram enorme valor a isso, e governaram as nações fazendo a história baseados, em grande parte, em crenças (certas ou erradas) de fundo religioso-espiritual.

Juscelino, que foi um dos grandes presidentes do Brasil, construiu Brasília naquele lugar, com um projeto totalmente futurista de Oscar Niemeyer, para ser a capital esotérica do Brasil , o centro desse grande Quinto Império.

São Francisco de Paula já falava que era da geração dos portugueses que iria surgir o chamado "Pastor de Almas" a quem Dante Alighieri se referia em seus versos! Pastores de almas são as pessoas que orientam os povos.

Nas profecias do papa João XXIII, ele falava do surgimento da *Terceira Roma*, que é considerada São Paulo. Santo Isidoro fez também profecias semelhantes sobre a liderança portuguesa na formação do Quinto Império e seus seguidores foram executados, de acordo com citações do historiador açoriano Jonas Negalha.

Na verdade, quem fala em Reino do Espírito Santo, em Quinto Império, corre o risco de ser aniquilado por esses grupos de sociedades secretas, que não querem que este verdadeiro Quinto Império entre em cena. Eles querem o império deles. Globalização deles. O governo mundial deles.(Aqui estão incluídos os ataques dirigidos pela Igreja de Roma aos milenaristas em diversas fases da história).

Brasileiro, hoje em dia, é drogado por quê? Brasileiro nunca precisou de drogas! Ele tomava as caipirinhas dele, tinha as suas mulatas, o sambinha e o futebol. Por que o brasileiro entrou nas drogas? Porque isso é imposto, é colocado nas escolas, é o plano de uma multinacional de plantio, distribuição e venda de drogas em âmbito mundial. [45]

Os grandes beneficiados desse tráfico da morte são os lavadores de dinheiro, que são os banqueiros. São também chefes dos governos que têm total conhecimento disso! Eles dizem que não têm controle... Olhe aqui que eles não têm controle! Diziam que em Nova York o tráfico era incontrolável, mas agora colocaram policiamento. Na hora em que eles querem colocar policiamento nas ruas eles colocam. Têm todo o controle na mão! Nem por isso o consumo de drogas diminuiu.

É por isso que países como esse não podem fazer Quinto Império nenhum e é por isso que tantas pessoas fizeram previsões sobre o Brasil. Depois de William Blake, Dom Bosco, Pietro Ubaldi, Oswald de Andrade e tantos outros. Antonio Teimo, que é um grande iniciado do Quinto Império português, disse que o Brasil e a América do Sul começam a assumir no mundo a posição principal e fundamental.; mostra que todo o futuro da Terra, o ponto cardial do ciclo europeu vai para o hemisfério sul. Há uma quantidade enorme de pessoas que fazem esse mesmo tipo de prognóstico, por meio de profecias e de previsões sobre o Brasil e a América Latina.

Portugal também terá um papel fundamental ligado aos países da comunidade lusófona, como Angola, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné-Bissau, Macau, Açores, etc.

Portugal Templário: As Festas do Divino

Tomar foi a cidade-sede dos cavaleiros templários em Portugal, na qual estava um dos seus principais castelos-fortes Gualdia Pais, ele foi o primeiro templário português.

Os templários portugueses eram diferentes dos ingleses, pois tinham essa idéia, essa intenção de fazer o Reino do Espírito Santo, esse Reino de Justiça no mundo. Assim, eles tiveram problemas com o Vaticano, por razões óbvias. Pois o Vaticano não queria perder o seu poder na Europa.

Se os clérigos perdessem o poder temporal, os religiosos - papas, bispos e tudo isso - teriam de voltar a ser como os primeiros cristãos. Pois a premissa do 5° Império é essa, todo mundo teria de ter aquela atitude dos primeiros cristãos; não como pobres e perseguidos, mas com os verdadeiros ideais do cristianismo.

Uma coroa é usada nas festas do Divino. Nessas festas, é uma criancinha que é coroada, como que já festejando o futuro da humanidade, quando as crianças é que vão governar o mundo, o espírito da criança.

O Espírito Santo é um espírito de criança, espírito puro, espírito de alegria. Em outra foto mostro um menino coroado Imperador do Divino em Parati, Rio de Janeiro.

Muita gente vai à festa do Divino em Tomar, em que as bandeiras do Divino, desfilam pelas mas totalmente enfeitadas com flores. Eles fazem em Tomar essas festas de quatro em quatro anos e são muito bonitas.

Eu acho que o povo aqui do Brasil, tendo chance, deveria conhecer o Portugal esotérico. Aquele país tão pequenino contém uma das maiores riquezas da civilização, da cultura do mundo e acho que nem os portugueses têm consciência disso. A gente fez algumas vezes o percurso de Lisboa - se quiser vai-se de Sagres, da escola das navegações - até Santiago de Compostela. Vocês sabiam que Santiago de Compostela é o 3° santuário mais importante do mundo?

Há ode Jerusalém, ode Roma (Vaticano) e o 3° é o de Santiago. Santiago de Compostela deveria ser justamente a catedral que iria marcar essa era do Espírito Santo. Jerusalém é do judaísmo, Roma (Vaticano) é do Cristianismo, e Santiago de Compostela, da Era da Espiritualidade. E. por isso que a Unesco (da ONU) já está lá.

A Unesco - que assim como a ONU é manipulada pelas sociedades secretas dirigentes da Terra - é agora " dona" de Santiago de Compostela, que foi, assim, transformada, em parte, num Centro Internacional de Bruxaria. Hoje, ao lado dos símbolos cristãos há bonecos de bruxas para vender nas lojas, tão do agrado do esoterismo anglo-americano.

No passado, foi da Galícia, daquele centro, que saiu toda a orientação cristã que veio para o Brasil e para a Península Ibérica, para a Igreja portuguesa. O nosso cristianismo não é igual ao francês, ao alemão. É mais característico do espírito dos apóstolos João Evangelista e de seu irmão Tiago.

PARTE II
BRASIL:
DA DESCOBERTA DE SALOMÃO
AOS TEMPOS MODERNOS

Apresentação

Nesta segunda parte, vamos fazer uma rápida incursão panorâmica pela história do Brasil, à bordo, primeiramente, dos barcos dos navegadores fenícios, que navegavam por todos os mares e que levaram os judeus, no tempo de Salomão, à misteriosa terra de Ofir , Parvaim e Tarschisch — que segundo alguns historiadores é o Brasil.

No capítulo 3 - *"Saga Judaica"* , primeiro desta parte, chamamos a atenção do leitor para alguns pontos fundamentais : 1) A chegada das naus de Salomão às costas brasileiras; 2) A formação, principalmente na Amazônia, de tribos indígenas com descendentes dos marinheiros judaicos, como acentua o historiador Onfroy de Thoron; 3) a profecia de Daniel e outras sobre o Quinto Império e em que medida elas se referem ao Brasil de hoje; 4) o conceito de "Reino sem Rei" dos judeus, como protótipo do Império Espiritual do Espírito Santo; 5) o conceito de herança divina — as promessas feitas à Tribo de Judá de liderar o mundo no futuro com o cetro da sabedoria; 6) as migrações desta tribo à Península Ibérica e ao Brasil, transformadas em novas Judás, herdando por conseguinte a promessa de liderança espiritual.

No capítulo 4, que se poderia chamar "Saga *Cristã"*, abordamos os conceitos milenaristas dos primeiros adeptos do cristianismo: sua espera da Parusia ou Reino do Espírito e a sua busca de formação de uma sociedade igualitária, justa, livre e fraterna - que predominou durante vários séculos entre os seguidores de Jesus. Vemos também como esse ideal guiou , de certo modo, as caravelas da Ordem de Cristo e os missionários milenaristas que para cá vieram, tentando vivenciar na prática o Quinto Império de Daniel.

No capítulo 5, sobre o *Esoterismo Templário Europeu*, trazemos um estudo acerca da organização religiosa que deu origem ao Reino de Portugal e aos Descobrimentos: a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão, formada por monges-cavaleiros cristãos, e fundada em Jerusalém. Discorremos sobre como os mapas dos fenícios e dos hebreus, possivelmente guardados na

biblioteca de Salomão, chegaram às mãos dos grão-mestres da ordem, dando origem ao plano das navegações. Mostramos que os templários se dividiram em dois ramos: um materialista e malévolo - que se refugiou na Inglaterra (onde existe até hoje), dando origem aos primeiros banqueiros da humanidade - e outro dos idealistas, que se abrigou em Portugal.

No capítulo 6 tratamos especificamente deste ramo ibérico da ordem, que se concentrou em Portugal, único país em que os templários ficaram protegidos (pelo rei D. Dinis) quando foram perseguidos em toda a Europa pelo rei Felipe, o Belo, e pelo papa Clemente V, por motivos até hoje discutidos, numa polêmica interminável.

No Capítulo 7, sobre a *Dinastia dos Reis-Templários de Borgonha em Portugal* – mostramos que desde seu nascimento, em 1139, a nação portuguesa foi um Reino-Templário, governado por reis-cavaleiros de ascendência franco-germânica, da dinastia de Henrique de Borgonha. Mostramos como estes reis alemães e franceses, aliados aos portugueses, mantiveram aceso o ideal de chegar a Ofir, a terra dourada que Salomão visitara – e que, segundo as profecias, seria o lugar que daria origem ao Quinto Império ou Paraíso Terrestre – o Brasil.

No Capítulo 8, mostramos como o "descobrimento" da América, feito por Colombo, seguiu o impulso do milenarismo espanhol, sendo o próprio navegador dito genovês um frade franciscano da Ordem Terceira, imbuído de ideais milenaristas e messiânicos –demonstrando que o que move o mundo é o espírito e não a matéria – e tudo o que fazemos obedece a uma ordem espiritual, no sentido positivo ou negativo da ação. Discorremos também sobre duas polêmicas teses lusitanas: 1) que os portugueses chegaram muito antes de Colombo à América; 2) que o navegador genovês, residente em Portugal, casado com uma portuguesa e freqüentador habitual da corte lusitana, trabalhava secretamente para o rei de Portugal, a fim de desviar a Espanha do Brasil e da rota marítima para as Índias. Por esse motivo, o navegador teria dado à Ilha de Cuba esse nome, em homenagem à cidade portuguesa de Cuba, situada no Alentejo; e teria sido pela mesma razão que, ao retomar de sua primeira viagem à América, foi ter primeiro com o rei de Portugal e não como monarca espanhol que lhe financiara a viagem...

Nos três capítulos seguintes tratamos do que se convencionou chamar de *Milenarismo Italiano*, com sua influência sobre Portugal , Brasil e países colonizados pelos portugueses

No capítulo 9, primeiro dessa série, abordamos a figura italiana que mais influenciou a Europa de ponta a ponta (incluindo a Rússia) no século XII, trazendo com suas idéias um renascimento do verdadeiro espírito cristão e a reação contra os poderes corruptos e censuradores da Idade Média: o abade calabrês Gioachino di Fiori. Influenciando os templários, os artistas e os cristãos de modo geral, este pacífico religioso tomou-se o centro de uma convulsão,

preparando o Renascimento Europeu, com sua doutrina das Três Idades. Di Fiori influenciou grandemente o rei de Portugal D.Dinis, que iniciou, com a Rainha Santa Isabel, as Festas do Divino Espírito Santo, até hoje muito vigorosas no Brasil, Açores e em muitos países colonizados pelos portugueses.

No capítulo 10 - *São Francisco de Assis e os Franciscanos da 3° Ordem*, tratamos desta outra extraordinária figura italiana, Giovanni Bernardone (São Francisco), cujo exemplo vivo de protesto à corrupção de grande parte do clero e de retomo às origens apostólicas do cristianismo, arrastou atrás de si uma multidão de rapazes e moças ricos e da nobreza, que davam as costas à estrutura de poder social da época, abraçando a vida de ideal cristão. Nesse capítulo vemos como os Franciscanos, sobretudo os leigos da Ordem Terceira, influenciaram nossa cultura e a espiritualidade portuguesa e brasileira, difundindo a doutrina de Gioachino di Fiori e o culto ao Espírito Santo por toda a Europa, mas principalmente em Portugal, sendo português o mais famoso dos fransciscanos, conhecido como Santo Antônio de Pádua (Padroeiro de Portugal). Recordamos que a primeira missa oficial do Brasil foi celebrada por frei Henrique de Coimbra, um franciscano.

No capítulo 11, trazemos um estudo sobre Dante Alighieri que, com sua *Divina Comédia* e sua obra *A Monarquia*, preparou o renascimento europeu pela literatura. Grande difusor da doutrina de Gioachino di Fiori, ele influenciou bastante o rei de Portugal D. Dinis, seu contemporâneo.

No capítulo 12 – *O Descobrimento Planejado do Brasil e a Tomada da Terra Prometida* – mostramos como o nosso país não foi descoberto por acaso como se ensina (ouse ensinava) na história oficial e também que a chegada dos portugueses às costas brasileiras deu-se *antes de 1343*. Por esse motivo, nossa terra já aparecia com esse nome (Brasil, que significa "Terra Abençoada") em muitos mapas da Idade Média, anteriores a 1500.

No Capítulo 13 – *Rei D. Diniz e Rainha Santa Isabel: Projeto Áureo e as Festas do Divino* – retratamos a vida e a obra daqueles que foram provavelmente os dois monarcas mais brilhantes da História Portuguesa, os autores do Projeto Áureo, ou Projeto do Império do Espírito Santo, que por meio de Portugal abriu as portas do mundo para os Descobrimentos e a Modernidade. Os dois criadores do *Culto Popular ou Festa da Coroação tio Imperador do Espírito Santo* foram também os protetores da Ordem dos Templários (que estava sendo perseguida em toda a Europa), por eles transformada em Ordem de Cristo – a "Cavalaria do Mar", que com a Escola de Sagres originou as navegações e as descobertas.

No Capítulo 14, *De Anchieta a António Vieira: Os Jesuítas e a Construção do V Império*, mostro como os primeiros missionários, imbuídos de milenarismo e messianismo templário e gioachimita, tentaram realizar no Novo Mundo, sobretudo com as *Missões ou Repúblicas Guaranis*, o sonho do Quinto Império. Nóbrega, Anchieta, Vieira , a Fundação de São Paulo de acordo

com profecias antigas, são alguns dos palpitantes assuntos que abordamos neste capítulo, com uma visão totalmente nova de seu trabalho, missão e apostolado.

Padre José de Anchieta, fundador de São Paulo (com, Manoel da Nóbrega)

Finalmente, no Capítulo 15 — *História do Futuro que se Apresenta: Poetas, Profetas e Pensadores do Quinto Império* apresentamos de forma sucinta alguns dos principais artistas, místicos e filósofos que anunciaram ou anunciam a vinda dessa nova idade, também chamada de Império do Espírito Santo. Estão ali reunidos Camões, Fernando Pessoa, Bandarra, padre Antônio Vieira, prof. Agostinho da Silva, Leonardo Coimbra e os Renascentistas Portugueses, os Modernistas Brasileiros, entre eles Ariano Suassuna, os músicos do Brasil como Chico Buarque, Ivan Lins e Alceu Valença e muitos outros que, consciente ou inconscientemente, trabalham e vivem por esse ideal.

Capítulo 3

A Saga Judaica
Salomão Descobrindo O Brasil
A Construção do Templo de Jerusalém com Ouro e Riquezas do Brasil

"O Rei Salomão construiu também navios (...) *O rei Hiram enviou a Salomão marinheiros fenícios experimentados, para acompanharem os de Salomão. Assim navegaram até Ofir; donde lei aram a Salomão mais de catorze toneladas de ouro."*

(1 Reis 9: 26. 27, 28)

De três em três anos, a frota de Salomão regressava.
carregada de ouro, prata, marfim, macacos e pavões."
(1 *Reis* 10:14, 27).

Advertência:
O Terceiro Milênio e o ano de 5760

Gostaria de advertir o leitor que há uma notável coincidência entre as profecias judaicas e as milenaristas cristãs sobre o tempo que estamos vivendo agora — em que são aguardadas transformações totais em nosso mundo, a partir do novo milênio que se inicia.

Por exemplo: na publicação do Centro de Estudos da Cabala de São Paulo, o rabino Berg [46] afirma que *"no calendário judaico, o ano de 5760 representa a data mágica de entrada numa nova era. A importância desse ano foi descrita em detalhes há quatro séculos pelo mestre cabalista Abraham Azulai.* (...) *O mestre escreveu* (...) *que uma grande transformação espiritual iria ocorrer a partir do ano hebraico de 5760: os mistérios da Cabala seriam divulgados nos quatro cantos do Inundo, veríamos diminuir o tempo e o espaço, e os segredos da imortalidade finalmente começariam a se tornar conhecidos."*

Para Berg, *"coincidentemente 5760 corresponde ao ano 2.000, trazendo um novo significado espiritual e um propósito: o uso da água para purificar nossa consciência de toda contaminação que sofreu por causa do domínio do anjo da morte."*

Conforme vimos anteriormente, o Brasil , país das águas, está em cheio no âmago dessas profecias, como centro transformador e difusor da chamada Era de Aquário que se inicia.

Introdução

Antes de apresentarmos dois assuntos centrais deste capítulo — a emigração maciça da tribo de Judá, herdeira do cetro da sabedoria e da liderança espiritual , para Portugal, a profecia do Quinto Império e a chegada dos hebreus ao Brasil, que marcam profundamente a história de nossa nação — vamos trazer alguns dados essenciais sobre a cultura e o messianismo judaico, que influenciaram amplamente o curso da história, da Antigüidade aos nossos dias

Para a finalidade deste estudo, o período da história judaica que nos interessa tem início há aproximadamente quatro mil anos , quando Abraão (filho mais velho de Noé) nascido em Ur, na Caldéia, tornou-se patriarca do povo hebreu.

Nessa época, de acordo com o relato bíblico, ele estabeleceu uma aliança com Javeh, o Deus único, puro Espírito, diferente dos "deuses" adorados pelos

demais povos do planeta Terra - deuses de forma humana e imagens materiais (politeísmo e idolatria). Por causa dessa aliança, Abraão recebeu do ser divino a promessa de uma descendência numerosa e do estabelecimento em uma nova terra — tendo-se fixado em 1921 a.C. com seu povo na terra de Canaã ou Palestina.

Formação do Povo de Israel

Abraão teve dois filhos: Ismael, de sua escrava Hagar, e Isaac, de sua mulher legítima, Sara. De Ismael surgiu o povo ismaelita (árabes), e de Isaac o povo hebreu. Isaac teve também dois filhos: Esaú e Jacob. Dos filhos deste último originaram-se as famosas doze tribos de Israel - assunto que veremos à frente. O Deus de Abraão não prometia o que os outros prometiam: riquezas e poder obtidos por lutas sangrentas, disputas desleais, vinganças, assassinatos, roubos e joguetes preparados com a astúcia dos seus guias do mundo sobrenatural.

Não, Javeh trazia uma nova lei e uma nova esperança ao seu povo eleito: de recuperar, praticamente, o paraíso perdido por seu ancestrais Adão e Eva. O caminho que Ele ensinava para conseguirem isso era algo bem diferente dos sacrifícios humanos e de animais: Ele recomendava a observação das leis de bondade, honestidade, justiça, fraternidade e fidelidade a Ele, como o único e verdadeiro Deus do Amor. Caso obedecessem às orientações, às leis que lhes eram transmitidas, teriam, como resultado, paz, proteção, terra, alimento em fartura, saúde e uma grande descendência "tão numerosa quanto as estrelas do céu", que haveria de povoar toda a terra (Gênesis).

Pelos altos e baixos vividos e sofridos pelo povo hebreu, introdutor do monoteísmo, nota-se entretanto que ele não tem ficado firme, até hoje pelo menos, no cumprimento da sua parte na aliança.

Em relação ao nosso estudo, o que é muito importante ressaltar na cultura judaica é:

1) o conceito de organização do reinado sem rei do povo hebraico;

2) o conceito *de promessas feitas* por Deus a esse povo, idéia que faz parte da essência do judaísmo.

O Conceito de Reino sem Rei

O conceito de reino hebraico ou judaico, na sua origem, era o de uma organização desprovida de um rei humano. Inicialmente, o povo hebreu foi guiado por indivíduos sábios, profetas espiritualizados e tementes a Deus, que buscavam diretamente n'Ele as diretrizes para governar o povo.

Esse regime era uma espécie de Teocracia, pois não havia "trono" para um rei humano, ao contrário dos demais impérios e reinados existentes.
Deus

estava entronado, de forma simbólica, em sua morada celestial, e de lá dava, por meio dos filhos mais sensatos, todas as coordenadas necessárias para que sua descendência tivesse uma vida de paz e felicidade na terra prometida.

Rebeldes, os próprios hebreus exigiram de seus patriarcas um rei humano, igual aos dos povos vizinhos, vindo a formar uma monarquia, cujo primeiro rei foi Saul. (1 Samuel, 8).Foi só então que a estrutura original e ideal foi quebrada.

A herança das 12 Tribos

Quero, porém, retornar ao assunto das tribos de Israel, pois do seu entendimento vai depender a compreensão do conceito judaico- cristão da realização da sociedade divina na Terra.

Jacob teve 12 filhos e deixou determinado o que caberia no futuro aos seus descendentes, como uma espécie de "herança" ou promessas, que seriam inevitavelmente cumpridas. Diz o Gênesis 49: "Jacob mandou chamar os seus filhos e disse-lhes: *"Cheguem-se cá que eu quero anunciar-vos aquilo que vos espera no futuro"* - e a eles anunciou o que viria a acontecer, tanto de bem como de mal; aos mais receptivos coube a herança das riquezas materiais ou espirituais, e aos insubmissos, os castigos e maldições; até que, no final, todos unidos convivessem em paz numa Nova Terra.

Após a morte do rei Salomão, as onze tribos dividiram-se, devido a brigas pela escolha do rei sucessor. O reino de Salomão dividiu-se em dois: o da Judéia, formado pela tribo de Judá, que seguiu a Roboão, filho de Salomão e neto de David, e ode Israel, compreendendo as dez tribos restantes, incluindo a de Menassés e Efraim, que seguiram o general rebelde Jeroboão: *"Deste modo se revoltaram estas tribos israelitas contra a dinastia de David, até o dia de hoje. "*(1 Reis 12).

Como assinala o historiador Victor Mendanha em seu livro *História Misteriosa de Portugal* [47] mantiveram-se separados os dois reinos hebraicos, até que, em 721 a.C. o rei Assírio Salmanazar atacou o reino de Israel, dizimando-o e dispersando os sobreviventes por diversas regiões, sendo por isso chamadas de "as dez tribos perdidas de Israel".

A tribo de Judá ficou intacta, até o ano de 586 a.C., quando o rei Nabucodonosor invadiu a Judéia, destruindo o templo de Jerusalém e fazendo o povo judaico cativo.

Como veremos mais à frente, Mendanha chama a atenção para o fato de serem estes judeus da tribo de Judá, herdeiros do cetro da sabedoria, intérpretes das escrituras e que se chamavam a si mesmos de "sefardins", ou judeus do livro,, que emigraram para a Península Ibérica, em levas sucessivas.

É preciso salientar que a leitura tanto do Antigo como do Novo Testa-mento é considerada sempre atual, isto é, a história repete-se, de maneira

cíclica, até que se realizem as profecias feitas por Deus a seu povo. Por exemplo, os atritos continuam entre israelitas e judeus, na disputa das "heranças prometidas".

Convém lembrar que 75% do conteúdo do Antigo Testamento diz respeito à realização, "no final dos tempos", das maravilhosas promessas sobre o reino de Deus na Terra - cheio de riquezas, paz e felicidade; portanto, quase todo o seu conteúdo está por se realizar. O que anima os crentes dessas escrituras, dando-lhes a certeza da realização de tudo que lá está prometido, é que os restantes 25% já se realizaram, criteriosamente, de acordo com o previsto e anunciado pelos profetas.

Promessas de Jacob a Efraim e Manassés: Grã-Bretanha e Estados Unidos?

Dentre as promessas feitas por Jacob a seus filhos e à descendência destes, vale a pena mencionar as mais importantes: as dirigidas a Judá, de um lado, e a José, de outro, com seus dois filhos, Efraim e Manassés, que vieram a formar as tribos com seus nomes.

Antes de morrer, Jacob foi visitado em seu leito de morte por José com os filhos. Disse então a José: *"O Deus Supremo apareceu-me em Luz na terra de Canaã e abençoou-me, dizendo: 'Eu vou.fazer com que a tua família cresça e se torne muito numerosa, de modo que de ti surgirão muitas nações e vou te dar esta terra e aos teus descendentes como propriedade deles'. Em seguida, Jacob pediu a José que trouxesse mais para perto do leito seus filhos Efraim e Manassés e os abençoou, dizendo: ' Que o Deus a quem obedeceram os meus antepassados (...) abençoe estes jovens (...) E que eles tenham muitos descendentes até encherem a terra'. Continuando, afirmou: Manassés há-de tornar-se um grande povo. Mas o seu irmão mais novo (Efraim) há de ser maior do que ele e os seus descendentes serão suficientes para formar várias nações! ". (Gênesis 48.)*

Mais adiante, acrescenta a José: *"O Deus supremo abençoou-te com a chuva do céu, com tudo o que cresce das profundezas da terra, e tornou férteis as tuas mulheres e os teus animais. Abençoou-os com abundância de cereais e com a riqueza das montanhas eternas". (Gênesis 49.)*

Muitos autores americanos e ingleses modernos, estudiosos da história judaico-cristã, acreditam que Efraim corresponderia ao que posteriormente veio a se chamar Inglaterra e ao poderoso e numeroso Império Britânico - rico e cheio de nações (no final do século XIX, a Grã-Bretanha possuía 3/4 de toda a riqueza do planeta)! Manassés seria os Estados Unidos, irmão de Efraim (Inglaterra) – que se tomou um grande povo, muito poderoso. Portanto, de acordo com esses autores, José, pai de Efraim e Manassés, corresponderia ao colossal império anglo-americano.

A queda desse fabuloso império, caso abandonasse as leis eternas de Deus (como bondade, honestidade, misericórdia) etc., foi também prevista por profetas ao longo do Antigo Testamento. Por exemplo, de acordo com II Reis 17, vs. 34, as promessas de Deus a Israel só seriam mantidas a todas as gerações, caso os israelitas seguissem "os mandamentos que o senhor transmitiu aos descendentes de Jacob, a quem deu o nome de Israel".

"O *Senhor tinha. feito uma aliança com os descendentes de Jacob e deu-lhes entre outros os seguintes mandamentos:* (...) *'Devem obedecer dia após dia às regras e preceitos, às leis e aos mandamentos que vos dei por escrito; e não devem adorar outros deuses, nem esquecera aliança que fiz convosco. Repito: não devem adorar outros deuses, mas só a mim, o senhor, vosso Deus, que vos livro das mãos dos vossos inimigos.'"* . (*II Reis 17, vs. 37-39.*)

Notem a atualidade desses textos: quando falavam de outros deuses e das práticas das nações politeístas, eles se referiam não apenas aos ídolos, mas também à adoração de riquezas materiais, aos maus hábitos, a toda a forma de comportamento destrutivo, agressivo, desonesto, injusto, dominador e desleal (patológico nos termos atuais).

São fartas as publicações que tratam da queda do Império Britânico e Americano, prevendo para breve o total colapso do poderio econômico financeiro por eles formado, não apenas por motivos religiosos, mas porque nenhum império pode sobreviver baseado em conduta e filosofia tão doentes e decadentes. (Ler, a respeito, *A Decadência do Povo Americano e dos EUA*, de Norberto R. Keppe, 1985, *e The United States and Britain in Prophecy*, de Herbert W. Armstrong. Ver dados completos na bibliografia).

Promessas de Jacob a Tribo de Judá: Como os Herdeiros do Cetro Espiritual Emigraram para a Península Ibérica e Brasil

"Por isso o Senhor ficou profundamente irritado contra os israelitas e os baniu de sua vista. Só ficou a tribo de Judá. Mas nem mesmo o povo de Judá obedeceu aos mandamentos do Senhor seu Deus, pois imitaram os costumes adotados pelo povo de Israel." (II Reis 17, vs. 18- 20.)

Apesar do texto acima, a preferência de Deus pela tribo de Judá fica clara e expressa no decorrer do Antigo Testamento. Nas suas promessas ao seu filho Judá, Jacob disse: *"Judá, tu serás homenageado pelos teus irmãos. Com o teu poder dominarás os teus inimigos. E os teus irmãos hão de inclinar-se diante de ti. Tu, meu. filho, Judá,* és como um *jovem leão, quando está de volta da sua caçada; agacha-se e deita-se no chão como um leão ou uma leoa."*. (Daí a conhecida expressão Leão de Judá e o fato de praticamente todas as casas reais européias adotarem o Leão como símbolo de seu poder e dominação.) *"Quem lhe poderá resistir? O cetro não será retirado a Judá nem o bastão de comando que ele tem nas mãos, até que venha Aquele a quem eles*

pertencem, a quem os povos devem obediência." (Aqui está a referência ao Messias Judaico). *"Ele prende o burro a uma videira, a um pé de vinha, o seu jumentinho."* (*Gênesis*, 49.)

Portanto, à tribo de Judá foi destinada a liderança e riqueza espiritual, a humildade, a sabedoria - e não o poder material. Entretanto, seria só ao fim de muitas lutas e humilhações que o povo judeu e seus descendentes conseguiriam a vitória e a recompensa pelos seus esforços.

No momento, os descendentes de Jacob encontram-se espalhados por inúmeras nações. Assim como as demais tribos de Israel, a maior parte dos descendentes de Judá migraram para outras regiões, em diferentes épocas, mas se concentraram principalmente na Península Ibérica, mais especificamente Portugal, que foi o abrigo dos refugiados judeus desde muito antes do nascimento de Cristo. Diz Rainer Daenhardt, historiador alemão fixado em Portugal há muitos anos, que Ibero é a transformação da palavra Hebrew (lê-se Ibru) que quer dizer hebreu - e que em português veio a soar Ibero. Fontes históricas nos mostram também três grandes migrações judaicas para a Península Ibérica, antes da Era Cristã:

= A primeira, por volta de 884 a.C., levados pelos fenícios, que já tinham chegado à Península e transportado seus vizinhos judeus para terras mais distantes, incluindo o Brasil.

=A segunda, no ano de 586 a.C., quando as tropas do rei Nabucodonosor lI invadiram o reino de Judá, arrasando Jerusalém, destruindo o templo e levando quase toda a população em cativeiro para a Babilônia. Os remanescentes fugiram.

=A terceira vaga deu-se no ano 74 d.C., quando o Imperador Vespasiano ordenou a segunda destruição de Jerusalém (sendo destruído também o seu templo).

Victor Mendanha afirma em seu livro já citado, à página 65, que os judeus que chegaram à península *"de tal forma sentiram esta terra como sua que lhe chamaram Sefarad por eles próprios se apelidarem de "sefardins", ou judeus do livro, portanto intérpretes das Sagradas Escrituras, enquanto que os que* se *fixaram no norte da Europa são conhecidos por askenazins.* (...) *Há necessidade de lembrar encontrar-se no* reino *de Judá a origem dos judeus ibéricos ou "sefardin", e no reino de Israel a pátria dos judeus "askenazim".*

Relembra este autor uma antiga crença judaica, divulgada por Santos e Silva nos seus *Episódios e Tradições da Lusitânia* , *"a qual consiste na certeza que os filhos de Abraão alimentam de a Península Ibérica ser a sua segunda pátria, , tendo trazido para aqui algumas alfaias litúrgicas e livros sagrados, salvos in extremis do Templo de Jerusalém"* .(*p.67*)

Conclui a seguir o historiador: *"Portanto, os hebreus que se fixaram nas regiões onde se situam Portugal e Espanha não eram israelitas, pois esses*

tinham sido brutalmente dispersos pelo rei assírio Salmanazar, mas judeus ou hebreus do reino da Judéia ou de Judá, portanto "sefardins", ou judeus do livro".(p.67)

Além disso, em diversas ocasiões Portugal recebeu judeus imigrantes, que lá conviveram e se miscigenaram com árabes e cristãos, pacificamente. Portugal tomou-se portanto a 2ª pátria da tribo de Judá, muito mais segura e acolhedora, devido à distância geográfica das zonas de conflito, sendo por eles chamada de "Nova Sefarad". Desse modo, a herança dessa tribo transferiu-se para a Lusitânia – e desta, posteriormente, para o Brasil.

Lendas e tradições orais contam que Maria, mãe de Cristo, esteve nessa região, ao Norte de Portugal e na Galícia, onde seu sobrinho Tiago (Jacob) fundou uma das mais profícuas comunidades cristãs, atualmente conhecida como Santiago de Compostela, considerada pela Unesco, como o 3° Santuário mais importante do mundo, após Jerusalém e Roma. Há mesmo a possibilidade consistente de Maria ter-se refugiado no oeste da Península Ibérica com Cristo durante os anos de fuga às perseguições herodianas, e não no Egito, posto que era na extrema costa ocidental da Ibéria que as comunidades judaicas da época obtinham refúgio tranqüilo. Apóiam esse possível fato histórico passagens do Antigo Testamento referentes à diáspora das tribos de Israel, quando tiveram de abandonar a região em que viviam para se instalar na direção noroeste, até as "costas longínquas, à beira dos oceanos". A região mais extrema ao oeste da Europa é Portugal, onde a chamada Finis Terrae (Fim da , Terra), local próximo a Santiago de Compostela.

É de amplo conhecimento que os judeus em Portugal transformaram-se nos "cristãos novos", para lá continuarem a residir, e tiveram seus nomes mudados para uma variedade enorme de nomes de árvores, animais, e outros que hoje formam grande parte das famílias brasileiras: Camargo, Carvalho, Pereira, Coelho, Avelino, etc., etc.

Os Judeus Vêm ao Brasil por Volta do Ano 1000 a.C.

Conforme já abordamos anteriormente de modo genérico, fontes históricas mostram-nos que fomos visitados pelos judeus aproximadamente a partir do ano 970, antes de Cristo.

As viagens dos fenícios ao Brasil, que depois fizeram expedições conjuntas com os judeus, foram narradas pelo historiador Diodoro de Sículo com as mesmas características com que nos é contada a viagem de Cabral (as mesmas correntezas oceânicas, a mesma vegetação encontrada, um clima ameno, abundantes frutos, caça e pesca, uma população pacífica e inteligente.

Em 1008 antes de Cristo, o rei David da Judéia faz acordo com o rei Hirão, dos fenícios, para a exploração por mar de terras distantes - e os mais recentes estudos de antropólogos e historiadores verificam a presença dos

fenícios e judeus no Norte e Nordeste do Brasil, aproximadamente nessa mesma época.

Há muitas evidências que levam a crer que o próprio templo do Rei Salomão foi construído com a riqueza das minas de ouro e pedras preciosas do Brasil. De acordo com Schwennagen e outros autores, de 970 a 936 a.C. frotas de Hirão e de Salomão navegaram pelo rio Amazonas; daí a origem do nome do Rio Solimões (Salomão).

Por esse motivo, o historiador Onfroy de Thoron defende a tese de que muitos dos índios do Brasil são descendentes dos marinheiros bíblicos de Salomão, tendo nas veias o mesmo sangue hebraico que depois transmitiram aos negros e portugueses, pela miscigenação racial. [48]

"Os navios do Rei Hiram, que transportavam ouro de Ofir, traziam também uma grande quantidade de madeiras exóticas e pedras preciosas." (*1 Reis 10:11.*) *"T)dos os anos Salomão recebia quase vinte toneladas de ouro.* (...) *O rei tinha no mar navios de longo curso que navegavam juntamente com os de Hiram. De três em três anos, a frota de Salomão regressava, carregada de ouro, prata, marfim, macacos e pavões."* (1 Reis 10:14, 27).

Diante das evidências de que os navios dos fenícios e de Salomão viajaram pelas costas da África e do Brasil - principalmente pelas inscrições fenícias encontradas nas cavernas do Nordeste (especialmente Pernambuco) - é óbvio que tais viagens foram devidamente documentadas, com mapas das terras, rotas e correntes marítimas, bem conhecidos e detalhados, os quais certamente foram guardados nas bibliotecas de Salomão. (Importante é memorizar esta explicação, para podermos compreender a formação dos Templários, do Estado Português e os Descobrimentos do final do século XV e início do século XVI).

Aliás, como já mencionamos, o nome *"fenícios"* vem de *"púrpura"*, *"vermelho cor de sangue"*, pois faziam tecidos finos, tintos de púrpura, como os europeus vieram a fazer depois, usando o *"pau-brasil"*.

Outras fontes ligam Salomão às minas de ouro da América Latina. De acordo com *"O livro de Profecias de Cristóvão Colombo"* , a tradição de que o templo de Salomão foi construído também com o ouro da América Equatorial já era documentada no século XV.[49]

Cristóvão Colombo, em sua missão apocalíptica de chegar às novas terras do além-mar para concretizar as profecias de um reino universal cristão, acreditava firmemente que lá ele encontraria as perdidas minas de ouro de Salomão. A ciência do século XV afirmava que a origem de ouro em abundância estaria localizada em terras situadas no Equador.

Na sua quarta viagem, o grande navegador encontrou aquilo que reconheceu como *"As Minas de Áurea"* (ou do Jardim do Éden) tomadas famosas por Salomão. E assim Colombo escreveu: *"Davi, por sua vontade, deixou três mil quintais de ouro das Índias para Salomão, a fim de construir o*

Templo, *e*, *de acordo com José*, *o ouro veio mesmo desses países*. *Jerusalém e o Monte Sião serão reconstruídos pelas mãos de um Rei Cristão*. *Assim falou Deus através de seu profeta no Salmo catorze* (*vers*. *7*). *O abade Gioachino di Fiori* disse *que aquele que iria reconstruí-lo viria da Península Ibérica*". [50]

Colombo atribuiu, portanto, ao Rei Fernando de Espanha a tarefa apocalíptica de reconstruir o Templo de Jerusalém com o ouro redescoberto na América Equatorial.

Daniel e a Profecia do Quinto Império: Um Retrato dos Dias Atuais?

Poetas geniais, como Fernando Pessoa, oradores incomparáveis, como o Padre António Vieira, judiciosos rabinos judeus, como Menasseh Ben Israel, reis-templários que se tornaram lendas, como D. Dinis e D. Sebastião, religiosos atuantes, como Nóbrega e Anchieta, santos, profetas, organizações religiosas, políticas e econômicas têm nascido, vivido, esperado e sonhado em torno de um único e refulgente nome, que atrai a Humanidade como um astro poderoso e sintetiza todo o ideal humano de felicidade : V Império, também chamado de Reino Divino na Terra.

Tanto a História Antiga, quanto a Medieval, a Moderna e a Contemporânea têm sido intensamente direcionadas por esse pequenino, e ao mesmo tempo grandioso nome, oriundo de uma profecia feita há cerca de 2.500 anos no remoto império babilônico de Nabucodonosor, pelo profeta judaico Daniel.

V IMPÉRIO
Fernando Pessoa (*Mensagem*)

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, *no erguer da asa*,
Faça até mais rubra a brasa
Da *lareira a abandonar!*

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida *dura*.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição de raiz –
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vêm.

Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vai toda idade
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião ?

Embora já tenhamos falado sobre a profecia de Daniel, vamos retornar ao assunto, agora de um modo mais aprofundado, e com mais detalhes.

Entre 586-539 a.C., quando o povo judeu estava subjugado e cativo na Babilônia, Nabucodonosor, o monarca do Império Babilônico teve um sonho que o impressionou. Convocou todos os escribas e magos do império para que lhe dissessem o que sonhara e interpretassem tal sonho. Como ninguém conseguisse advinhá-lo, o rei deu ordem para que fossem mortos todos os sábios do reino ; entretanto, Daniel, o profeta hebraico em cativeiro, conseguiu, com a ajuda de Deus, adivinhar o sonho de Nabucodonosor e dar a sua interpretação. Eis o que disse ao monarca sobre o sonho :

"O rei viu uma imensa estátua, esplêndida mas de aparência terrível. A cabeça era de. fino ouro, o peito e os braços de prata ; o ventre e os quadris de bronze ; as pernas de ferro, os pés em parte de ferro, em parte de barro. Enquanto o rei olhava, unia pedra foi lapidada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou ; juntamente foi esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, e o vento a tudo levou, e deles não se viram mais vestígios, mus a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha que encheu toda a Terra." (2 Daniel 31-35)

Muito impressionado com o fato de Daniel ter adivinhado o sonho em detalhes, pediu ao profeta que o interpretasse. Assim o fez Daniel :

"O Império da Babilônia é a cabeça de ouro. É o mais magnificente de todos os impérios, mas não vai durar para sempre. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, o de prata ; e um terceiro reino, de bronze, que terá o domínio sobre a Terra. O quarto reino será forte como o ferro: pois o ferro a tudo quebra e esmiúça. Como o .ferro quebra todas as coisas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará.

Quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, em parte de ferro, será esse um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da, firmeza do, ferro, pois que viste o, ferro misturado com barro de lodo. Misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.

Mas o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído r este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos , e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O grande Deus fez saber ao rei o que há de ser futuramente. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação." (2 Daniel, 38 – 45)

Portanto, este profeta de linhagem nobre, aprisionado com seu povo na Babilônia, adivinhou e interpretou por inspiração divina o sonho do rei Nabucodonosor sobre a sucessão de quatro impérios humanos, que culminaria no 5°, o Divino.

A Interpretação dos Cristãos

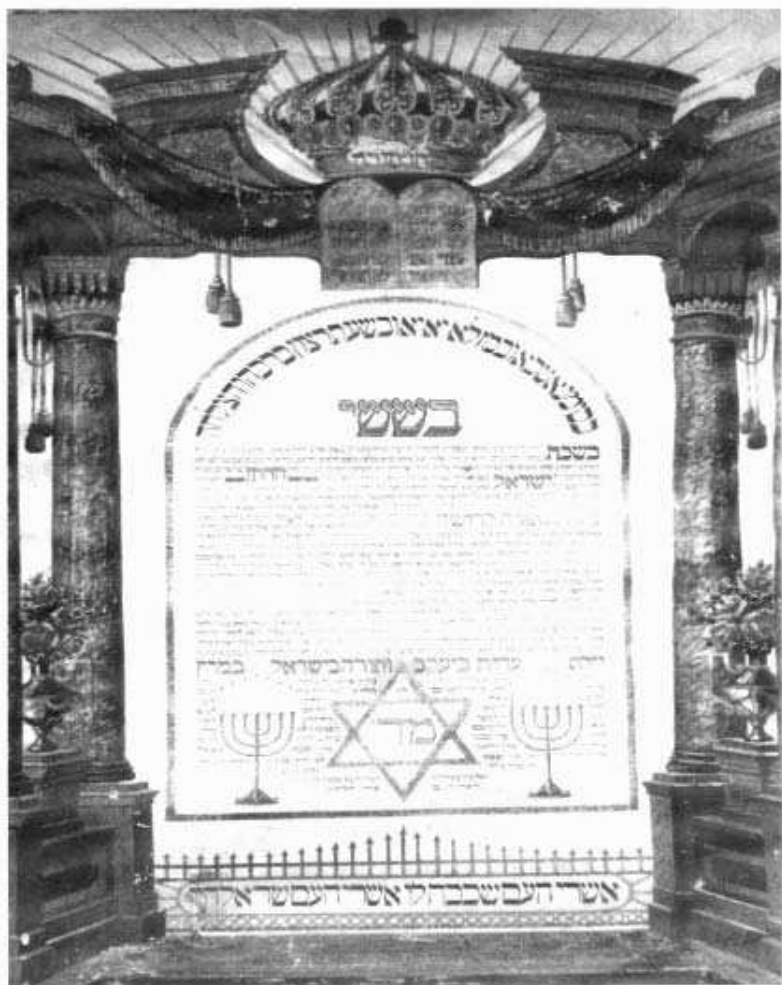
Geralmente interpreta-se que o Império de Ouro foi o Babilônico; o de Prata, o Medo-Persa; o de Bronze, o Grego e o de Ferro e Barro o Romano – o último império antes da vinda de Cristo, a «pedra celeste » que veio para destruir a glória dos anteriores e construir o Reino Eterno de seu Pai aqui na Terra.

Fato interessante é que, após a queda do Império Romano, muitas nações tentaram reviver a glória dos anteriores, na tentativa de criar o 5° Império, o universal, que irá durar para sempre

De alguma forma, reis, ditadores e líderes políticos fizeram e fazem suas tentativas : Hitler, Napoleão, Carlos Magno, Frederico II da Alemanha, os Habsburgos da Áustria, e tantos outros...

Esqueceram-se eles, contudo, de que esse império seria construído a partir da "pedra" lançada por Deus – isto é – com base nos ensinamentos daquele que não seria fruto dos homens, mas de Deus.

A Interpretação de Menasseh Ben Israel

Rabino judaico português, um dos mais respeitados da história do judaísmo, responsável pela Sinagoga de Amsterdã na Holanda, Menasseh Ben Israel, com quem esteve o padre Vieira discutindo questões do Quinto Império, escreveu em 1655 o livro *"A Pedra Gloriosa ou a Estátua de Nabucodonosor"*. Nesta obra - que dedica a Isaco Vossio, homem da Câmara da rainha da Suécia – afirma que, pelo sonho de Nabucodonosor, Daniel descreve toda a história

Interior da Synagoga de Lisboa.

futura do povo de Israel (que, evidentemente abrange todos os descendentes dos judeus espalhados pelo mundo. incluindo os cristãos).

Segundo o rabino, essas profecias tinham se demonstrado infalíveis até aquele momento, reforçadas mesmo que foram por « *testemunhos de diversos profetas*, *a quem Deus revelou o mesmo sonho. ainda que por diferente modo.»* (frase constante na dedicatória « Ao Leitor » do referido livro).

O autor explica que a estátua revela as 4 monarquias (ou quatro impérios) que antecederiam o perene e universal império (o 5°) — o qual seria feito

pelo messias (o Espírito de Cristo ou Espírito Santo, para os cristãos quinto-imperialistas). Segundo Ben Israel, « *a pedra é o messias* » para a união e libertação do povo de Israel.

«Deus revelou a Nabucodonosor, naquela portentosa estátua (...) *a Existência de Deus, sua Pré-ciência e Providência ; como se revela por meios proféticos aos homens, e o cuidado que teve com seu amado povo, e terá até o fim do mundo.»*, escreveu o rabino.

Por meio da visão da estátua, feita de ouro, prata, bronze e por uma mistura de ferro e barro, diz Ben Israel que Deus mostrou os impérios que tiranizariam os israelitas. Cada um deles seria substituído, gradativamente, por outro mais decadente – e que seriam todos, finalmente, destruídos pela *« pedra vinda do céu » :* o messias da Casa de David (tribo de Judá), o monarca do 5° Império, o rei dos judeus.

Quanto à interpretação de que as monarquias ou impérios mundiais e poderosos seriam aqueles que perseguiriam os judeus, Menassé Ben Israel cita o primeiro sendo o da Babilônia, o segundo, o Persa, o terceiro, o Grego e o quarto o Romano. Da mesma forma, os assírios, os medas, os chineses, etc. estariam excluídos dessa interpretação, pois nenhuma relação de dominação tiveram sobre os judeus.

Os gregos de fato usavam armaduras de bronze, metal que caracteriza o terceiro império ; porém, muitos consideram o império grego unido ao romano, especialmente considerando que o Império Greco-Romano usou muitos apetrechos de bronze. Faltou igualmente Menasseh a visão profética de que a mais terrível perseguição feita aos judeus estava por vir (Segunda Grande Guerra Mundial) – o maior holocausto jamais perpetrado aos filhos de Abraão.

4° Império: o Atual?

Quando nos lembramos desta terrível era da humanidade (século 20), podemos facilmente ver um horrendo império de tanques, bombas, submarinos, aviões, bombardeios, prisões: uma grande indústria bélica, da qual só se beneficiaram os "monarcas invisíveis", os milionários do mundo e os grandes banqueiros, o 4° e mais destrutivo de todos os impérios - cujos governantes foram e são ferozes inimigos do povo (judeus, cristãos, muçulmanos e povos sem poder).

Tendo em conta que, conforme vários autores, [51] tanto Hitler como Lenin (o nazismo e o bolchevismo) foram financiados por banqueiros, temos consciência de que um império « invisível », formado pela alta finança internacional e muito pior do que qualquer outro existente, está dominando neste século. Império esse que foi responsável pelas duas guerras mundiais e pelos acontecimentos recentes da história da humanidade.

Este quarto e último império, o do ferro misturado com o barro do lodo, que quebra todas as coisas, faz em pedaços e esmiúça, utilizando até mesmo bombas atômicas, seria o ferocíssimo quarto animal, visto num outro sonho pelo profeta Daniel ; animal que mata e devora sem piedade, pior que os três animais (impérios) anteriores .

Esse quarto « governo invisível » evidentemente tem sua sede nas nações mais poderosas da atualidade – Estados Unidos e Inglaterra – que, juntas, formam o chamado Império Anglo-Americano, o qual chegou a dominar a quase totalidade das riquezas da Terra, estando hoje em plena derrocada, mas indubitavelmente sediando ainda esse poder malévolo.

Curiosamente, esse «clube de milionários», com sede em Nova York e Londres, reuniu-se em dois grupos : um constituído pelos poderosos da economia das sete nações mais ricas (G-7), e outro pelos das dez mais poderosas (G-10). O primeiro poderia perfeitamente ser comparado com a chamada « besta do Apocalipse » de João, a qual, segundo a profecia desse apóstolo, tem sete cabeças que são sete reinos e que será lançada no «lago de fogo» no fim dos tempos ; e o segundo com os dez dedos de ferro e barro que sustentam a estátua de Nabucodonosor e que serão atingidos e esmiuçados pela pedra divina do Quinto Império.

Povos Anglo-Americanos x Povos Latinos:
Israel e Judá dos "Últimos Tempos"?

Com os olhos fixos na atualidade, vamos rever, resumidamente, as profecias do Antigo Testamento sobre as tribos de Jacob e os últimos tempos:

– As 12 tribos de Israel deveriam crescer muito, através das gerações, vindo a formar novas nações, espalhando-se pelo mundo todo (diásporas). Muitos povos da Europa são descendentes dessas tribos.

– Aos descendentes de José (Efraim e Manassés) coube a herança de riquezas materiais e poder temporal. Posteriormente os descendentes de Efraim teriam migrado para a Inglaterra e os de Manassés para os Estados Unidos antigo Reino Unido.

– A Judá coube a herança da riqueza espiritual: dessa tribo saíram os profetas, os sábios, Maria, mãe de Cristo, e o próprio Messias. Posteriormente Judá emigrou para a Península Ibérica e América Latina, principalmente Portugal e Brasil.

– A tribo de Judá ficaria à parte das 11 tribos de Israel, sendo humilhada por estas até o "fim dos tempos".

– No "final dos tempos" Deus faria Israel curvar-se diante da superioridade da sabedoria de Judá e unir-se a ela - que assumiria a liderança espiritual dos povos e nações formando o esperado Reino de Deus na Terra (a Jerusalém Celeste na Terra).

- Efraim e Manassés, donos de enorme poder sócio-econômico (Império Britânico e Estados Unidos) iriam combater e humilhar Judá (Península Ibérica e América Latina) até o fim, sendo que estes teriam como herança a forçada espiritualidade e da sabedoria. Efraim e Manassés acabariam por perder todo o seu poder e se vergar diante da superioridade de Judá.

Isso tudo não se retrata de maneira clara na história das duas civilizações? Não são os povos de língua inglesa muito numerosos e organizadores de grandes nações, mestres na aquisição de riquezas materiais? Não têm eles numerosa prole de suas mulheres férteis? Não tiveram e tem eles o domínio sobre todo o alimento, o ouro, as matérias-primas do planeta?

E não têm os povos de língua portuguesa e hispânica sempre sido humilhados pelos seus "primos" anglofônicos, pelo fato de não valorizarem as riquezas materiais e por cultivarem mais o espírito, as artes, a tolerância racial, a paz e a universalidade de culturas?

Tanto os Estados Unidos como o Brasil, o líder da América Latina, contêm grandes extensões de terra que abrigaram imigrantes de diversas regiões do globo. Porém a diferença entre um país e outro é gritante: nos Estados Unidos, sempre houve violentas lutas raciais dos brancos não só contra os negros, mas também contra as outras etnias. Lá se formaram os "guetos" - cada povoem agrupamentos isolados: Chinatown ou o bairro dos chineses, o bairro dos hispânicos, dos italianos, dos irlandeses... Sem se falar da intolerância religiosa nos Estados Unidos e no Reino Unido (protestantes e católicos matam-se até hoje na Irlanda do Norte).

No Brasil, à semelhança do ocorrido na cultura moçárabe portuguesa, todas as raças, credos e culturas convivem amistosamente; povos miscigenam-se e culturas integram-se em harmonia. Aqui judeus casam-se com palestinos, brancos com índios e pretos, a sociedade comunga com todas as culturas que para cá vieram. Aqui não existem seitas fanáticas, aqui somos todos brasileiros, o que nos deu essa fama de seres universais, tolerantes e pacifistas diante do mundo todo.

Os Filhos de Abraão perdem o direito exclusivo ao Reino de Deus

Cristo, o maior representante da tribo de Judá, já havia profetizado que o reino do Pai seria distribuído não mais aos herdeiros de Jacob, que rejeitaram a sua orientação e mataram o seu Filho, mas a todos os povos da Terra e a todos aqueles que O aceitassem. Com a vinda de Cristo ao mundo e com o ataque que os judeus lhe fizeram, o Reino de Deus deixou de ser exclusividade dos filhos de Abraão, passando a ser um privilégio de todos os homens de boa vontade.

Foi no Brasil, a Grande Ilha de Vera Cruz, que o ideal de comunhão dos povos já se tornou uma realidade, e vê-se muita atualidade nas profecias de Isaías e Jeremias que avisam o que Deus reserva para o futuro do seu povo:

"Eu vou trazê-los dos países do Norte, reuni-los dos confins da terra (...) *O meu povo chegará aqui a chorar, mas eu hei de conduzi-lo e dar-lhe conforto."* (Jeremias 31:8, 9.) Notem os leitores que o único país onde os judeus e outros povos estrangeiros nunca foram perseguidos ou sofreram discriminação foi o Brasil, aqui obtendo todos os recursos materiais para sua sobrevivência, podendo trabalhar e ter sua prática religiosa em paz, fosse ela qual fosse.

Disse Isaias (49: 9,10,11,12,13): *"Diz o senhor* (...) *aos prisioneiros saiam da prisão!*(...) *Haverá boas pastagens ao longo dos caminhos, e encontrarão alimento em todas as colinas. Não passarão fome e nem sede* (...) *Vejam como eles chegam de longe! Uns vêm do Norte, outros do Ocidente, e outros da terra do Egito, ao Sul!* (...) *Na verdade, o Senhor reconforta o seu povo e mostra o seu amor aos humilhados. "*

Lendo essas escrituras parece estarmos lendo o que os antigos judeus previam para o futuro do Brasil, e compreende-se por que tantas pessoas, de tão diferentes origens e atividades, também previam o mesmo com relação ao nosso país.

Capítulo 4

O Milenarismo Cristão

"*Meus agitar* mo/em" (*O espírito Inove a matéria*)
Virgílio, Eneida. VI.72

É muito comum haver nos meios acadêmicos uma análise que desconsidera os fatores psíquicos e espirituais existentes por trás dos movimentos históricos. Tais análises apresentam a História como se fosse um amontoado casual de fatos desconectados ou então um conjunto de fenômenos regidos por interesses apenas materiais .

Para haver uma melhor compreensão da realidade, é preciso aceitar a unificação das contribuições metafísicas, teológicas, filosóficas e científicas, dentro de uma visão integral (trilógica), sendo esse o objetivo deste livro. Nesse sentido, é muito significativo que o "descobrimento" do Brasil tenha sido feito não por um estabelecimento marítimo comercial, como a Companhia das Índias (inglesa) mas sob o signo da cruz cristã.

O fato de ter sido uma organização religiosa, a Ordem de Cristo, sucessora da Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão. quem projetou e alcançou a chegada às costas do Novo Mundo mostra que por trás das descobertas estavam elevados interesses muito fortes de ordem espiritual e esotérica, além das ambições materiais, embora estas também existissem.

O poeta Fernando Pessoa, em *Mensagem*, retratou bem o significado dessas navegações, que tinham à frente cavaleiros iniciados da Ordem de Cristo, como Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral . "É *a cruz das oito beatitudes* (...) *a cruz da Ordem de Cristo que as caravelas ostentavam na gesta dos descobrimentos. Neste sentido* (...) *Mensagem* (*de Fernando Pessoa*) *é a Ordem de Cristo, herdeira da Ordem do Templo, realizando nesta terra a missão ecumênica de que S. Bernardo, D. Dinis e o Infante D. Henrique foram os principais representantes ou doutrinários*", afirma-nos António Quadros, historiador português, em seu livro *Fernando Pessoa, Mensagem e Outros Poemas Afins*, Publicações Europa-América, Mem Martins, Portugal, 1990, p.120.

Assim como foi um interesse sagrado – o desejo de Davi de construir um Templo a Deus-Pai em Jerusalém – que determinou a vinda das frotas do rei Salomão ao Brasil em 970 a.C., assim também foi o desejo de levar a mensagem de Deus-Filho a terras distantes que trouxe os cristãos portugueses à Ilha de Vera Cruz. Cristãos estes que desejavam também realizar o Reino da Terceira Pessoa – o Espírito Santo – em toda a humanidade.

É importante perceber que todos os cavaleiros da Ordem de Cristo faziam seu juramento com a mão direita pousada sobre o Evangelho de São João – o autor do Apocalipse, anunciador de um novo mundo, regido pelo Espírito Santo, e inspirador de todos os movimentos milenaristas cristãos que se seguiram ao longo da história, culminando na descoberta e no povoamento do Novo Mundo.

Neste capítulo vamos tentar compreender os fundamentos do cristianismo que impulsionaram os chamados "cavaleiros do mar" a partir em busca de mundos desconhecidos.

Ano 0: Nascimento de Jesus.Início da Idade do Filho e Anúncio da Era do Espírito Santo — Terceira e Definitiva

É bem conhecido o fato de que o nascimento de Jesus marca o início de uma nova etapa na história geral da humanidade, assinalado no calendário como Ano 0 de nossa era (cristã); também é do conhecimento geral que desde os primórdios do cristianismo seu nascimento significa para os cristãos a vinda de Deus-Filho, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, assinalando uma segunda era na história espiritual do ser humano (sendo a primeira a de Deus-Pai, que se manifestou por Moisés e pelos profetas, durando aproximadamente quatro mil anos). O que pouco se comenta, entretanto, é que a partir daí os cristãos passaram a esperar a terceira e definitiva fase de espiritualização da humanidade, anunciada por Cristo, decorrente da manifestação temporal da Terceira Pessoa ou Espírito Santo na Terra, e que seria caracterizada por verdadeira espiritualidade, amor e conhecimento de toda a verdade.

Retrato de Jesus Cristo - El Greco

Esse sentimento vicejou com muita força especialmente num período do cristianismo que merece maior atenção - o das primeiras comunidades cristãs, que vai de 33 d.C., ano da morte e ressurreição de Cristo, até 313 d.C. (ano do Edito de Milão, que oficializou o cristianismo). Nessa primeira fase da cristandade os fiéis não só tentavam viver na íntegra os ensinamentos de Cristo, formando as primeiras comunidades cristãs, mas também viviam uma atmosfera de intensa esperança na formação do Reino de Deus na Terra, por um período de mil anos ou mais, sendo seu principal inspirador o apóstolo S. João do Apocalipse. Os primeiros cristãos aguardavam ansiosamente a vinda do Paráclito, anunciada por Cristo, para que o Espírito pudesse completar o trabalho do Filho de Deus e pudessem viver a Parusia.

Uma vez que tardava a realização dessa profecia, e uma vez que no século IV as igrejas cristãs se institucionalizaram, passando a ter considerável poder econômico e social, tais noções foram sendo gradativamente escondidas e, mais adiante, meticulosamente combatidas pelos religiosos comprometidos com esse poderio. A passagem para uma nova era poderia retirar, quem sabe, o poder temporal da Igreja...

João evangelista descreve no Apocalipse a história do futuro da Humanidade, apontando o triunfo do Reino Divino sobre o satânico, no "final dos tempos", profecia que se tomou a esperança dos cristãos que se seguiram. Em seu evangelho, narra como Cristo anunciou uma terceira e última etapa no desenvolvimento da humanidade, em vários momentos. Por exemplo, quando revelou à mulher samaritana no poço de Jacó ser o Messias, anunciando a vinda de uma era em que Deus seria adorado verdadeiramente em espírito (João 4: 21-25), ou quando disse também aos apóstolos que viria o Espírito Santo trazer revelações que eles, naquele tempo, não poderiam suportar, fornecendo as bases da esperança da Parusia: "(*Disse Jesus*)*: `Agora vou para Aquele que me enviou.* (...) *É melhor para vocês que eu vá. Se eu não for, o Espírito não virá a vocês. Mas se eu for; sou eu mesmo que o envio.*'" (João 16:5-15).

Evangelho e Apocalipse de João: Bases do Milenarismo

O apóstolo João constitui um capítulo à parte no cristianismo nascente e neste livro, não só porque escreveu a mais profunda e esclarecedora mensagem daquela época sobre Cristo, posto que era profundamente esotérico, mas também porque seu trabalho, influenciou todos os movimentos milenaristas surgidos no seio da cristandade ao longo dos séculos, até os dias de hoje [52].

Para se ter idéia da influência de João sobre os milenaristas, basta dizer que era com a mão direita pousada sobre seu evangelho que os cavaleiros medievais templários juravam fidelidade à Ordem, a Cristo e ao reino esperado do Espírito Santo na Terra.

A razão principal dessa preferência era a previsão que o Evangelista fez dos acontecimentos do final dos tempos, registrada sobretudo no livro do Apocalipse, escrito na Ilha de Patmos. Além disso, foi profundamente espiritualizada e interiorizada a interpretação que deu às mensagens de Cristo, sendo o apóstolo psicólogo por excelência, como vê-se no trecho a seguir:

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam (compreenderam).

Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu. Deu a todos os que o receberam o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em seu nome, que não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, conto a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade." (João, Cap. 1, vers. 1,3,4,5,10,12,13,14.)

A principal conclusão que se tira desse texto é a seguinte:

"O evangelista indicou-nos que Cristo não só estava em Deus, mas era também Deus - tendo criado tudo o que existia; portanto, a essência da própria vida, que é Luz - e nós não o aceitamos, por termos fechado os olhos, caindo nas trevas. Tal atitude constitui a etiologia das moléstias. Todas as pessoas que o aceitarem, isto é, que admitirem a luz a verdade, o bem e o belo, tornar-se-ão filhos de Deus - o que advém pela aceitação de tal consciência, que é a verdadeira espiritualidade. Termina o evangelista afirmando que nós vimos a glória de Cristo, o Filho Unigênito de Deus - e que ninguém pode ter a desculpa de dizer que não o sabe - pois o fenômeno da Trindade Santíssima repete-se no ser humano, tendo-o entranhado em sua vida psíquica. " [53]

Evangelista da Consciência

O discípulo mais querido por Jesus pode ser chamado de evangelista da consciência, pois parece ter sido o seguidor que melhor compreendeu a natureza de Cristo e de seu trabalho; foi, ademais, quem melhor soube explicar as causas da reação negativa (patológica) dos seres humanos face à verdade, ao bem e ao belo. Para que possamos entender como ele alcançou tal grau de percepção, não podemos esquecer, é claro, os dados que obteve durante sua convivência com a mãe do Salvador, depois que a acolheu como se ela fosse sua própria mãe (após a morte de Cristo).

Examinando sua obra com base na ciência trilógica, desenvolvida por N. Keppe, entendemos melhor o que S. João quis dizer ao mostrar que todos temos a luz (da consciência) no próprio interior, mas a negamos continuamente;

negar a luz equivale a dizer não à nossa essência, impedindo-nos de existir; negar a consciência é negar o próprio ser. A luz, escreve ele, mostra nossas máculas, trevas e sabotagem; somos o sal da Terra, a luz do mundo, mas quando negamos tudo isso, caímos nas trevas (porque negamos a própria consciência).

Pode-se dizer, portanto, que João é o apóstolo que chegou à etiologia da neurose, mostrando que a luz (consciência) esteve conosco (como sempre está) mas não a reconhecemos (isto é, não nos permitimos aceitá-la).

Mil anos felizes

A esperança da formação do Reino de Deus na terra por um período simbólico de mil anos (que pode significar tanto mil quanto cinco mil anos) existe tanto no judaísmo quanto no cristianismo. De acordo com interpretações dessas previsões, tanto judaicas como cristãs, estamos justamente às portas do início deste período de ouro da humanidade. Para os judeus, por exemplo, estaremos entrando no sétimo milênio, o qual eles esperam seja um período de paz, pois, assim como Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo, a Humanidade teria seis mil anos de tribulações, para atingir seu apogeu no sétimo milênio. Já para os cristãos milenaristas, o terceiro milênio após a vinda de Cristo, no qual estamos entrando, está intimamente associado à Terceira Pessoa da Trindade, sendo, portanto, a Idade de Ouro, ou Quinto Império preconizado por Daniel, Ezequiel, Isaías, São João, Di Fiori e outros.

Entre os cristãos, esse período de 1.000 anos que precederá o fim dos tempos é uma era em que o cristianismo institucionalizado cederá lugar ao verdadeiro cristianismo, aos verdadeiros adoradores de Deus, em espírito e verdade. Todos os movimentos cristãos do primeiro até o terceiro século davam ênfase a esta época, e todos foram perseguidos.

Em seu Evangelho (4: 23-24) João cita um diálogo de Cristo com uma Samaritana que lhe perguntava se era no templo de Jerusalém que deveria adorar a Deus: "*Jesus lhe disse* (...) *Chegará o tempo em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade...*

António Quadros, em seu livro *Portugal Razão e Mistério*, *Vol. 1*, p. 196 afirma que no projeto Áureo do Império do Espírito Santo, Portugal reassumiu *a « direção de uni movimento universal de fundo para a efetivação da profecia antiga do Apocalipse de São João: a vinda da Nova Jerusalém*, *da Cidade Santa onde já não haverá templo algum*, *porque Deus Todo-Poderoso é seu templo."*

Na parte citada por ele do Apocalipse (cap. 21, onde São João faz a descrição do esplendor e riqueza da Cidade Santa) lê-se: (vs. 22) "*eu não vi templo algum*, *porque o Senhor Onipotente*, *o Cordeiro*, *é o seu templo."*

Percebe-se, pela descrição, que o ser humano entrará em um período de comunhão direta com Deus, numa fase mais adiantada de espiritualidade da humanidade.

Nesta época que se aproxima, o que aconteceu a Maria e aos apóstolos com a descida do Espírito Santo sucederá a todos, segundo deu a entender João Evangelista, ocorrendo a presença "temporal" do Espírito Santo para todos os homens, assim como o Pai (Javeh) marcou sua presença como povo judaico e Cristo também viveu entre os seres humanos. Como será essa época é um mistério. Sabemos, no entanto, que uma pessoa cheia do Espírito Santo perde a covardia e enche-sede energia, recebendo os chamados sete dons: sabedoria, inteligência, conselho, ciência, piedade, temor e fortaleza - e isto ainda não ocorreu com a humanidade.

Convém notar o que S. João explica no capítulo 14, vs. 15 e 25:
"Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem conhece, mas vós conheceis, porque habita convosco e está em vós. (...) o Consolador; o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo o que eu tenho dito."

Primeiras Comunidades Cristãs
Resumo do Período Áureo da Espiritualidade Cristã
A Espera da Parusia [54]

Para N. Keppe (*O Reino do Homem*) *o* legítimo cristianismo só vigorou até o século IV, quando a sociedade aceitava suas contradições e os indivíduos sentiam necessidade de viver de acordo com a própria concepção de existência, predominando uma atitude cristã no sentido psicológico e não social (de máscara), que veio a existir depois.

No livro As *Grandes Religiões* (Editora Abril Cultural, São Paulo, 1973), lê-se: *"O Cristianismo pregava antes de tudo (...) a instauração de um mundo novo para além do mundo visível. Por outro lado, as comunidades cristãs viviam em comunhão de bens, pregando a igualdade de todos perante Cristo. Dessa forma, embora visando essencialmente à renovação espiritual, a mensagem cristã ganhou a conotação de revolução social e atraiu a população injustiçada. "*.

Para Keppe, após o Edito de Milão (313), promulgado por Constantino, que levou o cristianismo a ser a religião oficial do Estado, passou-se a confundir o Reino de Deus com o dos homens, sempre em detrimento do primeiro. Inaugurou-se um período de forte teomania e a humanidade sofreu toda espécie de intransigência e morbidez. Porém, o período das primeiras comunidades cristãs caracterizou-se por uma alta espiritualidade, a maior em toda a História

do Cristianismo. Segundo ele, os autores desse tempo tinham uma atitude extremamente simples, baseada na humildade.

"No início do cristianismo não havia os conventos e a obrigatoriedade do celibato, pois a Igreja era os fiéis, que se reuniam também para os cultos e sacramentos administrados por aqueles que se preparavam para isso. Não havia uma instituição oficial, como se fosse uma nova sociedade especial. Todos participavam de tudo. Até o século VI não havia ainda o uso da confissão individual que depois a instituição cristã resolveu estabelecer. Parece que cada pessoa era dona de sua consciência, isto é, admitia perfeitamente quando estava praticando uma transgressão grave contra Deus, ou não. Os sacramentos que prevaleciam eram o batismo, ao qual o próprio Cristo se submeteu, e a Eucaristia, instituída por Jesus na Ultima Ceia .» [55]

Primeiro documento cristão

O primeiro documento cristão foi o Didaqué, escrito entre 70 e 90, que mostrava dois caminhos: um de vida e outro de morte. O da vida, comportando quatro espécies de deveres, sendo o fundamental o do amor a Deus e ao próximo, bem como ao inimigo e a necessidade da caridade.

Keppe refere que os dois primeiros séculos foram os mais valorosos, porque as pessoas aceitavam o ensinamento de Cristo, que estava em total oposição à hipocrisia social e porque os primeiros cristãos tinham um universo de conhecimentos totalmente diferente e superior ao que se sabia.

Foi uma ocasião, afirma, onde se realçaram nomes de grande valor, como Aristides, que mostrou o valor da moral cristã que colocava tanto o escravo quanto a mulher no mesmo plano de igualdade dos outros seres. Justino mostrou Cristo como o Logos, a razão que os filósofos procuravam.

O bem e o mal

Taciano, de origem síria, foi, de acordo com Keppe, a primeira pessoa a dar uma resposta exata ao problema do mal, quando afirmou que o mal não existe por si mas é a privação do Bem, tema que foi aceito pelos pensadores posteriores, como Orígenes, Agostinho e Tomás de Aquino. De outro lado, ele foi muito intransigente em alguns aspectos.

O fundador da Trilogia Analítica diz que captou nessa descoberta de Taciano todo o principal fundamento de seu trabalho, pois aquele membro das antigas comunidades cristãs apresentou uma concepção de vida ampla, como só a verdade, a bondade e a beleza poderiam ser.

Já Orígenes (185-254), cometeu, segundo ele, muitos erros de interpretação não apenas n o setor do pensamento, como também no da revelação - no

entanto, era um espírito livre, isto é, não tinha receio da verdadeira realidade, motivo pelo qual encantava a todos os que o ouviam; mas, acima de tudo, não tinha medo de errar, conseguindo produzir um número incrível de trabalhos escritos, talvez quase três mil; procurou mostrar sempre a transcendência divina, a criação e a liberdade do ser humano.

O cristianismo nascente vivia com todas as suas contradições, mas como não era ainda um sistema político-social, também não prejudicava a sociedade com seus erros - o que aconteceu a partir do século IV com a institucionalização da fé, colocando-se os funcionários religiosos na condição de determinadores da vida e da morte do próximo (teomania).

Nesses primeiros tempos — afirma Keppe - Hipólito, em sua conduta de santo, procurava um meio-termo para trabalhar com o rigorismo que havia, de um lado e, de outro, com o excesso de liberalismo. *"Parece que a censura está em proporção direta com o grau de neurose* (...) *Os verdadeiros transmissores da verdade, do bem e do belo são aqueles que possuem maior equilíbrio. Cipriano, como todo santo, tinha uma visão extremamente agradável da realidade. Recomendava sobretudo a caridade".*

A Trindade

Em *O Reino do Homem*, Keppe mostra que a Trindade Divina, assim como a Parusia, era um assunto em pauta naquele tempo. Denys de Alexandria (sec. III) escreveu sobre o tema, referindo-se à distinção substancial entre as pessoas divinas e a subordinação de uma à outra, lembrando-nos da necessidade de uma união e dependência também ao Pai, como foram o Filho e o Espírito Santo, para que participemos de seu Reino, aqui e na eternidade. Denys de Roma corrigiu alguns erros dele, afirmando sobre a eternidade das três pessoas divinas.

Nota-se, nesses quatro primeiros séculos do cristianismo, uma incrível convicção das pessoas que o aceitavam, movidas por um profundo desejo de viver tal verdade e não em busca de um benefício social, ou mesmo uma posição profissional, como sucedeu mais tarde.

No século III surgiu também Atanásio, pessoa de grande equilíbrio, por ser muito santo, fato que se manifestava em sua capacidade intuitiva. Era um homem de doutrina e um grande teólogo. *"Pelas descobertas da Trilogia Analítica* - afirma Keppe - *sabemos que uma pessoa equilibrada, isto é, que permita a existência do amor em seu íntimo, consegue pensar acertadamente e produzir cem por um. Atanásio disse o seguinte sobre a Trindade: 'O Filho procede do Pai pela geração e não pela criação; ele pertence ainda à substância do Pai, do qual é também a imagem viva - é o jorrar da. força, o brilho inseparável da luz.'. De seu lado, o Espírito pertence à substância do Filho,*

do qual é a imagem. Existe na Trindade uma união misteriosa de natureza, dentro de uma substância comum, produzindo unia operação comum. ".

"Dizemos, afirma Keppe, *que o Espírito é a consciência tanto da verdade (o Filho) como do amor (o Pai) - um fenômeno que se realiza em nosso próprio interior que, quando aceito (conscientizado), vivemos em perfeito equilíbrio, mas, rejeitado, caímos nas doenças."*

Didimo, o Cego (313) definia o cristão como a pessoa que possuía um verdadeiro conhecimento sobre as relações do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Seguindo as idéias de Orígenes, colocou a sabedoria em primeiro lugar, considerando-a a virtude mais necessária e dando-lhe o nome de irmã; para chegar à perfeição, seriam necessários dois elementos: uma conduta prática, supondo como base o conhecimento (a gnose) e a bondade, com a renúncia aos prazeres. Via a necessidade de união do sentimento (amor) com o pensamento (verdade) mesmo vendo-os de maneira invertida, colocando a filosofia na base.

Basílio (Cesaréia da Capadócia, 330), filho de cristãos, percebeu a igualdade das três pessoas divinas, substituindo a sentença: a glória ao Pai, pelo Filho e no Espírito Santo, por glória ao Pai, com o Filho e o Espírito Santo.

Cassiano falava que a finalidade da vida religiosa seria a perfeição interior, exercida através da caridade perfeita. Ele dizia que a verdadeira penetração no pensamento divino só era possível pela pureza, silêncio, humildade, paz, meditação assídua, caridade e, sobretudo, pelo Espírito Santo.

Período Áureo - Santo Agostinho

No século IV, em 354 d.C., surgiu Agostinho, nascido no Norte da África, autor que influenciou a Idade Média por oito séculos, principalmente com sua consideração sobre a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens.

Exerceu enorme influência, podendo ser considerado um dos maiores gênios de toda a humanidade. Cometeu o engano de dar ênfase à superioridade do espírito com relação à matéria, levando aos cristãos a desprezar a vida e a sociedade neste mundo, vendo-as como irreparavelmente sob domínio do maligno e acreditando ser a Igreja a única Cidade de Deus na Terra. Neste ponto, não concordava com as teses dos Joanitas que queriam organizar a Parusia na Terra. De outro lado, desenvolveu amplamente a atitude de interioridade tão característica dessa futura era, unindo o sentimento ao pensamento e vendo no diálogo interior, um diálogo diretamente com Deus.

O que chamamos de período de patrística pode ser caracterizado por um interesse muito grande pelas coisas de Deus - de tal maneira que, apesar da grande intolerância vigente, foi um tempo feliz, de acentuada espiritualidade. Findou-se quando o erro predominou, herdado mais da filosofia, iniciando-se a época da obscuridade, afirma Keppe.

"Podemos considerá-lo (os primeiros séculos) o período áureo do cristianismo, até que o edito de Milão (313) concedeu licença para uma total fuga da verdade, inaugurando o reinado da intolerância. Surgiu o cesaropapismo, pois o mesmo indivíduo que exercia a função religiosa tinha também o poder temporal; o bispo era o governador, o papa, rei, etc. Assim, a instituição religiosa transformou-se em instrumento dos interesses sociais; o que deveria ser regido por santos e pessoas honestas passou à direção de príncipes e nobres que visavam unicamente suas vantagens materiais (...) *manifestando-se nessa época a pleno vapor a teomania, porque toda a intenção era de diminuir as pessoas divinas e de conceder grande poder ao ser humano."*

A Influência de Santo Agostinho na Filosofia Portuguesa

De acordo como historiador António Quadros, a origem étnica dos portugueses compõe-se de: atlantes e seus descendentes lusitanos, celtas, romanos, suevos, visigodos, islamitas e judeus que acabaram por se unificar num espírito homogêneo, guiados por um cristianismo borgonhês mas que *"mantêm o 'quid' indefinível de um sentido universalista, como grão de mostarda que irá crescendo ao longo dos anos."* (*Portugal, Razão e Mistério*, António Quadros, pág. 162, op. cit.).

Para ele, deste amálgama de crenças e filosofias, os portugueses guardaram uma filosofia teleológica (voltada para as causas finais) da história, ou melhor, *"a filosofia providencialista de uma história misteriosamente ordenada aos fins últimos, em conjunção enigmática do livre arbítrio humano com uma necessidade insondável, baseada em grande parte na obra* A Cidade de Deus *de Santo Agostinho. Isto se reflete na sabedoria popular portuguesa com o ditado: 'Deus escreve direito por linhas tortas.'"*.

O grande responsável por esta influência agostiniana no pensamento português, de acordo com Quadros, foi o principal discípulo de Bispo de Hipona, chamado Paulo Orósio, um lusitano romanizado, presbítero da Sé de Braga, que conviveu com o mestre santo no Norte da África, e com São Jerônimo na Palestina. Foi ele que, entre os anos 413 e 418, participou do Concilio de Jerusalém e expôs as suas doutrinas numa monumental obra prima estudada até pelos modernos filósofos da história.

Na sua obra a Cidade de Deus, Agostinho trata com bases filosóficas profundas as idéias milenaristas, ou seja, a interpenetração dinâmica entre a Cidade de Deus, dos filhos de Caim, imersa no erro e pecado, e a Cidade dos filhos de Abel, voltada para o Bem Supremo - com a supremacia final desta última.

Vale a pena salientar, segundo Quadros, que datam do século V as primeiras obras escritas por portugueses orientando a vivência do Cristianismo para

os ideais joanitas, ou seja. a certeza teológica e racional, da vinda de uma época divina neste mundo, para esta humanidade, chamada de Parusia. Braga, importante centro cristão de Portugal foi a Capital deste pensamento religioso, colorindo todo o norte do país com um cristianismo vivo, esperançoso de um futuro glorioso para todos os povos; e não uma visão de um cristianismo passivo e mortificador, na espera de recompensas que só viriam a ser dadas aos sofredores após a sua morte.

"A *esse conceito escatológico da evolução humana*, *em aclimação da liberdade e da graça*, *do mistério do mal e do mistério do amor divino*, *da erronia e da verdade*, *da ciência da nature w ou do homem e da ciência de Deus*, *foi fiel ao longo dos tempos a cultura portuguesa*, *nos seus melhores momentos*, *até aos dias de hoje*, *desde Camões*, *Frei Bernardo de Brito*, *ou o Padre António Vieira até Fernando Pessoa*, *Leonardo Coimbra*, *Jaime Cor-tesão ou Agostinho da Silva*", escreve António Quadros no seu livro já citado, página 164. O autor retrata a enorme influência da filosofia Agostiniana na mente do povo português, que, entretanto, manteve os ideais milenaristas joaninos, apesar de combatidos pelo santo africano.

El Greco representou a descida do Espírito Santo sobre Maria e os Apóstolos como línguas de fogo. A energia essencial da consciência também deverá atuar em todas as mentes na esperada Era do Espírito Santo.

Capítulo 5

Do TEMPLO DE SALOMÃO AOS DESCOBRIMENTOS DAS AMÉRICAS

O Esoterismo Templário Europeu

São Bernardo, redator da Regra da Ordem do Templo e fundador de Portugal. O grande movimento cisterciense medieval é marcado por São Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint-Thierry e o calabrês Gioachino di Fiori.

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
'Splendia sobre as naus da iniciação.

O sonho é ver as formas invisíveis
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia. a flor a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade.

(« Horizonte », Fernando Pessoa.
« Mensagem »)

O descobrimento do Brasil, a forma como foi colonizado, com seus capitães templários e jesuítas no comando, toda a história de Portugal, o espírito que pautou seu desenvolvimento, as grandes navegações e descobertas marítimas, até a incrível expansão do pequenino reino cristão lusitano — tudo isso está intrinsecamente relacionado com os ideais secretos dos templários e da Ordem de Cristo, que eram o da construção da Nova Jerusalém na Terra.

A Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão, religiosa e militar, mais conhecida como dos *Templários*, foi fundada em 1119 em Jerusalém (originalmente com o nome de *Pobres Cavaleiros de Cristo*) por Hughes de Payens e Geoffroi de St. Omer, dois nobres que renunciaram a todos os seus bens tencionando viver na pobreza e servir a Deus. Começaram seu trabalho protegendo os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa para visitar o Santo Sepulcro, os quais eram atacados pelos sarracenos no caminho. Depois, com o tempo e o crescimento da ordem, os Templários acabaram se tomando banqueiros e agentes de crédito da Europa Medieval. Por isso, adquiriram poder econômico e foram aliados de reis e papas, desempenhando um papel fundamental nas Cruzadas.

Por se terem tornado, em seus dois séculos de existência, integrantes da mais rica e temida dentre as ordens militares medievais, os Cavaleiros Templários atraíram admiração, desconfiança e inveja. Foram acusados de heresia e práticas de magia. Alguns membros da Ordem foram condenados à prisão e outros à morte na fogueira. O grão mestre e os dirigentes Jacques de Molay e Geoffroi de Charney foram queimados vivos na frente da Igreja de Notre Dame de Paris, em 18 de Março de 1314.

Os bens do Templo foram rapidamente confiscados, e os cavaleiros sobreviventes tiveram autorização para retornar à vida laica ou ingressar em outras ordens cristãs (jesuítas e franciscanos, por exemplo).

Os legendários "tesouros secretos" dos templários nunca vieram a público, o que gera especulações, pesquisas e buscas até os dias de hoje. Famosas personagens históricas, como Hitler, milionários, como as Famílias Rockfeller e Rothschild, bem como antropólogos e pesquisadores independentes dedicaram muito de seu tempo e energia na busca dessas riquezas misteriosas, que, segundo muitos, traria aos nossos dias conhecimentos e objetos sagrados judaicos com poderes excepcionais.

O Cavaleiro Templário, ou do Templo, foi, de 1119 a cerca de 1300, o protótipo dos cavaleiros das Cruzadas (o cavaleiro perfeito, vestido num manto branco com uma cruz vermelha).

Na França, a ordem foi extinta em 1312, e seu ultimo grão-mestre foi morto em 1314.

Alguns autores escreveram estudos sobre o desenvolvimento do mito dos Templários depois da extinção da Ordem, afirmando que esta veio a resultar

na chamada Maçonaria. (ex. *Os Mágicos Assassinados*, Peter Partner, Oxford Editora, 1982). Em Portugal, ela transformou-se na Ordem dos Cavaleiros de Cristo, responsável pelas grandes navegações e descobertas.

Na verdade, um bom tempo antes de ser extinta, a Ordem já passava por uma crise séria, pois a sua finalidade oficial ou pública de existir, que era a proteção militar de Jerusalém e dos peregrinos cristãos contra os ataques dos sarracenos, já tinha terminado

A maior força e importância militar dos Cavaleiros do Templo deu-se aproximadamente entre 1147 e 1187, sendo que, nos primeiros 30 anos, a Ordem lutou contra enormes dificuldades de origem externa e interna, que seus membros fundadores, dotados de grande tenacidade e, pode-se dizer, movidos por um forte ideal, conseguiram superar.

Na mesma época duas famosas ordens também foram criadas, com grande poder e riqueza: os Hospitalários (que chegaram a possuir um número ainda maior de castelos na Europa e no Oriente) [56] se e os Teutônicos, que concentraram sua força mais no norte da Europa e Países Bálticos. [57]

A história da fundação, das atividades, finalidades e resultados da Ordem do Templo percorreu caminhos muito diversos no Oriente, na Europa em geral, na Inglaterra e na Península Ibérica, como procurarei deixar claro no decorrer das explicações.

O Início e as Raízes Templárias

No final da segunda década do século XII, quando foi fundada a Ordem do Templo, o Reino Latino de Jerusalém já estava constituído.

A cidade de Jerusalém tinha sido recuperada pelos cavaleiros europeus da Primeira Cruzada, após mais de quatro séculos de dominação muçulmana. Baudoin (Balduíno) – que, com seu irmão Godefroi (Godofredo) de Bouillon, chefiou um dos exércitos dessa cruzada - tornou-se o primeiro rei titular de Jerusalém, com o nome de Balduíno I, em 8 de Julho de 1100.

Ele tinha sob seu governo um reino instável e precário, efetivamente isolado e cercado por emirados muçulmanos. A tentativa de se criar um caminho terrestre entre Europa e Jerusalém, em 1101, fracassou, tornando o reino cristão ainda mais isolado do que antes.

O único fator que salvava a monarquia de Balduíno I era a incapacidade de se unirem as forças muçulmanas sob um único líder. A situação de grande fragilidade do rei cristão deu força à criação de uma ordem militar e religiosa, que aglutinou em tomo de si indivíduos decididos a dar a própria vida para a proteção de Jerusalém como reino da cristandade.

A semelhança do reino de Balduíno I, os estados cruzados não eram, de modo algum, seguros no início. Só com o tempo adquiriram uma série imponente de milhares de castelos, fortalezas e portos marítimos.

Ao mesmo tempo, a atração exercida por Jerusalém como um destino para peregrinos devotos e como centro de riqueza em livros, escrituras, mapas e objetos sagrados, enterrados em seus subterrâneos ou escondidos entre as pedras de suas paredes, minas e cavernas, era forte o bastante para que os cristãos vencessem o medo de quaisquer dificuldades. Afinal, os templários ocuparam, no palácio de Balduíno I, justamente o terreno onde, antigamente, fora erigido o templo sagrado e o palácio de Salomão, daí originando-se o nome completo: "Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão".

Muitos autores divergem quanto aos verdadeiros motivos dos cavaleiros terem sido abrigados nessa ala do palácio. Alguns querem ver nesse fato nada além de prestarem os cavaleiros proteção ao Rei Balduíno; outros, porém, afirmam ter havido um acordo secreto entre eles – "um conhecimento recém-descoberto", que deveria ser protegido apropriadamente. Tendo em vista os acontecimentos que se sucederam pelos séculos seguintes, optamos pela última hipótese que é muito mais lógica.

As Virtudes Ideais dos Templários

Somente nove homens, de início, encarregaram-se desse projeto sagrado, escreve Jacques de Vitry, contemporâneo e próximo dos Templários; todos nobres, abandonaram tudo por Cristo e viviam com o que os fiéis lhes davam por caridade.

Um nobre chamado Hugues de Champagne, um dos maiores proprietários de terras e um dos mais poderosos senhores leigos da França do século XII, dava estreito apoio a Hugues de Payens, fundador e primeiro grão-mestre dos templários, cavaleiro vigoroso, e fervoroso cristão, nascido em Payens, França, a dez quilômetros da cidade de Troyes.

Hugues de Champagne acabou por se juntar formalmente à nova ordem e também foi o doador da terra para a fundação da Abadia de Clairvaux para São Bernardo, patrono dos Templários. Esses laços entre o santo e os fundadores da Ordem do Templo aparecem também em outras ocasiões, antes mesmo de ter sido fundada a ordem. Por exemplo, André de Montbard, um dos nove primeiros cavaleiros, era o próprio tio de São Bernardo.

Como dissemos anteriormente, a ordem dos monges-cavaleiros esteve sob sério perigo de dissolver-se, nas duas primeiras décadas do século XII. Foi só a partir da terceira década, com o apoio de São Bernardo e a entrada de dinheiro e doações provenientes de toda a cristandade, que ela começou a se firmar.

Levando o espírito de seu patrono, São Bernardo, os Cavaleiros do Templo deveriam viver perpetuamente na pobreza, castidade e na obediência.

De fato, cartas e documentos deixados por Hugues de Payens fornecem um vislumbre da personalidade do primeiro grão-mestre como um cavaleiro

devoto, forte e persistente, que possuía todas as qualidades que enumera como essenciais para os Cavaleiros Templários.

A Primeira Ideologia Templária: 1128-36

A Ordem do Templo contou, em seu início, com duas regras fundamentais (conjunto de leis que ditam o comportamento e a vida de uma ordem): A Regra Latina, feita por São Bernardo de Clairvaux, mais austera e disciplinada, e a Regra Francesa, que complementou a primeira e forneceu o modelo de todas as ordens militares futuras.

São Bernardo conseguiu, com a Regra Latina , sintetizar e fundir na comunidade dos monges-guerreiros, de forma duradoura, dois ideais comuns da sociedade medieval: a cavalaria e o monasticismo.

Era a união, como cita Marion Melville, *"do espírito místico e ascético do Norte e Nordeste da França, e o espírito cavalheiresco de Provença - um conceito de cortesia e elegância, em que tudo, desde as roupas até os cavalos era insistentemente `beau' (belo)".* [58]

Conseqüentemente, a vida templária não era fácil e de "prazeres" — os cavaleiros visavam *"dominar a carne e,fortalecer o espírito, tornando sua ação eficaz tanto no plano visível, como invisível".*

Françoise Terseur e Eduardo Amarante escreveram no livro *"Templários - Aspectos Secretos da Ordem"* (Editora Nova Acrópole, Lisboa, 1992, p.23) que a pena máxima aos que infringiam as suas regras seria a exclusão da Ordem - e isto se dava em dez casos precisos: simonia; violação dos segredos do Capítulo; sodomia; assassínio de um cristão; latrocínio; evasão de uma Casa; conspiração de dois ou mais irmãos contra um outro; traição; fugir face aos sarracenos; passar para o campo inimigo; deserção do campo de batalha.

A Regra Secreta - A Universalidade da Ordem

Esses autores, na página 25 de seu livro, citam que o bispo alemão Friederick Münster afirmou ter descoberto em 1794, nos arquivos do Vaticano, uma regra secreta elaborada por um suposto grão-mestre também secreto do Templo (um certo Roscelin de Fos), do século XIII, mais conhecido por "Manuscrito de Hamburgo".

Ao que tudo indica, esse manuscrito manteve-se sigiloso e paralelo à Regra Latina de São Bernardo, e seu espírito indicava a tão decantada universalidade da Ordem , como se vê no artigo 23°: *"Se uni judeu ou sarraceno te convidarem às suas mesas, come de tudo quanto te oferecerem e despreza os hipócritas que condenam a convivência e recusam o alimento que Deus criou, em vez de agradecerem ao Senhor que o concede ao homem".* Artigo 24°:

"Faz a guerra com justiça e caridade, trata de proteger o débil e de castigar o culpado. E, sobretudo, não penses em te aproveitar da glória nem da debilidade dos príncipes, nem pratiques o saque. Durante o tempo de paz, recorda que o teu Deus é também o dos judeus e sarracenos."

Desde então pode-se entender uma constante preocupação por parte dos poderes eclesiásticos de perder sua hegemonia, diante da ameaça de uma espiritualidade ecumênica, ou melhor dizendo, universalista dos templários.

Os Dois Ramas Templários

A Ordem do Templo teve duas evoluções distintas, divididas em dois principais grupos : o templarismo anglo-francês e o templarismo íbero-borgonhês (ligado a S. Bernardo).

Dentro da mesma ordem, grupos diferentes nos seus objetivos, filosofia e crenças se desenvolveram e chegaram a resultados opostos.

Os Anglo-Franceses

Este grupo, voltado para interesses do poder econômico-social, utilizou-se , para seus fins, do prestígio da Ordem, conseguido principalmente por São Bernardo, originário de família nobre borgonhesa e portador de excepcional lista de virtudes e boas relações. Devem-se principalmente a esse grupo a criação e ampliação das cartas de crédito, do sistema bancário e da especulação (juros de até 60%). A ele coube a realização do « ideal de poder terrestre » de ordem sócio-política, por meio de domínio econômico. Eram grão-mestres da ordem, portanto, os novos chefes políticos, que passavam a substituir, na prática, o poder dos reis.

Fontes bibliográficas diversas atribuem também a eles as atividades esotéricas heréticas ; ou seja, ter-se-ia desenvolvido, dentro desses ramos da ordem, uma forma de espiritualidade diferente da cristã e até contrária a esta, como a adoração de uma figura diabólica chamada de Baphomet e culto às forças malignas. Muitas práticas e crenças esotéricas orientais foram « incorporadas » ao cristianismo original, como as crenças do antigo Egito (Isis e Osíris), a Cabala, o Tantrismo (Chakras), entre outras.

Muitos autores vêem no sistema bancário internacional, especialmente o sediado na City de Londres e na Wall Street, os descendentes diretos desse grupo medieval.

Os *Íbero-Borgonheses*

Este segundo grupo foi o que seguiu mais proximamente o ideal espiritualista de São Bernardo, pela disciplina monástico-militar e o culto das

virtudes místicas, enraigadas num cristianismo puro, que teve suas origens nos místicos e filósofos cultivadores da crença no Espírito Santo (Espírito de Cristo), entre eles o evangelista João. Representantes importantes desta mística da Era do Espírito Santo foram Gioachino di Fiori, Tomaso de Campanella, os franciscanos (principalmente da Ordem Terceira) e, indiretamente, todos aqueles que viam como certa a realização do Reino de Deus na Terra na chamada Parusia – uma era em que a humanidade viveria em paz , e na qual os valores temporais (sócio-econômicos) estariam submissos aos valores universais de Verdade, Beleza e Bondade ; uma sociedade governada pelo amor, sabedoria e virtude, onde o Rei voltaria a ser o Criador, o Deus único de todos os povos (ideal judaico, islamita e cristão puro).

Essa visão do cristianismo não é contrária aos quatro Evangelhos, mas, antes, a sua realização, num estágio mais avançado e perfeito de maturidade espiritual do ser humano, quando ele, já interiorizado, dispensaria a necessidade de ritos ou intermediários humanos na aproximação como Ser Supremo.

É dessa tradição profundamente mística que os templários da Península Ibérica, impulsionados pelos borgonheses, sobretudo pelos Reis-Templários da dinastia franco-germânica de Borgonha (descendentes do Conde D. Henrique), desenvolveram uma forma de cristianismo muito peculiar e independente de imposições de ordem exterior-institucional.

Esse Cristianismo era, e é, portanto, voltado para os seguintes pontos essenciais : interioridade, universalidade , espiritualidade cristã, mas ecumênica, justiça social e econômica, liberdade, conhecimento universal ou unificado-onde o ser tem mais valor do que o ter e onde a criança (culto ao Divino) e a mulher (culto a Maria) representam valores essenciais na construção dessa felicidade perene. No tempo da Parusia, o Espírito de Deus utilizar-se-ia de um homem simples e sábio, nascido do povo, sem poder nem glória, e que serviria de Pastor para as almas ; o Desejado, o Encoberto, o Galaaz orientaria a humanidade para a vivência dessa época áurea, o tão esperado Quinto Império do profeta Daniel.

Por esse motivo, a Diocese de Braga, em Portugal, usa até hoje um mis-sal onde se encontram orações especiais ao Espírito Santo; do mesmo modo, tanto em Portugal como nas suas colônias ainda sobrevivemos cultos populares ao Espírito Santo, com suas festas do Divino.

É aos templários ibéricos, portanto, que devemos, em grande parte , essa visão espiritualista universal que vigora até hoje no Brasil, onde até o catolicismo é mais tolerante que nos demais países.

Afinal, na Idade Moderna, foram eles que levaram a Cruz de Cristo aos confins da Terra : para a África, Índia, Extremo Oriente e Américas – a todo um inundo que o próprio monge borgonhês Bernardo de Claraval não pode conhecer no seu tempo.

A Economia dos Templários: Os Primeiros Financistas Internacionais

Como vimos anteriormente, o crescimento do poder econômico e social dos Templários foi sem precedentes.

Com o passar dos anos, aquele ideal espiritual do início deu lugar a uma avidez de poder pelo poder, por parte de muitos setores da Ordem, principalmente os situados na França, Inglaterra e Norte da Europa. Cada povo moldou a Ordem, suas atividades e interesses de acordo com o próprio espírito e patologias característicos.

Na Inglaterra, os Templários, desde o início das suas atividades, voltaram seus interesses para a acumulação de bens, que aumentaram rapidamente durante o reinado do Rei Estevão (1135-54). Este monarca não teve escrúpulos em usar a Ordem como uma força complementar de seu exército, mostrando que o espírito dos ingleses desviou os cavaleiros do real intuito místico e cavalheiresco original da Ordem.

Os templários da Inglaterra agiam como mercenários, escreveu Edward Burman, e envolveram-se em inúmeras disputas entre reis e imperadores, recebendo terras e outras doações como recompensa.

"Os escrúpulos de Hugues de Payens e São Bernardo foram esquecidos na Inglaterra, assim como tinham sido esquecidos na Terra Santa. (...) *Essas atividades, militares e de outra natureza, desrespeitaram claramente a Regra e o mandato original dos Templários* (...) *A Regra foi, desde o começo, mais a expressão de um ideal do que una indicação de como os Templários realmente se conduziram. "* (BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus.* op. cit., p. 87.)

O que poucos sabem é que os Templários deram o inicio ao capitalismo e à atividade financeira internacional: foram eles que criaram a transmissão de crédito, pagamento à distância e coleta de impostos para papas e reis.

Foram eles também que, no século XII, antecipando-se aos banqueiros italianos, formaram uma economia predominantemente monetária - levaram o sistema bancário para Siena, Lucca (Igreja de S. Pietro) e Florença (S. Giacomo). Trouxeram grandes progressos às técnicas de crédito e pagamento que ocorreram nos séculos XII e XIII - quando o volume de dinheiro estava aumentando rapidamente. Foi deles também a invenção das "ordens (ou cartas) de pagamento" (letras de câmbio).

Toda essa experiência foi trazida da Terra Santa pelos Templários, que lá aprenderam os costumes orientais e serviços bancários complexos.

Mesmo na agricultura dos feudos, desenvolveram a produção para a venda - o que Postan definiu como *"unia agricultura capitalista em grandes propriedades"*, refletindo a necessidade, pelo menos no início, de criar fundos para as guerras contra os muçulmanos.

O Crédito Mercantil foi por eles muito incrementado, financiando o comércio marítimo e o transporte de grandes somas em dinheiro. Os lucros obtidos nessas viagens marítimas eram de 33,5 a 60%.

Desde os primórdios, portanto, o poder econômico e as atividades financeiras sempre estiveram estreitamente ligados às peregrinações religiosas — eram como que uma extensão "racional" da finalidade confessa inicial da Ordem.

Os Bancos Templários: O Começo da Usura Oficializada

Uma vez que a usura era condenada como crime e pecado muito grave, os Templários criaram uma forma de hipoteca, que funcionava da seguinte maneira: "por caridade", forneciam empréstimo ao peregrino que desejava viajar à Terra Santa. Este, em troca de transporte seguro, proteção no caminho, acomodação e comida no percurso, aceitava doar, em troca, propriedades em terras, cavalos e plantações, ou a produção regular de vinho, queijos, trigo, durante toda a duração de sua vida.

Com o aumento de volume do tráfego dos peregrinos, até mesmo para lugares da Europa, como Santiago de Compostela e Roma, além da Terra Santa, o volume de operações financeiras cresceu de maneira fantástica.

A respeito dos bancos há farto material disponível. O Templo de Londres foi já definido como o precursor medieval do Banco da Inglaterra, tendo sido usado para depósitos do tesouro real já em 1185!

Dessa feita, os Templos possuíam cofres de segurança para guardar dinheiro, metais e pedras preciosas, ou quaisquer espécies de valores. Lá chegavam a guardar até trigo, cavalos e escravos!

Quanto aos empréstimos, o aspecto surpreendente da vida templária foi sua infração evidente das regras da Igreja que proibiam a usura - mesmo que a cobrança dos juros fosse feita de forma disfarçada, com base numa "dedução para despesas".

A atitude com relação ao dinheiro durante o final do século XI era de forte condenação à avareza, que havia substituído o orgulho como o principal vício cristão. Era vista como a raiz de todo o mal, e São Bernardo mesmo definia o homem avarento como semelhante ao inferno. A usura era vista como sintoma de decadência moral - e sua condenação estava na raiz de movimentos como o dos franciscanos.

São Bernardo seguiu a onda da época que colocava os judeus como bodes expiatórios para o ódio da comunidade contra a economia do lucro: *"dói-nos observar que onde não há judeus, agiotas cristãos agem como judeus, ou pior do que os judeus"* , dizia o santo. [59]

É irônico que a Ordem Templária, inspirada e apoiada por São Bernardo, viesse a estar entre as maiores organizações financistas de especulação

(embora o pagamento dos juros fosse sempre ocultado), chegando a emprestar dinheiro para as próprias casas reais, como as da França e Inglaterra.

Quanto aos dízimos para as cruzadas, cuja cobrança também cabia aos templários, essas doações circulavam pelos centros bancários de Londres e Paris; por esse motivo, no tempo de Filipe, o Belo (1285-1314), o Templo de Paris era literalmente o centro da administração financeira da França.

Na Inglaterra, os Templários sempre foram protegidos pelos reis, com isenções fiscais, imunidades, direito de possuir o próprio tribunal e outras múltiplas vantagens. Embora o papel do Templo de Londres fosse de menor importância do que de seu equivalente em Paris no século XII, ele parece ter sido, por mais de um século, parte integrante do sistema financeiro do governo inglês.

Há os que afirmem que, de maneira disfarçada e transmutada durante os séculos, essa situação sempre vigorou e vigora até hoje na Inglaterra, onde os grão-mestres sempre tiveram, além do poder financeiro, o político e social. Em 1259, o Parlamento Inglês na realidade se reunia e trabalhava dentro do Templo de Londres, o que conferia ao seu grão-mestre poderes muito especiais.

Matthew Paris, historiador inglês do século XIX, explicou assim a função dos Templários: "*empregavam um exército de lavradores e agricultores, pastores e moleiros, jardineiros e artesãos, mas, acima de tudo, exerciam o mesmo controle central, dirigido pelo mesmo motivo: o aumento da renda comuna e o financiamento da Guerra Santa*". [60]

Muitos dos grupos que se seguiram tentaram imitar a organização da estrutura templária para reviver o seu poderio. Como disse anteriormente, há muitos autores que vêem na Maçonaria uma continuação dos Cavaleiros Templários, tendo, entretanto, se afastado completamente dos ideais de São Bernardo, Hugues de Payens e dos primeiros monges-guerreiros.

O Fim da Ordem na França

Após a queda do Reino Cristão de Jerusalém em 1187 e o declínio da Guerra Santa, o que justificava a existência dos Templários? É justamente aí que se iniciou o longo processo de decadência e morte da organização.

O que levantou grande contestação à supressão da Ordem dos Templários na França foi o fato de o mandado de prisão não ter partido do Papa, ou mesmo da Inquisição, órgão habilitado para o julgamento das heresias na Europa da época. A ordem de prisão partiu do rei Filipe, o Belo, que devia enormes quantias para os Templários, sendo, portanto, uma iniciativa secular, baseada nas denúncias de um francês, chamado Esquin de Floyran - que já havia tentado, sem sucesso, convencer o rei Jaime II, de Aragão, de que os templários exerciam "atos hereges e bestiais".

Jacques de Molay, grão-mestre acusado, pede uma investigação a respeito das acusações, tendo confiança de que isso iria limpar o nome dos Templários, investigação essa que jamais ocorreu.

Sua condenação e a supressão da Ordem aconteceram de maneira rápida, à traição, sem que os dirigentes templários tivessem tempo de fazer sua defesa. Em seguida, o Rei Filipe apoderou-sede todos os seus bens. Esquin de Floyran, agindo por motivos mercenários, foi ricamente compensado com propriedades dos templários que o rei da França confiscou.

O uso da tortura foi largamente aplicado na obtenção das "confissões" - o mais poderoso monarca europeu (Filipe, o Belo) se uniria, contra os cavaleiros, ao mais cruel e eficiente de todos os tribunais (a Inquisição). Somente 12 Templários na França conseguiram escapar à prisão, e seus grãos-mestres foram queimados vivos de frente para a catedral Notre Dame de Paris.

Há autores, como Edward Burman, que viram nesse ataque a intenção de enfraquecer o poder papal diante do poder monárquico, pois a poderosa Ordem era aliada ao Papa.

Diz a tradição oral da época que Jacques de Molay, tendo conhecimento prévio da data de detenção, fez desaparecer os livros e documentos mais importantes e secretos da Ordem, em carroças cobertas de palha. Os documentos nunca mais foram descobertos. Rainer Daenhardt, historiador alemão, afirma em seus livros que o único local seguro para os livros e documentos serem levados era Portugal, mais propriamente a biblioteca do Castelo dos Templários de Tomar.

Capítulo 6

Os Templários Na Península Ibérica

Monumento a Afonso Henriques, primeiro rei-templário de Portugal, cujo reino fundou.

Pai, foste cavaleiro.
Hoje a vigília e nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,
Novos infiéis vençam,
A bênção conto espada,
A espada como bênção!
(*Fernando Pessoa*. Mensagem.)

A atuação dos monges-cavaleiros em Portugal merece um capítulo à parte do nosso estudo. Embora a Ordem do Templo tenha tido um caráter supranacional, atuando em diversos Estados na Europa e Oriente, foi na Península Ibérica, mais propriamente em Portugal, que ela se estabeleceu mais solidamente, e com caráter e finalidade peculiares. Portugal, como Reino, e a Ordem do Templo portuguesa nasceram juntos: o Estado Português sempre foi (e ainda é, segundo muitos) um Estado Templário por excelência - e seus reis sempre foram consagrados cavaleiros.

Toda a história que se seguiu à fundação de Portugal, o espírito que pautou seu desenvolvimento, as descobertas marítimas, a incrível expansão do reino cristão lusitano "por mares nunca dantes navegados", bem como o próprio "descobrimento" do Brasil e a forma pela qual foi colonizado, com seus capitães templários e jesuítas no comando, tudo está intrinsecamente relacionado com os segredos e os ideais iniciais dos templários que eram o da construção da Nova Jerusalém na Terra.

Não foi absolutamente ao acaso que São Bernardo e o primeiro Rei Templário, D. Afonso Henriques, escolheram o extremo mais ocidental da Europa para ali formarem o novo Estado – pois era o ponto geográfico mais próximo do caminho para as Américas, principalmente para o Brasil.

Portugal nasceu para cumprir a missão templária dos "descobrimentos" e para, em "ilhas distantes", realizar o Reino Cristão Universal, vocacionado para o culto à Terceira Pessoa (Espírito Santo).

Possuidores de mapas antiqüíssimos e profecias sobre o futuro do Brasil, esses valentes cavaleiros apostaram no sonho que iria se realizar dentro de alguns séculos e pacientemente trabalharam pelo futuro. Nos parágrafos que se seguem tentaremos expor isso aos leitores.

Se na Inglaterra os Templários se mostravam mercenários e sem ideal cristão desde o início, não se pode dizer o mesmo dos Templários na Península Ibérica (Espanha e Portugal) onde as doações de terras, castelos, cidades, dinheiro, cavalos, armas, eram feitas de acordo com as vitórias obtidas contra os mouros.

Quando chegaram às terras lusitanas, no início do século XII, os Templários, auxiliados pelos Cavaleiros Hospitalários Prussianos, expulsaram definitivamente os sarracenos instalados na região. Em 1128 a Rainha D. Teresa e o seu filho D. Afonso Henriques cederam aos monges-cavaleiros o castelo e o domínio de Soure no rio Mondego, com a imensa floresta de Cera. Em 1160, Gualdim Pais, grão-mestre da Ordem, decidiu construir o Castelo de Tomar, que se tomou sede da Ordem do Templo.

Lisboa e Santarém também foram recuperadas das mãos islâmicas pelos Templários. Quando D. Afonso Henriques tornou-se rei de Portugal, por indicação de São Bernardo, prometeu ao santo fundador dos Templários que, caso alcançassem uma vitória decisiva contra os mouros, dar-lhe-ia terreno e fundos para a construção de uma abadia cisterciense. Combateram junto: o rei D. Afonso Henriques, Martim Moniz (seu preceptor, também templário), e Gualdim Pais, primeiro grão-mestre do Templo de Tomar (do qual foi fundador em 1160) e suposto filho bastardo de Hugues de Payens, fundador da Ordem do Templo em Jerusalém.

Conquistada a vitória, o rei cumpriu sua promessa, e São Bernardo foi a Portugal para assistir à fundação da abadia de Alcobaça, que se tomou famosa, com os seus 999 monges. A proteção militar era assegurada pelos Templários, que se espalharam por todo Portugal em castelos e fortalezas, sendo que o principal foi ode Tomar, ponto de apoio aos peregrinos que se encaminhavam para Santiago de Compostela, na Galícia.

Dois séculos mais tarde - quando houve a condenação e a dissolução da Ordem em outros países da Europa — o rei D. Dinis usou em Portugal de uma estratégia diplomática para manter o prestígio e a ação dos Cavaleiros do Templo: aparentemente dissolveu a Ordem, mas reabriu-a em seguida sob um novo nome, mais independente que a anterior - e assim fundou a Ordem de Cristo que recebeu todo o patrimônio templário e os seus membros.

A nova ordem desempenhou um papel importante no século XV sob a lide-rança do Infante Dom Henrique, nas viagens dos descobrimentos. *"Foi a Ordem de Cristo (1319) que criou a Escola Náutica de Sagres, com herança dos bens dos Templários - e, foi de seus estaleiros de Nazaré que saíram as caravelas para as grandes travessias marítimas"*, escreve Eduardo Amarante [61] , referindo-se mapas e conhecimentos de navegação e de astronomia trazidos do Oriente. Por que motivo, senão o de já saber secretamente da existência das ricas terras de além mar, D. Dinis teria plantado os pinhais que foram utilizados tanto tempo depois para construir as embarcações usadas nos "descobrimentos"?

Pode-se afirmar com segurança que a Ordem do Templo em Portugal distinguiu-se muito da Ordem Templária nos demais países, tanto na sua formação como nos seus ideais, na natureza de suas intenções e ações, na sua forma de esoterismo e espiritualidade e, finalmente, na sua permanência até os dias de hoje (mesmo que transformada em diversos aspectos) sob a forma da Ordem dos Cavaleiros de Cristo.

Já vimos anteriormente que os lusitanos abraçaram as idéias da Cidade de Deus de Santo Agostinho devido à identidade profunda de mentalidade entre eles. Com a chegada dos Borgonheses nos últimos anos do século XI, o espírito da cruzada vai dar o espírito de unidade e de independência ao português ou portucalense.

É o sentido universalista em estado latente ou potencial que lhes é despertado e que crescerá muito ao longo dos anos.

A Dinastia dos Reis Templários

Em 1143, santo Bernardo, agindo cautelosa e secretamente, consegue criar o mais novo Estado Europeu - *Portu-Calis* (o Porto do Cálice - ou o Porto do Graal), com a finalidade de abrigar os conhecimentos e os indivíduos dispostos a construir o Reino do Espírito no além-mar - na Grande Ilha - e os reis da dinastia lá existente, geração após geração batalharam por isso.

A introdução da Ordem do Templo na Península Ibérica foi quase imediata, por causa das investidas dos mouros à Península. Assim que anularam o perigo islâmico na Europa, porém, os mestres templários iniciaram os grandes preparativos para as navegações no mundo, que iriam cristianizar

Os portugueses tinham a exclusividade, dada por ordem papal, de levar o cristianismo aos povos fora da Europa. É muito significativo que tenha sido Afonso Henriques, filho do primo de S. Bernardo, Conde D. Henrique de Borgonha, o 1° rei português.

Portugal começou a nascer quando o Conde D. Henrique empenhou-se na conquista aos mouros das terras hoje portuguesas. declarando-as suas em pleno

Como nosso Senhor apareçeo aquella noete ao Primçipe dom Affomsso Hamrriquez, posto na cruz como padeçeo por nos. Capitullo .xv.

Quamdo foy comtra a tarde, depois que o Primçipe fez poer as guardas em seu arrayall, o hirmitam que estaua na hirmida que a cima dissemos, ueo a elle e disselhe: Primçipe dom Affomsso, Deus te mamda per mim dezer, que polla gramde uoomtade e deseios que têes de o seruir, quer que tu seias ledo e esforçado: elle te fara de menhãa uemçer elRey Ismar e todos seus gramdes poderes: e mais te mamda per mym dizer, que quamdo ouuyres tamjer huũa campainha[1] que na hirmida estaa, tu sahiras fora, e elle te apareçera no çeeo, assi como padeçeo pellos peccadores. E ja antes desto, elle tijnha feito e dotado com gramde deuaçam ho moesteiro de Samta Cruz de Coymbra, aa homrra da morte e payxam que nosso Senhor rreçebeo na cruz: pollo quall he de creer que lhe quis Deus assi apareçer, porque per homde lhe cada huũ mais mereçe, per hi o mais homrra e aleuamta. Des que sse partio ho irmitam, o Primçipe dom Affomsso pos os giolhos em terra, e disse: Oo bõom

[1] C. C. G.: campãa.

Parte do texto em português arcaico, que documenta o famoso milagre de Ourique quando Cristo aparece a Dom Afonso Henriques e lhe incumbe de formar o Seu Reino Universal na Terra.
"Crónica de El Rei D. Afonso Henriques", de Duarte Galvão, Imprensa Nacional, Lisboa 1995, p. 57.

ato de rebeldia contra o reino de Leão, ao qual então ainda devia vassalagem. Seu filho, Afonso Henriques. cavaleiro templário que tornou Lisboa aos islamitas e declarou-se rei, é considerado o fundador do reino de Portugal. Entretanto, seu esforço poderia ter sido em vão se não tivesse havido, simultaneamente o projeto de São Bernardo, de nascimento de Portugal, o primeiro Estado europeu. por ele sonhado e depois concretizado.

Em 1140, por ocasião da Vitória da Batalha de Ourique, D. Afonso Henriques, segundo a historiografia, teve uma visão de que venceria são só essa mas todas as batalhas seguintes conforme assinala Antônio Quadros : em que o próprio Cristo lhe apareceu, dizendo que pretendia formar. através dele, um reino em que levaria sua palavra a terras longínquas. Que pusesse em suas armas os sinais com que Cristo resgatou o ser humano (as cinco chagas). É por isso que a bandeira portuguesa teria ainda hoje as chamadas quinas , ou cinco sinais, que representariam as cinco chagas de Cristo. [62]

Afonso III expandiu Portugal para o tamanho que tem hoje. D. Dinis, seu filho, inaugurou o reinado de ouro e o Projeto Áureo. Foi na sua época que teve de mudar o nome da Ordem do Templo para Ordem de Cristo. a fim de salvar os

Selo dos templários alusivo às duas testemunhas do Apocalipse que surgiram no final dos tempos.

cavaleiros templários das perseguições movidas pelo rei da França Filipe, o Belo, e pelo papa Clemente V.

Afonso IV, filho de D. Dinis, cavaleiro da Ordem de Cristo (novo nome da Ordem do Templo) inaugurou oficialmente o período das navegações, sendo em sua época que o navegador Sancho Brandão chegou pela primeira vez às costas o Brasil (1343).

Os Templários e os Segredos do Templo de Salomão. **(*Conclusão*)**

De acordo com vários historiadores, os fundadores da Ordem devem ter tido acesso, em Jerusalém, a bibliotecas e riquezas dos porões do templo de Salomão destruído, onde estariam os mapas das antigas viagens marítimas efetuadas pelos hebreus , em aliança com o rei dos fenícios, até as costas do Brasil.

A Ordem dos Templários estava sob licença e obediência direta ao papa – porém, as verdadeiras riquezas a ser guardadas pelos cavaleiros (livros, mapas-múndi e, diz-se mesmo, até relíquias como o Santo Graal e a cabeça de São João Batista,entre outras) foram transportadas secretamente para o extremo ocidental da Europa, onde estariam mais protegidas da ameaça islâmica.

Paris e Londres, capitais do poder templário, ficaram com as posses materiais. Mas as verdadeiras riquezas, como relíquias e conhecimentos secretos, tradições proféticas e astrológicas sobre o futuro da humanidade e sobre as « Ilhas » - a Grande Ilha, a futura Ilha de Vera Cruz ou Brasil, manancial de riquezas materiais e espirituais – foram transportadas para Portugal. Com base neles, os templários ibéricos trabalharam ano após ano para chegar à Terra Prometida com a finalidade de, a partir dela, formarem o Reino de Deus na Terra .

Capítulo 7

A Dinastia Dos Reis-Templários De Borgonha Em Portugal

Cavaleiros Teutônico e Templário
Ilustração cedida por Rainer Daenhardt

A nação portuguesa é fruto da convergência de diversas culturas e povos. predominando os *celtas*, *fenícios*, *gregos*, *romanos*, *árabes e ,judeus* (*principalmente da tribo de Judá*). Nesse contexto, os *germânicos* também tiveram uma influência decisiva na história do país, conforme veremos neste capítulo.

Antigüidade da Lusitânia

A Lusitânia pré-romana era povoada por *castros e dolmes*, sobre os quais poucos conhecimentos existem.

Durante o primeiro milênio antes de Cristo, povoaram-na os *ligures* e os *iberos*, povos cuja procedência a história oficial não determina com certeza, não se sabendo se vieram do Norte da África ou se eram autóctones.

Rainer Daenhardt, historiador, afirma que o nome *ibero* é oriundo de *hebreu*, *o* que vem ao encontro dos escritos sobre as emigrações judaicas para a Península Ibérica.

Sabe-se que os *fenícios*, possivelmente a partir do século XII a. C., fundaram entrepostos e colônias na atual Espanha (Cadiz e Málaga) e deixaram vestígios no litoral português em Algarve, Alcácer do Sal, Aveiro, Póvoa do Varzim e Vila da Praia da Ancora.

Evidentemente, esses entrepostos foram utilizados tanto pelos navegadores *fenícios* quanto pelos *hebreus* nas expedições marítimas conjuntas acordadas pelos reis Salomão, de Israel, e Hirão, da Fenícia, a partir do ano mil antes de Cristo, aproximadamente.

Dos anos 800 a 600 antes de Cristo, os *celtas* estabeleceram-se no norte de Portugal (Trás-os-Montes) e na região centro-oeste da península, unindo-se aos *iberos*. Desta união originaram-se os *celtiberos*, que construíram castros e citânias, isto é, sítios fortificados da época romana ou pré-romana , desenvolvendo a metalurgia.

Também os *gregos* trouxeram sua civilização para a Lusitânia, 700 anos antes do nascimento de Cristo, fundando colônias em Alcácer do Sal (Alentejo) e Serra do Pilar (Porto).

Os *cartagineses* vieram dois séculos mais tarde, fixando-se na parte ocidental da Península até os anos 200 antes de Cristo.

Nessa época os *romanos*, chegaram fazendo sentir o seu poderio, iniciando-se a romanização da Lusitânia. A influência de Roma perdurou por cerca de 600 anos, até o quinto século depois de Cristo. No século II d.C., na lusitânia romanizada, deu-se o surgimento das primeiras *comunidades cristãs*.

Germânicos na Península ibérica

O domínio *germânico* teve início no quinto século pós-Cristo, com a invasão da Lusitânia pelas tribos dos *alanos*, *suevos*, *vândalos e visigodos*, que fizeram a unidade política da província.

Os *germânicos* dominaram a Lusitânia por cerca de trezentos anos, até que, no sétimo século depois de Cristo (711 d.C.), os maometanos, vindos do Norte da África, invadiram a Península Ibérica, venceram o rei visigodo e submeteram o sul da Hispânia. O domínio muçulmano durou quatro séculos,

até a Reconquista Cristã (1139) feita pelos cavaleiros cristãos sob a liderança franco-germânica templária e teutônica de São Bernardo e do cavaleiro Henrique de Borgonha, completada pelo filho deste, Afonso Henriques, fundador do Reino de Portugal e iniciador da dinastia real borgonhesa. Da Reconquista participaram os povos hispano-godos e lusitano-suevos, a partir dos montes Cantabricos e das Astúrias, formando novos reinos, como o de Leão.

Reis Franco-Germânicos e a Fundação de Portugal

É fato inegável que os chamados Reis-Templários de Portugal, unidos aos navegadores iniciados portugueses, tiveram poderosa e decisiva influência em toda a história moderna, não só de Portugal mas do mundo.

A história oficial costuma atribuir essas grandes realizações, como as viagens marítimas e os descobrimentos, a monarcas genericamente chamados de reis portugueses. Fala-se ainda que o reino de Portugal, inicialmente com o nome de Condado Portucalense, foi fundado por um conde francês, chamado Henrique de Borgonha, cujo filho, Afonso Henriques, foi o primeiro rei de Portugal, iniciando a dinastia borgonhesa.

Na verdade, porém, tanto o cavaleiro conde d. Henrique como seus descendentes, reis templários portugueses, tinham ascendência germânica, segundo o escritor alemão Rainer Daenhardt.

É fato histórico que o nome Borgonha originou-se dos *burgúndios*, antigo povo germânico que habitou toda a vasta região borgonhesa e que era originário das margens do Báltico. A própria cidade de Dijon, onde nasceu o conde d. Henrique, pertenceu também ao reino dos burgúndios.

Estes povos germânicos ocuparam uma vasta região, compreendendo Genebra, Marselha, Orleans, Lyon e Besançon, mantendo-se em guerras constantes com seus vizinhos francos e conservando sempre uma identidade própria, que ainda hoje perdura no Franche-Conté.

Politicamente, os burgúndios mantiveram-se ligados ao Império Alemão, como protetorado e como parte integrante, sofrendo também períodos de anexação ao Reino da França.

Na época em que Portugal foi formado, havia o reino de Borgonha-Provença, sob possessão nominal dos imperadores alemães (de 1302 a 1378), e a Borgonha Franca ou Ducado da Borgonha Carolíngia, sob domínio dos duques da casa capetiana (1301 – 1361).

Como se sabe, a intervenção dos borgonheses na Península Ibérica ocorreu no século XI, quando os reinos cristãos de Leão e Castela ficaram ameaçados pelos reinos muçulmanos. O rei Afonso VI, casado com a sobrinha do abade de Cluny, S.Hugo, pediu ajuda a este religioso, que lhe enviou um grupo de cavaleiros borgonheses e prussianos. Entre estes cavaleiros estavam Eudo, duque de Borgonha, e seu irmão Henrique.

Com sua ajuda, Afonso VI consegue vencer sucessivamente os mouros, apossando-se de Sintra, Lisboa e Santarém, em 1093. O rei dá a mão de suas filhas a estes nobres cavaleiros. Henrique casou-se coma filha ilegítima do rei, d. Teresa, recebendo a governação de Braga.

O restante da história é consabido : Henrique de Borgonha estende sua autoridade do Minho ao Tejo e cria o Condado Portucalense, que viria a ser o Reino de Portugal.

Muitos cavaleiros teutônicos (germânicos) participaram da Guerra da Reconquista contra os mouros, perdendo a vida no campo de batalha. « O *único estrangeiro venerado ainda hoje na tomada de Lisboa foi o cavaleiro Henrique de Bonn. Camões fála-nos dele e dos milagres da palmeira plantada na sua campa. A bula papal que estabelece a construção da igreja de São Vicente de Fora menciona que ela será erigida em cima dos corpos dos cavaleiros germânicos caídos na conquista da cidade»,* *afirma-nos Rainer Daenhardt.* [63]

Cavaleiros Teutônicos - irmãos dos Templários

O surgimento, no século VII, de Maomé, com o Alcorão e seu caráter guerreiro e conquistador, provocou apreensões na Europa cristã. Com a espada na mão, os muçulmanos combateram primeiramente os cultos pagãos em seu território. A seguir, alastraram-se por todo o Médio Oriente e a costa norte-africana. Por fim, tiveram início as invasões dos maometanos na Europa. Em 711, a Península Ibérica foi invadida, e os maometanos conseguiram chegar até os países nórdicos.

As ordens militares religiosas cristãs surgiram como reação a essas conquistas muçulmanas. A denominada Teutônica foi a terceira ordem criada em Jerusalém. Inicialmente era uma ordem hospitalária, fundada por mercadores alemães (1128) ; depois tornou-se militar, com regra inspirada na Ordem do Templo.

Em seu livro *A Missão Templária dos Descobrimentos*, na página 15, Rainer comenta que a criação da Ordem Teutônica por S. Bernardo, em 1143, fazia parte de um plano estratégico deste de atacar o Islão em três frentes. A Ordem Teutônica deveria expandir o cristianismo em direção oriental, para formar uma barreira contra os perigos oriundos da Ásia e do Próximo Oriente.

A Ordem do Templo teria a função de libertar a zona costeira da Península Ibérica. Ao mesmo tempo, S.Bernardo idealizou uma grande cruzada que libertasse o Santo Sepulcro em Jerusalém, com a finalidade de atacar o Islão em seu coração, para que ele, em defesa, tivesse de recolher suas forças militares que atacavam os reinos cristãos.

Compreende-se, portanto, a identidade de interesses entre cavaleiros teutônicos e cavaleiros templários, entre germânicos e lusitanos, na Guerra da Reconquista.

De 1126 a 1137, seu grão - mestre obtém concessão da região de Kulm e direitos soberanos sobre conquistas futuras. Incorporaram a Ordem dos Cavaleiros Porta-Gládio e suas possessões na Livônia, Curlândia, Semgallen e anexaram regiões da Polônia.

De 1300 a 1400 houve a colonização e germanização das possessões teutônicas e constituição de um Estado Soberano, com capital em Marienburg.

De 1400 a 1500 arruinou-se o poder teutônico devido ao afrouxamento da disciplina, reivindicações de nobres e burgueses, e longo conflito com a Polônia.

Em 1555 há o golpe fatal, com a conversão de seu grão-mestre Alberto de Brandenburg ao protestantismo. A Ordem sobreviveu na Áustria como hospitalária e, hoje, como ordem honorífica.

O Milenarismo Alemão Revolucionário

A Alemanha foi fortemente influenciada pelo milenarismo e pela doutrina das Três Idades de di Fiori. António Quadros cita como exemplos a filosofia da história de Hegel, que pode ser considerada como uma tradução filosófica e moderna da teoria de Gioachino di Fiori, só que pondo a Filosofia na terceira etapa, em lugar da religião. Schelling , em Filosofia da Revelação, diz que o desenvolvimento da Humanidade está profetizado pelo caráter dos três apóstolos : Pedro, o do Pai, Paulo, o do Filho, e João o do Espírito Santo, ou da religião perfeita da humanidade. Fitche também afirma que vivemos a idade da perversidade antes de uma regeneração final em nova Idade do Espírito.

No século XVI, uma nova onda de ideais milenaristas tomou conta da Alemanha, visando à usufruição de uma sociedade mais ética e mais justa, pautada nos ensinamentos cristãos; entre esses reformadores do clero e dos poderes despóticos estão o próprio Lutero e Tomás Müntzer. Este último nasceu entre 1485 e 1490 e, tal como Lutero, ingressou nos frades agostinhos, onde tornou-se teólogo.

Com teses fortemente milenaristas, e apoiando-se nas profecias de Daniel, Müntzer anunciava estar próximo o fim do Império Romano-Germânico; ao mesmo tempo ele proclamava que os membros do clero eram como serpentes, e os príncipes e os senhores como enguias neste mundo dominado pelo maligno.

Defendia a instauração de um novo Evangelho, quando os oprimidos poriam fim à exploração social e a verdadeira fé triunfaria. "É *preciso derrubar dos seus tronos os poderosos, os orgulhosos e os ímpios, pela simples razão de serem eles mesmos, e no mundo inteiro, um obstáculo à santa e verdadeira fé cristã*". [64]

Entre suas pregações, o teólogo alemão afirmava que os dignatários da Igreja ("*ladrões das escrituras*") e os poderosos impediam os pobres de terem acesso ao Evangelho, provocando uma espécie de "*alienação*" de natureza religiosa. "*Os poderosos têm a audácia de governarem discricionariamente*

a fé cristã e pretendeu julgá-la como se fossem seus donos". [65] Argumenta que *"com tanta usura, contribuições e impostos, ninguém pode aceder à fé"* [66] pois levam a humanidade ao caminho do sofrimento e ao afastamento da espiritualidade – fato perfeitamente presente nos dias de hoje, quando os poderes estrangulam o povo através da exploração econômica e social.

Müntzer, apesar de muito extremado em suas atitudes, era um cristão convicto, que estava integralmente voltado para a cristianização completa do mundo e para a espiritualização total do homem, quando a humanidade finalmente entraria no céu.

Tendo apoiado a revolução dos camponeses, mineiros e pobres das cidades, iniciada no final de 1524 na Alemanha, mas já espalhada para o Tirol, Salsburg, Floresta Negra, Alsácia, Francônia e Turíngia, Müntzer teve seus combatentes esmagados pela nobreza e foi ele mesmo decapitado alguns dias mais tarde.

Foi justamente no Manifesto de Praga e no Sermão aos Príncipes que Müntzer descreve suas idéias escatológicas baseadas nas profecias de Daniel e tecendo, ele próprio, as suas profecias sobre os tempos quando a igreja cristã voltaria às suas origens. É justamente em Praga que se originou a representação de Cristo como um menino coroado, figura até hoje usada nas festas do Divino Espírito Santo que, iniciadas pela Rainha Santa Isabel com o Rei D. Dinis, espalharam-se pelo Brasil e comunidades lusófonas no mundo todo.

A criança coroada como Imperador do Divino, nas festas do Espírito Santo advém desta figura do Espírito de Cristo, com as vestes imperiais, tendo na mão esquerda o mundo inteiro em forma de esfera armilar (que simboliza a verdade total).

Contam as lendas que o rei Ludwig da Baviária teria tido sonhos de realizar esse reinado de espiritualidade universal, em que os germânicos teriam a liderança. Seria esse o motivo por que deu abrigo a Wagner, que, a seu pedido compôs as óperas baseadas na mitologia germânica.

Infelizmente, anos mais tarde, Hitler tomou partido dessa tradição dos povos germânicos, que sonhavam em criar o Reino da Terceira Pessoa de Deus na Terra – a civilização áurea e universal – e formulou o satânico 3° Reich (3° Reino), enganando as massas e arrastando-as à maior catástrofe da história da civilização

Representação da Imagem do "Menino Jesus de Praga", com a esfera armilar na mão esquerda e a coroa de Imperador com a pomba simbolizando o Espírito Santo.
Arte: Gisela Alcaide.

Capítulo 8

Cristóvão Colombo, O Milenarismo Espanhol E A "Descoberta" Da América

O Esoterismo Cristão Ibérico Guiando as Caravelas Santa Maria, Pinta e Nina

> *"Eu já disse que para a execução do empreendimento das Índias de nada me serviam tacões matemáticas ou mapas-múndi. O que integralmente se realizou foi o que Isaías havia anunciado. E é o que eu desejo deixar aqui escrito para avivar as vossas memórias".*
>
> Carta de Colombo aos reis católicos.[67]

A Espanha assistiu também em seu território a fortes correntes milenaristas, escatológicas, especialmente as gioachimitas (de Gioachino di Fiori) e franciscanas, que circularam por todo o Ocidente nos séculos XIII e XIV.

Autores como Arnauld de Villeneuve (irmão da Ordem Terceira de São Francisco) e Jean de Roquetaillade, grandes difusores da doutrina de Gioachino, tiveram bastante influência no reino de Aragão, onde as profecias de Di Fiori foram interpretadas em proveito da dinastia Aragonesa – como ocorrera com as mesmas previsões em outros países, onde os beneficiados foram os reis ou imperadores da Áustria, Alemanha, França e Inglaterra.

A idéia da vinda de um *"novo Davi "*, o " Encubierto"(Encoberto) era a expressão da amálgama entre franciscanismo e gioachinismo. Esse novo Davi seria aquele que iria reformar a igreja, como um *"Pastor Angelicus"* ou um novo *"Imperador"* dos últimos tempos, encarregado de instaurar o milênio de paz, justiça e espiritualidade.

Pode-se imaginar a quantidade enorme de desvios que tal idéia provocou em mentes desequilibradas, prontas a usar de profecias (bíblicas ou não) em proveito próprio, para servir aos seus interesses de dominação e de riqueza, contrários até à essência do conceito de *milênio*. Esse foi o caso de Rodrigo Ponce de Leon, grande chefe militar da nobreza de Castela, que fomentou o comentário de que as profecias de São João e Santo Isidoro referiam-se a Fernando de Aragão, *"o novo Davi"* e *"o Encubierto"*.

Assim como Rodrigo de Leon, muitos outros, em diversas épocas, atribuíram a este soberano ou àquele, a um papa ou a outro, os dotes característicos da figura que colocaria fim aos tempos de tribulação. Essas crenças, empolgadas e delirantes, fomentaram revoltas em diversas ocasiões, no decorrer dos séculos na Europa.

Muitos desses movimentos previam que a instauração desse *século de ouro* seria feita por um europeu, o *imperador dos pobres*, no além-mar, em terras distantes. Após os descobrimentos, passou-se a acreditar que esse reino de justiça, esse éden material e espiritual, seria organizado no Novo Mundo – nas colônias espanholas, de acordo com os espanhóis, nas portuguesas, de acordo com os portugueses, nas francesas e holandesas de acordo com estes últimos, e assim por diante. A própria idéia da *"Nova Inglaterra"* vinha carregada dos ideais revolucionários dos milenaristas ingleses, dos séculos XVII e XVIII. Parecia estar impregnada nas mentes dos europeus, tal qual arquétipo universal, a certeza de que além do Atlântico estavam as terras onde, no futuro, a sociedade ideal seria organizada.

Em grande parte está explicada a competição acirrada pela posse dessas novas terras descobertas, não só entre espanhóis e portugueses, mas entre todos os europeus que lutavam pelo seu "quinhão".

O Milênio de Cristóvão Colombo

As preocupações escatológicas, que tiveram enorme preponderância nos espíritos ibéricos e europeus dos séculos XV e XVI, não podem ser analisadas separadamente das expectativas dos judeus voltadas para a vinda do Messias.

Diz o autor Jacques Lafaye: *"O milenarismo e outras formas de expectativa messiânica não foram certamente um privilégio exclusivo dos países ibéricos e ibero-americanos... Podemos, todavia, afirmar que não tiveram em mais nenhuma outra região da Europa ou da América uma influência tão profunda e tão prolongada "*. (LAFAYE, Jacques. *Le Messie dons le monde ibérique:* aperçu.1971, s/ed.)

O "novo Davi" na Espanha, *o Encoberto e o Mito Sebastianista* em Portugal, bem como a reativação do mito do *5°* Império têm fortes ligações com a influência hebraica levada pelas migrações das tribos de Judá na região.

Devido a suas aspirações messiânicas, Cristóvão Colombo foi considerado um judeu converso, embora não haja provas disso. Outros autores, como Frei Bartolomeu de Las Casas (1474-1566) [68] já vêem uma forte influência franciscana no espírito do descobridor da América, garantindo que o famoso navegador tinha uma grande devoção por São Francisco e pela Imaculada Conceição. Vestia-se na maior parte do tempo com um hábito da Ordem Terceira Franciscana e foi com ele que morreu. A devoção à Santíssima Trindade vinha-lhe da tradição gioachimita— e suas confissões e comunhões freqüentes mostravam o profundo espírito ascético e cultivador da espiritualidade interior próprios dos "iniciados" na sabedoria oriental templária. Também são caracteristicamente templários os conhecimentos sobre as novas terras a serem descobertas. [69]

Os temas da reconquista da Terra Santa, libertação do Santo Sepulcro e evangelização de todos os povos ficaram claramente expressos nos escritos e cartas de Colombo; e foi tomado desses ideais messiânicos que ele conseguiu a vitória na sua empresa de descobrir o "Mundo Novo".

Numa célebre carta, provavelmente de 1501, destinada aos Reis Católicos, o navegador afirmava: *"Eu já disse que para a execução do empreendimento das índias de nada me serviam razões matemáticas ou mapas-múndi. O que integralmente se realizou foi o que !saías havia anunciado. E é o que eu desejo deixar aqui escrito para avivar as vossas memórias e para que rejubilem com o que lhes direi sobre Jerusalém ... e sobre o empreendimento, cujo êxito, se tiverem fé, podem tomar por certo"?* [70]

O jornal O Estado de São Paulo publicou recentemente a seguinte notícia da qual citamos um pequeno trecho: *"Encontrado manuscrito de Cristóvão Colombo. No texto, descobridor descreve-se como alguém que ilumina o "inundo". Roma - Um manuscrito assinado por Cristóvão Colombo, no qual ele se descreve como alguém que "ilumina o mundo ", foi encontrado num arquivo particular em Nápoles. Colombo* (...) *acrescenta: "O Senhor enviou-me às Índias em nome da Santíssima Trindade para que eu pudesse ser unta grande luz a brilhar no inundo todo"*. ("O Estado de São Paulo", *6* de outubro de 1999, *p*. C-14).

Um certo padre Gorrizio, a pedido de Cristóvão Colombo, selecionou e reuniu, no *"Livro de Profecias"*, textos antigos e recentes sobre a *"restauração de Jerusalém"*. De um lado, textos bíblicos, sobretudo de Isaías, dos Salmos, dos Evangelhos e do Apocalipse; por outro lado, citações de autores como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Santo Isidoro de Sevilha, Gioachino di Fiori, rabino Samuel, rabino Isaac, etc. (*The Libro de Las Profecias of Christopher Columbus*, University of Florida Press, Gainesville).

Os rabinos Samuel e Isaac escreveram cartas com grande repercussão – traduzidas e publicadas em latim, castelhano, alemão e italiano. O tema central delas é que Sião vai ser reconstruída, e Jerusalém, restaurada, mas por ação dos gentios, ou seja, cristãos. É evidente que se deve terem conta a simbologia da palavra Sião e Jerusalém, não as considerando como os locais já geograficamente determinados, mas como a representação da sociedade ideal e divina sobre a Terra, que, aliás, reuniria dentro de si todos os povos: *"O Senhor reinará em toda a Terra. E nesse dia o Senhor será único e único será o seu nome"*.

O "Livro de Profecias" menciona várias vezes Tarsis e Ophir, donde provinham as riquezas de Salomão. Colombo identificou algumas das ilhas recém-descobertas da América como parte dessas ricas terras descritas por Salomão.Em 1500 escrevia o navegador: *"Deus fez de mim o mensageiro de novos céus e da nova terra, de que falou no Apocalipse de São João, depois de já antes ter falado pelo boca de Isaías. Foi ele que inc mostrou o lugar onde encontrá-los. Do novo céu e da nova terra, de que, falava Nosso Senhor através de João no Apocalipse, depois de o ter posto na boca de Isaías, ele fez-me mensageiro e mostrou-me o lugar"*. [71]

O sonho de Cristóvão Colombo foi por muitos considerado "quimérico", mas o fato é que se não fosse seu entusiasmo, aliado a conhecimentos de mapas antigos, navegação e astronomia, obtidos desses grupos secretos esotéricos, e se não fosse, antes de tudo, sua fé nas profecias sobre o 5° Império, o mundo teria seguido por caminhos muito diferentes.O navegador, cuja origem verdadeira é até hoje incerta, inaugurou uma tradição: de ver nas Américas uma nova terra prometida. L. I. Sweet escreve que *"a história da América começou com a expectativa do Milênio."* E diz mais —"o *estudo do milenarismo na história (norte) americana devem começar, não pela Antiga ou pela Nova Inglaterra, mas pela Espanha, não por Winthcop a bordo do Arabella, mas por Cristóvão Colombo, a bordo do Santa Maria"*.

O Descobrimento da América pelos portugueses

Embora a história oficial atribua a Colombo e à Espanha o mérito do descobrimento da América, inúmeros historiadores portugueses têm contestado veementemente esse fato. Alguns autores lusitanos e brasileiros (como o

prof. Jonas Negalha) afirmam que Colombo era o navegador português Salvador Fernandes Zarco, cuja missão era desviar a Espanha para outros lados e garantir a posse do Brasil, que sabiam ser a "terra prometida", para seu país. Por exemplo, ele teria dado o nome à ilha de Cuba em homenagem à cidade de Cuba, que existia já no Alentejo, em Portugal.

Outros pesquisadores, sem negar que Colombo era genovês , argumentam que ele, por ser casado com uma nobre portuguesa e por ter vivido muito tempo na corte de Portugal, lá obteve os instrumentos necessários para a sua empreitada, que veio a realizar mais tarde, financiado pelos reis espanhóis, mas sendo o mérito de Portugal.

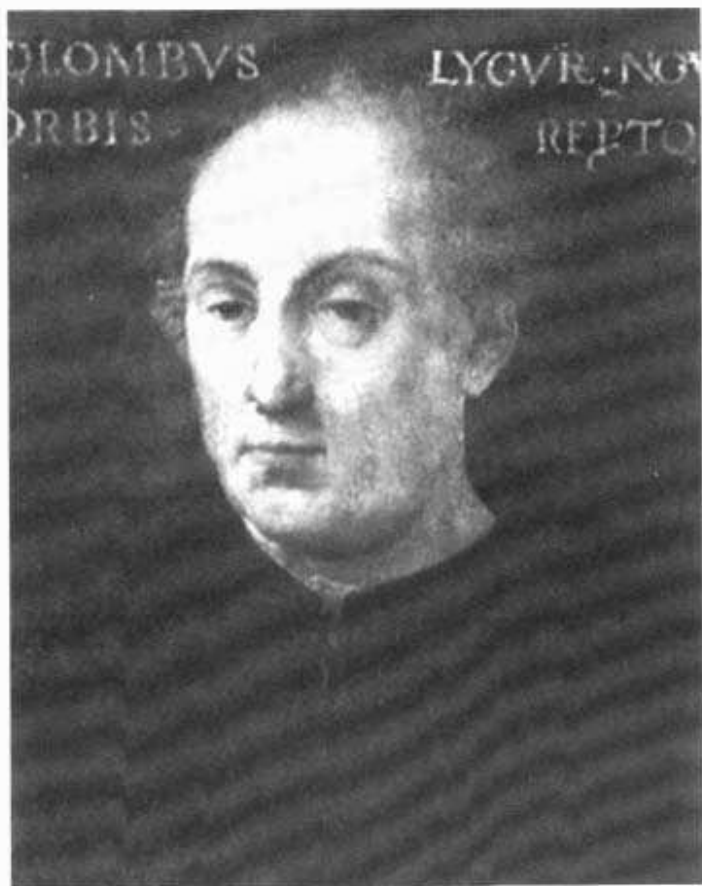
A par disso, têm-se reunido provas de que os navegadores portugueses foram os primeiros a chegar à costa leste americana, muito antes de 1492, ano em que a América foi oficialmente descoberta por Cristóvão Colombo. Teria sido por isso que o rei d. João II negou apoio a Colombo: porque as naus portuguesas já iam e vinham rotineiramente ao Novo Mundo que o navegador queria descobrir... Aliás uma vez que em 1343 o navegador português Sancho Brandão já havia chegado ao Brasil, parece lógico que, em seguida os portugueses tivessem explorado detalhadamente as costas achadas – tanto no sentido sul como norte – chegando inevitavelmente à América.

Neste sentido, o jornal *The News – Portugal's National Newspaper in English* publicou em sua edição no. 395, de 31 de Outubro de 1996, na primeira página, a seguinte manchete: *Novos achados polêmicos apontam para o fato de que os portugueses e não os navios espanhóis de Cristóvão Colombo descobriram os Estados Unidos da América.*

A notícia diz o seguinte: que de acordo com uma extensa pesquisa realizada pelo dr. Manuel Luciano da Silva, médico e pesquisador português que viveu em Rhode Island (EUA) por 40 anos, os portugueses descobriram a América antes de 22 de Agosto de 1424, ou seja, pelo menos 68 anos antes que Colombo chegasse à nova terra.

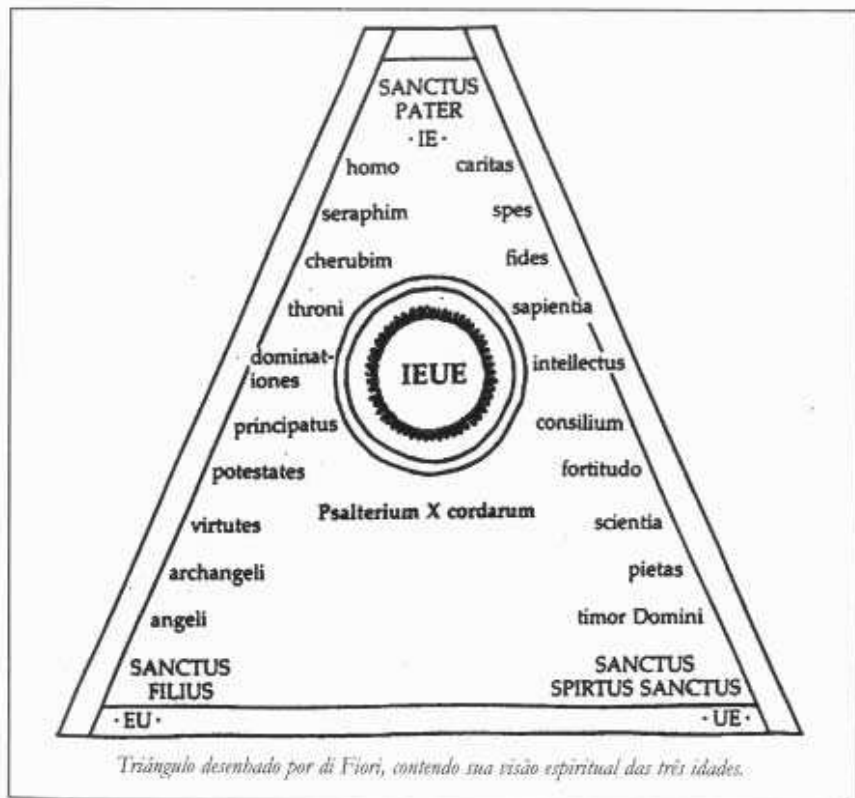
Dr. da Silva utilizou "alguns convincentes argumentos", de acordo com a notícia. Por exemplo, mostrando um mapa náutico de Zuanne Pizzigano, datado de 1424, utilizado por um navegador português, que revela os contornos da América, com nomes bem portugueses, como "Terra Nova" e "Nova Escócia" . O mapa, parte da coleção particular de James Bell Ford, na Universidade de Minnesota, mostra ainda inúmeras ilhas do mar do Caribe, além de diversos lugares da América Central, que são facilmente identificados.

Outra prova da presença portuguesa na América, apresentada pelo dr. da Silva, é a *Pedra de Dighton*, descoberta na boca do rio Taunton em Massachussets, com importantes inscrições identificadas pelo professor Edmund Delabarre, da Brown University, em 1918. Com quarenta toneladas, a pedra traz o nome de *Miguel Corte Real*, a data de *1511*, *o brasão de Portugal* e o símbolo da *Ordem Portuguesa de Cristo*.

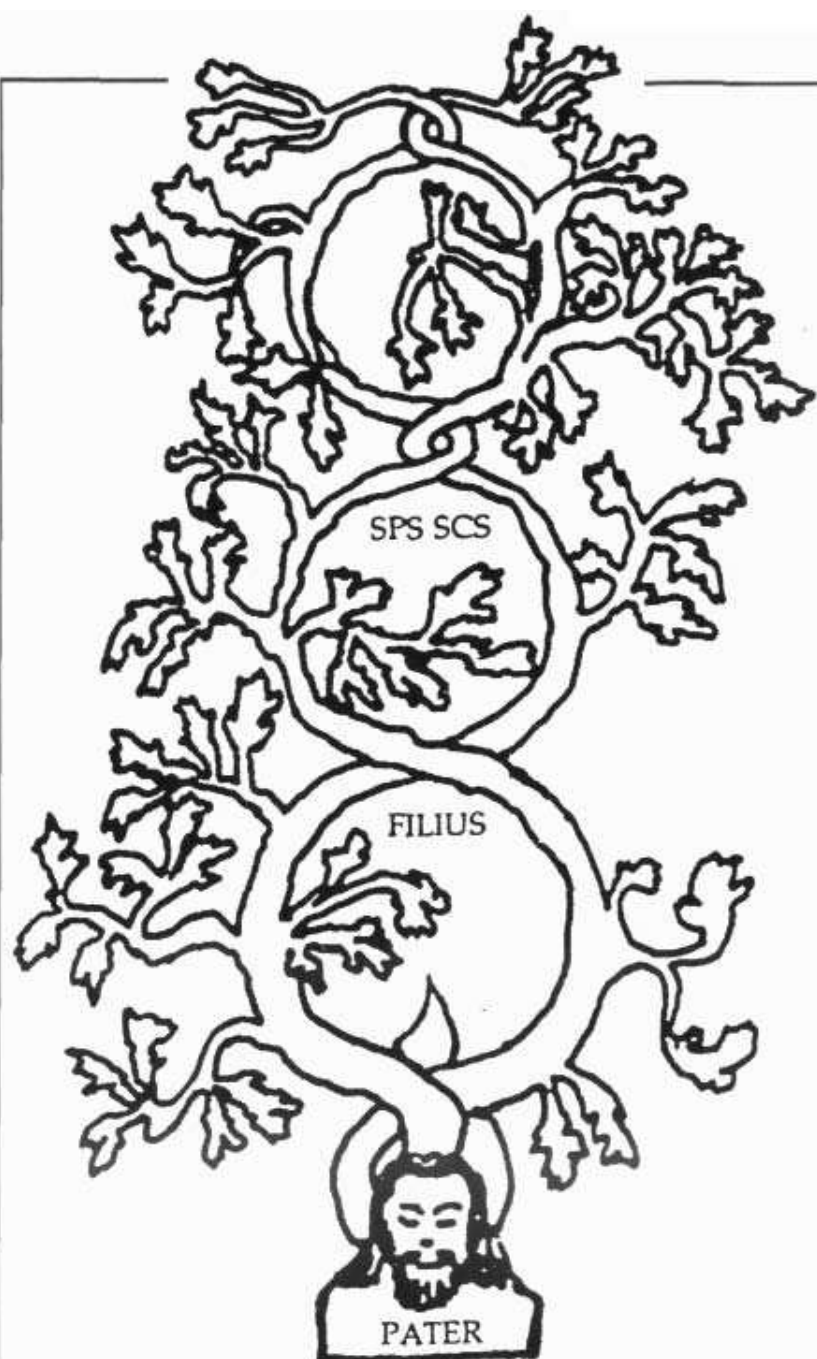
O médico da Silva apresentou ainda uma lista de 92 nomes dados a antigos lugares e pessoas do Canadá , cuja origens remontam à língua portuguesa. São exemplos desses nomes compilados pelo reverendo canadense George Patterson: Bacalhau, Fogo, Minas, Ilha das Gamas, Portugal. Porto Novo, etc. Além disso, estudos feitos entre as antigas tribos revelam que os portugueses foram o primeiro povo europeu presente no Canadá; muitas tribos atribuem seus nomes ao emblema nacional português.

"Deus fez de mim o mensageiro de novos céus e da nova terra, de que falou no Apocalipse de São João, depois de já antes falado pela boca de Isaías."

Capítulo 9

Milenarismo Italiano - 1

Gioachino di Fiori Abre as Portas ao Renascimento

Triângulo desenhado por di Fiori, contendo sua visão espiritual das três idades.

"Virá um tempo como jamais houve outro desde que os homens começaram a existir sobre a Terra. Será um tempo de felicidade, de alegria e de repouso. (...)"As preocupações e as dificuldades cessarão.(...) O povo do terceiro estado, comparável a Salomão, o filho de David, viverá cheio do Espírito, sábio, pacífico, digno de amor, dado à contemplação, e ser-lhe-á concedido o domínio da terra inteira. (...) Deixará de haver dores e gemidos. Pelo contrário, reinarão o repouso, a serenidade, a abundância da paz. Dançaremos de alegria ao contemplarmos os admiráveis desígnios de Deus. " [72]

(di Fiori).

Desenho de Gioachino di Fiori simbolizando as três idades numa progressão harmoniosa, como numa árvore com ramos entrelaçados. [17]

Gioachino di Fiori foi o pensador que mais influenciou a Europa de ponta a ponta (incluindo a Rússia) no século XII e seguintes, trazendo com suas idéias um renascimento do verdadeiro espírito cristão e a reação contra os poderes eclesiásticos corruptos e censuradores da Idade Média. Foi como um sopro de liberdade de consciência, de espiritualidade, que impulsionou o retorno aos valores éticos no seio do cristianismo.

Sua influência na espiritualidade de Portugal foi especialmente forte e duradoura, penetrando nos hábitos e na fé dos portugueses durante o reinado de D. Dinis e da Rainha Santa Isabel (pais do Projeto Áureo dos Descobrimentos) – e perpetuando-se pelas gerações futuras, mesmo no além-mar. Até hoje no Brasil comemoram-se as Festas do Divino Espírito Santo, criadas por D. Dinis e Santa Isabel em 1296, com suas características autenticamente gioachimitas (o menino coroado, a libertação dos presos, a abundância de alimentos, a igualdade das classes, a adoração ao Espírito Santo e a natureza laica das festas). Pode-se dizer que as festividades do Divino Espírito Santo são as únicas que não comemoram fatos passados, mas celebram o futuro da humanidade, que elas mesmas anunciam.

Profeta da Nova Idade

Segundo o abade di Fiori, logo que sejam ultrapassadas as provações virá, durante a última idade do mundo, *"o tempo do Espírito, a hora da compreensão espiritual e da visão manifesta de Deus"*. [73] Para ele, o que anteriormente só foi a revelado a alguns, será revelado à multidão.

Gioachino di Fiori nasceu por volta de 1135 em Celico, na diocese de Cosenza, na Calábria. Filho de notário, começou a exercer a profissão paterna na corte de Palermo. Posteriormente, por razões que desconhecemos, deixou suas atividades e visitou os lugares santos. Ao voltar, tomou-se monge cisterciense e abade do mosteiro de Corazzo. Em pouco tempo cortou com a Ordem de Císter, por julgá-la insuficientemente fiel ao ideal monástico, e construiu o convento de São João de Flora nas montanhas da Sita. Quando morreu, em 1202, uma meia dúzia de mosteiros tinham-se agregado à ordem de Flora.

Delumeau assinala em *Mil Anos de Felicidade* (op. cit) que apesar de não ter sido canonizado, Gioachino gozou no seu tempo de uma reputação de santidade, devido à sua piedade, austeridade de costumes e caridade para com o próximo; encontra-se inscrito no catálogo dos bem-aventurados e no tomo 6 da *Bibliotheca Sanctorum*, publicado em 1965 e, se alguns quiseram ver em sua obra um caráter anticlerical, eivado até mesmo de traços heréticos, a maior parte dos estudiosos afirma que essa piedosa personagem nunca teve a intenção de ser revolucionária, mas sim de viver o cristianismo puro; e os seus contemporâneos não tiveram a impressão de que formulasse doutrinas subversivas.

As suas principais obras são a *Concordia Novi et Veteris Testamenti* (Concordância do Novo e do Velho Testamento), *a Expositio in Apocalypsim* (Comentário sobre o Apocalipse), *o Psalterium Decem Chordarum* (Saltério a Dez Cordas) e o *Tractatus super Quatuor Evangelia* (Tratado sobre os Quatro Evangelhos). Seu trabalho *De unitate et Essentia Trinitatis* (Da Unidade e Essência da Trindade), dirigido contra o teólogo Pedro Lombardo e condenado no Concílio de Latrão (1215), não foi encontrado. Nesta obra, Fiori critica Lombardo na medida que este teria elaborado uma teoria mais próxima a uma "Quatertatis"e não "Trinitatis", pois Lombardo via a Santíssima Trindade como um (elemento, resultado da união dos três primeiros (Pai, Filho e Espírito).

Interiorização

Subscrevendo as críticas feitas a Cluny [74] por São Bernardo, Gioachino quis realizar um estrito retorno ao ideal monástico, outrora proposto por São Bento. Esse ideal consistia na ruptura com o mundo, renúncia a todos os bens terrenos, pureza de coração e vida contemplativa. *"O que caracteriza os monges é manterem-se estritamente no silêncio e no repouso da contemplação para escutarem em si próprios a palavra de Deus"* [75] , escreve di Fiori. Neste ponto enfatiza o aspecto da interioridade – que é a fonte de todo o conhecimento verdadeiro e base do equilíbrio psíquico, de acordo com Keppe, outro teórico, mas contemporâneo, das três eras da humanidade. Sendo psicanalista, este último acredita porém que a interioridade advém não do isolamento da pessoa, mas do diálogo entre seres humanos; este pode resultar em grande crescimento, na medida em que pelo contato com o outro é que: 1) posso conhecer-me melhor, pela conscientização dos mecanismos de projeção e inversão; e 2) posso realizar melhor o *ato puro*, ou seja, o bem para o semelhante. O isolamento do próximo, para Keppe, é resultado da idéia persecutória de que o mal, o pecado, nos é trazido pelos outros. Para ele, a contemplação deve vir unida ao trabalho, à ação interna e externa (no meio psíquico e social); além disso, o elemento material é fundamental para o ser humano, por isso deve ser aceito por todos, e não desprezado como algo inferior. [76]

Para Gioachino os *viri spirituales* (verdadeiros espirituais) antecipavam o advento do reino escatológico. [77] Sendo assim, Deus iria enviá-los *"para decifrarem*, graças à *inteligência espiritual*, *os mistérios escondidos e mostrarem aos seus o que devia em breve acontecer"*. [78]

Muitos entendem que a Idade do Espírito que di Fiori anunciava seria, pois, a dos monges. Se compreendermos, como Keppe explica, que a interioridade, o conhecimento profundo do próprio interior, leva automaticamente ao contato e à usufruição da Beleza, Verdade e Bondade do Ser Supremo, podemos concordar com di Fiori: a Era do Espírito Santo será a era dos "monges" - não no sentido das práticas exteriores, dentro de um mosteiro,

mas da revelação interior do homem conscientizado ou interiorizado, que continuará a viver em sociedade com os seus semelhantes.

A interiorização que di Fiori anuncia está escrita no antigo Testamento com estas palavras : « *Diz o Senhor : Vem aí o tempo em que farei uma nova aliança com o povo de Israel.* (...) *Vou gravar a minha lei dentro deles*, *vou escrevê-la nos seus corações*. (...) *Ninguém terá de ensinar os outros a conhecer o Senhor*, *porque todos me conhecerão*, *desde o mais pequeno até o maior*» (Jeremias, 31 , 31-34)

De Claridade em Claridade

O modo de operar do pensamento de Gioachino não consistia em tentar explicara Trindade a partir do mundo, mas, inversamente, em tentar explicar o mundo a partir da Trindade. Esse mistério, com efeito, forneceu-lhe a chave principal da sua leitura histórica, que distingue três grandes etapas, ou três idades, no devir da humanidade: o tempo "anterior à graça", o "da graça" e, por fim, "aquele por que esperamos, que está perto" e que será o de uma "graça maior". Em outras palavras: o tempo da lei natural e mosaica anterior a Cristo; o tempo marcado pela vinda de Jesus, "sujeito à letra do Evangelho"; finalmente, o tempo doravante próximo, em que triunfará a "inteligência espiritual".

Aqui encontramos outro ponto de concordância fundamental entre Fiori e Keppe. Ambos entendem e explicam melhor o mundo (e este último também o ser humano a sociedade) sob a luz da Trindade Divina. Keppe analisa tudo sob a perspectiva trilógica: sentimento, pensamento e ação; teologia, filosofia, ciência, Era do Pai (Judaísmo), Era do Filho (Cristianismo) e Era do Espírito Santo (da ciência universal ou da verdadeira espiritualidade).

Para Fiori, no decorrer do terceiro período o povo de Deus ficará isento do sofrimento e das paixões e poderá louvar a Deus numa total liberdade. Esse fato, Keppe também desenvolve na sua Trilogia, pois vê na conscientização e contenção das emoções (corrupção) e da vontade invertida (paixões) a libertação do ser humano de sua patologia, propiciando a volta ao conhecimento tanto da Verdade e do Amor originais do ser humano, quanto de seu Criador.

Afirma Fiori que a Primeira Idade estava posta sob o signo do Pai. A Segunda, sob o signo do Filho. E, finalmente, a Terceira estará colocada sob o signo do Espírito Santo. Só esta última seqüência da história humana assistirá ao grande desvendar da mensagem divina. Keppe também encara a terceira era, científica trina, como a mais completa e total no âmbito da realização do plano divino, pois somente pela ciência unida à verdadeira teologia (ou Era do Pai) e à verdadeira filosofia (Era do Filho) é que a revelação divina estará completada (Era do Espírito de Deus).

Trata-se pois, sob a pena de Fiori, de um desenvolvimento progressivo da história da salvação, procedendo a pedagogia divina por etapas e conduzindo a humanidade de *claritate in claritatem*, o que, para Keppe seria o constante processo de conscientização e de revelação divina para a humanidade.

Terceiro Tempo

A visão do Apocalipse, segundo Fiori, mostra um terceiro tempo, inaugurado por São Bento, que "frutificará" em breve, com o retomo do espírito de Elias, e terminará no Juízo Final. No momento atual, de acordo com Gioachino, estaríamos "entre o segundo e o terceiro estado". Mas também se pode dizer que nos encontramos entre o sexto e o sétimo dia do mundo, coincidindo com o sétimo milênio dos judeus (que se encontram no ano 5760, portanto no fim do sexto milênio) e entre o segundo e o terceiro « dia » da Era Cristã (chegada do 3° Milênio).

As três etapas, segundo Fiori, sucedem-se umas às outras, seguindo uma mesma ordenação. Personagens, acontecimentos e instituições do Velho Testamento são reproduzidos analogicamente no Novo e reproduzir-se-ão do mesmo modo na idade da *intelligentia spiritualis*, mas cada vez de maneira mais elevada e mais perfeita.

Embora nem Gioachino nem Keppe sejam messianistas, já que não vislumbram no horizonte nenhum novo messias, nem sejam, em sentido estrito, milenaristas, pois nunca escreveram que o reino do Espírito teria a duração de mil anos, ambos prevêem um período de grande paz para a Humanidade.

Se Fiori considera a religião monástica como originadora dessa paz no mundo, Keppe vê na *conscientização* (tanto da própria patologia interior - principalmente da inveja - quanto da patologia da sociedade) o fator fundamental que leva automaticamente ao equilíbrio e à diminuição da paranóia e agressividade, resultando na harmonização das relações humanas.

Essa convicção permite colocar di Fiori e Keppe entre os que anunciaram um período de paz e espiritualidade sobre a terra, situado entre o tempo de uma história difícil, atormentada, e a abertura da eternidade posterior ao Juízo Final - ou seja, a previsão do período chamado Parusia.[79] Gioachino volta às concepções escatológicas dos primeiros séculos do cristianismo, como um "retomo às origens da teologia cristã". Identificou, pois, dois tempos de provação: o primeiro antes da instauração (sobre a Terra) do reinado do Espírito e o segundo entre o final desse reinado e o Juízo Final.

Do mesmo modo, distinguiu dois Anticristos. Além do *ultimus Antichristus*, que surgirá na consumação dos séculos, deve aparecer em breve o sexto rei anunciado pelo Apocalipse de João. '*Ele proferirá palavras contra o Altíssimo, julgando que pode mudar os tempos e as leis. E os santos ser-lhe-ão entregues*

durante o tempo, durante tempos, e durante a metade de um tempo." Gioachino anuncia, em sua *Concordia*, que no decurso do sexto tempo do mundo (o atual, no calendário judaico) *"uma violenta atribulação agitará a Igreja de Deus, a fim de que , no sétimo tempo, o Criador de todas as coisas repouse efetivamente* (...) *E, como no sexto dia Cristo sofreu, assina no sexto tempo desenrolar-se-á uma paixão, precedendo o sabbat da paz.*(...) *Os sinais inscritos no Evangelho expõem claramente o pânico e a ruína do século que desaba e que deve perecer "* [80]

A Hora do Pleno Dia

Segundo Fiori, logo que sejam ultrapassadas essas provações, virá, durante a última idade do mundo, *"o tempo do Espírito, a hora da compreensão espiritual e da visão manifesta de Deus ».* Para ele, durante o sétimo período, o que anteriormente só fora revelado a alguns será revelado à multidão. A partir desse momento, ninguém mais ouvirá alguém negar que Cristo seja o filho de Deus. A Terra ficará toda ela repleta da ciência do Senhor, excetuadas as nações que, no fim do mundo, o diabo deverá tomar para si. Este estado será o terceiro, reservado ao reinado do Espírito Santo. Nesse "santo tempo da alegria", gregos e latinos reconciliar-se-ão, o Evangelho será pregado no mundo inteiro e a "inteligência espiritual" abrangerá igualmente os judeus. *"Eu pressinto que está a chegar para eles"*, escreve Gioachino, "*o tempo da misericórdia, o tempo do consolo e da sua conversão"*.

Gioachino encara o terceiro "estado", ou "o sétimo dia" do mundo, de maneira puramente espiritual. Será um novo Pentecostes, graças ao qual o Espírito Santo operará a nossa conversão. Far-nos-á desejar ardentemente a felicidade eterna. Essas segundas bodas de Cana embriagar-nos-ão com o vinho da sabedoria e veremos face a face mistérios que anteriormente só vislumbrávamos num espelho.

Di Fiori escreve sobre a Terceira Idade: *"O primeiro estado foi o da servidão dos escravos; o segundo, o da dependência filial; o terceiro será o da plenitude da inteligência, será o da liberdade. O temor caracterizou o primeiro; a fé, o segundo; a caridade marcará o terceiro. O primeiro era o tempo dos escravos, o segundo é o tempo dos homens livres; o terceiro será o tempo dos amigos. O primeiro era o tempo dos velhos; o segundo é o dos jovens; o terceiro será o das crianças. O primeiro estava sob luz estelar; o segundo é o momento da aurora; o terceiro será o do pleno dia. O primeiro deu urtigas; o segundo dá rosas, o terceiro dará lírios".* [81]

Após o tempo da "lei", e depois do da "graça", vai, pois, chegar o da "maior graça", no decorrer do qual a Natureza será transformada e embelezada. No mundo, a liberdade espiritual florescerá. *Então "deixará de haver dores e gemidos. Pelo contrário, reinarão o repouso, a serenidade, a*

abundância da paz. Dançaremos de alegria ao contemplarmos os admiráveis desígnios de Deus." Não será mais necessário, segundo Fiori, escrever livros para explicar as Escrituras. A pregação parará. O tempo da letra terminará. Os fiéis contemplarão os mistérios em plena luz. Ao Evangelho segundo a letra seguir-se á o "Evangelho Eterno", que procede do Evangelho de Cristo. A verdade ser-nos-á dada na sua simplicidade.

O Homem Universal

Interpretando essas palavras à luz da Trilogia Analítica podemos prever a realização do que N. Keppe descreve como a Civilização do Homem Universal, quando este, conscientizado da sua patologia (humildade), poderá entrar em contato, pela intuição e amor, com toda a ciência infusa ou com os universais existentes de maneira inata na sua estrutura psico-energética essencial.

Gioachino repetiu-se muito e retomou incansavelmente os mesmos temas. Assim, escreve ele noutro passo: *"virá um tempo como jamais houve outro desde que os homens começaram a existir sobre a Terra. Será um tempo de felicidade, de alegria e de repouso"*. Nessa idade de "plenitude", *"as preocupações e as dificuldades cessarão.*(...) *O povo do terceiro estado, comparável a Salomão, o filho de David, viverá cheio do Espírito, sábio, pacífico, digno de amor, dado à contemplação, e ser-lhe-á concedido o domínio da terra inteira."* [82] [Obviamente devemos compreender que não seria uma "dominação" no sentido sócio-econômico, como vem ocorrendo em toda a história humana, mas sim, uma desinversão, com o maior (sabedoria) sobrepujando o menor (poder patológico).]

Sabe-se que as relações de Gioachino com os sucessivos papas, que foram seus contemporâneos, permaneceram excelentes. Lúcio III pediu-lhe que escrevesse um comentário sobre o Apocalipse e que redigisse a sua *Concórdia*. Urbano III continuou a encorajá-lo. Celestino III confirmou, em 1196, a ordem de Flora, que o ex-abade cisterciense acabara de fundar, e Inocêncio III, pronunciou o seu elogio. Não escrevera Gioachino na *Concordia: "A Igreja de Pedro não falhará de modo algum, ela que é o trono de Cristo* (...) *Mas, transformada para tune glória maior; permanecerá eternamente estável."?*

Fiori deixou pressentir que nessa ocasião verificar-se-ia uma perda de velocidade por parte da Igreja. Seria o que iria alertá-la. *"Ao observar a ordem antiga, o pontífice romano começará a arrefecer por causa da velhice"*.

Gioachino criticou as ordens religiosas do seu tempo, infiéis, segundo ele, às formas antigas da vida monástica. Foi severo para com as abadias demasiadamente presas aos bens deste mundo e muito pouco voltadas para a

contemplação. Indignou-se por ver a Igreja *"transformada em estabelecimento de comércio"*.

O que atemorizou os clérigos posteriores e chegou a provocar uma reação anti-gioachimita violenta, foi terem visto na obra de Gioachino o perigo do "Evangelho Eterno", isto é, o "Evangelho do Reinado do Espírito », que iria suceder ao Evangelho de Cristo, provocando, por isso mesmo, o desaparecimento do conjunto orgânico constituído pela Igreja de Pedro.

No *Tractatus* Gioachino insistiu fortemente no regresso de Elias. *"Está escrito: Elias deve voltar e restabelecer todas as coisas (Mt. 17, 11) ". Na realidade, Elias encontrará todas as coisas como agora as vemos já, ou seja, corrompidas. Contudo, do mesmo modo que outrora reconstruiu, com novas pedras, o altar que tinha sido destruído, assim o Espírito Santo, que a ele próprio designa, quer graças a ele Elias, quer graças a outros que reunirá junto do altar, retificará o que está torto e aplanará as asperezas dos caminhos."* [83]

Nesse trecho toma-se clara a necessidade de uma regeneração da raça humana, que mesmo após a vinda de Cristo, continua mergulhada nas trevas e no sofrimento da corrupção – fato de que ninguém pode duvidar. É mister, portanto, a ação do Espírito, para que o homem se conscientize de sua corrupção - tema amplamente desenvolvido na obra de Keppe. Obra do Espírito (consciência) que unida à da Verdade (Filho) e do Amor (Pai) terá a força e eficácia necessárias para a realização do Reino Divino na Terra.

Lê-se igualmente na *Concordia: " No momento em que o Evangelho do reino for universalmente pregado a inteligência espiritual abrangerá igualmente os judeus e, qual raio, quebrantará a dureza dos seus corações, de modo que se cumprirá o que está escrito pelo profeta Malaquias: 'Eis que vou enviar Elias, o profeta, antes que chegue o dia do Senhor, grandioso e temível. Ele trará o coração dos pais para junto dos filhos e o coração dos filhos para junto dos pais, com receio de que eu venha a amaldiçoar a Terra".* [84] Do mesmo modo, Keppe considera a era atual como altamente neurótica devido à intensa projeção da patologia que filhos fazem em seus pais e pais em seus filhos, levando à violência e a conflitos sem precedentes. Mais uma vez, só a interiorização e a conscientização da psicopatologia poderá levar à libertação e à aproximação das gerações.

O Tempo das Crianças

Por um lado, Gioachino provocou uma reentrada em força dos temas apocalípticos, que, desde Santo Agostinho, tinham sido marginalizados. Por outro, profetizou que à Igreja dos clérigos ia suceder a dos contemplativos, o que correspondia a desferir um golpe na instituição. Por fim, nomeadamente no *Tractatus*, utilizou muitas vezes a fórmula evangélica "os últimos serão os

primeiros", que completou com a afirmação de que ao tempo dos velhos e dos adultos ia suceder o das crianças; são os *"parvuli"* que reinarão sobre o mundo e que confundirão os "soberbos" e os poderosos. Isto fez com que espíritos menos bem intencionados do que di Fiori transformassem o gioachinismo num milenarismo radical e violento, e que outros o "diabolizassem" vendo-o como herético.

O poder eclesiástico e da nobreza estavam seriamente ameaçados pelo monge que vislumbrava a vivência do cristianismo puro. O pensamento de Gioachino de Di Fiori foi traído: o "Evangelho Eterno", que, segundo o Apocalipse (14, 6-7), deve ser pregado a todos nos últimos tempos, tornou-se, graças à difamação ao monge calabrês, um rótulo com uma forte carga explosiva e, com isso, temido e perseguido.

Capítulo 10

MILENARISMO ITALIANO - 2
São Francisco de Assis
e os Franciscanos da 3ª Ordem

Elevação da cruz em Porto Seguro,
óleo sobre tela de Pedro Peres (1879)
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

"Com a entrada dos franciscanos em Portugal logo no início do próprio movimento (...) *é possível definir já o sentido tolerante, religioso e fraterno da espiritualidade portuguesa"*, diz-nos o historiador português António Quadros. [85]

Tanto ele como o historiador francês Jean Delumeau, assinalam o caráter milenarista dos franciscanos, principalmente os da Ordem Terceira, que admitia os leigos em sua organização. Delumeau afirma que "os *dois, franciscanos mais conhecidos da "conquista espiritual" do México no século 16, Motolonia e Mendieta, tiveram em comum a convicção de que iam poder reconstituir a idade de ouro da Igreja primitiva no outro lado do Atlântico.* (...) *Mendieta sonhou levar os indígenas a viver* (...) *como num paraíso terrestre . "* [86]

Os primeiros religiosos a chegar oficialmente ao Brasil nas naus dos descobridores foram oito frades franciscanos, chefiados por Frei Henrique Soares, de Coimbra. Desde então, a ordem fundada por S. Francisco em Assis, na Itália Central, em 1210, nunca mais parou de influenciar a formação da cultura brasileira, do mesmo modo que já havia causado enorme impacto no cristianismo europeu.

Essa influência adveio principalmente da Ordem Terceira, formada por pessoas leigas que buscavam viver em suas casas e em seus afazeres os ideais franciscanos. Exemplo é a própria Rainha Santa Isabel, de Portugal, que era freira clarissa da Ordem Terceira, praticando os ideais franciscanos na vida pública, sem deixar suas funções monárquicas. Ela terminou sua existência, após a morte do marido, Rei D. Dinis, vestida constantemente com o hábito de clarissa. Outro franciscano da Ordem Terceira seria o navegador Cristóvão Colombo.

A Ordem de São Francisco surgiu com um espírito totalmente novo, tentando reviver o cristianismo puro, das origens. Seu fundador, Giovanni Bernardone (São Francisco) nasceu em Assis, Itália Central, calcula-se que em 1181 ou 1182 e morreu perto da mesma cidade, em 1226, com a idade de 45 anos.

Em vez de ficarem reclusos nas igrejas ou mosteiros, Francisco e seus frades, seguindo as pegadas dos apóstolos, decidiram sair pregando pelo mundo a penitência e o evangelho, de acordo com a regra que Cristo transmitira aos discípulos: ide e pregai; curai os doentes, limpai os leprosos, não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforje, nem duas túnicas; em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, procurai alguém que seja digno e permanecei em sua casa até partirdes. (Mt 10, 6-15; Mc 6, 7-13; Lc 10, 3-12). Os frades peregrinavam dois a dois, reunindo-se somente uma ou duas vezes por ano, em um local combinado.

O movimento teve repercussões em toda a Europa e imediatas em Portugal (posteriormente no Brasil, Açores, África e outros domínios portugueses), como muito bem explica o historiador lusitano António Quadros: *"Com a*

entrada dos franciscanos em Portugal logo no início do próprio movimento (...) *é possível definir já o sentido tolerante, religioso e,fraterno da espiritualidade portuguesa. A rudeza dos costumes da época, contrapõe-se uni idealismo que tende a corrigi-la* (...) *princípios de grande exigência ética, ao lado dos valores heróicos antigos* (...) *de fidelidade, coerência, e de uni patriotismo de tendência universalista ou católica* (...) *sendo português o mais culto e inteligente dos discípulos de S. Francisco, Santo Antonio de Lisboa, primeiro doutor da Ordem.* (...) *o espírito de tolerância, predominando sobre a intransigência contra o infiel,* (...)*propiciou um convívio inter-racial e inter-religioso"* [87]

Encontramos aí, possivelmente, uma das raízes do espírito tão bonito de confraternização e tolerância, pacífico e não belicoso, predominante no povo brasileiro e em outros, colonizados pelos portugueses.

Interligação européia

Ao mesmo tempo, o movimento franciscano cresceu rapidamente, atraindo para suas fileiras alemães, franceses, italianos, espanhóis, portugueses, nobres, ricos, teólogos, sacerdotes, gente do povo, artistas - pois, devido a serem incansáveis andarilhos e admitirem os leigos na sua Ordem Terceira, os frades ligavam entre si as classes, os níveis hierárquicos e as regiões.

Os biógrafos de São Francisco dizem que não somente os homens se convertiam à Ordem, mas também muitas mulheres, ainda solteiras ou viúvas, as quais, seguindo seu conselho, enclausuravam-se nos mosteiros espalhados pelas cidades e aldeias para fazer penitência, surgindo a Ordem das Pobres Damas, que mais tarde se chamariam clarissas (seguidoras de Santa Clara). Da mesma forma, homens e mulheres casados, não podendo abandonar a lei do matrimônio, entregavam-se, por conselho dos irmãos, a uma penitência mais rigorosa, sem sair de suas casas e atividades, tomando-se membros da atuante Ordem Terceira Franciscana.

O santo de Assis e seus frades, escreve Quadros, [88] tudo uniam *"com seu exemplo de despojamento, ideal de fraternidade, de pobreza e de fé, do seu cristianismo vivencial e ardente, remontando ao comunitarismo dos Actos dos Apóstolos. A meio caminho entre os ascetismo e a cavalaria há* (...) *uma dupla ascendência, beneditina e templária.* (...) *Quando as cruzadas esmorecem, eles surgem como novos Cruzados, os Cruzados do interior, os Cruzados do povo e para o povo."*

Viria daí um dos pilares da maravilhosa unidade racial, territorial, lingüística e cultural que se observa no território e no povo brasileiro, apesar de suas dimensões continentais?

Espírito de Pobreza

Ao lado dos grandes valores espirituais que os frades traziam, diz o historiador lusitano que eles também uniam tudo com seu *exemplo de pobreza*. Não adviria daí, em grande parte, isto é, de uma interpretação errônea do significado da vida apostólica e evangélica do santo, a idéia do chamado espírito de pobreza, ou desprezo aos bens materiais e ao corpo, que se nota com clareza em nossa cultura e também na lusitana? É claro que se percebem aqui também os laivos da filosofia platônica, cristianizada por Aurélio Agostinho, e que dominou a Europa medieval por oito séculos, até mais ou menos a época em que São Francisco viveu. Como se sabe, tanto Platão como o doutor da Igreja enxergavam o corpo e a matéria como algo desprezível, como se nos fosse inadequado. Seja como for, parece que , devido a esse desprezo, os brasileiros entregam de graça as suas riquezas, animais, florestas, minérios, petróleo e até suas empresas e trabalho aos poderes gananciosos, que encontram grande facilidade para se apossar do país. O que é uma pena, pois toda a riqueza cultural, espiritual e moral da tradição luso-brasileira é destruída nesse processo. Igualmente, portugueses e espanhóis perderam para os ingleses e alguns outros povos muitas das terras que descobriram ou colonizaram.

O Poder Revolucionário de Francisco

Embora pouco se mencione a respeito, o ideal de pobreza vivido e pregado por S. Francisco tinha mais a finalidade de se contrapor à corrupção desenfreada que se verificava no clero e na nobreza da época. Ele próprio era filho de família muito abastada e abandonou tudo pela vida virtuosa. As riquezas, associadas à injustiça, impiedade e decadência moral, passaram a ser símbolos do anti-Cristo.

O exemplo vivo do jovem de Assis arrastou atrás de si uma verdadeira legião de rapazes e moças ricos e da nobreza, que dava as costas à estrutura de poder social da época, abraçando a vida de ideal cristão. A pobreza dos franciscanos tinha mais uma finalidade de denúncia à corrupção, e o fenômeno Francisco de Assis abalou toda a Europa.

Gioachimismo

A influência templária e gioachimita (de Gioachino di Fiori) sobre o movimento franciscano é mencionada com freqüência por alguns historiadores.

No livro *São Francisco de Assis*, na Introdução, p. 24, lê-se: *"No fim do primeiro triênio do generalato de Frei Boaventura, reuniu-se o capítulo geral da Ordem em 1260. Sintomaticamente, 1260 era o ano fatídico para os sonhadores gioachimitas, no qual teria início a nova Era do Espírito Santo,*

da Igreja espiritual, dos monges, em oposição à era do Filho, da Igreja carnal, do clero. Tais expectativas criaram raízes também em alguns setores da Ordem Franciscana, a tal ponto que o ministro geral anterior a Frei Boaventura esteve sujeito a um processo de averiguação a respeito de suas idéias gioachimitas." [89]

António Quadros, em seu livro já citado, menciona que os *franciscanos espirituais ou fraticelli* viam em S. Francisco e em Santo António, na sua obra, exemplo e ordem, os sinais prodigiosos da futura Idade do Espírito Santo.

Os *fraticelli* (diminutivo de frade, irmão) eram franciscanos que, em 1230 (quatro anos após a morte de S. Francisco) defenderam a pobreza estrita pregada pelo santo, opondo-se a modificações introduzidas nessa orientação pela bula *Quo alongati*, do papa Gregório IX, que acomodava a prática da pobreza em função do tipo de atividade sacerdotal, episcopal ou de magistério dos religiosos.

Pouco antes de morrer, S. Francisco ditara o seu testamento, onde reafirmara o seu ideal apostólico e evangélico e a fidelidade que os frades deveriam manter em relação ao franciscanismo original, dos primeiros tempos. Apesar da decisão contrária do papa Gregório IX, os espirituais afirmavam que o testamento tinha valor jurídico e obrigava em consciência, assim como a regra, começando aí um longo conflito.

Celestino V autorizou alguns franciscanos a deixar a ordem para praticar a pobreza absoluta, em 1293. Com Bonifácio VII, que suprimiu seus privilégios, eles se revoltaram. Não obstante as perseguições, o movimento, muito popular na Itália, manteve-se até o século XV. Os *fraticelli* mostraram-se particularmente contrários ao papa João XXII

No livro *São Francisco de Assis*, já citado, há outra referência a este mesmo assunto, na Introdução, à página 26: *"A Legenda Maior (biografia de S. Francisco escrita pelo Frei Boaventura) é uma grande beleza. No prólogo, o autor rasga as nuvens e impressiona (...) ele identifica o anjo do sexto selo, marcado com o sinal do Deus Vivo (Ap. 7,2) como S. Francisco. A imagem era cara aos joachimitas, mas S. Boaventura guarda-se de dizer que, com S. Francisco, começou a Era do Espírito Santo; para ele, o Serafim de Assis, identificado com Jesus Cristo pelas chagas, nada mais é que seu fiel seguidor"*.

Afirma-nos António Quadros que o próprio Gioachino di Fiori, na sua interpretação do anjo do Apocalipse não foi tão longe, vendo nele antes a expectativa de uma renovação próxima da Igreja cristã, em sentido espiritual e paraclético. Antes do advento da Terceira Idade, segundo os gioachimitas, haveria a batalha entre o Anticristo, com os poderes do mal, e os representantes da futura ordem espiritual do mundo.

De qualquer modo, o grande santo do franciscanismo, Boaventura, filósofo e doutor da Igreja, tinha uma visão espiritualista do mundo, pois *« enquanto Tomás de Aquino apoiava-se na Escritura (ou na tradição) e na razão, Boaventura apelava às luzes superiores do Espírito Santo* . (...) *Assim foi a vida deste santo que, em Paris, representou uma escola oposta ao racionalismo tomista, fornecendo um rumo diferente para a humanidade, pois tanto Duns Scot como Guilherme d'Ockam estudaram em Paris, aceitando mais tal orientação - levando à Reforma de Lutero. Gostaria ainda de avisar o leitor que Boaventura pertenceu à Escola Franciscana, que conserva até hoje orientação diversa da dominicana e do tomismo.* " [90]

O teólogo franciscano escocês John Duns Scot (1266-1308) foi adotado como o filósofo da Ordem de São Francisco. Usou conceitos de Aristóteles, mas de maneira diferente de Tomás de Aquino, pois valorizou mais o sentimento (intuição); concedeu grande importância aos universais, considerando o conceito como produzido pelo espírito; dizia que esse conceito corresponderia a um elemento comum que existiria nos objetos, independente do pensamento. *"Ele era eminentemente construtivo, tendo a preocupação de organizar uma concepção de vida baseada no amor* (...) *iniciando o voluntarismo, em clara oposição ao intelectualismo do Doutor Angélico (Aquino).* " [91]

Outros dois franciscanos dessa orientação voluntarista foram Roger Bacon e Guilherme d'Ockam. O resultado dessa influência foi um maior progresso material da civilização do Centro e Norte europeu, ao lado de uma religiosidade meio piegas. *"É fácil notar que o ocamismo, juntamente com o scotismo e o rogerismo possuíam basicamente uma filosofia superior ao tomismo, porque colocaram a experimentação, o amor e a vontade em primeiro plano, levando seus países a um desenvolvimento muito maior do que os latinos, predominantemente racionalistas – no entanto, faltou-lhes o processo dialético (do afeto com o raciocínio), motivo pelo qual os povos anglo-saxônicos apresentam uma filosofia mais ingênua. No entanto, tal orientação permitiu um grande florescimento do misticismo"* , pondera Keppe em seu livro já citado. Para ele, dentro do cristianismo, o catolicismo colocou o racionalismo tomista em primeiro plano, afastando o seu valor principal, o amor, para um segundo lugar. *"Neste caso, deveria haver uma unificação entre o elemento afetivo, presente mais nos grupos protestantes, com o racional, dentro do catolicismo, para haver um verdadeiro cristianismo."*

S. Francisco

A Idade Média vivia a influência dos ideais cavaleirescos, bernardinos, templários, cistercienses e gioachimitas em maior ou menor grau. Desse modo, não é de estranhar se o próprios. Francisco., contemporâneo e conterrâneo de Gioachino di Fiori, tenha sofrido suas influências, mas não se pode dizer quais,

nem até que ponto. De qualquer modo, as aspirações altamente espirituais do santo de Assis coincidiam, e muito, com a maneira de ver o mundo dos gioachimitas, que esperavam a nova era da espiritualidade . Por exemplo, afirma o seu biógrafo Tomás de Celano que o santo '*queria que a Ordem fosse comum para os pobres e iletrados e não só para* os *ricos e sábios. Dizia: Diante de Deus não há acepção de pessoas e o ministro geral da Ordem*, *que é o Espírito Santo*, *pousa do mesmo jeito sobre o pobre e o simples. Quis pôr estas palavras na regra*, *mas a bula as omitiu.*" [92]

Parte dos franciscanos foram incansáveis difusores da doutrina de di Fiori, e influenciaram sobretudo a rainha de Portugal Santa Isabel, que levou os franciscanos para Portugal e iniciou o culto ao Império do Espírito Santo e a festa do Divino, que depois se propagou por todas as áreas de domínio dos portugueses, sendo até hoje muito viva no Brasil, nos Açores e em outras partes.

O Franciscanismo e a Trilogia Analítica

Em São Francisco e em sua doutrina, em seu exemplo e de seus seguidores, encontramos a enunciação de conceitos muito próximos dos trilógicos, que a ciência keppeana veio demonstrar quase oitocentos anos depois. Por exemplo: a valorização da ação ética como fundamento da vida, o valor da alegria e otimismo, a importância de conter a inveja, a ira, a preguiça e a desonestidade para se viver bem e a necessidade de conter o orgulho (teomania) para subsistir a humildade (realidade).

Franciscanismo no Brasil

No primeiro século da colonização do Brasil, os frades fundaram missões entre os índios, sobretudo no Nordeste, Bahia e Santa Catarina. Construíram aldeamentos e fortes, onde ensinavam o cristianismo, artes e agricultura e defendiam os nativos contra os escravocratas, sendo perseguidos por vários governantes. Nesse século, a ordem teve em Olinda uma grande sede (que viria a ser província autônoma) com um curso superior que formava clérigos franciscanos brasileiros.

No século seguinte , Belém do Pará abrigou também uma sede franciscana importante , e os conventos do sul da Bahia foram reunidos numa província , com sede no Rio de Janeiro, surgindo ainda núcleos dos frades na Amazônia.

Na primeira metade do século XVIII os franciscanos, 1200 ao todo, mantinham cerca de 60 missões entre o Amazonas e São Paulo, com escolas para os pobres e faculdades para o público em geral.

A gestão do marquês de Pombal em Portugal trouxe problemas para os franciscanos no Brasil, até o ponto de extinguirem-se as missões. No Império,

Castelo dos Souza, na cidade de Souza, à beira do rio do mesmo nome.

Foi no castelo da família Souza que foi fundado o primeiro mosteiro da Ordem de S. Francisco em Portugal. Os franciscanos tinham especial ligação a esta família, em cujo castelo, perto de Penafiel, distrito de O Porto, também morreu e está enterrado Egas Moniz, o Cavaleiro da Ordem do Templo, tutor do rei Afonso Henriques, o fundador e primeiro rei de Portugal.

a Ordem foi suprimida, ficando reduzida a dez frades em todo o Brasil, perdendo-se um importante acervo em livros, arquivos e objetos de arte.

No fim do século passado, os franciscanos restantes , reunidos aos primeiros frades alemães que então vieram ao Brasil, decidiram, com apoio de Roma, restaurar a ordem na Bahia e no Rio de Janeiro, reiniciando as missões entre os índios.

Neste século, criou-se, em 1949, a província de Santa Cruz, cuja sede veio a ser em Belo Horizonte. Na década de 70 já existiam no Brasil sete custódias franciscanas, com 1600 religiosos, dos quais dezenove eram bispos.Uma fração dos franciscanos que teve muita influência no Brasil foi a Ordem dos Frades Capuchinhos. Fundada em 1528 pelo frade italiano Matteo Baschi, buscava reencontrar o espírito franciscano primitivo (pureza total, vida eremita, liberdade de pregação), pois, após a morte de São Francisco, em 1226, a sua Ordem passara por algumas modificações. Aprovada por Clemente VII a Ordem dos Capuchinhos popularizou-se na França entre os trabalhadores.

Os primeiros quatro missionários desta Ordem chegaram ao Brasil no início do século 17, com os invasores franceses, chefiados pelo almirante de Rasilly. Eram provenientes da província da Bretanha, na França Chegando ao Maranhão em 1612, iniciaram sua primeira missão entre os índios, recebendo depois mais 12 frades da Bretanha. A vitória portuguesa contra os invasores trouxe a expulsão dos missionários, ficando apenas dois capuchinhos para os trabalhos com 20 mil índios cristianizados.

Depois disso, diversos capuchinhos vieram ao Brasil em naus portuguesas, fundando, em Pernambuco, a primeira casa oficial da ordem, ocupada por frades italianos. Este Estado, o Rio de Janeiro e a Bahia tornaram-se centros de onde partiram missionários para todo o Brasil. Espalhando-se pelo interior, cristianizando os índios, auxiliando o clero secular ou suprindo-o, os frades edificaram igrejas e cemitérios e iniciaram núcleos de futuras cidades, tornando-se venerados nos sertões brasileiros.

No fim do século XIX, cada Estado brasileiro passou a ser um centro dos Capuchinhos, mantido por províncias da Europa. O primeiro noviciado foi aberto na cidade de Taubaté, São Paulo, e a custódia do Rio Grande do Sul tornou-se a primeira província do Brasil. Outras ordens derivadas do franciscanismo atuaram no Brasil, como a Congregação dos Irmãos Pobres de São Francisco Seráfico, fundada em 25 de dezembro de 1857 em Aachen, Alemanha, por frei João Hoever, para educação e formação de meninos pobres e desamparados, chegando ao Brasil em 1934, fixando-se em Pindamonhangaba, São Paulo. Os Franciscanos de Santa Cruz, fundada em 12 de junho de 1862, em Valdbreitbach, Alemanha, por frei Jacobus Wirth, para exercício das obras de misericórdia, assistência aos enfermos, institutos para órfãos, escolas de artes e ofícios, chegou ao Brasil em 1965, fixando-se em Blumenau, Santa Catarina.

Como o Primçipe dom Affomsso Hamrriquez aballou com gemte a guerrear os mouros e terras dAlemteio, e como no caminho adoeçeo e morreo dom Egas Moniz, e do seu enterramento, e mujta deuaçam dos caualleiros daquelle tempo. CAPITULLO .xij.

[D]epois que o Primçipe dom Affomsso Hamrriquez tornou de gaanhar Leyrea e Torres Nouas aos mouros, esteue em Coimbra alguũs dias: e ueemdo que tijnha sua terra e fortellezas muy prouidas e postas em hordem do que lhe compria, e tambem que de Castella estaua seguro de guerra, por alguũas rrezoões que a estorea nam declara: comsijramdo elle que nam deuia nem podia milhor empregar o bem e homrra que seu pay e elle gaanharam, que em seruiço de nosso Senhor, de cuja maão o tijnham rreçebido: e como nam auia emtam nenhuũ seruiço de Deus mais neçessario em Espanha ocupada de mouros, que seerem guerreados e lamçados fora della, segumdo fora sempre seu proposito e uoomtade: ouue comsselho com os seus de fazer guerra nas terras dAlemteio, espiçialmente na comarqua do campo dOurique, e esto por duas rrazões: a primeyra, porque a terra era muy pouoada e de poucas fortellezas, em que os

Parte de texto em português arcaico onde está documentado o enterramento de Egas Moniz por Affonso Henriques, no Paço dos Souza.
"Crónica de El Rei Afonso Henriques", op. cit.

Capítulo 11

MILENARISMO ITALIANO - 3
DANTE ALIGHIERI
(1265-1321)
O Poeta Esotérico do Renascimento

"A Divina Comédia, de Dante, foi sem dúvida uni dos maiores receptáculos das idéias de Joaquim de Flora (Gioachino di Fiori), a ponto de ter sido considerada por alguns como apocalipse joaquimita (gioachimita). A figura misteriosa do Veltro (...) que destruirá na tormenta a besta selvagem e que se alimentará de sabedoria, de amor e de virtude tem sido interpretada das mais diversas formas. (...) O leão e a loba (...) são os obstáculos que o Veltro abaterá e afastará para o triunfo final do Espírito Santo. "

(António Quadros) [93]

Gioachino Di Fiori (1135-1202) e São Francisco de Assis (1181-1226) exerceram grande influência sobre Dante Alighieri (1265-1321), que estudou em escolas dominicanas e franciscanas. O poeta florentino, por sua vez, influenciou fortemente o rei de Portugal D. Dinis (1260-1325), pai do Projeto Áureo dos Descobrimentos. O monarca lusitano, contemporâneo de Dante, era também seu profundo admirador. Tanto Alighieri, como Francisco de Assis e Gioachino di Fiori são as três principais influências italianas no Projeto de D.Dinis, que veio desembocar no "descobrimento" do Brasil.

Nascido em Florença, Dante passou 36 anos de sua vida na cidade natal e, depois, mais 20 anos no exílio. Com sua obras *"Vida Nova"*, *"Monarquia"; e "Divina Comédia"* ocasionou o próprio nascimento da Língua Italiana e contribuiu para o renascimento europeu.

Em seu mais famoso livro, *Divina Comédia*, coloca a *inveja*, *a arrogância e os desmandos do poder* como os piores erros do ser humano — exatamente como a ciência trilógica de Norberto Keppe veio a confirmar tantos anos mais tarde.

Em sua obra *Monarquia* atuou como Montesquieu faria séculos depois, ou seja, pregando a divisão do poder para diminuir sua carga patológica. Assim como na França o autor de *O Espírito das Leis* recomendou que o poder monárquico fosse dividido em três - Legislativo, Executivo e Judiciário - (para retirar das mãos dos monarcas o poderio exagerado) o poeta de Florença defendeu que o poder absoluto do clero, nomeador de reis e imperadores, fosse dividido em dois: ao papa, caberia o poder espiritual, enquanto que ao monarca o poder temporal.

Segundo alguns historiadores, Dante seria um templário, com alta posição na Ordem. Aí reside a razão pela qual o poeta, na Divina Comédia , tomou como seu guia para a viagem celeste São Bernardo, que estabeleceu o estatuto da Ordem do Templo. Ao escolher o monge cisterciense como seu guia nos últimos círculos do Paraíso, Dante teve em mente não só a pureza, o ascetismo e idealismo imaculado de Bernardo, mas também, como sugere Guénon e é óbvio, o seu papel decisivo na ação templária.

Dante, porém nunca se declarou como templário com medo de mais perseguições do que já sofria, uma vez que o grão-mestre da Ordem do Templo Jacques de Mollay tinha sido queimado por ordem de Filipe, o Belo, rei da França. Este pressionou o papa Clemente V para que fosse aberto um processo inquisitorial contra os templários . Em sua obra, Dante menciona a punição que adviria aos que atacaram a Ordem do Templo, na passagem da Divina Comédia em que *"Beatriz anuncia a Dante a próxima chegada de um libertador que virá à terra para punir os crimes da Corte Pontifícia e da Casa de França.* [94]

Afirmamos dantólogos (estudiosos de Dante) que este somava em si quase todo o conhecimento da Europa de seu tempo, não só o oficial, mas o esotérico

cristão, indicando até os lugares mais afastados da sua terra com dados sempre lapidares e precisos. Em seu poema, refere-se à visão de uma constelação com quatro estrelas (no canto Purgatório I, 22-24). Segundo Edmundo Cardillo, essas quatro estrelas referem-se à constelação do Cruzeiro do Sul que, do hemisfério Norte não é observável, motivo por que Dante a dá como sendo do conhecimento da "gente primitiva", ou raça primordial, cronologicamente antiga. Neste particular é bem possível que o poeta tenha se referido aos índios tupis, segundo alguns historiadores. [95]

Escrevendo ao senhor de Verona (Epístola XIII, VII-20-22) Dante afirmou que a Comédia deveria ser entendida de mais de um modo, pois dera-lhe quatro sentidos superpostos: o literal, ou histórico; o moral; o figurado ou alegórico; e o anagógico ou místico.

Hernani Donato afirma que *"a insistência (de Dante) em harmonizar o poema com os números 3, 10 e seus múltiplos indica, como pretendem alguns historiadores, sua devoção à Santíssima Trindade".* [96]

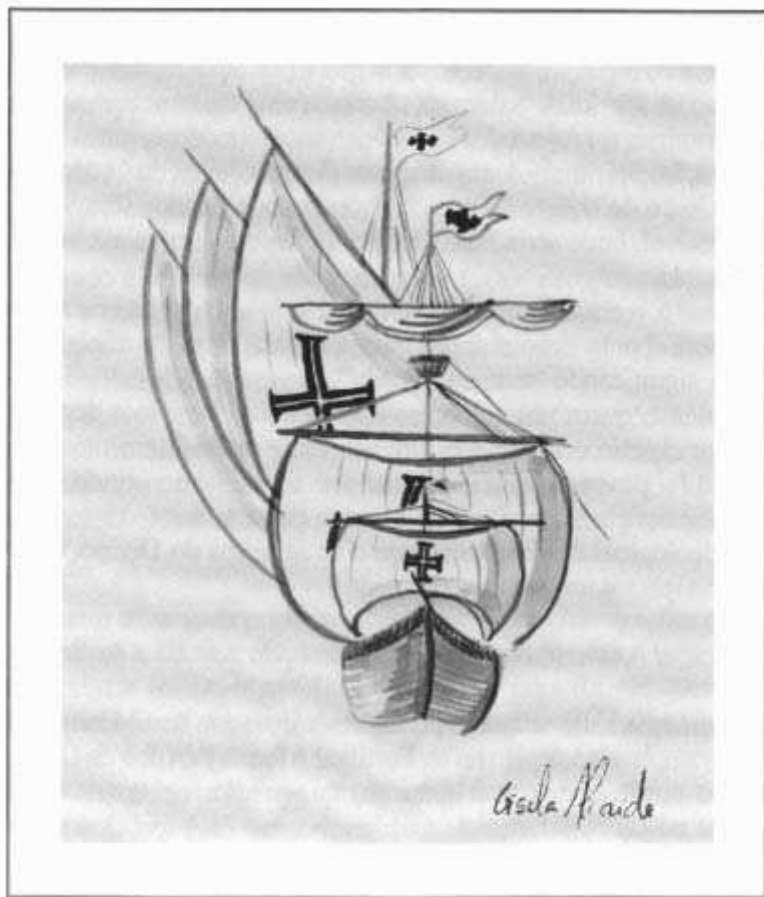
Dante anunciou um misterioso libertador para a Humanidade (o *Veltro*), que combateria a ordem corrupta e a corrupção humana, preparando o gênero humano para o Reino do Espírito Santo. Sobre esta personagem, que destruirá a besta na tormenta, escreveu o poeta: *"Esse não quererá terras ou metais preciosos mas sabedoria, amor e virtude; E a sua nação será entre Feltro e Feltro».* [97]

Feltro significava, na época, tecido usado por gente do povo, podendo-se entender que a nação do *Veltro* será entre povo e povo, isto é, um trabalho de libertação dos povos em geral. Para alguns intérpretes, significa também que o próprio Veltro seria um homem do seio do povo e não das altas esferas de poder.

Para Dante, a justiça, a paz, veementes aspirações de sua alma, serão a base definitiva da ordem social da humanidade: *"A paz universal, eis aqui a perfeição, o .fim último para o qual o gênero humano se dirige, cumprindo sua lei".*

Dante escreveu contra a injustiça, a tirania e a corrupção nas altas esferas e colocou o amor como o fundamento de tudo, sendo perseguido durante vinte anos de sua vida. Em seu último verso, da Divina Comédia, o poeta escreve: *"o Amor é que faz mover o sol e as estrelas".*

Capítulo 12

O Descobrimento Planejado Do Brasil E A Tomada De Posse Da Terra Prometida

Deus quer; o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste, desvendando a espuma.

(Mar Português – Possessio maris – I. O Infante
Fernando Pessoa, Mensagem)

Ao longo deste capítulo, serão abordadas questões extremamente importantes e, infelizmente, pouco conhecidas. Antes de mais nada, é preciso esclarecer que o Brasil não foi "descoberto" em 22 de abril de 1500, conforme regularmente se ensina (e se comemora) e que a missa aqui celebrada em 26 de abril também não foi a primeira.

Em seguida, convém registrar que o "descobrimento" não se deu por acaso, como se costuma (ou se costumava) ensinar nos livros escolares; foi, ao contrário, cuidadosamente planejado pelos reis templários portugueses, que tinham conhecimento da existência destas terras do outro lado do Atlântico e sabiam das correntes marítimas para a elas chegar muito antes das primeiras navegações lusitanas.

Em terceiro lugar, é preciso retificar que o principal motivo para as grandes navegações não foi de ordem econômica, como costumeiramente se acre-dita; ao contrário, o projeto dos descobrimentos obedeceu, antes de tudo, a uma motivação espiritual - dentro do plano dos cavaleiros da Ordem do Templo ou de Cristo de chegar à Terra da Promissão, à Grande Ilha Sagrada ou Ilha Imperecível, onde seria feito, de acordo com as profecias , o Reino de Deus na Terra.

Em quarto, o nome Brasil não veio de pau-brasil (cor de brasa) como se ensina e, sim, é uma denominação que já existia antes da oficialização da descoberta, significando "terra abençoada".

Finalmente, quem nos colonizou não foram só bandidos degredados e gente da pior espécie, conforme se afirma injusta e inveridicamente; ao contrário, o Brasil foi povoado principalmente por uma elite constituída por cristãos-novos, cavaleiros templários e pessoas perseguidas (degredadas) por questões ideológicas ou religiosas, como os festeiros do Divino.Vamos ver esses cinco aspectos um por um.

1343: Portugal Anuncia ao Papa a "Descoberta" da Ilha do Brasil

Oficialmente, sabe-se que os portugueses já no ano de 1343 ou antes dele aqui estiveram, enviados pelo rei de Portugal Afonso IV, filho de D. Dinis.

Afirma-nos Roberto Costa Pinho que *"o primeiro registro da Ilha Brasil encontra-se na Carta Náutica do cartógrafo genovês Angel Dalorto, elaborada* em *1325, onde ela figura a oeste da costa sul da Irlanda, 175 anos antes do Brasil ser oficialmente descoberto."* [98]

Como podia um cartógrafo genovês saber da existência desta terra, que os irlandeses da época passaram depois a chamar de Ilha de São Brandão? De duas maneiras: ou porque teve acesso a mapas existentes (como os dos templários) – assunto de que falaremos mais à frente - ou porque, já nessa época, navegadores portugueses, orientados por genoveses, cruzavam os mares e aportavam no Novo Mundo.

Esta última hipótese sem dúvida é plausível, pois convém lembrar que o rei D. Dinis, de Portugal, nascido em 1260 e considerado o pai do projeto dos descobrimentos, contratou navegadores genoveses para construção da primeira armada portuguesa, com vistas às navegações marítimas futuras. Foi este monarca que plantou pinhais pelo reino, para fornecer a madeira necessária ao feitio das embarcações.

O ano de 1325, em que apareceu a Carta Náutica de Ângelo Dalorto, foi também o ano em que morreu D. Dinis, subindo ao trono seu filho Afonso IV. Dezoito anos após a morte de D. Dinis, em 1343, foi oficiada ao papa a descoberta da *Ínsula Brasil*, conforme registra Felipe Cocuzza:

"Sancho Brandão foi o navegador português que, a mando de D. Afonso IV chegou ao Brasil na Idade Média, conforme atesta Assis Cintra, em seu livro "Revelações Históricas para o Centenário", em 1923. Essa navegação foi informada por D. Afonso IV ao papa Clemente VI em carta de 12 de fevereiro de 1343, acompanhada de um mapa com a inscrição de "Ínsula do Brasil ou de Brandam". O nome Sancho, de Sanctius, o mais santo, ajudou a convergência para São Brandão". [99]

Segundo este mesmo autor, mapas e textos europeus da Idade Média, entre eles o célebre *"The Canterbury Tales"*, de Geolfroy Chaucer (1380) ligam sempre o nome do Brasil ao de Portugal, às vezes dando idéia inequívoca de posse: Brasil de Portugal.

Esta "descoberta" de 1500 foi, portanto, uma "tomada de posse", uma vez que os reis templários de Portugal já sabiam da existência destas terras muito antes dessa navegação ordenada pelo rei Afonso IV, aliás preparada pelo seu pai, D. Dinis, chamado por Fernando Pessoa de "plantador de naus".

O Plano da "Descoberta"

Se quem conseguiu primeiramente sucesso nas navegações portuguesas foram os reis D. Dinis e Afonso IV, o monarca que ficou com a fama dos descobrimentos foi D. Manuel, o Venturoso, pois foi ele quem tratou da oficialização perante o mundo da descoberta do Brasil. O alegado "descobrimento casual" foi, na verdade, resultado de um plano cuidadosamente preparado durante séculos pelos reis templários lusitanos.

Foi esse plano que levou o rei D. Dinis a reflorestar Portugal, plantando os pinhais para fornecer madeira para as embarcações, duzentos anos antes do "descobrimento" oficial, e a criar a primeira armada portuguesa, com auxílio de navegadores genoveses. Depois disso, os reis dele descendentes continuaram o projeto de chegada à "terra prometida".

Os mapas e registros dessa terra e das correntes marítimas para a ela chegar (oriundos dos navegadores fenícios e hebreus), juntamente com profecias detalhadas sobre esse longínquo mundo, teriam passado ao poder dos cavaleiros templários quando, no século XII, fundaram a Ordem do Templo

em Jerusalém, no mesmo local onde antes se situara o templo de Salomão, conforme vimos nos capítulos 5, 6 e 7 deste livro.

A Origem Templário (Espiritual) dos Descobrimentos

É do conhecimento das pessoas mais evoluídas que existem aspectos, ou mesmo fatos na História, ou ainda até a própria História que são deliberadamente omitidos ou ocultados por razões de quem tem o poder ou de quem quer se proteger dele.

Acreditar, como é ensinado por exemplo no Brasil, que seu descobrimento se deve a uma chegada fortuita e, mais, que o interesse pelo monopólio das especiarias motivou a expansão marítima portuguesa e os descobrimentos é ter, como diz Antônio Quadros, a visão limitada das pessoas que só enxergam até onde a miopia do dinheiro lhes permite.

Assim como o Império Romano se deveu ao estoicismo, Portugal do século XV ao XVI foi dono da metade do planeta e ainda invencível em terra e nos mares porque tinha um alvo muito além do mero interesse pelas riquezas, que certamente houve.

O Porto do Cálice ou Porto do Graal (Portugal), país templário por excelência, era naquele período um conjunto de forças e aspirações superiores condensados num só sentido: a expansão da fé de Cristo e a formação do Reino do Espírito Santo, baseado na tradição templária, com sua visão joanina, fundamentada na doutrina de Gioachino di Fiori sobre o advento da Terceira Idade - impelia-os a fé no destino de uma pátria messiânica portuguesa.

O principal móvel secreto dos descobrimentos, como bem assinalam Antônio Quadros e outros autores, foi de ordem espiritual: o desejo de construir o Quinto Império ou reino do Espírito Santo no mundo. Para tanto, conforme mostramos em nosso livro, ambicionavam chegar à Grande Ilha que, segundo as profecias, estaria destinada para tal propósito.

Rainer Daenhardt, historiador alemão, afirma que não é por acaso que os grandes navegadores portugueses dos séculos XV e XVI eram membros das ordens de Cristo e de Avis, nem é por motivos fortuitos que levavam em suas embarcações a cruz da Ordem de Cristo nas velas.

"A expansão do mundo português não foi o resultado ocasional de aventureiros que se lançaram à procura de conquistas de novas rotas marítimas para enriquecerem rapidamente e de qualquer maneira. Na História escrita por mãos portuguesas não houve a aniquilação sistemática de povos, religiões ou culturas, ao primeiro contato, como a extinção dos astecas, no México, dos Incas no Peru e dos Guanches nas Canários, por exemplo. Com a Ordem de Cristo foi tudo diferente. " [100]

Para esse escritor, a expansão portuguesa não foi sempre pacífica, mas de qualquer modo, uma pequena nação pôde escrever páginas significativas

na História da Humanidade, sem impor extermínio de populações. Foram cavaleiros iniciados que navegaram por todos os mares e levantaram padrões com símbolos da Ordem de Cristo, da Cruz de Avis e da Cruz das Quinas, circundada pelo escudo dos castelos.

Afirma Daenhardt que a orientação da Ordem de Cristo, que supervisionava toda a expansão marítima, imprimiu uma vontade férrea à atuação portuguesa, liderada por cavaleiros iniciados, vivos exemplos de uma interpretação da fé, bem diferente da missão que lhes estava destinada. Essa já era a força da "Fé de Portugal".

Brasil Não Veio de "Pau-Brasil"

Conforme foi afirmado anteriormente, o nome *Ilha Brasil já* existia antes do descobrimento oficial do Brasil por Pedro Álvares Cabral – quando, em 1343 o navegador Sancho Brandão representou o continente com o nome de *Ínsula Brasil ou Brandam.*

O pesquisador Felipe Cocuzza explica que "*durante a Idade Média, a lendária Ilha Brasil povoou a poesia, os mapas, as tradições, as profecias e o folclore. A palavra Brasil tem duas etimologias convergentes: o germânico brasa, que passou ao Latim e ao Português, de onde veio a designação pau-brasil, devido à cor vermelha e o celta BRAS ou BRES, paralelo ao inglês BLESS que significa benção; prende-se ainda ao hebraico BRACHA (ch aspirado como em alemão) também com o sentido de benção e ao sânscrito BRHAMA da raiz BRITH, expandir, irradiar; brilhar, com o sentido de Deus, benção, suma ventura. Portanto, Ilha Brasil quer dizer Ilha Abençoada.*"[101]

Livres-Pensadores, não Degredados

Diversos autores apontam que uma das maiores injustiças feitas ao Brasil é dizer que foi povoado por degredados, gente da pior espécie. Ao mesmo tempo, a história ensinada nos bancos escolares salienta, é claro, que os Estados Unidos foram colonizados por pessoas da melhor espécie. Autores como Cocuzza, Varnhagen, João Francisco Lisboa, entre outros, desmentiram essas duas falsidades infelizmente arraigadas na mente do povo por força de um ensino errôneo.

Na verdade, a maior parte dos degredados não eram prisioneiros de crime comum, mas livres-pensadores perseguidos por motivos ideológicos (Inquisição) como cristãos novos e humanistas. Não nos podemos esquecer, em honra dos portugueses, do belo trabalho efetuado pelos jesuítas (Nóbrega. Anchieta) com suas missões, e pelos franciscanos da Ordem Terceira. As duas ordens religiosas trouxeram ao Brasil a tolerância racial, o culto ao Espírito Santo, a Festa do Divino e o sonho de realizar o Reino de Deus na Terra.

Saliente-se o povoamento feito por levas de famílias açorianas que se fixaram no Rio Grande do Sul - ou que fundaram, entre outros Estados, o do Espírito Santo, cuja capital, significativamente, chama-se Vitória.

Entre os degredados vindos ao Brasil, para felicidade de nossa terra, estavam os festeiros do Divino, que na Europa estavam sendo perseguidos pela Inquisição por anunciarem o futuro Império do Espírito Santo. Neste país, eles organizaram as festas que existem com pujança até os dias de hoje.

Constitui portanto uma insensatez dizer que foi má sorte para o Brasil ter sido colonizado pelos portugueses; que seria melhor termos sido colonizados pelos ingleses, franceses, holandeses, etc. É só ver o racismo, a intolerância e o clima insuportável existente nas terras colonizadas por tais países, para suspirarmos aliviados por termos sido um país descoberto e povoado por lusitanos.

Vespúcio descobre o Paraíso Terrestre

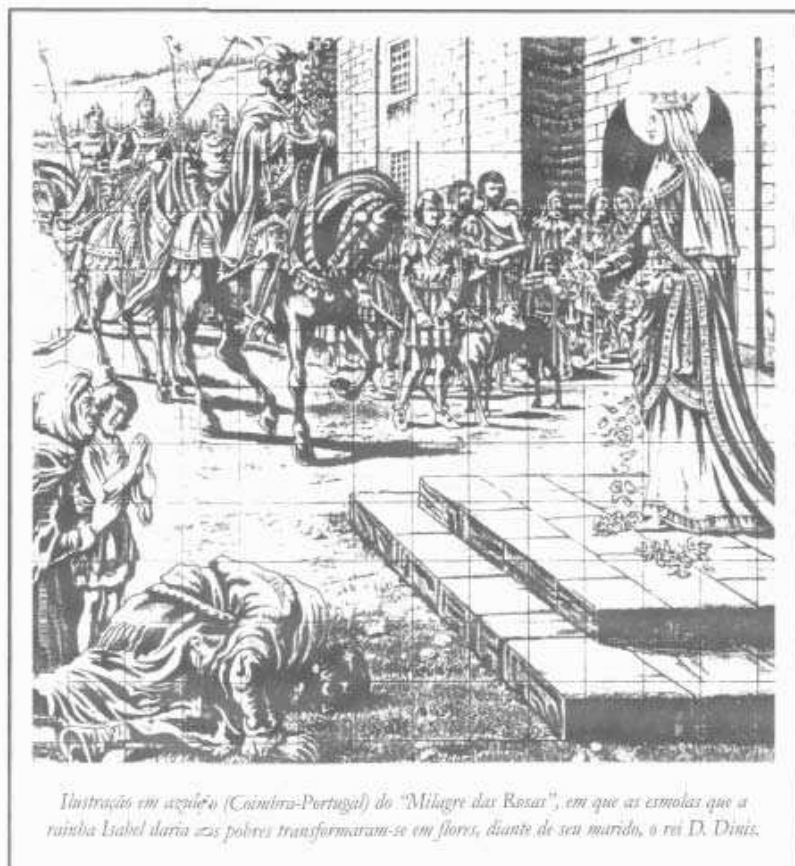
Américo Vespúcio (1452 a 1512), cosmógrafo e navegador, é um dos nomes mais importantes da história da descoberta do Novo Mundo. Graças às suas cartas, que se difundiram em forma de folhetins de sucesso e encantaram a Europa renascentista, as terras descobertas receberam o nome de América. Das quatro viagens que Vespúcio realizou, esteve no Brasil em três delas, comparando nosso país ao "paraíso terrestre":

"(...) *fomos à terra e descobrimo-la tão cheia de árvores que era coisa maravilhosa, não somente a grandeza delas, mas seu verdor e cheiro suave, que delas saía e dava tanto conforto ao olfato que grande recreio tiramos disso. E o que vi aqui foi uma feíssima coisa de pássaros de diversas formas, e cores, e tantos papagaios que era deslumbrante; alguns coroados como carmim, outros verdes, e cor limão, e outros negros, e encarnados, e o canto dos pássaros que estava nas árvores era coisa tão suave, e de tanta melodia, que nos acontece muitas vezes estarmos parados pela doçura deles. E a mata é de tanta beleza e suavidade que pensávamos estar no paraíso terrestre.* (...) *Naquele país tal multidão de gente encontramos que ninguém enumerar poderia, como se lê no Apocalipse: gente digo mansa e tratável.*" [102]

Foi baseado nos relatos de Américo Vespúcio que Thomas Morus escreveu *Utopia*, que depois influenciou Jean Jacques Rousseau com a sua teoria do bom selvagem.

Capítulo 13

REI D. DINIS E RAINHA SANTA ISABEL
Projeto Áureo e as Festas do Divino

Ilustração em azulejo (Coimbra-Portugal) do "Milagre das Rosas", em que as esmolas que a rainha Isabel daria aos pobres transformaram-se em flores, diante de seu marido, o rei D. Dinis.

"É com o rei D. Dinis, monarca verdadeiramente inspirado e iluminado, que já podemos falar de Pátria portuguesa.(...) Pátria é a relação viva, profunda, substancial de um povo, não só com unia tradição continua, transmitida de pais para filhos, mas também com um projeto teleológico (de finalidade) original".

António Quadros [103]

D. Dinis

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
o plantador de naus a haver,
e ouve um silêncio múrmuro consigo ;
é o rumor dos pinhais que, como um trigo
do Império , *ondulam sem se poder ver*

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
busca o oceano por achar ;
e a fala dos pinhais, marulho obscuro,
é o som presente desse mar futuro,
é a voz da terra, ansiando pelo mar.

Fernando Pessoa (Mensagem)

O Projeto Áureo - ou Projeto do Reinado ou Império do Espírito Santo – que por meio de Portugal abriu as portas do mundo para os Descobrimentos e a Modernidade - está ligado a duas personalidades centrais: o rei D. Dinis (1261-1325) e a Rainha Santa Isabel, sua esposa (1270 – 1336).

Nas palavras de António Quadros, foi com este incrível casal, que viveu no século XIII, que a cultura geral oeste-européia cristã e católico-romana, românico gótica e escolástica, cavaleiresca e feudal recebeu uma interpretação, uma reorientação e uma direção de algum modo inesperada, abrindo-se então um novo ciclo, surgindo uma dimensão inédita na cristandade e na europeidade. [104]

Quando D. Dinis subiu ao trono em 1279, com a idade de 18 anos, os cinco reis antecessores tinham expandido o reino do Norte para o Sul. Portugal, territorialmente, tinha o tamanho que tem hoje. Existia o país, mas não ainda a nação, a Pátria, segundo António Quadros, que só se formou pela ação deste monarca « inspirado e iluminado » e de sua esposa, a Rainha Santa Isabel, canonizada pela Igreja no século XVII.

Foi com o Projeto Áureo de D. Dinis e da Rainha Santa Isabel que levantou-se um Portugal missionário e messiânico, que propagou pelo mundo inteiro a fé não só cristã, mas devotada ao Espírito Santo, com ênfase na Terceira Pessoa da Santíssima Trindade e na esperança da formação de seu Reino ou Império.

O Projeto Áureo estava essencialmente ligado às tradições anteriores do *templarismo* (Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão) do *joanismo* (*S.* João Evangelista, autor do Apocalipse, sobre cujo evangelho os cavaleiros templários prestavam juramento) do *misticismo cisterciense* (da Ordem de Císter, à qual pertenceu o abade italiano Gioachino di Fiori, o qual iniciou o

Renascimento com sua doutrina das Três Idades) do *misticismo bernardino* (de S. Bernardo de Claraval, fundador da Ordem de Císter, da Ordem dos Cavaleiros do Templo, dos Cavaleiros Teutônicos e do próprio Portugal) e do *franciscanismo* (movimento criado por S. Francisco de Assis) - que tinham em comum a esperança na vinda de uma Nova Idade, do Espírito Santo, que revolucionaria e completaria o tipo de espiritualidade existente.

O projeto dionisíaco (de D. Dinis e da Rainha) visou pôr em prática todas essas correntes que, no anterior século e meio de nacionalidade portuguesa, no país templário, tiveram sempre em mente um culto cristão, particularmente devoto ao trinitarismo divino e à Terceira Pessoa, vocacionado para a joanina e agostiniana construção da Cidade de Deus ou da Jerusalém Celeste, toda a Terra um templo, o templo do Espírito de Deus, o templo do Espírito Santo.

O papel de di Fiori

O Projeto Áureo (assim como toda a cultura européia cristã medieval) recebeu sua maior influência da Doutrina das Três Idades, enunciada pelo abade cisterciense Gioachino di Fiori (1131-1202) que renovou a crença, o pensamento, as artes e a ciência de sua época e dos tempos futuros, retirando o ser humano do medievalismo e inaugurando o Renascimento Europeu. Como aponta Quadros, a própria *Divina Comédia*, de Dante, livro renascentista por excelência, *«foi sem dúvida um dos maiores receptáculos das idéias de Joachino di Fiori, a ponto de ter sido por alguns considerada como apocalipse gioachimita»*. [105]

Quando D. Dinis subiu ao trono , 77 anos após a morte de Gioachino di Fiori, as idéias do abade italiano tinham corrido a Europa e estavam muito vivas entre os templários, os cistercienses e os franciscanos a quem o monarca e a rainha eram muito ligados.

Os autores do Projeto Áureo

O rei D. Diniz e a Rainha Isabel, apesar da diferença de idade e de terem sido educados em países diferentes, planejaram e executaram em sintonia o chamado Projeto Áureo, o que mostra que tinham uma afinidade mental e espiritual.

A Rainha Santa, canonizada pelo Vaticano trezentos anos após sua morte, nasceu em Saragoza, Espanha, então reino de Aragão, no dia 11 de fevereiro de 1270, sendo seu pai o príncipe-herdeiro D. Pedro e sua mãe d. Constança, filha do rei de Nápoles e da Sicília. Seu nome foi escolhido em recordação de sua tia Santa Isabel da Hungria, *"cujas virtudes deviam servir-lhe de modelo e a cujo celeste patrocínio a piedade materna queria confiá-la "*. [106]

D. Dinis, nove anos mais velho, nasceu em Portugal no dia 9 de outubro de 1261 (dia de S. Dinis - ou Dionísio, em Português) e foi cognominado "O Lavrador" por ter feito tanto a reforma agrária em Portugal, fomentando a agricultura, quanto o plantio de florestas e pinhais do Reino, como os de Leiria, para futura construção das embarcações dos Descobrimentos. Por este motivo, foi chamado também de "Plantador de Naus", em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Por parte de pai (rei D. Afonso III) ele era descendente direto de Afonso Henriques, fundador de Portugal, que, conforme a historiografia, teria recebido diretamente de Cristo as profecias acerca da missão portuguesa de construir o Seu Reino na Terra.[107]

Os antecessores de D. Dinis eram muito ligados aos franciscanos espiritualistas, à Ordem de Císter e aos templários, que, como já o dissemos, eram defensores e propagadores da doutrina das Três Idades de Gioachino di Fiori. Isabel, a Rainha de Portugal, também recebeu ensinamentos baseados nos ideais gioachimitas, que lhe foram transmitidos por, entre outros, Arnaldo Villanova, médico das cortes de Aragão, França, Nápoles e Sicília, bem como de muitos papas da época.

Não se pode esquecer a amizade da princesa de Aragão com os franciscanos, que a levou a criar o mosteiro de Santa Clara em Coimbra, objeto de sua predileção, pedindo em testamento que ali fosse depositada a sua sepultura e onde efetivamente se encontra o seu corpo até os dias de hoje. O corpo do rei D. Dinis, por sua vez, encontra-se , a seu pedido, num mosteiro da Ordem de Císter, em Odivelas, cidade da Grande Lisboa.

Os 5 Pilares do Projeto Áureo

De acordo com António Quadros, o Projeto Áureo, criado 7 séculos atrás, em 1296, caracterizou-se por ser um « *projeto concreto e novo*, *de surpreendente inventiva*, *de genial visão teleológica* [108] *e mesmo escatológica*, [109] *de extraordinária coragem ética e intelectual*, *que irá qualificar pelo menos dois séculos de nacionalidade*, *repercutindo-se nos tempos posteriores e jamais deixando de estar presente*, *se não no consciente*, *pelo menos no inconsciente coletivo nacional*». [110]

Baseou-se o Projeto Áureo em cinco alicerces:

1) instauração, de forma original e mesmo única, sem paralelo nos restantes países cristãos, *do Culto Popular ou Festa da Coroação do Imperador do Espírito Santo*, com um tipo de liturgia então desvinculada da Igreja, um culto da história do futuro, uma saudação antecipada da Terceira Idade que traria a plenitude divina (ver item *Festas do Divino*) *;*

2) *Oficialização da Língua Portuguesa*, tornando-a obrigatória em todos os documentos públicos e imperativa na Literatura (o próprio D. Dinis era

excelente poeta, tendo deixado grande acervo de *Cantigas de Amigo e Cantigas de Amor*);

3) criação, em 1288-1290, do *Estudo Geral ou Universidade Portuguesa*, no bairro de Alfama em Lisboa, primeira universidade laica e uma das mais antigas da Europa, aberta a todos os que quisessem inscrever-se, onde se ensinava Teologia, Filosofia e Ética, Gramática, Lógica, Direito Civil, Direito Canônico e Medicina , com magistério ampliado ao mundo civil ou laico (anteriormente o ensino era restrito aos conventos);

4) *Proteção à Ordem dos Templários*, afeiçoando-a a um projeto nacional-universal pela sua transformação em Ordem de Cristo, em cujo seio emerge, é teorizada, pensada e realizada a empresa dos descobrimentos;

5) *Plantação de pinhais para as futuras naus dos descobrimentos* e formação incipiente de uma Armada com a chamada do Almirante Pessanha.

Atividade da Rainha Santa

A Festa do Divino Espírito Santo está profundamente ligada à Rainha Isabel. Coube à esposa de D. Dinis fundar, na cidade de Alenquer, a *Confraria do Império Espírito Santo* que revela, já no nome, o seu propósito. Nesse mesmo ano, ou num dos anos subseqüentes, ou em 1323, realiza-se a primeira festa de coroação de um menino pobre como Imperador do Espírito Santo, de acordo com António Quadros.

Acerca da rainha canonizada conta a história popular que era muito caridosa; que, por exemplo, durante uma fome, no ano de 1333, esgotados seus recursos para acudir o povo, vendeu parte de suas jóias para socorrer a população; que construiu um hospital para pobres em Coimbra, junto do palácio, dedicando-se a visitá-los e confortá-los diretamente; gastava muito na edificação de conventos, fundando e construindo muitos desde os alicerces. O mosteiro de Santa Clara, das irmãs da Ordem de S. Francisco, foi aquele onde maiores somas despendeu e ali quis ser sepultada. Foi ela quem propagou no reino o culto a Nossa Senhora da Conceição, hoje padroeira de Portugal.

Foi em Estremoz que a rainha faleceu, em 4 de julho de 1336, tendo ela então pouco mais de 66 anos de idade. Seu corpo foi transladado para Coimbra, para o Mosteiro de Santa Clara, numa viagem que durou sete dias, sob o sol intenso. Segundo se conta, ao invés da decomposição cadavérica e do mau cheiro temido pela comitiva que acompanhou o enterro, saía do ataúde um suave perfume. O caixão foi colocado no sepulcro de pedra existente no mosteiro e não mais mexido até 270 anos depois, por ocasião da canonização da rainha Santa.

No dia 26 de março de 1612, procederam à abertura do túmulo, descobrindo que o corpo estava incorrupto e que do sepulcro saía um suave perfume.

Em 1625, ela foi canonizada e sua festa celebra-se em todo Portugal, no dia 4 de julho de cada ano.

O reinado de D. Diniz

Foi, segundo os historiadores, o "reinado de ouro" da história de Portugal, porque o rei dedicou-se a reformas e melhoramentos fundamentais, que imprimiram um rumo totalmente novo à civilização portuguesa.

Por exemplo, antecipando-se à reforma de Lutero (que recomendou a leitura da Bíblia por todos e não só pelos sacerdotes) D. Dinis popularizou o estudo, fundando a primeira universidade laica , que retirou o monopólio dos eclesiásticos no ensino, abrindo suas portas a todo povo que quisesse estudar. Era o Estudo Geral ou Universidade de Lisboa (1290) transferida para Coimbra em 1307.

A proteção aos templários

Uma das principais medidas que o rei tomou, se não a principal, foi ter protegido os templários, que estavam sendo perseguidos em toda a Europa cristã por ordem do rei francês Felipe, o Belo, e do papa Clemente V. D. Dinis opôs-se a essa perseguição e, por meio de gestões diplomáticas, conseguiu, ao invés de extinguir a Ordem do Templo em Portugal, transformá-la na Ordem de Cristo, que depois exerceu um papel fundamental nos descobrimentos.

D. Dinis negou-se a assistir ao concilio de Viena, que extinguiu a ordem, recordando a obra inestimável dos cavaleiros do Templo na Península Ibérica e a necessidade de a manter e intensificar. Aliado ao rei de Castela e, mais tarde, ao soberano de Aragão, o rei-poeta português desencadeou uma ação diplomática sem precedentes perante a Santa Sé, que culminou, anos depois, com a bula de criação da nova Ordem da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo (Ordem de Cristo), em 14 de março de 1319. Para ela voltaram os antigos cavaleiros do Templo, que, por recomendação do rei português e sob proteção deste, tinham se escondido até passar a onda de furor que os perseguia em toda a Europa.

Portuguesa e tomarense, a nova ordem acolheu, como administrador, o célebre Infante d. Henrique, príncipe dos descobrimentos, que, desde 1418 até seu falecimento em 1460, teria oportunidade de transformar a Vila de Tomar e o seu Convento de Cristo, em centro de decisões de âmbito universal. [111]

A Reforma Agrária

Quatro séculos antes da revolução francesa, D. Dinis restringiu, por conta própria, na prática, os privilégios dos donos de terra, que eram excessivos

em Portugal. Fez a reforma agrária, distribuindo a terra (muitas vezes tomada aos nobres ou clérigos) por municípios e habitantes; depois fez aprovar uma lei em que a posse da terra estava vinculada ao seu cultivo.

Em Busca da Grande Ilha

O que, porém, indubitavelmente tornou o reinado de D. Dinis fundamental para a nação portuguesa e para o mundo foi o desenvolvimento da parte mais elevada de seu projeto, isto é, de vir a tomar posse da Grande Ilha, ou Ilha de Vera Cruz, local profético, onde iria se realizar a Grande Cidade, a Jerusalém Terrestre do Apocalipse de João. Não se pode esquecer de que tanto D. Dinis quanto os demais Reis-Templários tinham , de acordo com a historiografia, mapas de navegação precisos em seu poder, além das profecias detalhadas de Isaías e de outros profetas judaicos sobre a nova terra, existentes nos subterrâneos do antigo templo destruído de Salomão.

Para a conquista desse "paraíso perdido", D. Dinis consagrou-se à prosperidade da agricultura, reflorestou Portugal e semeou pinhais pelo reino (como o famoso pinhal de Leiria) que seriam, mais tarde, de grande utilidade para os empreendimentos do mar. Foi com a madeira dessas árvores, plantadas propositalmente para servir às grandes navegações, que foram construídas as caravelas portuguesas das viagens marítimas do futuro. Ainda dentro desse intuito, D. Dinis ativou a exploração mineira, criou a Marinha Nacional e a primeira armada, trazendo navegantes genoveses para desenvolvê-la.

Determinação de Independência

D. Dinis foi o sexto rei de Portugal e um dos últimos da primeira dinastia dos monarcas portugueses, a de Borgonha. A exemplo de Afonso Henriques, primeiro monarca de Portugal, procurou manter a todo custo a independência de seu reino em relação ao poder centralizador dos espanhóis (Leão e Castela) e resistir às ambições desmedidas da nobreza e do clero. Esse foi, aliás, desde Afonso Henriques, o comportamento geral dos reis de Portugal , que pode ser considerado mais democrático do que elitista, pois sempre buscou apoio do povo como forma legítima de manter o poder, mesmo tendo de enfrentar atritos com a ambição de parte da nobreza e do clero, mais interessadas em terras e haveres do que no bem-estar da população.

Nesses conflitos constantes, nem sempre os resultados foram favoráveis à Coroa e ao povo, porém Portugal conseguiu manter sua independência e resistir às inúmeras tentativas de anexação por Castela.

No final do reinado de Afonso III, pai de D. Dinis, em 1279, apesar da oposição castelhana, os portugueses conseguiram apoderar-se de todo o Algarve, terminando o delineamento das fronteiras de Portugal tal como o país é hoje.

Foi, portanto, com esse tamanho, que o rei d. Dinis recebeu de seu pai o reino de Portugal, lutando, a partir daí, para manter suas fronteiras e sua independência.

Conflitos com a Igreja

Tanto o pai de D. Dinis quanto este enfrentaram sérios problemas com o Vaticano. O primeiro, D. Afonso III, ao reverter para a Coroa terras que estavam em posse da Igreja, levou o Papa Clemente IV a lançar, em 1277, um interdito sobre o reino de Portugal.

Quando D. Dinis subiu ao trono, em 1279, mantinha-se o interdito, com as igrejas fechadas, a falta de cerimônias de culto e o próprio monarca excomungado. Foi difícil ao novo rei contornar todo este problema, porque ele próprio fez a reforma agrária, desapropriando terras da Igreja e de nobres e distribuindo-as entre o povo, a fim de fomentar a agricultura.

Só em 1289, depois de muitas idas e vindas diplomáticas, chegou-se a um acordo entre o Papa Nicolau IV e os procuradores régios portugueses: o papa absolveu o monarca e levantou o interdito do Reino.

Em 1291 e em 1303 novos conflitos surgiram, havendo necessidade de outras duas convenções, em que o rei conseguiu limitar fortemente a aquisição de bens terrenos por parte dos prelados que, de outro modo, acabariam por dispor de grande parte do território português.

Essa luta de D.Dinis para estabelecer uma concórdia com a Igreja mas sem abdicar do poder temporal do Estado, somada ao ambiente cultural da época contribuiu para que o rei português instaurasse o culto do Espírito Santo e da Terceira Idade preconizada por di Fiori, como forma de religiosidade autêntica e cristã, ao mesmo tempo menos dependente da Igreja da Segunda Idade que tanto o perseguia, como tão bem assinala António Quadros.

Este e outros autores não refutam, porém, a tese de que a Rainha Santa Isabel tenha agido em função de motivos de convicção religiosa, ou seja, de qualquer modo daria início ao Projeto Áureo e as Festas do Espírito Santo, com ou sem apoio da Igreja, e contando com a adesão maciça da população.

Festa do Divino Espírito Santo

I– Significado

A Festa do Divino Espírito Santo, realizada pela primeira vez em Alenquer, Portugal, em 1296, pelos seus idealizadores, o rei D. Dinis e a Rainha Isabel, foi levada pelos portugueses, séculos depois, a diversas nações. Entretanto, foi no Brasil e nos Açores que ela implantou-se de modo soberano.

A Festa do Divino Espírito Santo realiza-se atualmente em Tomar, antiga capital dos templários em Portugal. Os cestos com alimentos simbolizam a abundância que haverá no Reino do Espírito Santo.

A encenação pública em forma de festa, realizada diretamente pelo povo, foi o caminho escolhido pela Rainha de Portugal, e pelo rei D. Dinis, poeta e dramaturgo, para passar a mensagem da 3ª Idade (do Espírito Santo).

Desse modo, a celebração, que acontecia nas ruas uma vez por ano, durando muitos dias seguidos, tinha um caráter aristocrático, mas, ao mesmo tempo, popular. A Igreja ocupava propositalmente posição secundária na realização dessas festas, não havendo nas encenações a participação de qualquer religioso. O principal motivo disso eram os conflitos e atritos constantes, já mencionados, entre o rei de Portugal e parte do clero. Ademais, não se justificava que uma festa em louvor da Terceira Idade fosse conduzida por representantes clericais da Segunda.

II — Características

1) Coroação do Imperador do Espírito Santo

O ato principal das Festas do Divino consistia na coroação simbólica de um Imperador, que não deve ser confundido com os imperadores tradicionais,

como os do Império Romano ou Carolíngeo (de Carlos Magno). Marcando bem esta diferença fundamental, o coroado nas festas é um inocente menino, ou um pobre do povo. De preferência, um inocente menino pobre do povo.

Segundo António Quadros, "*o Império do Espírito Santo tal como anunciado no mistério da Coroação, não é em suma um império de fora para dentro, um império sociocrático ou autocrático, mas um império de dentro para fora* (...) *um império* (...) *que é a conversão dos cristãos, também como cidadãos e homens sociais, à luz, à verdade e à vida que veio trazer Jesus Cristo no seu exemplo e paixão e que o Espírito Santo transmite aos que o invocam com o coração puro, bem assim como, ao mesmo tempo, a conversão de todo o mundo em sua variedade de crenças de culturas e de civilizações, sem perda do próprio de cada uma.*

"(...)*O Quinto Império é um império* (...) *irrealizável por simples coroação, herança, lei, ditadura ou partido, por parte de grupos oligárquicos, classes políticas ou revolucionários voluntaristas. Não é o rei que é coroado imperador, nem sequer a autoridade local ou bispo ou o sacerdote paroquial. É o pobre, é a criança, é o que visivelmente está carenciado da plenitude de ser humano pela condição social ou pela idade.*" [112]

No ato da coroação, o menino vinha rodeado por cinco personagens, representando o Homem Universal, ou a sociedade humana no seu conjunto: um homem velho, uma mulher velha, um homem novo, uma mulher nova e outro menino, que seria coroado no ano seguinte. A Coroa, fechada e encimada por uma pomba, é o símbolo tradicional do Divino Paráclito.

De acordo com alguns autores, a pessoa coroada é, por assim dizer, o profeta do Império do Espírito Santo de amanhã. Para Quadros, "(*nela*) *se representam os bem-aventurados, isto é, os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores, os que sofrem perseguição por causa da justiça, os insultados e caluniados, que exaltou Jesus no Sermão da Montanha*". [113]

Outros autores consideram que o menino coroado simboliza o Espírito Santo (de Cristo) que volta para ser e viver como uma criança, conforme Jesus disse: "se não fordes como uma criança não entrareis no reino de meu Pai". E que, ao mesmo tempo, possivelmente simboliza o modelo do novo homem da 3ª Idade.

2) libertação dos Presos

Por ordem do Menino Coroado do Divino, libertavam-se os presos da cadeia, como símbolo de uma sociedade pacífica e sem crimes. Ao longo do tempo, houve modificações. De início, libertavam-se os presos. Depois, só os que tinham pouca pena a cumprir. Chegou-se, posteriormente, à libertação

Coroa fechada e encimada por uma pomba (em prata) utilizada nas Festas do Divino em Tomar, Portugal.

O ritual da Coroação e as festas indicam, de acordo com algumas interpretações, a subordinação das idéias, das classes e das forças mama fidelidade não à Igreja institucional, mas ao Evangelho Eterno.

simbólica de um ator no lugar do preso (como ainda é feito em Parati, no Rio de Janeiro e em outros lugares no Brasil). De acordo com alguns historiadores, em festas realizadas na Amazônia ainda se libertam os presos verdadeiramente.

Numa linguagem keppeana, a Terceira Idade caracterizar-se-á por uma libertação do ser humano tanto de sua psicopatologia (vontade invertida, principalmente) quanto da sociopatologia (pela correção das leis, para uma sociedade mais justa).

3) ***Distribuição de Alimentos***

Uma das características da festa é a distribuição farta de alimentos para todo o povo: símbolo da abundância de recursos materiais e distribuição eqüitativa que haverá no reino da Terceira Idade. O famoso "bodo", o sopão distribuído

para todo o povo era preparado com a ajuda pessoal da Rainha Santa Isabel, que liderava os trabalhos das cozinheiras.

4) Sociedade sem Classes

D. Dinis instituiu a festa de tal modo que os nobres e poderosos presentes acompanhavam a cerimônia sem se distinguir do povo, comendo à mesma mesa com este, como símbolo do desejo de uma sociedade sem classes. Consta que o próprio rei D. Dinis e sua esposa iam a essas festas comportando-se como qualquer dos presentes e que a Coroa do próprio rei era usada na coroação do imperador, nas primeiras festas.

5) Originalidade

"Em festividades antigas portuguesas ou estrangeiras não havia qualquer referência a Imperador, Império, Coroa, Coroação ou Pomba Simbólica, sendo uma originalidade criada pelos reis autores do Projeto Áureo". [114]

6) Procissão da Candeia

Esta procissão em que, numa das modalidades, cada pessoa leva uma tocha ou uma vela na mão, oferecida ao Espírito Santo, foi instituída pela Rainha, para ser feita todos os anos pedindo a Deus para que se realize um só rebanho e um só Pastor e, em cumprimento de sua promessa, se estabeleça, na Coroa portuguesa, o Império Universal do Mundo! [115]

Festas em Portugal

A especial devoção à Santíssima Trindade e ao Espírito Santo foi a doutrina guia na formação mental e política da nação lusa, graças à influência decisiva de S. Bernardo, das Ordens de Císter e do Templo. Há também a tradição da Igreja de Tiago (Norte de Portugal), que deixou profundamente enraizada a cerimônia de culto ao Espírito Santo e a espera do cumprimento do Apocalipse de João, com a descida do Paráclito. Cite-se, à guisa de exemplo, o missal de Braga, que é diferente dos demais.

Ao longo da história, a festa tem passado por sucessivas modificações - e até proibições - em face das mudanças no poder existente. Ocorre em muitas regiões do Portugal de hoje o mesmo fenômeno que em muitas partes do Brasil, citado no livro *"O Divino, o Santo e a Senhora"* de Carlos Rodrigues Brandão (Edição da Funarte, do Ministério de Educação e Cultura do Brasil): enquanto o povo esforça-se para manter as características originais e espirituais da festa que é, na verdade, um anúncio da Terceira Idade, ou Era do Espírito

Santo, certos setores do poder público desejam transformá-la num simples espetáculo folclórico desprovido de espiritualidade, com o mero fito de atrair turistas; de outro lado, em muitas partes a Igreja busca por todo modo incorporá-la à sua lista de festividades, reduzindo-a a um ato litúrgico por ocasião do Dia de Pentecostes; enquanto esta solenidade no templo é considerada religiosa, as demais (procissão, banquete, libertação dos presos, etc.) são qualificadas de "profanas", como se fossem desprovidas de significado espiritual.

Assinalam certos historiadores que em Portugal alguns altos dignatários da Igreja, assim como alguns membros da alta cúpula da Maçonaria (que implantaram a República em 1910) desvirtuaram ou até proibiram a festa no país, mas ela sempre reaparece no seio do povo.

Por exemplo, a cerimônia da coroação, o ponto mais importante da festa, foi abolida em Tomar — que sempre foi a sede principal dos templários em Portugal - havendo hoje só um desfile de três coroas, que são depositadas no altar de uma Igreja. Além disso, o próprio nome deixou de ser Festa do Divino Espírito Santo e mudou para "Festa dos Tabuleiros", em referência aos orna-mentos que as participantes usam na cabeça. Ademais, a Igreja, que na festa original criada por D. Dinis não ocupava lugar proeminente, passou a ser o centro das festividades, valorizando mais o ato litúrgico - descaracterizando o propósito laico original que, de qualquer maneira, vive na alma do povo.

Festas no Brasil

Apesar dos esforços mencionados para desvirtuar o sentido profético da doutrina de Gioachino de Fiori e os aspectos futuristas de sua mensagem, as festas continuam em grande parte fiéis à original.

As alterações no ritual simbólico das festas, impostas por pressões diversas, não foram suficientes para extinguir totalmente o desejo de profundas mudanças no universo religioso e social.

Como prova disso, quando as festas foram proibidas em Portugal, já tinham embarcado nas caravelas e passado às ilhas adjacentes, sobretudo aos Açores, e depois a outros lugares do mundo onde surgiram povoamentos portugueses, em especial o Brasil.

Importante notar que muitos dos "degredados" expulsos para o Brasil eram simplesmente cristãos-novos ou seguidores das Festas do Espírito Santo, perseguidos, portanto, por causa de sua fé. (Cf. o livro *Museu Aberto dos Descobrimentos*, Roberto Costa Pinho e José Luís Silva, op. cit.).

Há ainda hoje festas populares do Espírito Santo muito intensas em Açores, Penedo, Tomar, New England e Califórnia (comunidades açorianas nos EUA) e Brasil (espalhadas por seu vasto território).

Espírito Santo, diga-se de passagem, é o nome de um Estado brasileiro que foi povoado por Açorianos. Significativamente, sua capital chama-se Vitória.

A Festa do Divino, ao longo dos séculos, criou raízes fortíssimas e espalhou seus frondosos ramos por todo o Brasil, onde é comemorada sob várias formas.

Em *Parati*, *Rio* de Janeiro, anualmente, na época de Pentecostes, há uma festa com a participação de toda a população da região, que também atrai a atenção de muitos turistas. Em Tietê, Estado de São Paulo, os preparativos da festa duram mais de um mês. Os festeiros, sobem e descem o rio Tietê, em embarcações enfeitadas. No dia da Festa, reúnem-se todos na cidade, onde há o banquete e músicas de violeiros repentistas, a lembrar a dos trovadores, da época dos templários. Ninguém bebe nem fuma, durante as celebrações musicadas, todos tiram o chapéu, pois as músicas ou repentes, são de caráter religioso. Foi dessa tradição que nasceu o Cururu - desafio humorístico entre violeiros repentistas que cantam músicas caipiras no interior de São Paulo.

Na festa de Parati, embora haja a participação da Igreja, mantém-se a tradição da coroação do Imperador do Espírito Santo, faz-se a distribuição de alimentos num almoço para toda a população, preparado com muito amor por voluntárias do povo. A libertação dos presos é feita de modo encenado, com um ator da região. [116]

Por Todo São Paulo, as Festas de D. Dinis e da Rainha Isabel

As Festas do Divino e outras realizadas no interior paulista têm tanta graça, originalidade *e* beleza que a Secretaria Estadual da Cultura, em 1997, planejou trazê-las anualmente ao centro da cidade de São Paulo e ao Parque da Água Branca, criando o projeto *Revelando São Paulo*, com o objetivo de reunir na Capital uma amostragem significativa da cultura tradicional do Estado, presente nos 645 municípios do interior. Seu intuito foi trazer também as expressões de devoções que às vezes se fazem nas águas: *Encontros dos Ir-mãos do Divino*, procissões fluviais e lacustres.

Estes são trechos da publicação da Secretaria naquele ano acerca das festas:

"A devoção ao Divino Espírito Santo, um dos fortes núcleos das devoções populares, enseja em São Paulo, acreditamos, as festas mais difusas por todo o Estado, concentradas no tempo Pentecostal e fora dele, sempre cheia de pompa e espetacularidade. "Sua realização implica, não raro, meses e meses de preparação através das jornadas das Folias do Divino, que percorrem as comunidades de canto a canto, anunciando a festa, recolhendo os donativos para a celebração da mesma e avivando a fé no Divino.

"Assumem peculiaridades regionais, ressaltando-se das que são organizadas no Médio Tietê (Anhembi, Piracicaba, Tietê, Porto Feliz, Laranjal, Conchas) os famosos encontros fluviais das Irmandades do Divino em grandes batelões. Nas festas do Litoral e Vale do Paraíba multiplicam-se os cortejos de

muitos devotos, cada qual com sua bandeira votiva, uma profusão de flâmulas vermelhas, douradas e brancas ao vento.

"É com orgulho que cavaleiros e amazonas participam da entrada dos palmitos na Festa do Divino em Mogi das Cruzes". "Em todas elas não podem faltar o levantamento do mastro votivo, o Império do Divino ricamente ornamentado, e as comezainas, símbolo da maior graça do Divino, a fartura.

" (Há uma) complexidade dos mutirões para (...) as fartas e fraternas mesas dos Pousos do Divino no Médio Tietê (...) a grande confraternização que em Mogi das Cruzes os festeiros promovem, servindo em praça pública o delicioso licor rosa-sol, quando do levantamento do mastro do Divino em sua festa."

"Cururu é o repente, o desafio trovado ao som da violas do Médio Tietê. São numerosos, afamados e respeitados os cururueiros (os trovadores) da região. (...) Não há Festa ou Pouso de Bandeira do Divino sem cururu. E este pode varar a noite, num revezamento de vários trovadores. »

O Jornal dos Romeiros, de outubro de 1997, editado pelo jornalista Vladimir Agmont trouxe interessantes revelações sobre características das festas realizadas no interior paulista, a saber:

Em *Taubaté*, terra de Monteiro Lobato, as Festas do Divino costumam ser celebradas também durante a semana comemorativa do grande escritor, realizada na segunda quinzena de abril.Em *Santa Isabel*, denominação em homenagem à rainha de Portugal, até hoje celebra-se a Dança do Divino.

Mogi das Cruzes é considerada uma das muitas cidades brasileiras que souberam manter vivas e trazer até nós, com grande preservação, as Festas do Divino, divididas em "Folia do Divino", "Alvoradas", o "Império", a "Passeata das Bandeiras" e a "Procissão Solene", no dia de Pentecostes. O grande escritor e estudioso do folclore Mário de Andrade, que visitou Mogi na Festa do Divino de 1936, escreveu depois um artigo onde se mostrou particularmente impressionado coma original "entrada dos Palmitos", que só existe nessa região.

Sete Barras, chamada de Ouro Verde do Vale, devido à fertilidade de suas terras para a agricultura, começou a existir a partir da construção de uma capela dedicada ao Divino Espírito Santo.

Em *Piracicaba*, a Festa do Divino se dá no rio, nas proximidades de Porto Velho, há já mais de 170 anos. Os participantes diretos da Festa do Divino, aqueles que saem nos batelões e nas canoas, são chamados de "marinheiros". A Festa atrai mais de 50 mil pessoas. sendo a maior da região, com expressivos rituais, como Folia, Pouso, Leilão, Encontro das Bandeiras, Roda de Cururu e Violeiros.

Em *Tietê*, uma das festas mais tradicionais da cidade ainda é a do Divino. Sete séculos depois de sua criação...

Em São Paulo, na Freguesia, com a Igreja Nossa Senhora do Ó, os próprios moradores organizam a Festa do Divino todos os anos.

Capítulo 14

De Anchieta a Antonio Vieira

Os Jesuítas: A Construção do 5° Império

De São Paulo, cidade fundada por Anchieta e Nóbrega, partirá uma nova orientação psicológico-espiritual e universal que irá guiar a humanidade pelos próximos cinco ou seis mil anos .
(Herman Keyserling, filósofo alemão)

« Desde o primeiro instante os jesuítas quiseram com o Brasil criar algo novo, sem par (...) uni tipo novo de Estado, não sujeito às forças do dinheiro e do poder (...) e exigem do rei, a liberdade dos aborígines. »

Stefan Zweig, escritor austríaco [117]

Advertência:

Gostaria de alertar o leitor que este capítulo não constitui, de modo algum, uma apologia à Ordem dos Jesuítas, conhecida como Companhia de Jesus. Trata-sede uma exposição científica do que fizeram e foram, sem qualquer comprometimento a favor ou contra a ordem em si.

Embora os primeiros missionários, como Nóbrega e Anchieta, tenham sido pessoas de altíssimo valor, com ideais grandiosos de edificar uma Terra sem Males no Brasil e na América do Sul , existem, em contrapartida, jesuítas que se tomaram terríveis, atuando na Inquisição e lançando inocentes na fogueira, com extremo fanatismo. O padre Vieira, este grande jesuíta, distinguiu entre os religiosos que dão *passos* (que caminham e trabalham como missionários) e os que vivem nos *paços* (palácios) sem querer fazer qualquer sacrifício em prol do bem, da beleza e da verdade. É bom lembrar que ele próprio foi vítima da Inquisição levada a cabo pela Contra-Reforma.

Acredito que problemas semelhantes aos ocorridos com os templários (corrupção) ocorreram dentro desta ordem, que dividiu-se e, em grande parte, afastou-se dos ideais de seus fundadores, a tal ponto que em muitas regiões o termo jesuíta passou a ser sinônimo de hipocrisia e maquiavelismo. Como em toda espécie de organização religiosa, parece que ela teve e tem os seus santos, assim como abriga um grande número de "aproveitadores", que nada têm a ver com os ideais cristãos que a inspiraram em sua origem. Este é o motivo por que esta ordem sempre teve uma legião de acusadores, ao lado de uma lista também longa de defensores.

É preciso distinguir o joio do trigo e reconhecer o mérito destes verdadeiros heróis muitos dos quais perderam suas vidas nas matas do Novo Mundo tentando construir um mundo de justiça e paz para todos.

x.x.x

As ordens religiosas primeiramente envolvidas na colonização do Brasil foram a dos franciscanos e a dos jesuítas. Ambas tinham em grande parte raízes nas idéias de Gioachino di Fiori e estavam fortemente imbuídas do sonho do V Império. Assim sendo, seu "plano especial", que poucos entendiam, era realizar na prática esse ideal de uma nova civilização universal.

"Desde o primeiro instante quiseram com o Brasil criar algo sem pai; algo novo, algo modelar; e uma concepção como essa teria de entrar, mais cedo ou mais tarde, em conflito com as idéias mercantis e feudais da corte portuguesa ", escreveu Zweig, em seu livro *"Brasil, País do Futuro"* (Livra-ria Civilização, Porto, 1951, 4ª edição, p. 45).

A Companhia de Jesus, além do ideal cavaleiresco-militar de Inácio de Loyola, de fazer um exército espiritual para conquistar não territórios, mas povos e almas, e de trazer o reino de Cristo *"para a terra, agora! "*, foi também fortemente influenciada pelas outras correntes espiritualistas. Consta

mesmo que incorporaram-se cavaleiros da Ordem de Cristo (anteriormente cavaleiros da Ordem do Templo) à Companhia. Tal fato teria ocorrido quando a Ordem de Cristo foi dissolvida, em 1521, por D. João III e seu círculo contra-reformista (que a transformaram em convento com clausura). Alguns dos cavaleiros, habituados à vida ativa, ao *"Ora et Labora"* (Ora e Trabalha) ensinado por São Bernardo, recusaram-se a ficar numa vida contemplativa, ingressando, então, na recém-fundada Companhia de Jesus, com vistas a trabalhar como missionários no ultramar.

O Sonho do V Império

O que os primeiros franciscanos e jesuítas tentaram realizar no Novo Mundo, sobretudo com as *Missões ou Repúblicas Guaranis*, era o sonho do V° Império, o sonho de ver toda a Terra um templo, o templo do Espírito Santo – onde reina a justiça no exterior e a paz no interior. É inegável a existência desse ideal elevado entre os jesuítas dos tempos da colonização ; sem dúvida, ele estava presente não só entre os primeiros missionários, mas também depois. Uma comprovação disso é o livro *Quinto Império - História do Futuro* (que já no nome diz tudo) escrito em 1665 pelo famoso jesuíta padre António Vieira.

Missão original

Evidentemente, foram os educadores de Vieira no Brasil, os jesuítas, que transmitiram ao discípulo o seu empenho e a sua missão original.

Sobre essa missão *sui-generis* dos missionários no Brasil assim escreveu Zweig: *"os jesuítas tinham, sem dúvida um plano especial* . (...) *O que consciente ou inconscientemente se esforçam por conseguir não é apenas a formação de uma colônia portuguesa* (...) *mas sim uma comunidade teocrática, de um tipo Novo do Estado, não sujeito às,forças do dinheiro e do poder; como tentaram mais tarde criar no Paraguai.* (...) *Exatamente porque não queriam nada de visível, mas sim a realização de um princípio espiritual, idealista e, portanto, incompreensível para as tendências da época, tiveram os jesuítas, desde o começo, constante oposição contra si, a qual, por fim, haveria de vencê-los, expulsando-os da terra em que, apesar de tudo e de todos, plantaram a semente fecunda".* [118]

Cristãos-novos e festeiros do divino:primeiros colonos

Antes da chegada dos jesuítas ao Brasil em 1549, a colônia tinha passado por várias experiências de povoação. De 1500 a 1530, por exemplo, a fim de povoar a nova terra, a Coroa portuguesa empregou o método da deportação,

já experimentado na Espanha . Assim, todos os alcaides do país foram intimados a não condenar "delinqüentes" que quisessem seguir para o Brasil.

Colocamos « delinqüentes » entre aspas porque entre os "indesejáveis" deportados para o Brasil estavam também pessoas idealistas e de valor que se indispuseram com o poder da época. A História recente da ditadura brasileira (1964) é repleta de « delinqüentes » expulsos do país ou presos : Glauber Rocha, Paulo Freire,Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré, Miguel Arraes, Brizola, Juscelino Kubitscheck, Gilberto Gil, Taiguara, Henfil, etc., etc. Em termos gerais, eram justamente as pessoas mais inteligentes e de maior valor as perseguidas !

Do mesmo modo, entre as pessoas que vinham à nova terra voluntariamente para escapar a perseguições- estavam os cristãos novos (judeus da tribo de Judá) [119] e os "festeiros do Divino", os quais insistiram em cultuar o Espírito Santo (festa então proibida em Portugal). Para cá vieram com seus familiares ou aqui formaram famílias, trazendo, nas caravelas, a festa da Idade Futura, que se espalhou pelo Brasil. [120]

Muitos dos deportados para o Brasil eram livres-pensadores, humanistas e idealistas, perseguidos pelos poderes de seu tempo (eclesiástico e monárquico) [121] , pois é preciso saber que a Coroa portuguesa, com D. João III, rompeu com os ideais lançados por D. Dinis e fez pacto com o círculo inquisitorial de Roma, como bem assinala Quadros. [122]

Nesse tempo houve também os que para cá se dirigiram com suas famílias voluntariamente , sem ser condenados ou prisioneiros, como os cristãos-novos (judeus recém-batizados), geralmente descendentes da tribo de Judá, que fixaram residência nos portos, sendo, ao lado dos festeiros do Divino, verdadeiramente os primeiros colonos desta terra. Apesar de terem aceito, com maior ou menor sinceridade, o batismo , temiam a poderosa e imprevisível Inquisição e, por isso, emigraram para o novo mundo, constituindo as primeiras famílias da Bahia e de Pernambuco.

As capitanias - o primeiro Souza tenta organizar o Brasil

Em 1530, a fim de impedir que navios estrangeiros aportassem nas costas brasileiras e de organizar a colonização, o rei D. João III enviou uma pequena frota, sob o comando de Martim Afonso de Souza, que apanhou logo em flagrante três navios franceses. Em seguida, o comandante comunicou ao rei que o Brasil deveria ser urgentemente colonizado, senão a Coroa iria perdê-lo.

O rei tentou então uma experiência que já dera bons resultados nos Açores e em Cabo Verde: dividiu o Brasil em capitanias hereditárias (12), para fazer a colonização por meio da iniciativa privada. Cada capitania não era menor do que Portugal e algumas eram tão grandes quanto a Espanha ou França. Os donatários recebiam a terra quase com plenos poderes, com a

condição de desenvolvê-la. Entretanto, devido às dificuldades, apenas duas capitanias prosperaram nos primeiros decênios: São Vicente e Pernambuco. A Co-roa percebeu que se não desse uma organização unitária à colônia, iria perdê-la.

O governo geral do segundo Souza - Chegam os jesuítas

« *Os jesuítas traziam o que de mais precioso um povo e uma terra necessitam para sua existência: uma idéia, a idéia verdadeiramente criadora do Brasil* » - (Stefan Zweig) [123]

Em 1549, o rei D. João III envia como seu braço direito Tomé de Souza, que já havia prestado serviços à Coroa na África e nas Índias. Sua missão seria fundar, de preferência na Bahia, uma capital de onde todo o território deveria ser administrado. Ele trouxe 600 soldados e 400 degredados e, em quatro meses, edificou uma muralha de fortificação para proteger o local. Levantaram-se casas e igrejas, um palácio do governo e um cárcere.

Porém, no dizer de Zweig, mais importantes que esses mil homens seriam, para o destino do Brasil os seis jesuítas que o rei enviou com Tomé de Souza , pois traziam, "*o que de mais precioso um povo e uma terra necessitam.* »

Os jesuítas, comenta ele, têm uma energia nova, não gasta, pois sua ordem recém-criada está cheia de fervor. Ainda vive seu fundador, Inácio de Loyola, com sua vontade ascética, sua energia e seu entusiasmo. Eles "*ainda não constituem um poder espiritual secular, político e econômico, que, como toda forma de poder diminui a pureza moral de um ente humano, como de um partido*".

Trazem, além de seus ensinamentos, a maior idéia de colonização existente na História, segundo Zweig: "*a população indígena não deveria ser ainda mais rebaixada mas elevada à condição de seres humanos iguais aos europeus colonizadores. Pensam no processo de edificação por meios morais, pensam. nas gerações vindouras, e, desde o primeiro instante, estabelecem na nova terra a equiparação moral de todos entre si.(...) nesta terra deve desenvolver-se uma nação nova, por cruzamento e educação*".

É bem possível que os jesuítas - devido à sua ligação com os templários - já soubessem da tese de que os índios brasileiros seriam a chamada raça primordial da humanidade, daí o valor enorme que lhes davam. Não podemos esquecer que Dante Alighieri escreveu sobre o Cruzeiro do Sul, sem nunca tê-lo visto, dizendo que a constelação era conhecida pela gente primitiva ou primordial. O padre Antônio Vieira revelou ter conhecimento desta questão, tendo grande preocupação em defender os índios e os cristãos novos que considerava pilares para a construção do V Império.

Alvo Distante

Como bem avalia Zweig, os jesuítas visam, desde o começo, a um alvo colocado a séculos de distância, sabendo perfeitamente que serão necessárias gerações e gerações para que se complete este processo de abrasileiramento e que cada um deles que arrisca a vida, a saúde e as forças, nesse começo, jamais verá os menores resultados dos seus esforços

Sabem os missionários, mesmo antes de desembarcar no Brasil, que uma tarefa dessa magnitude não se poderá realizar imediatamente, que é perigosa e demorada. *"É um trabalho penoso, de semeadura, que iniciam; é um empreendimento árduo e, na aparência, sem esperança.*(...) *Assim como a vinda oportuna dos jesuítas é para o Brasil uma sorte, o Brasil é, por sua vez, uma sorte para eles, porque é a oficina ideal para o seu apostolado"*, escreve o famoso escritor austríaco.[124]

O trabalho dos jesuítas teve de começar do zero. Antes de mais nada, era preciso: 1) reunir os índios, que eram nômades, em povoados fixos; 2) ensinar-lhes certos trabalhos, como lavrar a terra e construir casas; 3) ensiná-los a ler, a escrever e transmitir-lhes as artes (música, poesia, escultura, pintura etc.); 4) levá-los a conviver e até a se casar com brancos e negros, para formar um povo sem racismos e uma nova raça, a sexta raça das profecias, que constitui o povo brasileiro; 5) transmitir-lhes o Cristianismo; e 6) secretamente, levá-los a viver na terra os ideais grandiosos do V Império.

A tarefa era sobremaneira dificultada porque tudo tinha de vir de Portugal: gado, ferramentas, plantas... Em compensação, os jesuítas eram homens extremamente preparados para a missão, pois não eram só catequizadores, mas também mestres de ofícios diversos: lingüistas, professores de música, arquitetos, ferramenteiros, pedreiros...

A Resistência do Poder

Pacientemente, os jesuítas ensinaram os indígenas a fabricar instrumentos musicais , a cantar e a tocar os clássicos, a construir catedrais, a esculpir estátuas, a viver com igualdade e justiça, tudo visando a caminhar em rumo da civilização sonhada.

Porém, a resistência que em seu plano quinto-imperialista de colonização encontraram não proveio dos indígenas, mas sim de colonos europeus , que caçavam e escravizavam os nativos. Contra essa prática intervieram os jesuítas, pois a escravatura ia diretamente contra seu plano de conquistar os nativos para o Império do futuro.

O interesse dos jesuítas é ode plantar na terra as sementes do universalismo; de povoá-la sem racismo; de, pela união de índios, negros e brancos, fazer a nova civilização. O propósito de muitos colonos, pelo contrário, é exterminar

e escravizar os nativos; lançar tribo contra tribo, para que os índios se exterminem entre si e os prisioneiros possam ser comprados a baixos preços, como escravos . Os jesuítas procuram reconciliar as tribos entre si e isolá-las umas das outras, no vasto território, por meio do estabelecimento de povoados. Os colonos querem índios escravos. Os jesuítas, defendem que o nativo, como futuro brasileiro e cristão conquistado, deve ser um homem livre.

A fúria de muitos colonos voltou-se contra os jesuítas, que entretanto enfrentaram-na, exigindo expressamente do rei - e conseguindo - que fosse determinada a liberdade dos indígenas. No futuro, esta posição idealista e firme dos missionários determinou sua queda e expulsão do território, mas deixando no espírito do povo brasileiro a marca dos seus altos ideais e muitos dos frutos de seu incansável trabalho.

A saga de Nóbrega

Chefiando os seis jesuítas que vieram com Tomé de Souza estava o português Manuel da Nóbrega, que era, na concepção de Loyola, um enérgico lutador e que dizia abertamente sobre o Brasil: *"esta terra é nossa empresa"*. "Nossa" e não da Coroa, da Cúria ou de quem quer que seja. É que empresa era essa, tão almejada pelo chefe dos jesuítas? Certamente não era apenas o projeto da catequização, mas o sonho de trazer o reino de Cristo para a terra, o ideal templário de trazer o Quinto Império para o mundo, mudar povos inteiros e não somente pessoas...

Nóbrega chegou ao Brasil com 32 anos, após ter passado pela célebre Universidade de Coimbra, fundada pelo rei D. Dinis, onde familiarizou-se com a filosofia templária, com o culto ao Espírito Santo, com as doutrinas de di Fiori e com as questões do V Império. Abraçou este ideal de forma inequívoca, de tal modo que, durante 21 anos no Brasil foi uma das pessoas mais ativas desta terra, atuando em setores vitais, ora trabalhando pela unidade da colônia, ora sendo o conselheiro da fundação do Rio de Janeiro, ora o fundador de colégios, ora o criador de Missões.

No plano dos missionários, uma vez traçado dentro dos ideais quinto-imperialistas, e gioachimitas, não poderia haver no Brasil futuro uma nação de senhores europeus e outra de escravos índios , negros ou pardos; o que almejavam era uma sociedade de abundância, espiritualizada e sem classes , vivenciadora de um cristianismo puro ardente, onde os seres humanos , enfim libertos de seus males, seriam como crianças, unidos pelo afeto, justiça e paz, numa terra livre e feliz.

Tal plano casava-se perfeitamente com o ideal jesuítico, pois *« não tardou Inácio verificar quão fútil era todo auxilio individual, por mais devotado e desprendido que pudesse ser, em face daqueles males sociais profundamente enraizados na estrutura básica da sociedade desde tempos imemoriais. O*

que o preocupava agora era a idéia de atacar o mal como um todo, e o objeto sobre o qual desejava experimentar a força de seus seguidores e dele próprio era toda a sociedade humana. E as necessidades da sociedade humana só podiam ser enfrentadas por uma organização em larga escala ». [125]

São Paulo: A Sede da Nova Civilização

Uma das primeiras preocupações de Nóbrega foi encontrar um local livre de controle da Coroa e da Cúria para executar seu arrojado plano de conquista do futuro império.

Pouco depois de sua chegada, ele criou, na Bahia, a primeira escola. Porém, ao invés de fixar ali o seu quartel-general viajou, com os padres que posteriormente chegaram, ao longo de todo o Litoral, de Pernambuco a Santos para encontrar o local ideal para o colégio principal, para o centro de onde deveria atuar sobre todo o território.

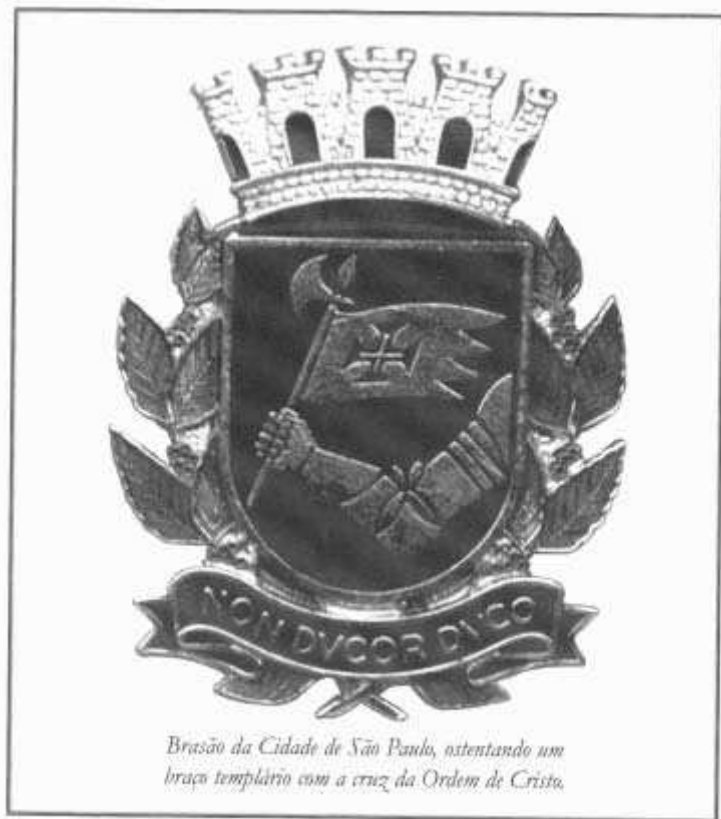
"Nesse ponto - afirma Zweig - *percebe-se, pela primeira vez, um antagonismo oculto que, com o tempo, se vai tornar patente e até violento. A Companhia de Jesus não quer começar essa obra sob as vistas do Estado e nem mesmo do Papa; desde o começo têm os jesuítas em relação ao Brasil um problema e um objetivo mais elevados do que serem aqui apenas um elemento colonizador, com função de ensino e de auxílio, subordinado à Coma e à Cúria. O Brasil, para eles, é um objeto de experiência decisiva,* (...) *a primeira prova da capacidade de realização da força organizadora da Companhia de Jesus, e Nóbrega di-lo, sem rodeios: "esta terra é nossa empresa", e com isto quer dizer: somos responsáveis por sua realização, perante Deus e a Humanidade."* (*Brasil, País do Futuro*, op. cit., p. 45)

A Companhia de Jesus foi criada dentro do estatuto de obediência ao Papa; pode-se dizer que era uma extensão da Igreja católica. Já a Ordem do Templo , ao contrário, havia sido perseguida e destruída por um papa e por um rei francês; logo, os cavaleiros remanescentes, que passaram para a Ordem de Cristo em Portugal, traziam essa experiência traumática na memória. Os ensinamentos desta Ordem de Cristo , que depois foi extinta (em 1521) também pelo Vaticano (transformada em ordem monástica com clausura) permaneceram na Universidade de Coimbra e no coração dos antigos cavaleiros. É aqui que se pode perceber melhor a dupla formação - jesuítica e templária - do padre Manoel da Nóbrega, que agiu sempre de forma independente da Cúria.

A escolha do líder dos jesuítas recaiu no planalto de Piratininga, no interior da floresta, no alto da serra, 700 metros acima do nível do mar, onde hoje fica a cidade de São Paulo. Em 25/01 / 1554 a pequena casinha que ali levantou tornou-se a caudalosa nascente do progresso futuro do Brasil. Naquele planalto de clima temperado, solo fértil, próximo de um porto, protegido por cadeias de montanhas, havia ainda rios que garantiam a comunicação com

grandes cursos d'água, permitindo que os missionários pudessem avançar em todas as direções. Além disso, não havia nenhuma colônia de degredados, corruptora dos costumes, na proximidade da povoação. Para Zweig , a genialidade da escolha ficou demonstrada pois todo o futuro progresso do Brasil seguiu-a. No local escolhido acha-se hoje a maior e uma das mais dinâmicas cidades de todo o mundo, e não só do hemisfério sul.

Centro Energético

Brasão da Cidade de São Paulo, ostentando um braço templário com a cruz da Ordem de Cristo.

Interessante é que a escolha de Nóbrega recaiu num lugar (São Paulo) por onde passa a linha energética esotérica (do sonho de D. Bosco). Aliás, São Paulo é também o local previsto pelo filósofo alemão Hermann Keyserling e pelo psicanalista suíço Carl Gustav Jung, ambos da Escola da Sabedoria da Alemanha (Darmstadt) como o centro de onde partiria a orientação espiritual da humanidade para os próximos cinco mil anos, a partir da década de 70!

Não se sabe se Nóbrega tinha conhecimentos esotéricos oriundos dos templários e das profecias judaico-cristãs, mas a verdade é que, como mostra Zweig, a escolha do jesuíta foi deliberada:

"Foi portanto muito deliberadamente que Nóbrega, (para evitar conflitos), quis estabelecer a sua Roma, a capital espiritual longe da sede do governo e do bispado: só onde ele pudesse atuar sem ser impedido e vigiado poderia dar-se aquele processo lento e laborioso de cristalização que não perdia de vista". (*Brasil*, *País do Futuro*, op. cit., p. 46).

Tanto Nóbrega quanto seus companheiros que vieram nos anos seguintes (até o final do século XVI) entregaram-se com total ardor e devoção às suas incumbências. Muitos inacianos deram sua vida trabalhando na "empresa do Brasil".

Deve-se a Nóbrega, primeira grande figura da Companhia de Jesus no Brasil, principalmente as seguintes iniciativas:

- organização do ensino, do nível básico ao superior tanto para meninos órfãos mandados de Lisboa quanto para os indígenas e os filhos dos colonos;
- expansão de povoados pelo território brasileiro;
- escolha do local e iniciativa da fundação do Colégio e povoação de São Paulo no Campo de Piratininga, missão por ele confiada ao padre Manuel Paiva em 1554;
- prioridade da idéia da fundação da cidade do Rio de Janeiro;
- atuação brilhante na luta contra os franceses na época de Mem de Sá (1557-59); (os "piratas" franceses atacavam e martirizavam em pleno mar jesuítas que para cá vinham, afundando as embarcações que os traziam; dezenas de missionários perderam assim suas vidas como mártires do grandioso sonho que possuíam);
- fundação de Santos;
- pacificação das tribos inimigas;
- libertação dos aborígines.

Além disso, se até então o Brasil era propriamente apenas uma faixa no litoral com três ou quatro cidades marítimas ao Norte, agora também no Sul e no interior passava-se a desenvolver a colonização.

Porém, a principal atividade dos jesuítas, aquela na qual tentaram colocar integralmente todos os seus ideais em prática, foi a criação das Missões, que até hoje encantam quem as conhece, por serem um modelo de verdadeira civilização. (Ver item *Missões*, neste capítulo).

A Epopéia de Anchieta

Foi na lendária cidade de Coimbra, no coração da universidade de raízes templária, cisterciense, franciscana e gioachimita, eivada do ideal de D. Dinis e da Rainha Santa Isabel, que o adolescente José de Anchieta conheceu a Companhia de Jesus, que acabara de ser fundada por Santo Inácio de Loyola.

Cinco anos depois, ainda em pleno vigor da juventude, chegou à Bahia no dia 13 de julho de 1553, com a idade de 19 anos, iniciando um trabalho fecundo como missionário jesuíta, ao lado do padre Manoel da Nóbrega.

Poeta, místico e missionário, Anchieta iria receber, séculos depois, a homenagem comovida do povo brasileiro, dos artistas e intelectuais e do próprio Vaticano, que o beatificou pelo último papa (João Paulo II): *"Seja ele louvado com esta nova glória, a maior de todas... para que sua virtude, ornada desta coroa celestial, brilhe com novo. fulgor aos olhos do povo, e ele constituído pela autoridade da Igreja padroeiro da Nação Brasileira, lá do Céu proteja, consolide e defenda aquela fé que semeou com suas orações"* (O Episcopado Brasileiro a Leão XIII em 1897). [126]

O jovem e entusiasta missionário, que deixou a Europa para evangelizar os indígenas numa terra longínqua e virgem, nasceu em San Cristobal de La Laguna, na ilha de Tenerife, no dia 19 de março de 1534. Quando completou 14 anos, os pais enviaram-no a Coimbra, para estudar na Universidade fundada pelo rei d. Diniz, onde cursou humanidades, no Colégio Real das Artes.

Logo que chegou à Bahia, em 13 de julho de 1553, seguiu para São Vicente onde foi, com Nóbrega, um dos fundadores e o primeiro mestre do Colégio de Piratininga, berço da futura cidade de São Paulo.

Além dela, fundou muitas outras aldeias (Missões) inclusive a de Beritiba (atual Anchieta), na Capitania do Espírito Santo, onde veio a falecerem 9 de junho de 1597.

Anchieta percorreu grande extensão do território nacional como missionário: São Vicente, na Baixada Santista, Piratininga, onde foi mestre do Colégio de São Paulo, Iperoig (hoje Ubatuba) onde, como refém dos índios tamoios, escreveu seu famoso poema à Virgem, com 5.785 versos latinos, alguns dos quais teriam sido escritos com um graveto nas areias dessa bela parte do litoral brasileiro.

Esteve também em Bertioga, onde chegou na companhia do índio Cunhambembe (assim que foi libertado pelos tamoios) e seguiu à Bahia, depois ao Espírito Santo, a caminho do Sul.

Em 1566 rezou missa na Igreja de São Tiago, em Vitória, Capital do Espírito Santo. No ano seguinte seguiu para a Bahia da Guanabara, onde assistiu à conquista do Rio de Janeiro. Na Bahia, foi reitor do Colégio dos Jesuítas, depois Provincial.

Chegada ao Brasil

Os sacerdotes que integravam a Companhia de Jesus eram, em larga maioria, portugueses e espanhóis, mas havia belgas e italianos.

Para realizar toda essa obra essencialmente coletiva, não foram muitos os seus encarregados, mas decerto foram dos melhores soldados da milícia de St.

Inácio os que agiram no Brasil nessa segunda metade do século 16. Apenas 128 jesuítas vieram ao Brasil de 1549 a 1598, em 23 expedições. Com as entradas na Companhia aqui mesmo chega-se a 183 jesuítas a primeiro de janeiro de 1600.

De 1549 a 1605 (em 56 anos) foram encaminhados ao Brasil cerca de 169 religiosos. Nesse período, estabeleceram-se por todo o litoral brasileiro, contribuíram para a edificação de Salvador e do Rio de Janeiro, fundaram a cidade de São Paulo no Planalto de Piratininga, no interior da então capitania de São Vicente.

Construíram também colégios para catequização dos indígenas e educação de órfãos enviados de Lisboa, com a finalidade de formar futuros padres. Em 1600 tinham já três colégios e as respectivas residências anexas, que compreendiam aldeias indígenas e casas dos missionários.

Os Fundadores da Nação

Os jesuítas conquistaram o mérito da introdução do ensino, da arquitetura, do teatro e da medicina no Brasil, porque os padres e missionários eram quase sempre instruídos em diferentes ocupações, como: arquiteto, escultor, cantor, alfaiate, agricultor, cirurgião, etc. e, assim, introduziram o ensino das artes e ofícios necessários à vida cotidiana dos seus moradores.

Uma das maiores lutas dos jesuítas foi contra a escravização dos índios, que eram procurados devido à carência de mão de obra nas zonas açucareiras; entretanto, os jesuítas não tinham como defendê-los.

Em 1641, os colonos cercaram o colégio de São Vicente e intimaram os jesuítas a abandoná-lo; fez-se um acordo e os padres puderam voltar a São Paulo em 1647.

Expulsão

Em 1759 os jesuítas foram expulsos de Portugal e de seus domínios ultramarinos, por ordem do Marquês de Pombal. A ordem foi executada no Brasil no ano seguinte. Os bens da Companhia de Jesus foram confiscados e incorporados à Coroa. Em 1841 voltaram os jesuítas ao Brasil, abrindo novos colégios e noviciado.

As Missões e o Sonho do Quinto Império

Em 1516, no século dos Descobrimentos, o estadista e santo inglês Thomas Morus (canonizado pelo Vaticano) escreveu *Utopia* - afirmando que aquele mundo paradisíaco lhe fora descrito por um navegador português, Rafael Hitlodeu. Este acompanhara Américo Vespúcio em suas três últimas viagens às Américas (em que o navegador genovês viera ao Brasil). Em vez de voltar

com Vespuccio, Rafael ficam em terra, com 24 companheiros, fazendo amizade com os nativos e vivendo entre eles. Depois empreendeu longa viagem pelo território e por mar, encontrando a ilha de Utopia (que alguns dizem ser Fernando de Noronha), onde gozava-se um sistema político justo e uma ordem social baseada no trabalho de todos e na distribuição igualitária das riquezas. Não havia dinheiro nem a exploração do homem pelo homem. Sobre ela, escreveu Moais: "Rafael observou grande número de decretos e de constituições, cujo exemplo salvaria dos seus erros as nossas cidades, povos e reinos" [127]

Segundo alguns autores, o Brasil (fisicamente a Ilha Fernando de Noronha e socialmente os costumes de algumas tribos indígenas) inspirou Moras a escrever Utopia. Cem anos depois, no meio das florestas da América do Sul, os jesuítas colocavam em prática uma grande utopia realizada no Brasil.

As missões criadas pelos jesuítas no território brasileiro e nas regiões limítrofes tinham essa finalidade de criar a sociedade verdadeiramente justa.

As mais famosas delas, que geraram estudos internacionais, centenas de livros e dois filmes, foram localizadas no sul, onde os jesuítas criaram 30 aldeamentos (reduções) indígenas numa área de 300 em terras do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Povoada por sucessivas gerações de índios guaranis congregou durante 150 anos um universo de 500 mil pessoas.

Criadas entre 1610 e 1760, até a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, as missões, como projeto religioso, social, econômico, político e arquitetônico, causaram medo e inveja aos colonos.

Sete delas ficavam em terras gaúchas, conhecidas como os Sete Povos das Missões.

Foi através da arte que eles conseguiram conquistar os índios, que tinham habilidade natural para a música e cantavam como os pássaros, transformando-os em hábeis construtores e manipuladores de instrumentos. Em cada redução havia uma escola de canto, coral e música, onde os índios aprendiam a tocar todos os tipos de instrumentos e cantavam as melodias mais difíceis.

Aprenderam também a erguer sofisticadas construções, como catedrais, e a esculpir imagens de santos e profetas.

Em busca da "Terra Sem Males"

« Na ilha imaginária de Morus, Utopia ganharia uma versão indígena-cristã em terras paraguaias no início do século XVII. A Yvi Marã Ey, a "Terra sem Males" dos guaranis, parecia estar sendo construída com um futuro próspero » [128].

Os índios, orientados pelos jesuítas, viviam em casas coletivas, que eles próprios construíam, trabalhando para si e para o grupo, obedecendo aos caciques e missionários; num estilo comunitário de vida, cuidavam das lavouras

familiares e das terras destinadas aos velhos, aos órfãos, dos administradores e dos padres. Não havia moeda. As mercadorias eram trocadas dentro da comunidade; exportaram erva-mate e couro em troca de vidros e tecidos da Europa. [129]

Sob o comando dos missionários, a República Guarani chegou a ter 130 mil índios em 30 povos, com uma intensa atividade econômica. Criavam gado, exportavam erva-mate, comercializavam trigo e arroz, produziam esculturas de apurada técnica e excelente qualidade artística, ferramentas, cerâmicas e instrumentos musicais, muitos despachados para os centros europeus. Os missionários jesuítas treinaram carpinteiros, pintores, alfaiates, ourives, relojoeiros e até tipógrafos. Os lucros dos negócios eram repartidos entre todos — e uma porcentagem (10%) era reservada para o fundo comunitário. Velhos, viúvos e órfãos tinham amparo da comunidade.

Essa nação guarani poderia ser hoje um exemplo latino-americano de justiça e sucesso, não fosse a ganância e a carnificina promovida por pessoas gananciosas do poder colonizador.

« Ficaram para a história incontáveis documentos, preciosas obras de arte. Ficaram, sobretudo, as ruínas das missões na região dos Trinta Povos Guaranis, nas proximidades dos rios Paraná e Uruguai, num território que era 100% paraguaio e hoje se reparte entre Paraguai, Brasil e Argentina. O pedaço de terra que é hoje o oeste do RS foi arrancado a sangue dos guaranis". [130]

Exemplo imortal

De acordo com o artigo já citado, a extraordinária saga dos missionários inspirou 456 livros, uma consagrada peça de teatro (*O Sacro Experimento* (1941), do austríaco Fritz Hochwaelder) e dois filmes célebres (*A Missão*, de Roland Joffé, *e República Guarani*, de Sílvio Back)

Em 1750, os portugueses e espanhóis firmaram o Tratado de Madri, em que delimitavam as fronteiras de seus territórios em várias partes do mundo. Ficou acordado que a Espanha entregaria a Portugal a região do Setes Povos das Missões (no Oeste do Rio Grande do Sul). Os portugueses aceitaram, desde que a terra fosse entregue sem jesuítas espanhóis e sem índios. Portugal (na época dominado pelo Marquês de Pombal) e Espanha confiavam que os jesuítas conseguiriam convencer os índios guaranis a se mudar para outras regiões. Entretanto, estes negaram-se a abandonar um território em que haviam trabalhado por mais de cem anos. Deu-se então, de 1753 a 1756, o ataque às missões por tropas portuguesas e espanholas. Os índios, apesar de lutarem bravamente, foram quase que inteiramente massacrados e as missões destruídas. Coincidentemente, neste período (1755) em que os portugueses, esquecidos de seu ideal do Quinto Império, massacravam seus irmãos indígenas, e seus

missionários cristãos, bem como esmagavam o trabalho idealista dos jesuítas, ocorreu um violento terremoto que destruiu Lisboa, a mais pujante das capitais européias naquele tempo. O horror deste terremoto foi descrito por Voltaire, na ocasião.

Era o fim de um sonho e também da República Guarani. Dos 30 povos da Confederação das Missões restam vestígios de 12. As três ruínas que ganha-ram o título de Patrimônio Histórico da Humanidade - a de São Miguel das Missões (RS), a de San Ignácio Mini(na província argentina de Misiones) e a de Trindad, no Paraguai, são a marca de um sonho que não morrerá jamais, e haverá de ser posto em prática um dia, quer queiram ou não os poderosos maléficos, porque faz parte da própria essência da humanidade.

Fundação da Ordem

"Posso encontrar Deus a qualquer tempo, quando eu quiser e qualquer homem de boa vontade pode fazer o mesmo. Assim como o corpo pode ser exercitado andando, marchando e correndo, da mesma forma a vontade do homem pode ser treinada por exercícios para descobrir a vontade de Deus" - Inácio de Loyola [131]

A partir de exercícios estóicos, boa-vontade, ascetismo e determinação, e de uma organização quase militar, tomada dos ideais cavaleirescos medievais, um punhado de jovens estudantes do Colégio Santa Bárbara, em Paris (seis ao todo), liderados por Inácio de Loyla, conseguiram formar a mais influente ordem religiosa da modernidade - A Companhia de Jesus - criada em 1539 e reconhecida definitivamente pela bula *Regimini Militantes Eclesial*, em 1540.

O grande mérito de Loyola foi retomar a filosofia estóica e a importância da ação humana na santificação, atraindo para seu lado os indivíduos ativos e práticos.

Os santos, antes de Loyola, tinham deixado à graça de Deus a tarefa de guiar-lhes as almas para a realização de seus anseios. Para Inácio, porém, a santidade era uma carreira. Assim deixou de ser imitador dos antigos santos e criou um novo tipo de santidade, baseado nas obras.

Capítulo 15

História Do Futuro Que Se Apresenta

Poetas, Profetas e Pensadores do V Império

Oswald de Andrade — Camões — Fernando Pessoa — Ariano Suassuna

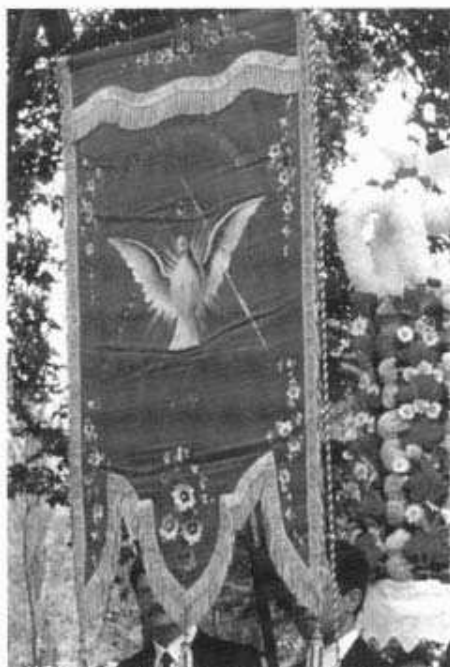
Escrevo meu livro à beira-mágoa.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, inc dás viver.
Quando virás, ó Encoberto
Sonho das eras português

Tornar-me mais que o sopro incerto
De una grande anseio que Deus fez?
Ah, quando quererás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
Quando, meu sonho e meu Senhor?

(II. Os Avisos. Terceiro. *Fernando Pessoa*. Mensagem.)

Introdução

Neste capítulo, procuramos apresentar, de forma sucinta, alguns dos principais poetas, músicos, místicos e escritores que, de uma forma ou de outra, anunciaram, ou anunciam, a vinda desta idade, também chamada de Império do Espírito Santo.

Estão nele reunidos Camões, com *Os Lusíadas*, Fernando Pessoa, com *Mensagem*, Bandarra, o sapateiro poeta de Trancoso, cujas trovas predizem um futuro glorioso para Portugal (e por extensão o Brasil), padre António Vieira, arauto da nova idade, principalmente em sua obra *"História do Futuro — Esperanças de Portugal & Quinto Império do Mundo"* , o prof. Agostinho da Silva, considerado o maior filósofo português contemporâneo; outros Renascentistas Portugueses, como Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Álvaro Ribeiro (o próprio Pessoa e o prof. Agostinho); os Modernistas Brasileiros; Ariano Suassuna; e os músicos do Brasil como Chico Buarque, Ivan Lins e Alceu Valença, entre outros. Trechos de suas composições e poemas são citados para que o leitor possa se situar.

Bandeira usada na Festa do Divino em Tomar, de cor vermelha com a pomba em branco no centro. Tema freqüente de nosso folclore e canções populares. Por exemplo, a música de Ivan Lins: Bandeira do Divino

Bandeira do Divino - Ivan Lins
(A festa de D. Dinis no Brasil,
anunciando o Império do Espírito Santo)

Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Prá Bandeira do Menino
Ser benvinda, ser louvada

Deus vos salve esses devotos
Pela esmola em vosso nome
Dando água a quem tem sede
Dando pão a quem tem fome

A Bandeira acredita
Que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta
Que essa casa seja santa

Que o perdão seja sagrado,
Que a fé seja infinita
Que o homem seja livre
Que a justiça sobreviva

Assim como os três reis magos
Perseguiram a estrela guia
A Bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias

No estandarte vai escrito:
Ele voltará de novo
E o Rei será bendito
Ele nascerá do povo

Camões: a Voz Épica do V Império

"Cesse tudo o que a antiga musa canta Pois
um valor mais alto se alevanta"

Luís Vaz de Camões, percebendo a decadência em que entrava Portugal, cantou os grandes feitos portugueses no poema épico *Os Lusíadas*, relembrando a missão dos lusitanos, para levantar o moral de seu povo.

Publicou-o em 1572, em Portugal, dedicando-o para o Rei D. Sebastião, o último que retomou o sonho do Projeto Áureo, mantendo o ideal do V Império, e que, desastrosamente, foi visto desaparecer no norte da África, na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578.

Por causa desse monarca jovem, arrojado e idealista - que, ao ver seu exército baterem retirada, entrou sozinho nas fileiras dos muçulmanos, lutando até a morte - foi criada a lenda de seu retomo, o mito do Encoberto, ou Sebastianismo, que Fernando Pessoa exalta em seus versos e teve grande repercussão em Portugal e Brasil, em movimentos como ode *Canudos* (Bahia) *Condestado* (Santa Catarina), *Rodeador* (Pernambuco) *Princesa* (Paraíba) *Pedra Bonita* e outros.

A obra camoniana é baseada na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, em *Enêida*, de Virgílio, e em *Ilíada e Odisséia*, de Homero. E, entretanto, uma epopéia coletiva, onde o herói não é uma pessoa, mas sim o povo lusitano, que sonha com o mundo espiritualizado do futuro.

Composto de 110 cantos e 1102 estrofes, *Os Lusíadas* é um poema épico que exalta os grandes feitos dos portugueses, na expansão marítima do Império, como nos versos da segunda estância do Canto I , em que evoca *as memórias gloriosas/ daqueles reis que foram dilatando / a Fé e o Império.*

"Que Império dilatavam os nossos reis", pergunta Antônio Quadros, *"se nunca até então usaram ou quiseram usar a coroa de Imperador, ao modo de um Carlos V? E se a palavra Império, no sentido mais nobre e tradicional do termo, não significa uma realeza igual às outras e apenas com maiores domínios (plano de quantidade) mas uma realeza universal de ordem qualitativa inteiramente diferente?"* (António Quadros, *Portugal Razão e Mistério*, op. cit. p.206).

Fica transparente que Camões se referia ao Império sonhado pelos templários, pelos franciscanos e por todas as pessoas idealistas da humanidade.

Poema do ideal

"A escola da vitória é ação, é mesmo sofrimento". (Camões, canto VI, estrofe 95). *Numa visão trilógica seria conter-se na vontade para realizar o bem (e isto é um sofrimento)*. (Norberto Keppe, *A Libertação da Vontade*).

Nas obras épicas anteriores, de Homero e Virgílio, o herói era uma pessoa (Ulisses na Ilíada e Odisséia, e Enéias em Enêida). Lusíadas é o poema do ideal. É uma obra moderna, universalista, ainda hoje, onde o herói é coletivo. Assim como em Florença há uma cadeira de Dantologia e em Paris se estuda Victor Hugo, assim também em Portugal e Brasil, o estudo da Camonologia é um manancial de civismo, moral, política, virtude pública e privada, ética e filosofia, história e geografia.[132]

Não se sabe com rigor a data em que nasceu Camões, mas seria provavelmente entre 1524 e 1525, em Lisboa. O grande escritor e genial poeta universal da Língua Portuguesa deixou-nos também sonetos líricos e peças de teatro. Quanto aos "Lusíadas", passou a obra a constituir a base de nossa gramática, e a maior divulgadora de nossa língua e cultura. Camões foi o precursor do sentimento da natureza em arte, bem antes de Rousseau no séc. XVIII, com um ponto de vista puramente científico na observação da natureza.

Seis anos depois da publicação de "Os Lusíadas" , no dia 4 de Agosto de 1578, morreu ou foi aprisionado (não se sabe ao certo) D.Sebastião, ultimo rei iniciado de Portugal. Dois anos depois, (1580) morreu Camões e morreu também a independência de Portugal, que passou ao domínio da Espanha, até 1640, vendo obnubilado seu ideal de nacionalidade. Nasce o *Mito Sebastianista* ou *Mito do Encoberto* (segundo o qual o rei D. Sebastião voltaria para restaurar a soberania portuguesa e concretizar o ideal do Quinto Império).

Entre 1580 e 1640 (ano da Restauração, em que Portugal recupera sua independência) foram feitas dez edições de *Os Lusíadas*, usado sempre como estímulo para a regeneração da Pátria. Por isso chama-se "poema do ideal". Toda vez que Portugal esteve em dificuldades políticas, foram feitas edições numerosas de Os *Lusíadas* que faziam reviver o ideal quinto-imperialista no povo, levando-o a vencer a crise.

Poetas e Profetas Sebastianistas

> *"Louco, sim, louco, porque quis grandeza*
> *Qual a Sorte a não dá.*
> *Não coube em mim minha certeza;*
> *Por isso onde o areal está*
> *Ficou meu ser que houve, não o que há.*
>
> *Minha loucura, outros que me a tomem*
> *Com o que nela ia.*
> *Sem a loucura que é o homem*
> *Mais que a besta sadia,*
> *Cadáver adiado que procria?"*
> (*Fernando Pessoa, poema* D. Sebastião,
> Rei de Portugal, *em* Mensagem).

No dia 4 de agosto de 1578, em Alcácer-Quibir, 16 mil cristãos portugueses pelejavam contra cem mil mouros havia horas. Repentinamente, o rei de Portugal D. Sebastião lançou-se contra o inimigo de espada em punho, praticando verdadeiros prodígios de valor. Quando percebeu que as hostes portuguesas estavam em completa debandada, acompanhado apenas de uma porção de fidalgos, arrojou-se loucamente contra o inimigo, procurando salvar a artilharia que os marroquinos levavam. Não o conseguiu, mas também não se rendeu. Quando nobres que o acompanhavam diziam que se rendesse, ele meneava triste e negativamente a cabeça. "Só nos resta morrer ", acudiu D. João de Portugal. " Morrer sim, mas devagar ", respondeu o rei e, metendo esporas ao cavalo, sumiu-se nas fileiras muçulmanas, vibrando para um e outro lado as mais formidáveis cutiladas. Desapareceu e de sua sorte nunca mais se soube. O povo não quis acreditar na sua morte e formou-se em tomo de seu nome a lenda de que voltaria, criando-se então o *mito sebastianista.* [133]

Pondera Rainer ser compreensível que nos primeiros anos após a batalha de Alcácer-Quibir tenha havido em Portugal quem esperasse a voltado " Desejado" , pois ele poderia ainda estar vivo. Mas como é possível que séculos depois essa espera continue?

"Como é que se explica uma atitude que à primeira vista carece de todo o apoio lógico? (...) *Estamos perante um fenômeno de características próprias nacionais, que se repete de século a século.* (...) *Podemos considerar o sebastianismo uma forma de fé. Mas trata-se de algo mais do que isso.* (...) *Durante os sessenta anos do domínio espanhol* (*1580-1640*) *os representantes dos Filipes ordenaram o enforcamento de diversos padres portugueses que haviam demonstrado dúvidas acerca da morte do rei D. Sebastião. O povo lia as profecias de Bandarra e a obra do Padre Antônio Vieira sobre a* "Esperança de Portugal " (*ambas postas no index*) *definindo a vontade coletiva de sacudir o jugo estrangeiro e reinstalar unia monarquia exclusivamente portuguesa. O corpo de D. Sebastião está morto, tal como o de todos os Reis de Portugal; mas não há outro que esteja tão vivo nas pessoas que ainda sentem o bater da alma portuguesa!"* (Rainer Daenhardt, op. cit.).

A espera da volta de el-rei D. Sebastião é a espera do retomo do espírito que ele carregava no peito e todos os portugueses e povos por eles formados carregam nos seus psicogenotipos. Como Pessoa, que o vê tomar, com o pendão do Império:

A Última Nau
Levando a bordo el-rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.
Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna.
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.
Não sei a hora, mas sei que há a hora.
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

Bandarra*, *o Sapateiro*, *Profeta de Trancoso

"Quando Vieira quis basear em qualquer coisa sua fé natural nos destinos superiores da Pátria, que foi que encontrou? As profecias desse sapateiro de Trancoso. Amou-as e as comentou o maior artista de nossa terra, o Grão-Mestre, que foi, da Ordem dos Templários em Portugal. " (Fernando Pessoa).

Gonçalo Eanes Bandarra (1500-1566) , português de origem judaica, cristão-novo, exercia a profissão de sapateiro em Trancoso. Foi autor de trovas populares, em que profetizava um futuro glorioso para Portugal e anunciava a vinda do Encoberto (que mais tarde seria identificado com D. Sebastião ou, na época da Restauração, com d. João IV). Condenado pelo Santo Oficio, retratou o que escrevera, mas as suas trovas continuaram a circular em muitos lugares. A condenação, aliás, ao invés de calar sua voz, perpetuou-a, dando-lhe maior força após sua morte, como ele próprio previra: " *o corpo na sepultura / a alma nestes papéis "*.

Nos primeiros anos da Restauração(1640) quando Portugal se libertou da Espanha, ele foi elevado à posição de profeta nacional. Anos depois, porém, foi de novo rebaixado a herege. Padre Vieira o considerava um "autêntico profeta".

"O Quinto Império, o futuro de Portugal - que não calculo mas sei - está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas de Bandarra ", escreveu Fernando Pessoa para a Revista Portuguesa, em 1923.

Em versos escritos entre 1530 e 1540, muito anteriores à historiografia de Alcobaça, Bandarra afirma que as cinco quinas da bandeira de Portugal são as chagas de Cristo, conforme a tradição de que o rei Afonso Henriques tivera uma visão de Jesus, que lhe recomendara usar como armas os seus sinais, pois faria do Reino de Portugal uma nação para levar sua palavra até os confins da terra:

As *chagas do Redentor*
e Salvador
São as armas do nosso rei
Porque guarda bem a lei
E assim a grei
do mui alto Criador,
nenhum rei e imperador
nem grão senhor
nunca teve tal final
como este por leal
é das gentes guardador [134]

Dessas trovas infere D. João de Castro, neto do famoso vice-rei da índia, no seu texto intitulado *Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, datado de 1603: " *Com essa profecia se corrobora o juramento de el-rei D. Afonso Henriques: e ficam os inimigos da glória de Portugal, que lhe negam as cinco chagas por armas, convencidos e confusos em seus ditos e livros. Vendo Deus a incredulidade e inveja dos maus, ajudados do grande descuido dos portugueses, e maior culpa de seus historiadores, quis no fundo do esquecimento tantas centenas de anos aquele juramento: e confirmado depois nestes nossos tempos por boca do seu servo Bandarra, pelo qual quis manifestar seus segredos, afirmando e confirmando de novo a mercê que fez de dar as suas chagas por armas aos reis de Portugal.* " [135]

O Bandarra

Sonhava, anônimo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o universo
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói, Mas
Deus sagrou com seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português, mas Portugal.
(*Fernando Pessoa*, Mensagem)

Os maiores divulgadores dos sonhos de Bandarra foram o padre António Vieira e d. João de Castro (neto do famoso vice-rei da Índia e intérprete do poeta de Trancoso).

" *Depois que d. Sebastião tentou e falhou o regresso ao Projeto Áureo, segue-se o período sebastianista, que aliás principia durante o reinado dos Felipes, com a historiografia dos alcobacenses e com as paráfrases de Bandarra por D. João do Castro e tendo em padre Vieira seu principal doutrinário. São imprecisas as fronteiras com o círculo seguinte, em que a nosso ver ainda nos encontramos e que chamamos o ciclo saudosista.* ". [136]

Padre António Vieira, Arauto da Nova Idade

"Vieira, como intérprete de profecias antigas e recentes, havia de revelar aos seus compatriotas o advento iminente do reino consumado de Cristo. Com efeito, o Quinto Império não era nada menos do que o reino de Cristo que havia de se instalar na Terra" (José Van Den Besselaar). [137]

O padre António Vieira, nascido em Portugal em 6 de fevereiro de 1608, educado no Brasil pela Companhia de Jesus, e falecido em 28 de julho de 1697 na Bahia, ficou conhecido como protetor dos índios e dos cristãos novos; porém seu grande ideal era a propagação do V Império, conforme demonstra em seu livro " *História do Futuro - Esperanças de Portugal & Quinto Império do Mundo* ".

Grande divulgador das profecias de Bandarra e do mito do Encoberto, foi perseguido pela Inquisição exatamente por esse motivo.

De acordo com Besselaar, *"Vieira era lutador por temperamento, e a causa por que se batia era-lhe proposta pela sua visão profética do futuro. E esta grande causa, cuja propagação ele considerava como a sua missão histórica, era o Quinto império.Um príncipe português - o Encoberto - de quem falavam tantas profecias ibéricas, liquidaria definitivamente os inimigos da fé (...) e conquistaria para grande espanto do mundo inteiro, a terra santa. Uma vez realizadas essas façanhas, o Quinto Império não tardaria em vir. Um reino de mil anos, que havia de abranger todas as raças e todas as culturas unidas na fé (...) incorporadas num só império mundial; um reino de paz e concórdia, um reino de justiça e harmonia, no qual as diferenças nacionais haviam de ser integradas numa unidade superior. (...) O Quinto Império era um sonho de patriotismo exaltado e, ao mesmo tempo, de ecumenismo universal: todas as panes do mundo deviam contribuir cada uma à sua maneira para maior esplendor do conjunto. "*

Vieira, depois de um encontro com o rabino português Menasseh-Ben-Israel, em Amsterdã, na Holanda, passou a ter uma visão mais ampla e mais profunda do *sebastianismo* até então puramente nacional. Menasseh explicou-lhe a questão dos cinco impérios de Daniel, que coincidia com a espera que os judeus tinham da vinda do Messias triunfante (equivalente à espera da segunda vinda de Cristo para os cristãos).

Em seu livro *Pedra Gloriosa da Estátua de Nabucodonosor*, Menasseh Ben Israel (1655) escreveu: " *afirmamos antigos que a nosso mestre Moisés Deus lhe revelou toda a história judaica até o fim do mundo (Deuteronômio 28 e 32) e que o Espírito de Deus é o Espírito do Messias* ". [138]

Esse sonho universalista explica todas as ações de Vieira, desde os seus ousados sermões, até a defesa intransigente dos direitos dos índios e negros, a busca de justiça social, que sempre o caracterizaram.

"Em 1653, o padre Vieira chega ao Maranhão e irrita os grandes senhores de terra. Em 1655 ele destaca o alvará régio de João IV, atribuindo só aos jesuítas o cuidado dos negócios indígenas, aprofundando a crise. Há um sério conflito em 1661, e os jesuítas são expulsos. Porém, em 1667 sobe ao trono o rei d. Pedro II e, com ele, os jesuítas voltam a ter grande influência. O padre Vieira obtém do rei um decreto dando completa liberdade aos índios. Quem não obedecer sofrerá sanções e são justamente os jesuítas os fiscais . [139]

Em seu livro *O Drama e a Glória do Padre Antônio Vieira*, Mário Domingues escreveu sobre o famoso jesuíta:

"Todo o seu empenho, até os derradeiros momentos da existência, foi purificar as almas e reformar os costumes, implantando no mundo um Império de amor, de justiça e de verdade. Para o conseguir não deixava escapar um único ensejo.(...)Um verdadeiro homem, ornado das mais belas virtudes humanas, benévolo e caridoso com os humildes, rebelde e intransigente com os poderosos e os soberbos, amigo indefectível do seu amigo, e escravo de sua doutrina ". [140]

Fernando Pessoa escreveu o seguinte poema dedicado ao jesuíta em *Mensagem:*

Padre António Vieira

O céu `strela o azul e tem grandeza,
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar;
Constelado de forma e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar;
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doura as margens do Tejo.

Fernando Pessoa

"Fernando Pessoa pôs mais claro do que Camões na Ilha dos Amores *a concepção de um verdadeiro Império Português ou Quinto Império (Reino de Deus que surja pela transformação interior do homem). Veríamos até* Mensagem *como de importância superior à dos Lusíadas"* (Prof. Agostinho da Silva, filósofo e educador).

Fernando Pessoa nasceu em 13 de junho de 1888, no Largo de São Carlos, Lisboa, no dia de Santo António (cujo verdadeiro nome era Fernando), daí a denominação que seus pais lhe deram. Foi criado na África, na cidade de Durban, onde estudou na High School, inglesa, na Escola de Comércio e no Curso Superior de Letras, que abandonou, intensificando porém seus conhecimentos de Literatura Portuguesa. Ao mesmo tempo que trabalhou como

correspondente para publicações em língua inglesa, leu Vieira e Garret, os simbolistas franceses e portugueses e dedicou-se à literatura. Fez parte do Movimento Renascentista Português, colaborando de 1910 a 1912 para a revista *"A Águia"*, sob a direção de Teixeira de Pascoaes, de quem falaremos mais à frente.

De 1913 a 1915 aproxima-se da geração Orpheu, começando nessa época a escrever *Mensagem*. Colaborou para muitas outras revistas, sempre com uma visão futurista (como a dos Modernistas brasileiros, que veremos neste capítulo).

Pessoa recebeu dupla influência: inglesa e lusitana, ou seja a do Império Anglo-Americano e a do Quinto Império, Lusófono e Latino-Americano, que está a nascer. Daí a divisão que encontramos nele (Pessoa) e em sua obra: uma parte tão bonita, como *Mensagem*, na qual sua alma portuguesa resplandece com toda a beleza, ao lado de inúmeros escritos de seus heterônimos que revelavam todo o seu tormento interior.

Essa divisão na personalidade e na obra de Pessoa, fruto de estar sob influência simultânea de fatores antagônicos, foi notada pelo professor Agostinho da Silva, considerado o maior filósofo português contemporâneo (falecido em 1994), que assim se referiu ao problema:

"Quando (Pessoa) se entrega aos planos de Deus, como na Mensagem, a sua inteligência atinge o plano da genialidade generosa; o que acontece é que a adesão a Deus é sempre nele um ato que a cada passo se tem de renovar: Fernando Pessoa era incapaz de fazer votos perpétuos, então, nos intervalos, o Diabo o espreita, e com a tentação da inteligência, que é, além de tudo, a tentação que o Diabo melhor maneja. Tão mefistofelicamente inteligente se torna então Pessoa que inteiramente lhe desaparece a faculdade de amar.

Só que a natureza do homem não é diabólica e é seu último fim a santidade; pode o diabo não querer, por demoníaca obstinação, livrar-se de seu beco; mas nem orgulho nem preguiça formam à volta do coração humano muralha tão espessa que a esperança não a rompa: ao passo que o que perde o diabo é ter perdido a esperança ou não querer ter esperança"» [141]

Mais à frente, o prof. Agostinho da Silva fala abertamente das duas influências (inglesa e portuguesa) na obra pessoana, concluindo que Pessoa não aceitou ser inglês apesar do sucesso que seus versos faziam na Grã-Bretanha, tendo optado por ser português, sendo esta a sua salvação.

Lutou então o poeta português contra o imperialismo anglo-saxônico e seu fruto satânico, Aleister Crowley, com quem chegou a manter contatos pessoais. Crowley trouxe o *Testamento da Vontade* (*The Will*) em oposição à espiritualidade cristã (o amor, a razão, a ação boa). Enquanto santos como Loyola falavam em usar o esforço e a vontade para fazer a vontade de Deus,

Crowley escreveu que a finalidade do homem é fazer sua própria vontade, seja ela qual for, ainda que seja matar, roubar e destruir.

"Poderia Fernando Pessoa ter passado inteiramente ao domínio inglês e nele se afirmado como homem de Império. (...) *O que no entanto acontecia é que iam mais alto as ambições de Fernando e penetrava a sua inteligência mais longe que a dos estadistas ingleses.*

Vai, pois, Fernando Pessoa, deliberadamente confirmar o acaso físico: vai nascer português porque tem a convicção de que Deus não pode abandonar seu outro povo eleito e de que, passado o domínio da Europa, quando a técnica tiver esgotado todas as suas possibilidades, quando a economia protestante se verificar plenamente anti-humana, quando a centralização estatal se revelar estéril, Portugal virá de novo construir o seu mundo de paz, por maior que tenha de ser o seu sacrifício: o mundo de uma paz que não surge como a romana ou a inglesa, do exterior para o interior, de um Cesar para os seus súditos, dos tribunais para os corpos; a paz que se realiza antes de tudo nas almas, lei que seja inteiramente não escrita e no melhor de si, informulada: o Reino de Deus que surja pela transformação interior do homem". (*Um Fernando Pessoa*, Agostinho da Silva, *op. cit.*).

A obra *Mensagem*, inteiramente dedicada à esperança do Quinto Império, é um conjunto de poemas de caráter essencialmente simbólico, que retratam mitos e profecias universais e querem cifrar o segredo e o mistério da história portuguesa. Afirmou o próprio Pessoa que para entender essa obra são necessárias cinco qualidades ou condições: *simpatia*, *intuição*, *inteligência*, *compreensão* e uma espécie de *inspiração ou iluminação*.

Traduzido praticamente para todas as línguas, com enorme êxito internacional, este livro, juntamente com *Os Lusíadas*, de Camões, reflete a mesma missão iniciática, messiânica e universalista portuguesa.

Para António Quadros, *Mensagem* pode ser captada em diversos planos de entendimento, e é por isso que em si mesmo constitui uma *"iniciação"*.

Afirma-nos o grande historiador português: *"Não por acaso Fernando Pessoa abriu a* Mensagem *com uma epígrafe em latim*, Benedictus Dominus Deus Noster Qui Debit Nobis Signum, *isto é* Bendito Deus Nosso Senhor que Deu o Nosso Signo; *iniciou as três partes do livro com outras tantas epígrafes, também em latim*, Bellum Sine Bello (Guerra sem Guerra), Possessio Maris (Posse do Mar) *e* Pax in Excelsis (Paz no Excelso); *fechou com a exortação também em latim* Valete, Frates , *e quis manter uma ortografia com visíveis arcaísmos. Quer dizer; procurou dar à obra um caráter de livro sagrado.* "[142]

Chama António Quadros a atenção do leitor para a exatidão simbólica e numerológica da *Mensagem*, fundada sobre os números 3 (das Três Idades de di Fiori) 5 (dos Cinco Impérios preditos por Daniel) 7 (das Sete Idades de Santo Agostinho) e 12 (das doze tribos de Israel, dos doze apóstolos de Cristo, das doze portas da Jerusalém Celeste no Apocalipse de São João, os doze

fundamentos da Cidade do Futuro). O livro de Pessoa divide-se em três partes, ou épocas: *Brasão*, dos fundadores de Portugal , correspondente à Era do Pai; *Mar Português*, ou Era do Filho, representada pelos navegadores que levaram a herança paterna pelos mares e continentes; e finalmente *O Encoberto*, correspondente à Era do Espírito Santo .

Esta parte, que trata essencialmente do sonhado e esperado Império do Espírito, é também subdivida em três partes: *Os Símbolos* (com cinco poemas, *D. Sebastião*, *Quinto Império*, *O Desejado*, *As Ilhas Afortunadas e O Encoberto*) *Os Avisos* (com três poemas: *O Bandarra*, *António Vieira e Terceiro*) *e Os Tempos* (também com cinco poemas: *Noite*, *Tormenta*, *Calma*, *Antemanhã e Nevoeiro*). Neste último poema, descreve o "nevoeiro" dos tempos modernos, onde *"tudo é incerto e derradeiro. Tudo é disperso, nada é inteiro"*, em que *"ninguém sabe que coisa quer, ninguém conhece que alma tem, nem o que é mal nem o que é bem"* – mas anuncia pressurosamente que neste tempo tão triste *"é a hora!"* – hora do renascimento espiritual da humanidade, hora da vinda do Encoberto, do Desejado, da dispensação do Espírito Santo, predita por di Fiori, hora, finalmente, do nascimento do Quinto Império, cuja *"madrugada irreal"* já *"doira as margens do Tejo"*.

Agostinho da Silva

Não há nada no presente
Que eu não louve,
Embora venham saudades
Dos futuros que não houve.

Agostinho da Silva, *Uns Poemas*

Considerado o maior pensador português contemporâneo, e chamado pelo jornal *Liberatión*, de Paris, de *"João Batista dos tempos modernos"*, por difundir a vinda do Quinto Império ou do Reino do Espírito Santo no mundo, a partir do Brasil e de Portugal, Agostinho da Silva (George Agostinho Baptista da Silva) nasceu no Porto, freguesia da Campanhã, a 13 de fevereiro de 1906. Morreu, com quase noventa anos, em Lisboa, num domingo de Páscoa, no dia 3 de Abril de 1994.

Bastante apreciado (também como poeta) em muitos países europeus, aceitou ser o patrono da *Sociedade de Trilogia Analítica em Portugal*, bem como *da Associação Stop à Destruição do Mundo*, criada por mim na França.

A cosmologia de Agostinho da Silva e sua visão do ser humano era essencialmente impregnada do espírito quinto-imperialista do lusitano: o homem do futuro deverá ser como um menino que trabalha como a criança brinca - com

E U R O P E

AGOSTINHO DA SILVA rêvait d'être marin. A 84 ans, agrégé de philosophie, il est aujourd'hui l'idéologue du Portugal, choyé tant par la gauche que par la droite. Chaque semaine, dans son émission télévisée « conversas vadias », il dénonce le mythe du libéralisme économique et des yuppies, se pose en champion de la « résistance à l'absorption du Portugal par la CEE », et cite l'Evangile selon Saint-Jean.

LES CONVERSATIONS VAGABONDES DU PROPHETE DU PORTUGAL

alegria. Costumava afirmar que um dia todos poderiam ter tudo "de graça". pois Deus deu tudo de graça aos seus filhos. Sendo assim, as "lojas" seriam abertas para aqueles que quisessem entrar para pegar comida, roupa, utensílios. Sua moradia, a água, a energia, tudo de graça. E seu trabalho não mais seria feito como escravidão para o enriquecimento de poucos vilões.

Um dia o prof. Agostinho me disse:

- Na Era do Espírito Santo, o ser humano vai ver o mundo com os olhos de uma criança que vê uma estrela e estende a mão para pegá-la. Só que nessa época já teremos conhecimentos científicos para fazê-lo na prática. As escolas serão abertas a todos, não obrigatórias. Elas vão ensinar tudo o que o ser humano quer aprender.

Quando ele conheceu o princípio das Empresas Trilógicas de Keppe, onde não existem empregados e patrões e onde todos têm garantido tudo de que precisam para viver (e viver bem), ficou impressionado e feliz de ver o seu sonho tornando-se realidade antes mesmo de morrer. Viu com grande satisfação o trabalho de Keppe, cientista nascido no Brasil, descendente de mãe portuguesa e de pai germânico, como o início dessa nova era que surge e que sonhou, advertindo que o brasileiro encontraria muitas dificuldades e oposição, *"pois essas coisas dão muito trabalho."* 143

Estudou na Faculdade de Letras do Porto, licenciando-se em Filologia Clássica; colaborou com revistas como Seara Nova, formou-se professor pela Escola Normal Superior em Lisboa e doutorou-se pela Universidade do Porto com a tese "O Sentido Histórico das Civilizações". Fundou o Centro de Estudos Filológicos da Universidade Clássica de Lisboa e faz uma pós-graduação na Sorbonne, com uma tese sobre Montaigne. Conviveu em Paris com exilados políticos como Antônio Sergio, Jaime Cortesão e Jacinto Simões (1932). Em Portugal, foi aprovado em primeiro lugar num concurso para professor (1933) passando a lecionar em Aveiro. Em 1935 concorreu para lecionar em Moçambique e foi aprovado, mas, como não assinou declaração de fidelidade ao Estado Novo foi demitido do ensino público. Fixou-se então em Madrid, em 1936.

O clima repressivo que se vivia em Portugal levou-o a emigrar para o Brasil (1944). Daqui viajou ao Uruguai onde lecionou *História e Filosofia* nos Colégios Libres (1946). Visitou a Argentina onde lecionou *Pedagogia Moderna* na Escola de Estudos Superiores de Buenos Aires (1947). Regressando ao Brasil (1948), trabalhou no Instituto de Biologia Osvaldo Cruz e integrou o grupo de professores que fundou a Universidade Federal de Paraíba (1954). Foi nomeado diretor dos *Serviços Pedagógicos* da Exposição Histórica do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1955) e empossado como *diretor da Cultura* do Estado de Santa Catarina, onde fundou a Universidade Federal. Naturalizou-se cidadão brasileiro e integrou a Comissão Instaladora da Universidade de Brasília . Fundou o Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Federal da Bahia (1959) e foi nomeado assessor de Política Cultural Externa do presidente da República Jânio Quadros.

Até o fim da vida o professor Agostinho manteve a ligação com nosso país - onde viveu 25 anos - e a divulgação e defesa da idéia do Quinto Império, acreditando que virá sobretudo dos países de cultura e língua portuguesa, como Brasil e África.

O Quinto Império, profetizado por Daniel, que terá o Espírito de Deus como Imperador é, para Agostinho, como para tantos outros grandes homens, não uma esperança vaga, mas uma certeza inquestionável: *"é claro que acre-dito no Quinto Império, porque senão o ato de viver era inútil. Para quê viver se não achássemos que o figuro vai trazer-nos uma solução que cure os problemas das sociedades de hoje?"*

Em entrevista *à Revista de Psicanálise Integral* número 21, de 1992, declarou que *"a Idade do Espírito Santo será uma época de paz, que pode ser antecipada pelo que nós chamamos de Culto ao Espírito Santo, quando pessoas como vocês* (referindo-se aos trilogistas da Escola Norberto Keppe) *conseguem antecipar, antever as maravilhas desse mundo novo."*

Renascentistas Portugueses

O movimento renascentista português teve origem em 1912 com o filósofo, escritor e professor *Leonardo Coimbra* (1883-1936), que se destacou entre os estudantes do seu tempo, na Academia Politécnica do Porto e na Faculdade de Ciências pelo talento literário, cultura e oratória. Foi um defensor da ideologia republicana e do ensino livre.

Em 1908, com *Jaime Cortesão* e *Álvaro Pinto*, fundou no Porto o *Grupo ABC*, destinado a combater o analfabetismo. Depois, com *Jaime Cortesão*, *Rodrigo Solano*, *Gil Ferreira e Antonio Correia de Souza* constituiu um grupo político-literário, *Nova Seara*, (para o qual colaborou o prof. Agostinho da Silva) entrando depois na fundação da *Renascença Portuguesa* (*1912*) com a *Universidade Popular*. A revista Águia (que teve como colaborador Fernando Pessoa) tomou-se a propagadora das idéias do grupo.

Sobre o Brasil afirmou ser *"a continuação de nossa Pátria*, (...) *que já em sonhos vivia*, *antes de descoberto*, *no espírito dos portugueses*, *sonho que se tornou realidade para concretização e corporação dos ideais nobilíssimos*, *humanos*, *que então nos animavam. E o Brasil soube e saberá ser a admirável terra de maravilha*, *onde germinou*, *belamente floriu e tão consoladoramente continuou o sublime sonho de nossos antepassados"*.

Apesar de conter profundas diferenças filosóficas e metafísicas entre seus membros, o movimento dos renascentistas portugueses, (que influenciou os modernistas brasileiros, dos quais falaremos à frente) teve a característica predominante de se opor à entrada do *positivismo* e do *mecanicismo* em Portugal e tentou resgatar os verdadeiros *valores espiritualistas e messiânicos* da nação portuguesa.

Além dos autores já citados, fizeram parte deste movimento *António Teimo e António Quadros*.

Na opinião deste último, *de todos* (*os renascentistas*) *os mais empenhados na reflexão sobre o homem português terão sido Agostinho da Silva*, *Álvaro Ribeiro e José Marinho*, *muito embora sob perspectivas diferentes. Agostinho da Silva*, *desenvolvendo em termos da filosofia ou de teologia da história algumas das teses já apontadas por Jaime Cortesão sobre a importância do Culto do Espírito Santo*, *do paracletismo ou da Teoria das Três Idades ou do Evangelho Eterno de Joaquim de Fiori para se compreender o que foi a essencial proposta lusíada* (...) *vê o homem português como apóstolo ou um missionário dessa civilização da fraternidade universal e do amor*, *que depende da sua própria libertação psicológica*, *social e filosófica."* (*Portugal*, *Razão e Mistério*, *Vol. 1*, op. cit., p. 70).

Os Modernista Brasileiros

"Tupi or not Tupi, that is the question."

O Modernismo no Brasil ocorre por volta dos anos 20 a 30, período durante o qual se realiza a chamada Semana de Arte Moderna, de 1922. Caracterizou-se pela tentativa de afirmar a cultura já existente brasileira, recuperar nossas fontes primitivas reprimidas, fazê-la nascer em toda a sua originalidade e esplendor, quase num trabalho de parto, semelhante ao de Sócrates com sua maiêutica, só que num sentido social.

O Brasil, pela miscigenação racial e cultural, indígena, negra e branca (portuguesa) já possuía uma originalidade, uma síntese de três raças e culturas, já era um país distinto dos demais, mas continuava imitando, importando e impondo só os padrões culturais europeus, em vez de viver sua própria novidade.

O sonho dos jesuítas, de formar o povo brasileiro, configurar uma nova raça, já estava realizado, faltava apenas ser valorizado. Assim, a renovação dos valores artísticos e culturais, com predominância do *futurismo*, foi a tônica do Movimento Modernista.

Oswald de Andrade falou claramente em *"realizar a utopia chamada Brasil"* [144]. Foi, portanto, a tentativa, consciente ou inconsciente, de dar origem ao novo mundo sonhado há milênios, embora muitos digam que os modernistas sabiam o que não queriam, mas desconheciam o que desejavam.

No campo da Literatura foi dada ênfase à denúncia dos problemas sociais e à valorização da cultura típica brasileira; enfatizaram-se os aspectos regionais brasileiros e a síntese das civilizações indígenas com as européias, com uma mensagem universalista.

Em outros setores artísticos, a intenção foi muitas vezes a mesma. As pinturas de Tarsila do Amaral, ex-esposa de Oswald de Andrade, tinham, na opinião dos críticos, o colorido de um mundo que estava por vir, trazendo à tona um sonho de Brasil futuro. Tarsila é reconhecida internacionalmente como a maior expressão do campo de artes plásticas do Brasil, primando pela originalidade, criatividade e pela fidelidade à alma do povo brasileiro.

Do trabalho de Oswald e de Tarsila destacam-se os manifestos *Futurista*, *Primitivista*, *Pau-Brasil e Antropofagia*, em que se pretende retomar pelo Brasil ao estado original do mundo, valorizando o sentimento e o intuicionismo de Bergson e rejeitando o racionalismo positivista de Comte. Observe-se a similaridade com o Movimento Renascentista Português, aproximadamente da mesma época.

No Manifesto da Antropofagia, Oswald e Tarsila repudiam a imitação pura e simples dos modelos estéticos da Europa e recomendam antes uma arte que expresse a novidade brasileira, embora eles próprios tenham se baseado

Desenho de Tarsila do Amaral ilustrativo do Descobrimento do Brasil, feito para o Manifesto "Pau Brasil", de Oswald de Andrade. 145

em movimentos da Europa, mas sem imitá-los servilmente, antes usando a criatividade para realizar uma corrente artística genuinamente brasileira. Tal conceito de nacionalismo universalista ou universalismo nacionalista pode ser encontrado em Pessoa quando afirma: "*tudo pela humanidade*, *nada contra a nação*".

Ao invés de bloco uniforme detectam-se várias correntes até em oposição dentro da frente ampla do Modernismo: *dinamistas*, *primitivistas*, *nacionalistas*, *espiritualistas*, *desvairistas e independentes*.

A primeira revista do Modernismo, *Klaxon*, publicada em São Paulo, teve colaboradores como *Menottti del Pichia*, *Mario e Oswald de Andrade*, *Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira*, entre outros.

António Quadros, no seu trabalho sobre *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, destaca alguns autores modernistas (*Cecília Meirelles*, *Guilherme de Almeida e João Cabral de Melo Neto*) como precursores distanciados do realismo mítico de *Ariano Suassuna*, autor paraibano difusor das idéias do Quinto Império. Este autor, em sua obra de valor literário, dramático, popular e regionalista, mostra a influência das idéias de Joachino di Fiori no Nordeste brasileiro, sobretudo no R*omance da Pedra do Reino*, *A História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão* e no R*omance de Sinésio*, *o Alumioso*, *Príncipe da Bandeira do Divino do Sertão*, este último publicado em folhetins semanais no Diário de Pernambuco.

"*Guilherme de Almeida*, *um dos modernistas paulistanos da famosa semana de* 22, *mas também poeta*, *tantas vezes regressa à nostalgia da*

estética simbolista sobretudo pelo seu Pequeno Romanceiro (1957), *de onde lembro O* Romance do Reino Antigo, a História do Ledo Donzel ou a Página da Demanda, *diretamente inspirada no romance da* Demanda do Santo Graal (*presente, também nos livros de Suassuna, como no* Grande Sertão *de Guimarães Rosa*) ", afirma Quadros.

Cabe mencionar, ainda, o encontro entre *Manuel Bandeira e o professor Agostinho da Silva*, que influenciou *os modernistas.*

Afonso Arinos de Melo Franco, nome lançado pela revista Klaxon, escreveu por exemplo *"O índio Brasileiro e a Revolução Francesa - As origens brasileiras da teoria da bondade natural"* , onde mostra como a cultura européia foi influenciada pela descoberta do Brasil e das tribos indígenas que aqui viviam uma vez que Jean Jacques Rousseau desenvolveu sua teoria do bom selvagem com base nos relatos de Montaigne sobre as terras brasileiras.

Em síntese, percebe-se no modernismo, a mesma busca atávica e psicogenética de um sonho que poderia ser resumido num nome: Quinto Império, o qual, conscientemente ou não, também influenciou músicos como os *Tropicalistas* (Caetano Veloso e outros, que gravaram em CD os poemas de Mensagem de Fernando Pessoa), *Ivan Lins*, *Inesita Barroso* (com suas músicas sobre a Festa do Divino), *Chico Buarque*, *Alceu Valença* (Anunciação) e tantos outros que lutam por uma sociedade justa e afetiva, num novo mundo, que ainda não existiu.

Em *Olê Olá*, uma das primeiras músicas gravadas por Chico Buarque de Holanda, ele anuncia que *"a dor é tão velha que pode morrer"*. Em R*osa dos Ventos* (aqui tomada como símbolo do poder opressor, que ordena todas as direções a seguir) , prediz que *"a rosa dos ventos danou-se", pois "como se o céu vendo as penas, morresse de pena e chovesse o perdão"* foi inaugurado um mundo novo, *"como uma enchente amazônica, como uma explosão Atlântida, e a multidão vendo em pânico, e a multidão vendo atônita, ainda que tarde, o seu despertar"*. Nesse momento, acrescenta o poeta, *"o silêncio dos sábios nem ousou conter nos lábios o sorriso e a paixão"*.

Noutra música, também eivada de esperança, consciente ou inconsciente, no Império do Bem, anuncia: *"apesar de você* (poder maligno dominante) *amanhã há-de ser outro dia. E eu pago prá ver, o jardim florescer; qual você não queria. Como vai proibir, quando o galo insistir em cantar? Água nova brotando e a gente se amando sem parar."* Nessa hora, em que a multidão vai dançar de alegria na frente dos mais invejosos que desejavam justamente impedir essa festa, diz o poeta: " *e eu vou morrer de rir; que esse dia há-de vir; antes do que você pensa."*

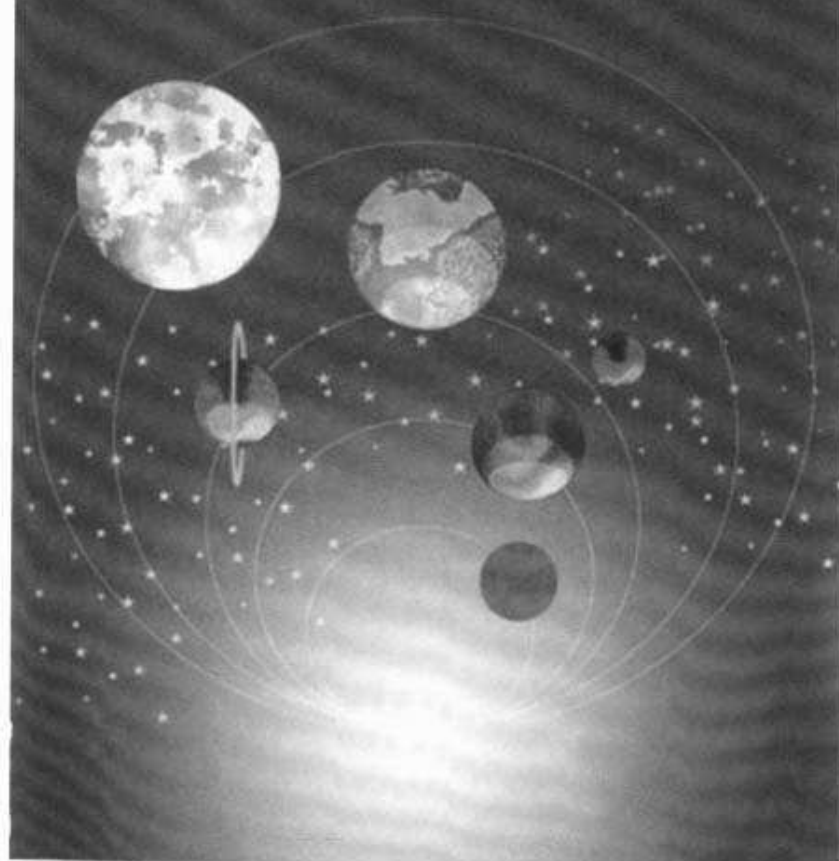
Geraldo Vandré, apesar de pregar, em seu anseio de mudança, uma espécie de revolução armada, sendo ferozmente destruído pela ditadura militar por causa de suas músicas, deixa antever em suas canções o sonho atávico, psicogenético , imorredouro, do V Império. Na sua composição *"Porta-Estandarte"*

(sendo porta-estandarte quem carrega a bandeira de sua escola de samba, clube ou agremiação e também, num sentido mais amplo, quem carrega a bandeira simbólica do sonho, ou a Bandeira do Divino nas Festas do Espírito Santo) ele diz:

Olha que a vida tão linda se perde em tristezas assim
Desce teu rancho cantando essa tua esperança sem fim
Deixa que a tua certeza se faça do povo a canção
Prá que teu povo cantando teu canto ele não seja em vão
Eu vou levando a minha vida enfim
Cantando, e canto sim,
E não cantava se não fosse assim
Levando, prá quem me ouvir
Certezas e esperanças prá trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo e que eu vivo prá cantar
Na avenida girando, estandarte na mão prá anunciar".

Os músicos e poetas brasileiros, captando por intuição a presença de uma força misteriosa, uma realidade por vir mas que já se faz sentir, não cessam de referir essa bênção que faz do Brasil, ligado a Portugal, uma pátria única. *"Moro num país tropical, abençoado por Deus"*, escreve Jorge Ben, em música gravada por Wilson Simonal; esta é a *"terra de Nosso Senhor"*, como a define *Aquarela do Brasil.* Na música *Anunciação*, em que descreve a misteriosa vinda de um cavaleiro libertador, semelhante ao mito sebastianista, Alceu Valença escreve: *"Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais". A* alegria que todo mês de fevereiro explode nas avenidas do Brasil inteiro ao som dos tambores, pandeiros, cuícas e tamborins, em que o povo, sem classes, mistura-se, canta e dança por quatro dias, atraindo a atenção dos povos do mundo inteiro para a festa sui-generis dos brasileiros, é apenas um prenúncio desta festa de vida, alegria e espiritualidade que há de vir para toda a humanidade. *As* bandeiras das porta-estandartes, que em todas as cidades do Brasil graciosamente rodam e sambam engalanadas pelas pistas e luzes, anunciam como diz Vandré, esse dia glorioso em que as dores vão findar, *"um dia que vem vindo e que eu vivo prá cantar, na avenida girando, estandarte na mão prá anunciar."*

PARTE III

O 3º MILLENNIUM E O HOMEM UNIVERSAL

Nesta terceira parte, explano a visão da ciência sobre o rumo da nossa civilização neste novo Milênio. Inúmeros cientistas sociais emitiram seus pareceres sobre o assunto. Dentre eles, Norberto Keppe foi considerado o mais original pelo *Centre National de Recherche Scientifique* da França (CNRS) , um dos mais respeitados organismos de pesquisas científicas da Europa. Após analisar o livro *Trabalho & Capital*, de Keppe, o CNRS afirmou ser o autor *"um dos heterodoxos contemporâneos o mais original sem dúvida"*.

Procuro apresentar, na medida do possível, um resumo de pontos principais da vastíssima obra de Keppe, visto pelo professor Agostinho da Silva como um quinto-imperialista autêntico, o qual, devido à natureza científica (prática) de seu trabalho, aliada aos conhecimentos teológicos e filosóficos que possui, foi capaz de formular os meios (o método interdisciplinar) de se conseguir a realização desse sonho do homem universal.

Os estudiosos dos autores do Quinto Império e do Milenarismo logo reconhecem em Keppe o mesmo espírito, que clama por justiça para todos os povos — e ele o faz através da conscientização e não por meios revolucionários ou violentos. Motivo pelo qual Victor Mendanha, jornalista e escritor português da atualidade, também pesquisador do Quinto Império, considera Keppe um dos maiores filósofos contemporâneos.

Porém, não foram poucos os que foram perseguidos, exilados, presos, torturados e até assassinados pela máquina dos poderes (até mesmo religiosos), quando tentaram organizar uma vida mais de acordo com os princípios divinos neste planeta. Keppe não fez exceção à regra.

"Quinto Império p'rá Fazer

Lisboa. 5 de Junho de 1995

Se paciência
O Lusa gente ainda tendes
de ouvir os ais
em que meu coração se acende
Escutai bem e enxergai
que o Império de que vos falo
é preciso que o façais.

Não com armas ou logorréia
com bagatelas ou frouxas exposições
mas com ação e consciência
com amor e com verdade
com justiça e com beleza
e desinversão da vontade.

E nisto é preciso ousar
ser destemido e corajoso
otimista e persistente
ser humilde e virtuoso
ser honesto e consciente
Que com a arma da verdade
ninguém jamais
vos fará frente!
Que ao amor não resiste
a perfídia inclemente!

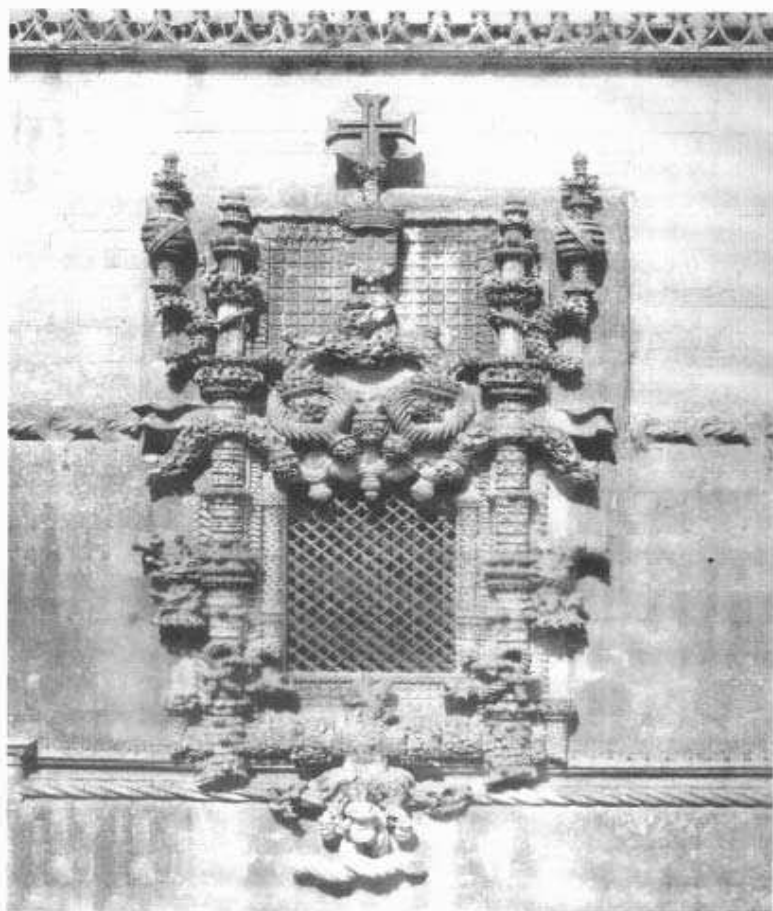
Os anjos estão convosco
Os santos vão adiante
guiam-vos p'rá vitória
em que a Luz é imperante!

Eis a vossa missão
do Ocidente ao Levante
Trabalhai pois!
Terei que vos dizer
que o Quinto Império é p'rá fazer!

Maria de Lurdes Pelicano [146]

Capítulo 16

Norberto Keppe e a Trilogia Analítica

Compreensão Integral do Ser Humano e da Sociedade
Bases para Uma Nova civilização

Janela esotérica do Castelo de Tomar, sede principal dos templários em Portugal, que simboliza a sabedoria máxima obtida através do auto-conhecimento (interior).

Gostaria de iniciar este capítulo, narrando um episódio muito interessante ocorrido conosco na Áustria.

Em setembro de 1978, em visita à cidade de Viena, Keppe e eu conhecemos Arnold Keyserling, ex-presidente da Associação Européia de Psicologia Humanística, professor de Filosofia da Universidade de Viena e filho do renomado filósofo Hermann Keyserling. Este último foi o fundador, com Cari Gustav Jung, da Escola da Sabedoria, com sede em Darmstadt, Alemanha.

Fomos visitar Arnold Keyserling em seu apartamento no centro de Viena, conduzidos pela assessora cultural da Embaixada Brasileira na Áustria, que o considerava um dos mais brilhantes pensadores da Europa daquela época.

Qual não foi nossa surpresa quando lá chegamos, sem aviso prévio, e o encontramos estudando português!

O filósofo, de linhagem mística como seu pai, abraçava a mesma previsão que considerava próxima uma fundamental e universal mudança da humanidade, a partir do Brasil. Daí seu interesse em aprender nossa língua.

Entre as pesquisas de seu pai, as quais ele procurava desenvolver, estavam os seguintes dados:

1) De acordo com cálculos baseados em calendários da Antigüidade, como dos maias, incas e astecas – e também com base na sabedoria de povos orientais – deveria surgir, por volta da década de 70, uma nova orientação psicológico-espiritual e universal, que iria guiar a humanidade pelos próximos cinco ou seis mil anos;

2) essa orientação deveria surgir no Brasil, mais especificamente numa zona energética especial em São Paulo;

3) essa diretriz iria "demolir" o estilo dogmático-racionalista e materialista das civilizações européia e norte-americana, geradoras de neuróticos e psicóticos;

4) o mundo precisaria se defender do domínio norte-americano sobre os outros povos, sob pena de sofrer a mais difícil era da humanidade – muito mais negra e censuradora do que a medieval;

5) essa nova orientação, surgida em São Paulo, traria uma nova era de paz para todas as nações; um clima de alívio iria se difundir entre os povos já libertos dos poderes econômico-sociais até então opressores.

Tomando contato com essas idéias, hoje nelas detectamos as sementes do milenarismo, mesmo que os Keyserling não se prendessem a qualquer religião.

Resolvemos, então, convidar o filósofo germânico para vir a São Paulo, a fim de conferenciar sobre suas idéias para a elite científico-cultural paulistana, e para que ele pudesse também satisfazer sua curiosidade de visitar os diversos grupos espiritualistas brasileiros (desde a Igreja Católica Latino-Americana até grupos espíritas, de umbanda, candomblé, entre outros).

Já em São Paulo, depois de conhecer tudo isso, Keyserling disse-nos ter encontrado o que procurava justamente na Sociedade Internacional de Trilogia

Apresentação de Arnold Keyserling
no I Congresso Internacional de Psicanálise Integral - São Paulo, 1979.

Analítica, nas idéias de Keppe: a unificação da ciência, da filosofia e da espiritualidade. A descoberta da *teomania* (inveja de Deus) e da *inversão psíquica* coincidiam com o que ele esperava.

–*Preparem-se e aprendam inglês*, dizia-nos insistentemente Keyserling, *pois dentro de pouco tempo vocês serão chamados a levar a Trilogia para o resto do mundo. Hoje a sociedade está "assim"* (gesticulava, mostrando a palma da mão direita virada para baixo) *e amanhã estará "assim"* (fazia o movimento contrário, colocando a palma da mão virada para cima). Com isso, ilustrava a desinversão, ou a "conversão" pela qual os seres humanos deveriam passar – a conversão de valores, de energias, de atitudes e de influência, pois esta se deslocaria do hemisfério norte para o hemisfério sul.

–*O novo milênio será o Milênio do Terceiro Mundo*, *quando os verdadeiros valores humanos e espirituais assumirão seu merecido papel de lide-rança*, disse-nos certa feita o filósofo alemão. Para ele, o valor que a Europa, a América do Norte e o Japão deram à tecnologia e ao materialismo foi de uma força tal que escravizou o ser humano. O dogmatismo acadêmico-materialista acabou com qualquer esperança de cultura e arte no mundo moderno.

- *"Nossa única esperança vem daqui"*, falou-nos Keyserling entusiasmado, num momento de descontração, enquanto saboreava uma cerveja gelada num barzinho da rua Augusta conosco e com um grupo de admiradores.

A partir de fevereiro/março de 1979, Keyserling começou a divulgar a Trilogia na Europa – e, em 1980, começou para nós uma nova era de atividades

e conferências em diversos países europeus e americanos. De lá para cá, nossos livros foram publicados em nove idiomas, e absolutamente todos os povos tiveram contato com as idéias keppeanas — diretamente, por meio de conferências e atendimento analítico, ou indiretamente, por intermédio de livros e publicações. A previsão de Keyserling se realizava. Nossa vida sofreu uma reviravolta completa e, nestes últimos 20 anos, as descobertas psicanalíticas de Keppe se difundiram pelo mundo inteiro.

A obra de Keppe, um autor heterodoxo

Keppe sempre foi irreverente para com as autoridades despóticas e prepotentes, como o foram todos os homens geniais em todas as épocas. Mistura de sangue germânico e português, o amor pela poesia e liberdade herdou-o da alma lusitana, e o gosto pela música, filosofia e ciência dos psicogenes alemães.

De maneira que sempre fez um trabalho heterodoxo, e o que realizou não é um fruto de sua época. Pelo contrário, a maior parte de suas idéias e descobertas foram contra a tendência deste momento atual, da civilização da segunda metade do século XX.

Em 1967, Jânio Quadros, então governador do Estado de São Paulo, e Enéas de Carvalho Aguiar, ex-diretor do Hospital das Clínicas, concederam uma bolsa para Keppe estudar nos melhores círculos de Psicanálise na capital desta ciência: Viena. Lá ficou por três anos e trouxe um cabedal riquíssimo de informações, que introduziu no Brasil, tomando-se pioneiro nesse campo.

Foi dentro do HC e de sua clínica particular que Keppe começou a experimentar, no campo psicanalítico, os embriões do que veio a se chamar mais tarde *Psicanálise Integral* ou *Trilogia Analítica*.

Unificação

Em 1967 ele já "ensaiava", com muito critério, a unificação das noções de espiritualidade, filosofia e metafísica à ciência— tanto nos seus livros como nos trabalhos científicos com os pacientes, que atendia em bom número.

Em seu primeiro livro, *Psicanálise Integral*, que contém a tese apresentada por ele ao prof. Dr. Viktor E. Frankl, em Viena, e foi publicado no Brasil em 1964, Keppe escreve no prefácio, referindo-se ao criador da Psicanálise, S. Freud: "*Nossos pontos de vista divergem totalmente, por vezes, do Mestre da Psicologia do Inconsciente, pois procuramos explorar justamente o lado espiritual do ser humano, dentro de um mecanismo que denominamos de inconsciente. De outro lado, achamos que os postulados freudianos, por serem materialistas, são anti-humanos — contrários à nossa natureza e insatisfatórios para a sua compreensão total e o seu tratamento integral.*

Norberto Keppe, Cláudia Pacheco, Viktor Frankl e esposa
no 1° Congresso Mundial de Logoterapia em San Diego, nos Estados Unidos.

É por este motivo que procuramos completar o seu esquema pulsionar instintivo com outro, que achamos mais autêntico: o espiritual".

Mais adiante, na página 19 , Keppe escreve: "*O transconsciente* (referindo-se à instância espiritual do psiquismo humano por (ele descoberta) é *presente e atuante em toda a personalidade; ele é responsável pela mística e religiosidade dos povos, em todos os tempos e lugares; ele é também responsável por uma certa unidade de pensamento, bem como por uma unidade básica comum, no julgamento de regras e leis, em todas as partes do universo. E, à medida que avançamos do transconsciente pessoal para o coletivo, chegamos também às verdades, leis e valores absolutos* (*os* transtipos). "

Somente dessa forma descrita por Keppe pode ser explicado o surgimento constante - em indivíduos de diversas raças, religiões e épocas - da idéia da formação de um reino ou sociedade universal, justa, livre e avançada, baseada nesses valores absolutos, de alto nível de ética e espiritualidade— o Millennium, ou 5° Império.

Impressionado pelas idéias de Keppe, Roberto Assagioli, criador da Psicosíntese, a Escola Psicológica de Florença, convidou-o para unir-se a ele em suas pesquisas na Itália. Mesmo que Keppe tenha optado por continuar com sua Escola no Brasil, Assagioli utilizou-se do esquema do psiquismo humano e da transconsciência e dos transtipos, entre outras descobertas, como base de seus trabalhos.

Pintura em azulejos na Igreja Nossa Senhora do Brasil em São Paulo, simbolizando o Espírito Santo derramando os seus dons em forma de água viva: Temor a Deus, Entendimento, Conselho, Sabedoria, Ciência, Fortaleza e Piedade.

Capítulo 17

A Revelação Científica Trilógica: Conscientização de Sete Pontos Fundamentais

"Na teoria do dr. Keppe há aspectos muito profundos e originais, que podem marcar novos rumos da pesquisa psicanalítica e da ação psicoterapêutica, como também a compreensão integral do homem."

Omar Lazarte, professor das Universidades de Cuyo e Mendoza, Argentina

Neste capítulo, transcrevo a compreensão de Keppe sobre os sete principais problemas interiores e aspectos do homem, os quais, se conscientizados, acredito que desvendarão os segredos do seu universo, para que a humanidade possa chegar ao seu apogeu (o famoso Millennium esperado).

Dei a este capítulo o nome de Revelação Científica Trilógica porque a revelação, para Keppe, é um processo contínuo, trazido à humanidade por teólogos, filósofos, artistas, cientistas e todas as pessoas que se colocam em posição de aceitar a conscientização da realidade, conforme escreveu em seu livro *"Glorificação"* : [147]

"A *revelação é o processo de manifestação de Deus em todas as coisas — fenômeno que vem se dando desde a criação do mundo, e que combinou um dia com a pessoa que foi mais verdadeira: Cristo. No entanto, não parou aí, e cada indivíduo, cada fenômeno, tem o seu grande valor e significado, pois forma um elo a mais, nessa maravilhosa descoberta dos mistérios divinos."*

Keppe entende, portanto, que a ciência verdadeira, mais ainda a ciência do espírito (psicologia profunda) é uma continuação da revelação divina, que caracterizaria a ação do Espírito Santo nesta era da civilização.

Transcrevemos, a seguir, as principais descobertas de Keppe, publicadas numa monografia de sua autoria e utilizadas depois em forma de apostila na Escola Norberto Keppe:

Bases da Trilogia Analítica

1. Inversão

Realizei a descoberta fundamental da Trilogia Analítica no mês de março do ano de 1977, baseado nas seguintes interrogações: – Por que o ser humano sofre, procura valores secundários (dinheiro, sexo), tem uma idéia negativado Criador, faz guerras, odeia o semelhante (homo hominis lupus), rouba, mata, calunia e agride? A resposta é evidente: – Porque acredita que tais atitudes lhe são vantajosas.

Desse modo, cheguei à conclusão que o homem sofre de uma INVERSÃO - colocando o mal no bem e vendo vantagem em agir malevolamente.

Esse fenômeno poderá ser melhor compreendido através da *projeção*, que é o fato de colocarmos no semelhante as próprias intenções. Por exemplo: o neto de Alvarez (famoso psiquiatra espanhol) foi visitar o Zoológico de Barcelona e quando chegaram defronte a uma jaula, o, leão rugiu, ele estremeceu e disse ao avô:

Vamos embora que você está com medo!

Outro exemplo é o do motorista que precisava trocar o pneu e não tinha macaco. Imaginando que pessoa alguma iria lhe fazer o favor de emprestar um, que iria incomodar,etc., quando um carro parou na estrada, para ajudá-lo, ele dirigiu-se ao motorista e disse:

– Mas por que não quer emprestar-me o macaco?!

Conseqüências da Inversão:

a) pensar que Deus envia e se compraz com. o sofrimento do ser humano. Cristo não falou: *"Quem quiser ser meu discípulo tome sua cruz e siga-me"?* Poucas pessoas percebem que somos nós os criadores do sofrimento, ao fazer uma estrutura social, econômica, ética invertidas – até mesmo a cruz de Cristo, fomos nós que construímos e, depois, colocamos nele a culpa do que fazemos.

b) qualquer que seja a doença, psíquica ou orgânica, é conseqüência de nossa conduta errônea (ódio, inveja, raiva, ciúme): lesões no aparelho digestivo (úlcera); dificuldades respiratórias (asma, bronquite, rinite), devido a rejeição à vida; problemas como aparelho circulatório (enfartes, lesões cardíacas, ventriculite, hemorróida, varizes), devido à atitude de perfeccionismo; doenças dermatológicas (eczema, pênfigo foliácio, lúpus eritematoso, micose e escabiose constantes), males ósseos (osteomielite acidentes, fraturas), todos eles ligados à conduta de alienação. O próprio Cristo era chamado de médico, porque sanava todas as doenças.

c) as doenças psíquicas (esquizofrenias, depressões, manias, fobias, epilepsias) são constantemente ligadas a problemas espirituais, isto é, o indivíduo

muito doente é bastante "endemoninhado" - é por esse motivo que J. B. Rhine notou que as pessoas videntes, "sensitivas", são acentuadamente insanas, e os fenômenos parapsicológicos (psicocinésia, retro e precognição, combustão espontânea, telepatia, xenoglossia) são comuns aos doentes mais graves. De maneira que a Psicanálise Integral realiza um verdadeiro "exorcismo".

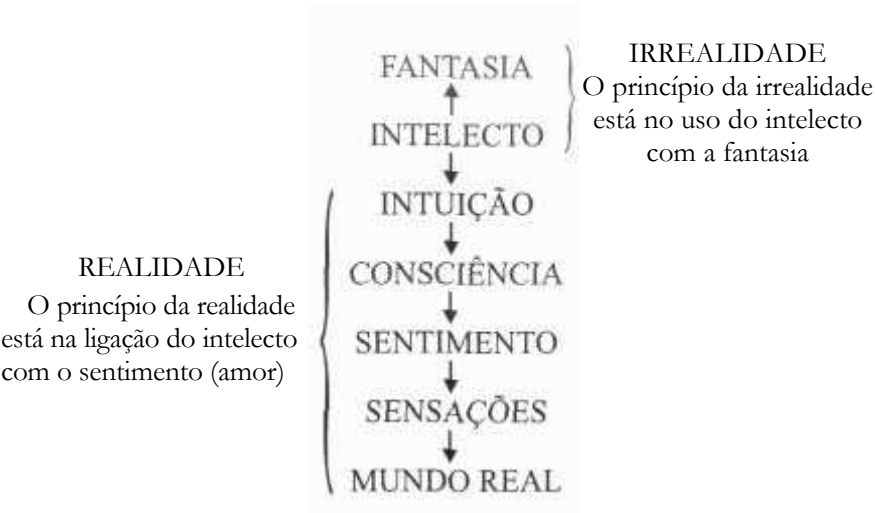
d) O campo da libido é onde se realizou a maior inversão de toda a humanidade, primeiramente ao ser colocada na concupiscência a causa de todos os males humanos (pecado original) e, na ciência psicoterápica, o que chamamos de libido, como fonte de todos os problemas (verificar Etiologia das Neuroses, Sigmund Freud). A tal ponto esta questão está sendo conscientizada que, nos EUA, Nancy Friedman publicou um livro com o nome *Men's Sexual Fantasy*. Descobri que a problemática humana reside fundamentalmente na arrogância, megalomania e principalmente na teomania do homem – a exemplo da psiquiatria desenvolvida por Kräpelin, Köhler, no início deste século. Aliás, a própria Teologia não vê a soberba como o maior pecado? Existem ainda outros autores que colocam a causa da infelicidade na sociedade (Jean Jacques Rousseau: " *o indivíduo nasce bom e a sociedade o prejudica"*), na estrutura econômica (Karl Marx) e até mesmo em fatores "espirituais" (Gurdjiev), físicos e materiais.

2. Inconscientização (*Alienação*), *e não Inconsciente*

A descoberta da inversão propiciou a percepção de que não existe um inconsciente que seria o depositário de todo elemento psicopatológico, onde estariam os instintos agressivos, sexuais e de morte. Aliás, a própria palavra é formada pelo sufixo *in* , que significa uma negação, mais *consciente;* ora, o que não é não pode ser base do que é – este foi o grande erro de Platão e Hegel: o primeiro dominando a Idade Média até o século XI , e o segundo impondo sua idéia de tese antítese e síntese, atualmente. De outro lado, pessoa alguma pode sofrer de algo que não existe, mas sim por querer colocar o mal (que não existe por si) no bem.

Aqui, chegamos a uma aproximação entre a descoberta de Taciano - (referendada por Orígenes, Tertuliano, Agostinho e Tomás de Aquino) quando afirmou que o mal era uma privação do bem (*"malum*, *privatio boni"*) - *e a* minha descoberta sobre a insanidade, com a seguinte definição: *a doença é a atitude de negação*, *omissão*, *ou deturpação da realidade*. A própria etimologia confirma tal assertiva quando falada insanidade (não sanidade), infelicidade (não felicidade), ateísmo (oposição ao teísmo), oposição (contra a posição); ora, só podemos negar, omitir ou deturpar o que é são, belo, bom e verdadeiro – pessoa alguma poderá ser insana, senão sobre uma sanidade ; a doença é o desejo de viver o artificial, levando uma cliente a dizer que sofria *"pelo que não existia*, *por si"* – pois jamais poderíamos sofrer por causado que existe, por si.

3. Fantasia e Realidade

Pelo que ficou exposto anteriormente, podemos concluir que existe o mundo real, objetivo e, aquele que só existe em nossa mente através da imaginação.

O indivíduo são caracteriza-se: a) pelo seu forte sentido de realidade, b) capacidade de realização e c) principalmente uma conduta afetiva – que exige uma vivência basicamente de afeto (amor). A pessoa doente, pelo contrário: a) é super-intelectualizada, b) fantasiosa e, conseqüentemente, c) irreal.

Exemplificando: existe uma inversão, quando o indivíduo coloca a vida afetiva no sexo, esperando dele o que só o amor poderia lhe dar; deste modo, podemos afirmar que 90% da chamada vida sexual é somente imaginação. Outro exemplo: o progresso de um país geralmente é atribuído aos seus dirigentes e não ao povo, com os seus membros mais capazes; o próprio poder econômico é visto como o gerador de riquezas e não o maior aproveitador dos bens de uma nação, que residem primeiramente na capacidade dos seus cidadãos, que trabalham com os bens naturais.

Assim sendo, podemos afirmar que a sociedade moderna construiu suas "bases" em três elementos principais: 1) valor econômico, 2) poder social e 3) a assim chamada força da libido (Herbert Marcuse) – os quais, por não serem base de nada, estão desmoronando; deste modo, podemos dizer que vivemos em uma sociedade de fantasia: os verdadeiros valores soterrados, como o ouro convertido em barras e depositado debaixo da terra; as mais bonitas jóias são guardadas, sendo usadas bijuterias – à semelhança do que fazemos conosco,

ao substituir a verdadeira capacidade (afetiva e intelectual), pela máscara social.[148]

Fazendo um fecho a esta exposição, posso dizer que o campo do racionalismo tem sido o principal agente do irrealismo dos últimos tempos - e não apenas o dos maiores filósofos da humanidade, como Tomás de Aquino, Imanuel Kant, Jorge Guilherme Frederico Hegel, seja no chamado tomismo aristotélico, no idealismo ou no idealismo lógico. Tomás de Aquino dizem sua metafísica que Ato significa realidade, perfeição, vendo no Criador Ato Puro; em seguida, afirma que o conhecimento é mais perfeito que a ação (porque o intelecto possui o próprio objeto, enquanto que a vontade persegue-o sem conquistá-lo); como conclusão, diz que a bem-aventurança não consiste no gozo afetivo de Deus, mas na visão beatífica da Essência Divina – como se o Criador não fosse basicamente Amor (*História da Filosofia*, Umberto Padovani, Luiz Castagnola, pág. 236 a 241). É por este motivo que o funcionário religioso caracteriza-se pela sua insensibilidade.

Finalmente, gostaria de lembrar aos senhores que não apenas grande parte dos pensadores, mas também cientistas, psicoterapeutas e parapsicólogos usam o racionalismo para fugir da realidade – podemos citar aqui tanto Charles Darwin e Pierre Teilhard de Chardin, como Karl Marx e o próprio Freud, quando pretendeu resolver todos os problemas do ser humano com hipóteses fantásticas. A psicologia, psicoterapia são processos de incentivo ao narcisismo, realizando um agudo incentivo na egolatria de cada um. De modo geral podemos dizer que a civilização atual está desmoronando simplesmente porque não foi erigida sobre fundamentos reais.

4. Inveja Universal e Teomania

Sigmund Freud foi o verdadeiro autor da psicoterapia; antes dele, era comum o uso de processos supersticiosos, dentre os quais predominava o mesmerismo, ou seja, a tentativa de curar através de forças magnéticas mentais, como se o terapeuta fosse um semideus. Podemos afirmar que atualmente a maioria das chamadas técnicas de terapia baseiam-se nessa idéias megalômanas, que incentivam ao máximo o narcisismo.

Certa vez Freud notou que os doentes mais graves demonstravam muita inveja, mas não se aprofundou nessa descoberta, feita depois que já havia construído seu esquema teórico. Melanie Klein aceitou trabalhar com essa visão, tentando acomodá-la ao Complexo de Édipo e de Castração, ou melhor, puxando-a para o campo da Libido.

Dentro da Trilogia Analítica, procurei dar toda liberdade de interpretação e, em pouco tempo, notei que o motivo principal da inveja era o desejo do ser humano de ser "dono da verdade", um deus; é fácil notar que cada um de nós deseja que o mundo seja conforme o próprio pensamento – fechando os

olhos ao que existe realmente; aliás, a raiz da palavra *invidere* (inveja) é a mesma de *inversio*, que significa estar contra a versão, contra o que é certo. Por este motivo, a definição da doença (neurose, psicose e males orgânicos) é a seguinte: "*atitude de negação, omissão ou deturpação da realidade*" – retirando as explicações do males do campo da natureza para o da livre escolha.

Neste momento, o campo da psicoterapia voltou ao seu verdadeiro berço que é o psicológico, colocando a etiologia da neurose no seu aspecto real, pois a inveja é apenas uma atitude de negação ao único sentimento que existe: o amor; podemos dizer que o mesmo fenômeno acontece como ciúme, o ódio, a vingança e tudo aquilo que denominamos de maus "sentimentos". Neste caso, podemos classificar os demônios como anjos esquizofrênicos porque, à semelhança dos seres humanos, eles quiseram ser deuses – e até agora acreditam nessa fantasia (como os indivíduos gravemente doentes) - e a tal ponto um se identifica com o outro, que se unem no processo de possessão diabólica.

Vamos dizer que os maiores problemas (ou pecados) do homem são: primeiramente a inveja, soberba (arrogância) e ódio; depois a avareza e a preguiça e, finalmente, a gula e a luxúria. No entanto, a humanidade sempre viu tal questão de modo invertido, colocando a libido (a ciência) e a concupiscência (filosofia cristã) como fundamento de todas as dificuldades.

Pensem agora na enorme mudança que teria de haver na *Weltanschauung* (visão de mundo) por causa das descobertas científicas – uma total inversão em seus conceitos, pois a sociedade humana foi organizada invertidamente, chegando agora ao seu ponto máximo de saturação; o Reino Humano falhou porque ele foi estruturado pelo homem, mas contra o homem.

5. O Método: a Dialética (*Socrática ou Cristã*)

A questão da metodologia da Trilogia Analítica só pode ser melhor captada pelos indivíduos mais equilibrados – o que não significa que as pessoas que não a entenderem precisem ficar quietas, para não se denunciarem. Existem dois tipos de dialética: a primeira poderia ser chamada de falsa, platônica, ou ainda hegeliana, devido à intenção impossível de unir o sim com o não, o que existe com o que não existe, o bem com o mal, a realidade com a fantasia, o homem com o não homem, o ar como não-ar, tendo levado Aristóteles a dizer que a atitude de seu mestre poderia ser considerada apenas como um útil exercício mental. Pois bem, até hoje constróem-se hipóteses nesse sentido platônico: pólo positivo e negativo (eletricidade), matéria e antimatéria (física).

A outra dialética pode ser chamada de real, socrática ou cristã, porque trabalha com dois elementos que existem. Temos de nos lembrar que a própria filosofia e ciência foram construídas sobre esta descoberta; por exemplo: Anaximandro a chamou de processo comparativo dos opostos; Anaxímenes, de processo de rarefação e condensação; Pitágoras de Samos, processo de

contraposição entre o mesmo e o outro; Parmênides usou o nome dialetismo entre a verdade e a razão; Heráclito fala da unidade das tensões opostas; Empédocles dizia do princípio da isonomia (amor-ódio); Sócrates usava da ironia para mostrar a ignorância do indivíduo pretensioso e Cristo dizia claramente que os soberbos serão humilhados e os humildes exaltados. O próprio conhecimento se processa pela comparação entre os opostos – que se toma em megalomania e teomania quando se colocam elementos fantásticos. No entanto, é uma atitude de toda pessoa, que tem de tomar consciência para que se chegue à realidade.

Quando eu mostro os dois tipos de dialética, faço isso para que a pessoa perceba sua atitude certa e principalmente a errônea – e não para tentar permanecer só no acerto, pois o que chamamos de platonismo é algo que estamos querendo realizar sempre, para dar vazão à megalomania e teomania, e a única maneira de chegar à sanidade é conscientizar a doença, os erros, a patologia.

*6. **A Causa da Psicopatologia Está no Uso da Vontade*** (***Invertida***)

O ser humano nasce bom, mas se deturpa pelo uso inadequado da vontade, parafraseando Jean Jacques Rousseau; aliás, Tomás de Aquino em seu último *Compêndio de Teologia*, à página 206, diz que *"o homem deixou de submeter sua vontade a Deus*, *passando a cometer muitos pecados";* de modo que se o ser humano afastou-se da realidade pela vontade, somente pela própria vontade poderá voltar a ela– vamos dizer que o chamado pecado original está no uso invertido da vontade; aliás, este é o único elemento de nossa livre escolha – não podemos escolher um corpo diferente, enxergar com os ouvidos, pensar sem o concurso do cérebro, andar com as orelhas. No entanto, temos de admitir que o homem realmente comete enganos em suas escolhas, podendo invertê-las totalmente, devido à inveja.

Vemos pelo esquema que a vontade é que determina o tipo de escolha que o indivíduo fará em sua vida, se para o mundo irreal, ou para o real: se for para o primeiro, será medíocre, sem uma verdadeira cultura, com a sua estrutura afetiva (e sexual) prejudicada e incapaz de chegar á uma verdadeira produtividade; se a pessoa escolher o segundo caminho, em pouco tempo obterá resultados incríveis, tanto no campo científico como no social, familiar e profissional, alcançando um alto grau de realização – aproximando-se do Ato Puro.

Dentro desta *Weltanschauung*, vemos que tudo está pronto para ser usado e usufruído, contanto que o ser humano conscientize sua patologia psíquica, para que se permita desenvolver ao máximo. Nosso cérebro só funciona com 7% de sua capacidade, porque não aceitamos trabalhar com o que pode existir, procurando criar o que não pode (existir); o simples faz o complexo, mas o complexo não pode realizar coisa alguma. Poderíamos, em alguns anos de conscientização, progredir séculos em nossa civilização.

Devido à inversão, colocamos o valor intelectual em primeiro lugar (e o fundamental , o afeto, em posição secundária) incorrendo no mecanismo de defesa contra a realidade, que Freud chamou de intelectualismo.

7. Conscientização: a Finalidade da Existência Humana

1) O processo de conscientização é duplo: uma consciência é sobre a realidade, e outra sobre a psicopatologia - mas para que o ser humano chegue à realidade (que é a bondade, o amor, a verdade e a beleza), tem de conscientizar sua psicopatologia, que é a atitude de inveja, ódio, teomania, megalomania e petulância – pois, o que existe, por si, é o bem, a virtude e a sanidade, sendo o erro, o mal, a doença apenas uma atitude (do homem, ou dos anjos maus) de querer negar, omitir ou deturpar a imagem do Criador e sua criação.

2) A ciência trilógica inaugura a nova era da humanidade, ao perceber que a ciência é consciência do que, antes, jamais o ser humano havia notado; chegamos a um período totalmente novo, porque estamos com uma nova visão (o famoso terceiro olho), que irá permitir a correção de erros fundamentais do passado, para a vida humana. Por exemplo: a) que o indivíduo perfeito é aquele que enxerga as suas imperfeições – não sendo possível haver uma maior perfeição, se tal conscientização não for realizada; b) como corolário, podemos afirmar que chegamos a uma nova e decisiva fase da humanidade pela conscientização de seus erros, única maneira de levá-la definitivamente a um incrível desenvolvimento.

3) Outro erro que se tomou um grave empecilho para o desenvolvimento pessoal e social é a confusão que sempre foi feita entre *conscientizar* e *ser* – assim, se uma pessoa não tiver consciência de que é doente, não é; se não souber de um erro, não o tem e, pelo contrário, se notar um defeito, passa a tê-lo.

O erro, a neurose foram colocados na percepção deles – como se os olhos fossem culpados pelo que vêem.

4) Outro grande erro, se não o maior de todos, foi o da identificação entre conhecimento e conscientização, pois o primeiro é puro intelecto, enquanto que conscientizar é entender e sentir, algo prático, ligado à ação, levando o indivíduo a uma verdadeira conversão em seu comportamento.

5) Finalmente, e como conseqüência desse fato, notamos que o principal elemento para ser trabalhado (no ser humano) é a sua vontade – e não o intelecto, que é algo passivo; ora, este fenômeno exigirá a consideração de que a ciência constitui um campo mais fundamental do que o filosófico – algo que nem todo filósofo teria a disposição de aceitá-lo. Porém, essa nova visão nos faria considerar não um paraíso parado, amorfo, mas uma conscientização contínua, infinita, para uma eterna realização.

O ser humano foi criado segundo a imagem e semelhança do seu Criador que constitui uma união (conscientização) entre amor e conhecimento, que lhe dá um incrível dinamismo, a ponto de criar o universo, com os seus trilhões de seres humanos, e o céu, com um número maior ainda de espíritos de luz. E é este o nosso grande valor, quando aceitamos a consciência da inveja, megalomania e teomania, para nos assemelharmos de novo a Deus e realizarmos maravilhas, das quais nem temos idéia ainda.

O processo de interiorização é o reconhecimento da semelhança psicológica que existe entre nós e o Criador, com a volta da atenção para a própria vida interior, com a finalidade de desenvolver esse mundo interno. Interiorizar seria o elemento final do processo psicanalítico, porque é a passagem da existência atribulada, voltada para o exterior (que temos desenvolvido até agora) para o verdadeiro nível de interesse humano, que parte principalmente do campo afetivo. De modo geral, posso dizer que, com a interiorização, haverá uma grande reviravolta na humanidade, porque o ser humano tomará as seguintes atitudes: a) colocará o homem em situação primordial, b) e, nesse processo, o sentimento (amor) em primeiro plano, c) a sociedade sofrerá a reinversão,

d) todos os campos, seja científico, do conhecimento e das realizações terão um enorme desenvolvimento.

A interiorização é a finalidade principal das descobertas da Trilogia Analítica, porque reconduz o ser humano à verdadeira fonte de todos os seus problemas (e também de suas virtudes, quando conscientizada), porque recoloca na vida psíquica a causa de suas desavenças (e do seu bem-estar); por essa percepção, passamos a ver: a) a etiologia das neuroses na própria vida psíquica, ou melhor, nas atitudes de inveja, teomania e megalomania; b) os problemas sociais oriundos do comportamento humano; c) o tipo de civilização, com sua religiosidade, filosofia e ciência, de acordo com o homem (que o forma).

Podemos afirmar que a humanidade está exteriorizada – voltada para as coisas exteriores, devido à inversão que vem cometendo, na atitude que o povo diz: "fora de si", que é a causa de toda patologia, humana e social."

Capítulo 18

PRINCÍPIOS DO 5° IMPÉRIO
Uma Análise Comparativa com a Trilogia

"O trabalho de Keppe é o único no mundo que estabeleceu uma síntese entre os pontos psicológicos, as tradições religiosas e as ciências naturais. Entendo que a Escola Brasileira de Psicoterapia (Psicanálise Integral) ajudará na área de pesquisas e no desenvolvimento das potencialidades das pessoas normais".

Arnold Keyserling,
presidente da A.E.P.H., filósofo e psicólogo

Psicólogo, psicanalista com formação em Viena, Áustria, filósofo, cientista social e pedagogo, autor de 30 livros, alguns traduzidos para inúmeros idiomas, Norberto Keppe chegou, por vias científicas – e sem o pretender– aos temas, descobertas e assuntos tratados ao longo deste livro.

Analisando os seres humanos e a sociedade com base no método interpretativo da ciência trilógica, chegou a inúmeras descobertas, por exemplo: a necessidade da unificação dos campos do conhecimento (teologia, filosofia e ciência), para que haja o verdadeiro conhecimento; a urgência em se sanear o campo do trabalho, com o fim da exploração do homem pelo homem, para haver equilíbrio; a inveja como origem de todos os problemas; a patologia do poder econômico gerando todos os malefícios econômicos, sociais e políticos; a interiorização como fonte de sanidade, etc. Mas, o mais importante são as *propostas*, práticas e científicas, para que possamos organizara civilização sonhada por todos e adequada aos seres humanos.

Tanto ele como eu pouco sabíamos sobre essa questão de 5° Império, milenarismo ou messianismo lusitano, até tomarmos contato com esse campo de estudos em Portugal e França, nos anos 90, após nos mudarmos para a Europa, em 1988.

Notamos então uma considerável semelhança entre as idéias keppeanas e os ideais dos quinto-imperialistas universais. Descobrimos que nosso trabalho era uma continuação, como que um fecho de toda essa atividade, sonhos e

ideais anteriores a nós. Estávamos encaixados num processo histórico de grande transformação social sem o perceber claramente. Foi para mostrar tudo isso que escrevi este livro.

Quem conhece e aprova os princípios do 5" Império reconhecerá na obra de Keppe uma possibilidade concreta de colocá-los em prática.

Vamos ver, nas páginas seguintes, os principais pontos que caracterizam a realização desse ideal quinto-imperialista, e que são os seguintes:

1) *A 3° Era e a Teoria Trilógica de Keppe;*
2) *A Conscientização da Inveja e da Inversão e a "Volta ao Paraíso Terrestre";*
3) *Interioridade, Conscientização e Espiritualidade Universal;*
4) *Conhecimento Universal e a Interdisciplinaridade;*
5) A *Patologia do Poder e o Poder Verdadeiro (Divino);*
6) *Libertação;*
7) *Justiça;*
8) *A Queda do Império Anglo-Americano (4° Império);*
9) *Português: a Língua da Consciência;*
10) *O 3° Milênio e a Era do Ser;*
11) *A Superioridade do Bem sobre o Mal;*
12) *A Criança, a Sanidade e o Reino de Deus;*
13) *A Paz Mundial.*

1) A 3° Era e a Teoria Trilógica de Keppe

Keppe vê a estrutura do ser humano composta de três elementos básicos: *sentimento* (amor), *pensamento* (razão) *e ação pura* (consciência). A esses três elementos correspondem *a teologia*, *a .filosofia e a ciência* na sociedade – e a manifestação da Trindade Divina na Terra: *Deus Pai* (judaísmo), *Deus Filho* (cristianismo) e *Deus Espírito* (espiritualidade universal).

Ser humano →	sentimento (amor)	pensamento (razão)	ação pura (consciência)
Sociedade →	Teologia	Filosofia	Ciência
Espiritualidade →	Deus-Pai (Judaísmo)	Deus-Filho (Cristianismo)	Deus-Espírito (Universalidade)

Keppe entende que a humanidade já vivenciou as duas primeiras etapas, desembocando fatalmente neste tempo que está se iniciando: *a era trilógica*, que englobará as duas primeiras, resultando numa mentalidade científica verdadeira, que unifica *a ciência a teologia e a filosofia* – só assim o ser humano será finalmente maduro e integral, agindo com amor e racionalidade.

Muito das idéias de Keppe coincidem com as de Gioachino di Fiori, embora não tenham sido baseadas no monge calabrês. Pela observação científica trilógica, o primeiro comprovou dados da revelação, da filosofia , da metafísica (desinvertida por ele) e da própria ciência. O que corrobora, também, o conceito keppeano de que a realidade constatada pela ciência é igual à vista pela teologia certa e pela verdadeira filosofia; o que dificulta esse entendimento é a *inversão* que se verifica tanto no interior do ser humano como em suas obras e sistemas de conhecimento.

Em seu livro *O Reino do Homem*, Keppe afirma o seguinte: "*estamos iniciando a maior revolução da humanidade: a primeira foi realizada pelo povo judeu*, *em seu contato com Deus-Pai; a segunda foi realizada pelo próprio Filho de Deus* (*Jesus Cristo*) *e a terceira e definitiva é a que está se dando agora através do processo de conscientização*, *ou melhor; de espiritualização – devido à volta do ser humano para o seu interior*, *que é a fonte de todas as dificuldades e*, *igualmente*, *do bem que se possa realizar nesta existência*.[149]

A sua trilogia unifica o judaísmo e o cristianismo, resultando numa terceira forma de entender e vivenciar a espiritualidade, nos níveis de sentimento, pensamento e ação – que não nega as anteriores, mas as confirma e esclarece, através de uma revelação científica das verdades bíblicas.

A Trilogia é a compreensão da teologia que tanto judeus, como cristãos e islamitas aceitam, podendo levar à tão esperada unificação das três religiões monoteístas.

2) *A Conscientização da Inveja e da Inversão e a "Volta ao Paraíso Terrestre"*

Adão e Eva expulsam-se do Paraíso. Masaccio (1401 - 1428). Pintura a fresco. Capela Brancaci, Igreja de Carmine, Florença.

No campo psicanalítico, Freud observou nos pacientes psicóticos (doentes mentais muito graves) um forte componente de inveja. Entretanto, como já estava em idade avançada, não se aprofundou nessa descoberta. Além disso, viu esse magno problema do gênero humano como algo ligado à sexualidade – e não como realmente é, um distúrbio inteiramente psicológico e espiritual (psicossomático).

Ao longo da história da civilização, a referência ao problema da inveja é constante, embora somente na atualidade, com o concurso da ciência (trilógica), tenha sido possível captar todo o seu significado e iniciar uma terapêutica eficiente deste mal.

A teologia judaico-cristã, por exemplo, relata que Lúcifer foi um arcanjo de luz que caiu de seu estado glorioso pois quis estar acima de Deus e não ser seu dependente e a Ele dar glória. Lúcifer foi o primeiro ser a ter inveja e, junto com os demais anjos rebeldes, destruiu o bem, a beleza e a verdade de seu ser e de sua vida, tendo como conseqüência os mais horrorosos sofrimentos, passando a amargar as chamadas trevas abissais do inferno.

Diz ainda o *Gênesis* que Adão e Eva, por sua vez, tentados pela "serpente" (a representação do Mal) quiseram "ser como deuses", ou ainda, "mais que o próprio Deus" e, devido a sua inveja, perderam o Paraíso. No mesmo livro sagrado, Caim, pela inveja, matou a Abel, seu irmão bondoso, ilustrando mais um vez o pior pecado, que leva às maiores destruições e a todos os demais pecados como conseqüência.

Shakespeare tratou desse tema trágico de forma magistral, e Milton, em seu livro *Lost Paradise* (*O Paraíso Perdido*), descreve de forma artística o maior drama da alma humana.

Na ciência, Melanie Klein, seguidora de Freud, desenvolveu essa idéia, ampliando o tratamento da inveja a todos os pacientes – psicóticos ou neuróticos; em seu trabalho, mostra que a incapacidade de amar é fruto da ingratidão do invejoso – processo este iniciado na já na infância, do bebê para com sua mãe.

Hodiernamente, Keppe, em sua pesquisa psicanalítica, constata e aprofunda a conclusão dos psicanalistas e autores anteriores – concluindo ser a inveja (que chamamos de *inveja universal*) o fator básico que leva o ser humano à inversão psíquica e a todos os problemas – ou seja, a todo o tipo de neurose, psicose, doenças físicas, vícios, atitudes desequilibradas e sofrimento para si e para os outros. É também a inveja que leva a estrutura social ao adoecimento, como se fosse o chamado *"Pecado Original"*.

Como inveja Keppe vê a atitude de recusa ao bem, ao belo, ao verdadeiro – um desejo mal intencionado de destruir aquilo que vemos como a causa de nosso mal-estar: o valor que percebemos nos outros, em nós mesmos e em todo o universo. Energeticamente o invejoso reage de maneira invertida, sentindo-se mal com o bem, o belo e o real , e retirando prazer com o mal, o feio e o falso, a corrupção do seu ser e dos outros.

Assim nasceu a inconsciência (alienação), que é sinônimo de inveja. Pode-se dizer: *o inconsciente é a inveja*.

Devido a esse *erro original*, o ser humano passou a inverter todos os valores, a ver o mal no bem e o bem no mal, a fantasia como boa e a realidade como má. Foi devido a essa inversão que Cristo precisou nos explicar a verdadeira ordem das coisas (Sermão da Montanha), alertando que os humildes serão exaltados e os soberbos humilhados.

É por causa da inveja primordial que o homem começou a ver nas virtudes (como a honestidade, paciência, caridade, amor, sinceridade e dedicação ao trabalho) uma espécie de "prejuízo" ou de atraso de vida – um fardo a carregar. O desonesto, preguiçoso, malicioso, frio e calculista passou a ser o verdadeiro "esperto", que sabe aproveitar a vida.

Foi devido à inversão que passamos a rejeitar ver nossos erros; por isso abandonamos o conhecimento, adentrando mais e mais no caminho da involução e da ignorância, pois vemos na consciência uma censura e restrição e não o nosso maior auxilio.

Por esse motivo, as universidades foram se tornando locais de intransigência, dogmatismo cego e arrogância, acarretando enorme atraso à civilização. Da mesma forma, toda estrutura social da civilização, ocidental ou oriental, de qualquer época, foi deformada por teorias, ideologias, métodos e valores baseados nessa inveja inconsciente.

De onde vem a destruição da natureza, com a poluição desenfreada, as guerras, a fome, a doença, a injustiça e violência senão da inveja absurda que não tem freios? A humanidade caminha em direção ao suicídio coletivo devido à sistemática destruição do ser - mesmo que isso ocorra, é claro, num plano inconscientizado.

Desse modo, homens e mulheres, continuamos hoje neste nosso planeta rejeitando o Paraíso em que poderíamos estar vivendo, se quiséssemos —posto que fomos nós que o abandonamos.

Digo mais: se a humanidade conscientizar dez por cento da inveja que a domina, experimentará um progresso nunca visto — evoluindo em cinco anos o que não conseguiu progredir em 500.

Ninguém agüentará entrar no céu com inveja, isto é claro e óbvio. Como suportará o invejoso conviver com tanto brilho, tanta beleza, tanta gente capaz, virtuosa, bonita, talentosa e feliz? Da mesma forma a humanidade destrói, sistematicamente, o Paraíso Terrestre.

Acreditem ou não os senhores, este é o único motivo pelo qual o mundo deixou de ser o Paraíso Dourado: a terrível, em grande parte inconsciente, *inveja*.

De outro lado, a conscientização deste problema pode nos levar, na medida do possível, àquela vivência feliz que abandonamos um dia, à volta ao Paraíso Perdido — que está dentro de nós mesmos e entre nós, seres humanos. Este é o trabalho da Trilogia Analítica — a obra de Norberto Keppe.

A Conscientização da Inversão é a Verdadeira Conversão

Uma vez que nós nos retiramos da vida, da saúde, do bem-estar e felicidade interiores e exteriores por causa da inveja, será pela sua conscientização e correção que haveremos de percorrer o caminho de volta ao "Paraíso Perdido".

O Millennium só poderá ser realizado se os homens aceitarem conscientizar e corrigir a própria inveja e inversão, bem como impedir que a dos demais também faça muitos estragos na sociedade.

Será necessário desinverter a estrutura social, além do interior do ser humano — uma conversão em plano exotérico e esotérico. Será preciso detectarmos cada faceta da atuação da inveja — o mal que provocou a inversão psíquica, no plano individual, e a inversão de valores no âmbito social; será mister devassar este terrível anti-sentimento, que nós levou a enxergar no mal o nosso prazer, alívio, felicidade e até libertação, enquanto que no bem a restrição, o sacrifício, a pobreza material e a das sensações.

Será uma tarefa um tanto difícil a princípio. Vai requerer um bom grau de honestidade e humildade de cada um. Mas, dado o fato de os resultados serem tão satisfatórios e rápidos, nós poderemos viver uma grande transformação em

alguns anos e, neste curto período, atingirmos a tão decantada e esperada era de ouro e de bem-estar universal.

A Teomania e a Etiologia das Neuroses.

Em seu livro *O Reino do Homem* (Vol. II, op. cit., p. 275), Keppe escreve que *"a maior parte dos seres humanos acusa a sociedade de ser culpada de todos os seus problemas; seja o campo da psicoterapia, psicologia, política, religião, todos eles atribuem ao meio-ambiente a causa de todos os males. Em uma rápida vista de olhos parece mesmo assim; no entanto, se nos aprofundarmos um pouco, chegaremos a uma causa anterior, que geralmente é rejeitada, por apontar como motivo principal a nossa própria conduta; afinal, a sociedade é formada por seres humanos que a criaram, de acordo com suas idéias e desejos.*

A patologia não é a essência, porque é o resultado da inveja, do ódio e da raiva, que são atitudes artificiais, portanto, enxertadas, impostas ao que é natural, que só pode ser bom, verdadeiro e belo; não somos obrigados a produzir maus "sentimentos", mas temos obrigação absoluta de evitá-los porque, naturalmente, somos generosos, amigáveis e simples, não havendo necessidade alguma de inverter tal ordem, negando, omitindo ou deturpando o infinito amor, do qual participamos e com o qual estamos totalmente comprometidos.

A humanidade tem vivido em função de sua doença; quase todas as suas ações e pensamentos estão voltados para a sua patologia, que constitui praticamente 90% de toda a existência; assim sendo, pouco tempo nos sobra para cuidar do que é realmente importante, ou seja, o verdadeiro desenvolvimento da ciência, a construção de uma vida social e material de acordo com a dignidade humana. A maior pane do tempo é gasta na organização da defesa pessoal e social: construção de armas de guerras, proteção aos próprios interesses egoístas e o desejo de impedir o crescimento dos rivais no campo econômico.

É fácil de notar que a humanidade está dividida entre dois grupos de pessoas: uma grande maioria vive segundo padrões megalômanos, tentando organizar uma sociedade para servi-los. Por este motivo, os que nascem hoje são obrigados a se encaixar dentro de um esquema de existência paranóide, praticamente ao contrário do que deveria ser; um sistema econômico restrito, um sistema político mentiroso, grupos que se apossam do poder social, ou porque são mais fortes, como os militares, ou porque são mais teomânicos, como os religiosos. A paranóia é o centro de toda problemática humana, porque está ligada diretamente ao processo de inversão que realizamos, vendo o mal no bem e tentando impedir que a vida, o afeto e o trabalho predominem sobre a face da terra".

3) *Interioridade*, *Conscientização e Espiritualidade Universal*

Toda a estrutura da obra de Keppe, a essência de seu trabalho, é a busca da *interiorização* do ser humano. Quer no campo psicoterápico, quer no da socioterapia, seu esforço é no sentido de que cada pessoa ou coletividade aceite olhar para seu próprio interior psicológico ou social, para suas dificuldades internas, a fim de saná-las. Neste ponto, sua obra caminha lado a lado com as máximas universais de cientistas, filósofos e teólogos, como *Agostinho*, segundo o qual *"todo o homem interiorizado é bom"*, Sócrates, que enunciou o *"Conhece-te a ti mesmo"* (em seu livro *Auto-Sentimento* [150] Keppe acrescentou *o "Sente-te a ti mesmo"*)*; e* Cristo, que recomendou a cada um: *"Tira primeiro a trava de teu olho e então verás para tirar o cisco do olho de teu irmão"*. Keppe criou *o método da interiorização* (diferente da introjeção); consiste em usar tudo o que acontece, toda a realidade exterior como um espelho para que possamos sentir, contatar, conhecer e sanar nosso mundo interior. Aliás, a própria essência da psicoterapia trilógica é o contato do indivíduo com a realidade interna (e externa, em conseqüência).

Em seu livro *A Consciência*, [151] cujo nome diz tudo, Keppe enfatiza o papel fundamental, básico, da consciência humana como fonte de toda a realidade, desinvertendo a posição freudiana de que o inconsciente seria o alicerce da vida. Estamos doentes não por sermos vítimas de um inconsciente, mas por reprimirmos constantemente a consciência; a patologia é gerada não pelo que não sabemos, mas porque lutamos constantemente para reprimir o que no fundo conhecemos.

Quanto à espiritualidade, Keppe considera esse fenômeno natural no ser humano. Nas palavras do prof. Joseph Gougassian, PhD, fundador e primeiro presidente do Congresso Mundial de Logoterapia, ocorrido em San Diego, Califórnia, em 1982, : *"Keppe dá um lugar proeminente à religião na vida do Homem. Religião não tem uma origem 'cultural'. Apenas uma maneira de adoração é cultural O Homem 4 em seu íntimo, uma criatura `religiosa'. Se há várias cerimônias litúrgicas praticadas no mundo, isto é possível porque, em primeiro lugar; a religião é uma dimensão metafísica da realidade humana. Conseqüentemente, existe unia maneira primordial de adoração, natural para a alma. Orar; reverenciar, arrepender-se são impulsos naturais. Assim Keppe escreve:* 'Religião é algo inerente ao ser humano, não algo social' . *É um desfavor negar ao paciente o direito de trazer suas experiências religiosas ao consultório do psicoterapeuta. Freud não teve sensibilidade quando ridicularizou a religião, considerando-a uma fonte de neurose. Ainda assim, nós somos uma civilização que foi construída na presença de Deus e nos Seus preceitos. Nesse aspecto, o sentimento religioso de Keppe caminha lado a lado com a análise do mundialmente renomado psicólogo de Harvard, Gordon W. Alport, sobre as crenças religiosas "*. (prefácio do livro *A Glorificação*, op. *cit.*).

Em seu livro *Contemplação e Ação* [152], ao mesmo tempo que mostra os erros da conduta falsamente espiritualizada daqueles que chamou de *"funcionários religiosos"*, Keppe ressalta a importância que tem para nossa saúde e vida aceitarmos a espiritualidade autêntica, natural, que todos possuem no íntimo. Comparando o que acontece no campo psíquico (neuroses e psicoses) com o que ocorre no campo espiritual, e discorrendo sobre a verdadeira espiritualidade, Keppe escreveu, por exemplo [153]:

" O evangelista (S. João) indicou-nos que Cristo não só estava em Deus, mas era também Deus – tendo criado tudo o que existe; portanto, a essência da própria vida, que é luz – e nós não o aceitamos, por termos fechado os olhos, caindo nas trevas. Tal atitude constitui a etiologia das moléstias. Todas as pessoas que o aceitarem, isto é, que admitirem a luz, a verdade, o bem e o belo, tomar-se-ão filhos de Deus – o que advém pela aceitação de tal consciência, que é a verdadeira espiritualidade . Termina o evangelista afirmando que nós vimos a glória de Cristo, o Filho Unigênito de Deus – e que ninguém pode ter a desculpa de dizer que não o sabe – pois o fenômeno da Trindade Santíssima repete-se no ser humano, tendo-o entranhado em sua vida psíquica."

O Mundo Exterior é Uma Pequena Imagem do nosso Universo Interior

Em seu livro *A Glorificação* [154], Keppe escreve um texto muito elucidativo sobre a necessidade de haver interiorização para sanarmos inclusive os problemas exteriores (sociais):

"Eu tenho repetido muitas vezes que, em minha opinião, a humanidade a que pertencemos não entrou ainda em uma fase realmente psicológica, isto é, não aceitou voltar-se para o seu principal fundamento: a vida psíquica. Não apenas no campo político, mas tudo o que acontece é interpretado sob o ponto de vista social, tentando-se ver a causa de todas as dificuldades em fatores alheios à vida psíquica. Deste modo, toda a História da Humanidade sofreu uma interpretação superficial e, para não dizer, freqüentemente inversa ao seu real significado.

(...) *Vou tentar elucidar tal questão: o cristianismo tem interpretado todas as palavras de Cristo, no sentido externo, social. Assim, quando ele falou que é mais fácil "um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus", geralmente, tomam-no no sentido econômico-social e não no seu significado psicológico, isto é, de uma pessoa que não quer usar de suas riquezas internas (e não só as materiais), no sentido de realizar e difundir a enorme riqueza de Deus entre os homens. Caso contrário, ele estaria aconselhando a indigência – o que seria uma incongruência, sendo ele, praticamente, o doador da maior e infinita riqueza que existe.*

(...) O Criador fez um universo tão majestoso, justamente para nos mostrar uma pane de toda a sua magnificência, convidando-nos amorosamente, para que partilhemos de tal maravilha. E se tal grandeza, um dia, cairá e só nós, seres humanos, permaneceremos em outro universo a ser criado – provavelmente mais resplandecente ainda – é porque cada um de nós pode ter, em seu interior, um mundo mais belo ainda. Só o fato de se possuir consciência indica-nos a existência de um infinito entre nós e todo o cosmos. A beleza, a verdade e a bondade, que carregamos em nosso interior, superam de longe tudo o que de belo, verdadeiro e bom existe no exterior. Não é possível estabelecer uma comparação, de tal maneira o homem supera todo o restante criado. E, no entanto, queremos impedir o trabalho de Deus, pois o que caracteriza a neurose-psicose é a atitude de oposição, negação ou deturpação ao que ele fez, principalmente, em nosso interior.

O processo de alienação é simplesmente o de inveja, que é uma atitude de negar, omitir, ou deturpar o que somos. Vale a pena conservar a inveja? Deus, sendo o amor, a verdade e a beleza, fez-nos a sua imagem e semelhança, que importa em uma grande felicidade. É só aceitada."

4) O Conhecimento Universal e a Interdisciplinaridade

Keppe dedicou sua vida a pesquisar os meios pelos quais o ser humano poderia construir uma vida com qualidade e dignidade. Na sua profissão de "médico de almas e da sociedade" (psicanalista e cientista social) percebeu logo de início que a competição entre os "sábios" de cada campo só serve para criar uma esquizofrenia psicossocial, isto é, para fazer adoecer tanto a sociedade quanto o indivíduo, afastando cada vez mais o homem da razão, da verdade e do conhecimento da realidade.

Completou, logo que pôde, a unificação dos campos do conhecimento, aliando a teologia à metafísica e à ciência. As artes e a experimentação psicanalítica foram os elementos catalisadores, e o resultado chamou-se Trilogia Analítica. A partir dela, Keppe conseguiu um instrumento prático e avançado para analisar tanto o ser humano (que também é trino em sua estrutura: sentimento, pensamento e ação) quanto cada setor do conhecimento e da sociedade: a ciência da Psicossociopatologia.

Assim como a essência do ser humano é universal, e universais são as idéias verdadeiras, o conhecimento também deve ser universal. Os fatores que fazem adoecer um chinês são os mesmos que causam o adoecimento de um branco, índio ou negro. O elemento que leva ao desenvolvimento o italiano é o mesmo que pode desenvolver o alemão, o árabe, o judeu, etc.

No livro *O Reino do Homem*, Keppe faz uma análise da psicopatologia da civilização, analisando os erros e enaltecendo os acertos dos principais pensadores, teólogos e cientistas de todos os tempos. 0 que foi certo no passa-

do não deve ser desprezado, pois nenhuma civilização é constituída a partir do nada: "*Se quisermos realmente fazer o Reino de Deus nesta terra, temos de acolher a todos, gregos, romanos, chineses, budistas, maometanos e até os ateus, porque todos eles sempre trazem alguma verdade. De outro lado, não podemos afirmar que a verdade está toda neste ou em outro autor porque em todos eles existem verdades e erros, sem exceção – assim como a realidade é oriunda de todos e não apenas de alguns*".

Esfera armilar, símbolo da sabedoria universal

No *Esquema da Realidade Humana e Social* (vide página 236), elaborado por Keppe e constante de seu livro *Sociopatologia – Bases para a Civilização do Terceiro Milênio* [155], ele mostra a unidade e interação existente entre todos os elementos - Deus, a mulher, o homem e a sociedade organizada por ele.

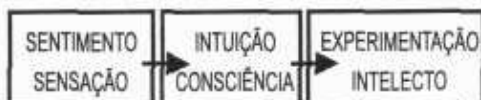
Como o leitor pode observar, o mundo do futuro não será fundamentado na *matemática* mas principalmente na *Estética e nas* Artes, que são o resultado da união da Bondade e da Verdade, do fator feminino (intuição, beleza) com o masculino (a racionalidade, a objetividade). Aliás a primeira parte desse livro de Keppe é inteiramente dedicada a mostrar a patologia da matemática, que entrou na senda da fantasia, brecando a ciência e o desenvolvimento do homem; a segunda parte mostra como a estética sempre foi, é e será o funda-mento do progresso filosófico e científico da humanidade.

No esquema seguinte (vide página 237), ele esclarece a necessidade de se unificar os conhecimentos.

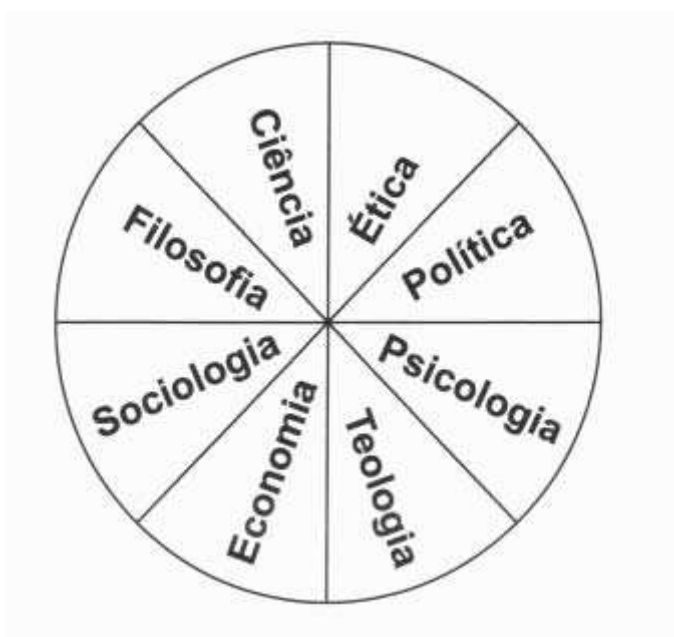
E, na página 238, podemos observar o esquema elaborado por Keppe, onde ele mostra o distanciamento que os vários campos fizeram da realidade, por estarem separados (isolados) uns dos outros.

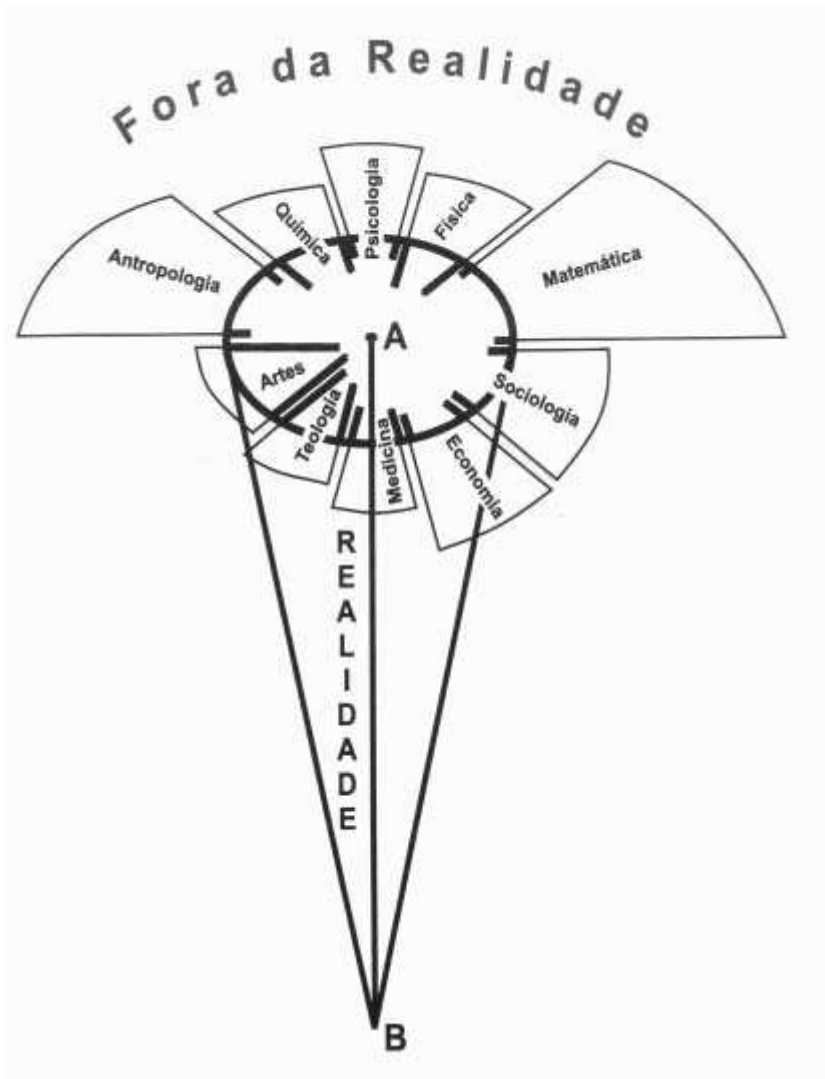
Esquema Sobre a Realidade Humana e Social

Ponte entre:
a Ciência e a Ação
a Filosofia e a Verdade
a Teologia e a Bondade

Manifestação da Realidade	**AÇÃO**	**ARTE**	**CIÊNCIA**	Manifestação do Conhecimento (Realização)
Centro da Realidade	**VERDADE**	**ESTÉTICA**	**FILOSOFIA**	Centro do Conhecimento (Weltanschaung)
Base da Realidade	**BONDADE**	**ÉTICA**	**TEOLOGIA**	Primeira Base do Conhecimento (Fideísmo)
GERADORES	SENTIMENTO SENSAÇÃO	INTUIÇÃO CONSCIÊNCIA	EXPERIMENTAÇÃO INTELECTO	
	Atitude do Criador (Mundo Básico)	Atitude da Mulher (Mundo Interno)	Atitude do Homem (Mundo Externo)	

Observação:
- Flechas grandes = grande influência
- Flechas inclinadas = relativa influência
- Flechas pequenas = menor influência

Estão Faltando As Verdadeiras Bases em Cada Setor de Estudo e Trabalho

Tudo o que existe obedece às mesmas leis e segue princípios idênticos; assim sendo qualquer coisa que seja organizada deveria estar dentro de uma estrutura semelhante — e se não acontece isso é porque existe algo de anormal.

Este círculo deveria ser o esquema correto de funcionamento de todos os campos do conhecimento — pois não pode haver uma ciência que entre em choque com outra. Por exemplo, a medicina não pode estar em oposição à psicologia, a economia entrar em atrito com a política, ou a filosofia não compreender a teologia.

Vendo-se o quanto existe de realidade e alienação nos diversos ramos do conhecimento, podemos elaborar o seguinte exemplo:

Como vemos, raros são os campos de estudo que chegam a uma certa profundidade, pois a maioria se situa quase inteiramente fora da realidade.

Vale a pena mencionar a importância que Keppe dá à "conversão" da mulher à realidade para que a sociedade possa se desenvolver no sentido correto.

É justamente a negação ao sentimento de amor, à sensibilidade e espiritualidade verdadeiras, devido à inveja, o fator que bloqueou às mulheres e homens o desenvolvimento integral de seu ser e da sociedade.

O homem universal (homens e mulheres) precisará aceitar a unificação do aspecto "feminino"(a intuição e consciência) com o aspecto "masculino"(intelecto, experimentação), se não quiser permanecer aleijado psíquica e fisicamente. Até o uso dos hemisférios cerebrais tem sido prejudicado devido a esse corte interior com a intuição e consciência.

Aqueles que dizem ser a verdade "relativa", Keppe argumenta que a mentira não o é. Portanto, a verdade também não. O "relativo" é uma criação da mente humana. O que varia entre raças, religiões e culturas são os particulares, os aspectos secundários e conseqüentes dos essenciais, que são universais.

Podemos assim considerar que, com a criação da *Psicossociopatologia*, Keppe criou uma ciência universal – posto que pode amar com problemas de todos os campos e de todos os indivíduos e sociedades. Corrigindo a patologia no interior do homem, poderemos corrigir a patologia da estrutura social.

O Homem Universal

Keppe cita em seu mais recente livro, *O Homem Universal* [156] , na página 25, o seguinte:

"Quando foi elaborada a filosofia, os gregos pré-socráticos usaram de uma solução sensualista (540 a 475 a.C.), depois outra racionalista, através da Escola Eleática (580 a 444 a.C.), em seguida unia conciliação física (500 a 428 a.C.), e finalmente a psicológica (480 a 425 a.C.); foi neste último período que surgiram grupos de professores ambulantes, conferencistas, enciclopedistas e diletantes, introduzindo conhecimentos de moral, direito, economia, política, retórica e filosofia, tendo a finalidade de despertar no povo o amor pela verdade, formando o homem universal.

(...) *O ser humano vive basicamente nos universais, pois cada particular exato vem deles. É fundamental viver os universais para ter contato com a transcendência, alcançar a imortalidade e a felicidade também neste mundo."*

5) A Patologia do Poder e o Poder Verdadeiro (Divino)

No capítulo *O Engano das Instituições Religiosas*, de seu livro A *Libertação dos Povos – a Patologia do Poder* [157], Keppe escreveu o seguinte:

"Os que tiveram o poder religioso fizeram por muitos séculos um pacto com os poderosos, porque eles também visaram sempre ao poder; e a justificativa que forneciam era que a verdadeira felicidade não estava neste mundo; que deveríamos nos sacrificar, para alcançar a vida celestial - futuramente – para gáudio de todos aqueles que exploravam, e assim podiam agir à vontade. É por este motivo que Marx e seus seguidores passaram a considerar a religião como sendo o ópio, (inimiga) do povo; as igrejas e conventos, na União Soviética, foram transformados em casas de banho e museus.

O caminho da sanidade e da bondade pessoal tem passagem pelo social. É impossível um psiquismo correto, em uma sociedade incorreta — a não ser em casos especiais de criaturas privilegiadas como os santos. O que existe em nosso interior psicológico tem de encontrar uma correspondência com o exterior social, para poder ser manifestar; se este último é negativo, evidentemente o que temos de bom permanecerá impedido, e os elementos negativos (inveja, ódio, cobiça) predominam.

A organização econômico-social é profundamente imoral: ela protege os cobiçosos e invejosos, agride os indivíduos bem-intencionados e os honestos; ela é realmente invertida, desde que destrói os talentos e os gênios, e favorece as pessoas paranóicas e medíocres. Vamos dizer que a sociedade abre espaço para toda série de desonestidade, e considera o honesto inútil; constitui a mesma escolha de Barrabás ao invés de Cristo, quando este último foi sacrificado, para que não revelasse nossos erros.

Cristo.falou, certa vez, que "os reis do mundo consideram-se senhores dos povos, e os que têm poder passam por benfeitores públicos. Mas entre vocês não pode ser assim. Pelo contrário, aquele que for o maior, proceda como se fosse o menor, e o que governar proceda como quem serve os outros. Qual será o mais importante? O que está sentado à mesa a comer, ou o que está a servir? Claro que é o que está sentado à mesa! Pois bem, aqui entre todos eu sou como aquele que serve." (Lucas, Cap. 22, vens. 24-27). Pelo que vemos, o verdadeiro poder consiste em servir à humanidade, pois os que são servidos são iguais aos doentes mentais, e aos demônios, que não conseguem se colocar em ação."

Em seu livro *Sociopatologia*, na página 246, Keppe escreve o seguinte: *"O verdadeiro poder está sendo impedido de existir, provocando a morte da civilização; em qualquer país é fácil de se notar que o povo vive descontente. O único poder bom que existe é o de Deus; todos os que não forem de acordo*

corn suas leis são ruins. O demônio entrou no mundo pela força e se conserva aqui através dela — e todos os indivíduos que seguem sua própria cabeça conduzem a humanidade à destruição. O único, o verdadeiro poder vem de Deus e, se a chamada força econômica está atrapalhando a vida social, é porque ela não está atualmente mais ligada ao Criador".

6) *Libertação*

Toda a obra de Norberto Keppe é dedicada à libertação no âmbito individual e social. Basta vermos os títulos de alguns de seus livros: *A Libertação*, *A Libertação dos Povos*, *A Libertação pelo Conhecimento*, *A Libertação da Vontade*, *A Libertação do Ser* (subtítulo do livro *Metafísica Trilógica*), etc.

Selecionamos, a seguir, a título de exemplo, alguns textos de sua autoria que tratam diretamente desse assunto:

A Liberdade é Essencial

(Texto do livro *A Libertação dos Povos — A Patologia do Poder*, op. cit., p. 18): *"A idéia de liberdade é muito sutil: a grande maioria pensa que ser livre é fazer tudo o que se quiser e, para chegar a isto, tem de ganhar bastante dinheiro. Porém, este conceito é errado porque: 1) não podemos beber água poluída, 2) comer carne estragada, 3) voar como os pássaros, 4) viver na água como os peixes. Porém, tudo o que é bom, real e belo podemos realizar: 1) ter afeto pelo próximo, 2) dizer a verdade, 3) ajudar a humanidade, 4) ser justo; estou dizendo que somos livres só para realizar o que é bom. Mas existe outro tipo de liberdade de grande importância, que consiste em ver os próprios erros e enganos, isto é, a prisão em que nos colocamos, a fim de que possamos sair dela; praticamente, esta é a ,finalidade da Trilogia Analítica.*

Se a pessoa age mal, evidentemente tem de perceber seu sofrimento posterior; se ela aliena tal percepção, o sofrimento aparece em outras manifestações, como as doenças. Qualquer sofrimento é conseqüência de uma atitude ruim, que deve ser modificada, sob pena de destruir o seu portador O papel do medicamento é justamente o de alienar o ser humano; por esse motivo, existe o vício de tomar psicotrópicos, em doses cada vez maiores, para esconder o sofrimento cada vez mais intenso que surge. Isto acontece no campo médico. Na vida social, precisamos ver que adulamos os doentes, os piores indivíduos que alcançam o poder, e nos tornamos joguetes em suas mãos.

A liberdade é essencial ao ser humano: sem ela, não é possível realizar nada absolutamente; todas as forças internas, psicológicas, a inteligência, os sentimentos só podem existir se tivermos liberdade. Aliás, Deus é a total liberdade, e nossa felicidade depende de conseguirmos essa semelhança com Ele, para podermos existir com todas as potencialidades que temos.

Porém, aquela liberdade essencial ainda não o conseguimos; a liberdade para poder "criar" e produzir, viver alegre e gostar do mundo, ainda não temos; e aqui entra a questão do poder que coloca uma trava, que não nos deixa desenvolver. Esta sim é a pior de todas as prisões: pensar que somos livres, por causa da Constituição do país, que fala em liberdade, e não o somos; estamos, isso sim, redondamente enganados; por este motivo estou escrevendo este livro —para tentar conquistar definitivamente a liberdade. E acredito que, desta vez, a conseguiremos, pois a história da civilização humana é a história da libertação do homem."

Em seu livro *A Libertação da Vontade,* [158] Keppe afirma o seguinte: "O *ser humano realmente não quer ser livre, desde que escolheu viver de acordo com a vontade, que está automaticamente voltada para sua escravização.* (...) *Deste modo, encolheu sua existência a um ponto mínimo; por exemplo, uma casa, carro, um tipo de atividade e de diversão, deixando de viver toda a amplidão do mundo objetivo, aberto para o vasto campo exterior.* (...) *O homem trocou toda a liberdade de escolha que possuía com Deus (a ponto de ter rejeitado viver com ele), por uma existência de total sujeição ao mal (crime, delinqüência e privação).* (...) *Até os termos (vocabulário) foram invertidos; por exemplo, quando se fala em ser livre, é justamente ao contrário, pois não podemos nos libertar através dos erros; quando se aconselha uma pessoa a fazer o que quiser, estamos lhe concedendo licença para escolher toda espécie de mal, com a idéia de que ela terá enorme vantagem: a) com sua destruição, b) doenças, c) mentiras, d) e toda espécie de delinqüência."*

O que o autor quer dizer nesse livro é que ao escolher seguir a própria vontade (livre arbítrio) e não a vontade de seu Criador (a consciência ética, que é a união do amor e da razão), o ser humano caiu na escravidão da patologia, tendo portanto a falsa liberdade de se destruir, praticar o mal a si mesmo e aos demais.

Em seu livro *A Libertação Pelo Conhecimento — a Idade da Razão,* [159] na página 120, afirma que *"o ser humano age e pensa pelas emoções; além disso, a psicologia moderna e até a psicanálise o incentivam a manifestar ou deixar seus sentimentos à solta; inúmeros livros sobre psicopedagogia falam sobre a necessidade de libertar a vida afetiva — como se essa fosse a causa de todos os problemas — e pouco a pouco o mundo vai mergulhando mais na obscuridade. Estou dizendo agora o contrário, que o homem precisa chegar*

à razão e brecar suas emoções, para que finalmente chegue a um período de equilíbrio – pois o que ele sofre é devido justamente ao que está fazendo: liberar todos os seus sentimentos neuróticos (sua má intenção) sem querer usar o raciocínio para conhecê-los".

No seu trabalho *Metafísica Trilógica, A Libertação do Ser;* [160] Keppe mostra que o essencial do indivíduo está em sua ação, não em qualquer ato, mas na ação boa, bela e verdadeira. É somente pela ação correta que o ser humano corrige seu pensamento e sana seus sentimentos, despertando para a consciência, que é a fusão da razão e amor.

"Em todos os tempos e lugares, afirma ele, *o homem vive à procura de uma existência feliz; quando analisamos o trabalho de milhares de pensadores e cientistas, verificamos que todos eles visaram encontrar a felicidade – até no empreendimento das guerras e revoltas armadas. Alguns tentaram o caminho religioso, outros o psicológico, mas a grande maioria sempre acreditou que a mudança social era básica; eu próprio penso que isso é necessário, tendo o seu fundamento na ação pura por parte dos seres humanos, único meio para que não criem uma nova sociedade mais perigosa ainda, usando os meios tecnológicos modernos.*

Mas o que pretendo mostrar é que a grande e definitiva transformação psicológica e social está ao alcance de todos, pela adoção da ação pura (ato bom) – penso mesmo que não haveria outra possibilidade, pois durante toda a minha vida de analista (prático) não encontrei qualquer maneira de consertar o indivíduo senão essa: a consciência e equilíbrio da sociedade estão na dependência de agir honesto."

7) Justiça

A redistribuição das riquezas do mundo entre todos os seres humanos, para que cada pessoa tenha uma vida digna, confortável e realizadora, sempre foi um tema central na obra de Keppe, que estudou a economia mundial (e sua patologia) com base na ciência que desenvolveu. No setor econômico detectou a mesma inversão que ocorre na vida psíquica, uma vez que o dinheiro (capital) passou a ter mais importância do que o ser humano, portanto ao contrário do que deveria ser. Em 1987 escreveu o livro *Trabalho e Capital,* [161] publicado posteriormente na Europa, onde mostra no próprio título o trabalho como a fonte de todo o progresso, o fundamento de toda a riqueza, sendo o capital algo decorrente e secundário. Nesse livro propõe uma Nova Economia, na tentativa de solver as grandes distorções encontradas nos modelos tradicionais – a Economia Trilógica ou a 3ª Via da Economia.

Para entender melhor este assunto, transcrevemos as:

"Propostas para uma Nova Sociedade Trazidas pela Escola Norberto Keppe e Aprovadas por Unanimidade nos Fóruns (Paris, Lisboa, Londres, Lucca) realizados pela Associação Stop a Destruição do Mundo, que fundei em Paris :

1. Reunir as organizações e os indivíduos bem intencionados de todos os campos do conhecimento humano, interessados na preservação da Vida e dos Direitos Humanos para estudar a Sociopsicopatologia (as causas primeiras da doença social e psíquica e seu tratamento). Difundir esses conhecimentos científicos a toda a sociedade, principalmente aos líderes sociais, para que impeçam o abuso do poder econômico-social patológico seja ele qual for.
2. Promover a criação de novas unidades sócio-econômicas (empresas, residências, escolas), voltadas para a realização psico-sócio-ecológica, para impedir a concentração e abuso do poder. Substituir o conceito de competição por cooperação, pois a competição está levando a economia e a civilização à ruína.
3. Parar imediatamente a produção de armas e todo e qualquer agente nocivo ao ser humano, à natureza, e à sociedade. Muitos especialistas não dão mais do que 8 a 10 anos para que haja um colapso ecológico no Planeta.
4. A idéia de que o dinheiro gera riquezas (especulação) é uma ilusão que vem estrangulando a economia dos povos e nações Os juros devem deixar de existir para que a economia volte ao normal.
5. Estimular a criação de empresas trilógicas onde a produção seja baseada no trabalho de qualidade e necessidade dos produtos e não economia baseada em lucros, para acumulação de riqueza (dinheiro). A situação patrão-empregado também gera alienação, sabotagem e falta de motivação para o trabalho.
6. O objetivo geral das escolas e universidades deverá ser a preparação do indivíduo para o conhecimento universal e para a produção de necessidade, utilidade e qualidade, pois isto é o que conduz à realização individual e da sociedade como um todo. Promover interdisciplinaridade para a resolução dos problemas a que a humanidade faz face pois só a unificação dos campos de conhecimento e ação construirá uma civilização harmônica de homens e mulheres integrais.
7. Favorecer o desenvolvimento das artes como fundamento de toda cultura e civilização. A busca e a realização do belo e do perfeito deverá substituir gradativamente a procura desenfreada de dinheiro e de bens de consumo.

8. Mudar o conceito da medicina. Ao invés de tratar os sintomas deve-se tratar da causa psicossocial das doenças. É isto que nos conduzirá a uma mais rápida redução das doenças orgânicas e psíquicas e, por conseqüência, a uma redução das despesas médico-hospitalares.
9. Encorajar os profissionais e o povo em geral a criar e gerir suas próprias empresas (seja um jornal, uma rádio, etc.). Essas empresas deverão garantir moradia, alimentação, assistência médica e todas as necessidades dos que nela trabalham. Empresas e residências trilógicas foram criadas nos EUA, Europa e Brasil, fornecendo um modelo sócio-econômico aplicável em grande escala.
10. Transformar gradualmente a estrutura da sociedade, criando-se novas leis que estejam de acordo com estrutura verdadeira do ser humano e sua essência boa, bela e verdadeira. Essa transformação deve ser feita urgentemente pela conscientização e não da violência – antes que seja tarde demais e vejamos destruídas as chances de sobrevivência para a humanidade como um todo.

8) *A Queda do Império Anglo-Americano* (*4° Império*)

Como já expus na primeira parte (capítulo 2) deste livro, muitos são os fatores que nos levam a associar o império anglo-americano (mais ainda os EUA desde 1945) ao 4° Império ou 4° Animal descritos por Daniel em suas visões e profecias. Um império grande, sem dúvida, mas decadente em valores éticos e espirituais, impiedoso, ganancioso, que tritura os demais povos e a sua própria gente com violência e armas superpoderosas, tendo enganado a muitos com sua fábrica de ilusões (mídias, Hollywood, marketing).

Atualmente essa é a idéia que a maioria dos habitantes da terra têm do império americano: todos os que já sofreram o peso de seu jugo e exploração conhecem seu poder sedutor e a sua força maligna – e são mantidos acuados à custa da brutalidade e do terror com que ele trata aqueles que se opõem a seus fins.

Os antigos profetas judaicos já previram a queda do 4° Império e a vitória do Império do Divino (5° Império); de maneira que, atualmente, grande parte da humanidade já anseia pela queda do poder americano, para que as demais nações possam sobreviver, e o próprio povo estadunidense consiga se recuperar.

Considerada a única superpotência (principalmente após a queda da URSS), a América do Norte

é dominada pelo chamado "governo invisível", paralelo e superior ao político, constituído por indivíduos das altas finanças e de organizações secretas que, impondo-se como os ditadores da Nova Ordem Mundial, são temidos pelos próprios cidadãos americanos. Assim pergunta-se pelo mundo afora: como e quando será que essa "queda" irá ocorrer?

Obviamente desejado por multidões do terceiro e do primeiro mundo, e por milhões de americanos, o fim dessa máquina trituradora de vidas parece longe de vir a acontecer.

Não é assim, entretanto, que pensa Norberto Keppe, autor, já em 1984, do polêmico livro *"A Decadência do Povo Americano – e dos EUA"* [162]. Tendo estudado "ïn loco" a situação do país, escreveu: *"Parece absurdo, mas é inegável que a nação líder do mundo está se deteriorando. Acompanhe, nas páginas deste livro, o fenômeno histórico mais importante da atualidade".*

Após intensiva e extensiva pesquisa, Keppe descreve o fim do império que reputava um dos mais belos que já houve em seus ideais e força de trabalho. Tenta com insistência abrir os olhos dos americanos para que salvem da deterioração aquele país que *"quase conseguias realizar o Reino de Deus na Terra, mas que se desviou em seu caminho, passando a ser o mais maligno modelo de civilização."*

Sua análise nesse livro abrange desde a decadência material dos Estados Unidos (na economia, trabalho, negócios, indústria, defesa, agricultura, produtividade, juventude, etc.) até a psicológica, espiritual e social, como o estrago na filosofia, política, educação, ética, religião, estética, psicologia , etc.. Revelando uma radiografia do que se passa por detrás da máscara americana, Keppe propôs uma série de medidas drásticas e rápidas para estancar a deterioração da América do Norte e de seu povo.

O livro, difundido de norte a sul, de leste a oeste em solo americano, enviado a autoridades, mídias, intelectuais, artistas, governadores, prefeitos, deputados, senadores e ao próprio presidente da República foi acolhido com entusiasmo por uma grande parcela da população – e com fúria pelos grupos do poder.

Ronald Donald Reagan, então presidente, acionou a máquina do FBI para "neutralizar" o trabalho de Keppe, meu e da ISAT (SITA) nos EUA, Europa e Brasil , e as primeiras represálias se fizeram sentir já poucas semanas após o lançamento do livro.

Keppe foi o primeiro e único cientista a anunciar que a maior nação do globo estava em processo de bancarrota e lutou bravamente para ajudá-la a se recuperar enquanto lá esteve trabalhando, até 1988. (Embora os EUA fabriquem quantas notas de dólares desejarem, o país tem o maior débito acumulado do mundo: diversos trilhões de dólares.)

"Talvez ainda haja tempo de salvar este país, escreveu ele. *Este trabalho poderá marcar o início da sua recuperação, ou a sua última pá de terra. Em*

todas as regiões haverá lamentação por ter acontecido isso. O americano abnegado e heróico, a americana alegre e simpática poderão ficar como símbolos de como poderia ter continuado esta civilização."

Alguns anos mais tarde Keppe escreveu o livro *Trabalho e Capital* [163], desta vez não mais alertando os americanos, já cegos e decadentes pelo poder, ganância e materialismo, mas aos demais países da Europa e do mundo para o grande perigo de o poder capitalista americano (atrelado ao inglês) arrastar atrás de si as demais nações do globo no mesmo processo de decadência e autodestruição. O capitalismo selvagem, elevado à máxima potência através do neo-liberalismo, fez da especulação das bolsas de valores e dos impérios financeiros (bancos) a única forma de poder mundial defendido pelo imenso poder bélico voltado contra o povo.

Visto pelo CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa Científica da França) como o mais original autor heterodoxo contemporâneo, Keppe conseguiu abrir os olhos de muitos jornalistas, economistas, líderes políticos e de classe com o seu alerta, provocando uma onda de oposição à "New World Order" (Nova Ordem Mundial) americana.

Imaginemos leitores que caso haja qualquer problema na superinflacionada Wall Street e no sistema financeiro internacional, todo esse império já podre e corroído por dentro cairá como um castelo de cartas, trazendo um grande alívio para toda a humanidade.

A queda do Império Anglo-Americano Capitalista é só uma questão de um pouco mais de tempo e de fatores imprevisíveis que poderão intervir a qualquer momento, posto que ele se mascara e se mantém sobre bases falsas e frágeis (barro) e sobre a exploração impiedosa e criminosa de bilhões de seres humanos (ferro).

O papel do Brasil

O Brasil é o herdeiro natural da realização da esperada sociedade justa, rica e desenvolvida que será a do 5° Império, posto que é o ponto de convergência de todos os ideais quinto-imperialistas e do trabalho trilógico.

Neste livro, conclamo os cidadãos brasileiros a que se unam em torno desta consciência e que se ergam com dignidade para assumir o papel que lhes está destinado neste novo milênio; o de formar, aqui, o modelo de sociedade que gradativamente se difundirá por todo o mundo, pela sua superioridade e não por imposição ou "decreto imperial".

9) *Português: a Língua da Consciência*

"Minha pátria é a língua portuguesa", exclamou Fernando Pessoa, podendo-se entender dessa afirmação que existe, além do Portugal geográfico

co visível, da pequena nação incrustada no extremo ocidental da Europa, um imenso Portugal universal que quase abarca o mundo, com sua espiritualidade e sua língua. Os limites deste Portugal invisível vão desde a remota Macau, na China, até Goa e os confins da Índia; passam pelas ilhas do Japão, percorrem o Timor Leste, estendem-se pelas ex-colônias africanas de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau, passam pelo arquipélago de Açores, atingem em cheio as costas brasileiras e penetram no seu imenso interior sertão até os confins da Amazônia e das fronteiras com as ex-colônias espanholas, abarcam todo o Brasil, talvez o maior Portugal desta pátria portuguesa, com sua fé templária, gioachimita, mariana, joanina e quinto-imperialista, com seus costumes, cultura, pensamento e poesia, com suas Festas do Divino e com sua língua que, sem formar dialetos incompreensíveis, tudo une e entre todos estabelece a ponte do entendimento e da comunhão de ideais. Chegam essas "fronteiras" até mesmo aos Estados Unidos, em regiões que os açorianos habitaram e desenvolveram.

Era esta a pátria a que Pessoa se referia, este todo sensível , unido por liames acima de geográficos, filosóficos, psicológicos e espirituais, uma pátria que se resume num nome: língua portuguesa.

Foi com ela, com a "flor do Lácio, inculta e bela", como afirmou Bilac, que a chamada "fé portuguesa", de um cristianismo voltado para o Culto do Espírito Santo e a construção do Quinto Império no mundo, expandiu-se por ilhas e continentes, através de mares nunca dantes navegados, abraçando povos e unificando nações. Com ela exprimiram-se Camões, padre Vieira e Pessoa; por ela ensinaram Teixeira de Pascoaes e Agostinho da Silva; com ela cantaram Zeca Afonso, Chico Buarque, Ivan Lins e Geraldo Vandré, por ela escreveram Eça de Queiroz, Machado de Assis, Cruz e Souza, Camilo Castelo Branco e Euclides da Cunha, com ela rezou a primeira missa no Brasil o frei Henrique de Coimbra; com ela catequizaram os jesuítas aos índios brasileiros; por ela escreveu-se a história do império que esboçou-se e do império que virá; com ela edificou sua ciência Norberto Keppe, propondo bases para uma nova civilização.

Escrevendo sempre em português, mesmo quando morou nos Estados Unidos ou na Europa, Keppe discorreu em seu livro *Libertação pelo Conhecimento* [164] sobre a importância fundamental do mundo latino para o equilíbrio das nações, não se esquecendo *"da Grécia Antiga, que, forneceu todo o fundamento da cultura*" e da *"herança judaico-cristã que legou o principal conhecimento de Deus* (*Teologia*). *"*

"Parece-me que a verdadeira civilização só vigorou enquanto países latinos dirigiam o mundo, devido ao seu humanismo, depois que a Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos assumiram a posição de líderes, a civilização perdeu seu brilho e o obscurantismo medieval retornou", afirma nessa obra.

Para ele, *"toda beleza e prazer que o mundo oferece se encontra no mundo latino, enquanto que o saxônico e o americano constituem um campo áspero de lutas, conquistas e domínio indevido; no primeiro predomina o amor pela vida, no segundo a inveja e a intriga.*

Por que os americanos permanecem o tempo todo pensando em como controlar a humanidade, o inglês em suas histórias sádicas – em lugar de viver a vida que é tão curta e preciosa, e construir o que é belo e generoso? Se eles próprios não conseguem viverem suas terras, por que então desejam levar sua civilização para outros povos? Por que não permanecem durante as férias nas delícias de seus países, preferindo ir para a França, Itália, Espanha e mesmo Portugal?"

A língua revela o pensamento de um povo, seu espírito e mentalidade; ela é conseqüência do contato que os seres humanos têm com os universais (a verdade interior). Portanto, quanto mais contato um povo tiver com as idéias divinas em seu interior, mais próximo delas será a sua verbalização. O português é a língua que melhor vem se adaptando aos conceitos universais – essa filosofia da lusofonia, baseada nas línguas latina e grega, e adaptada à mente universal, criou vocábulos que são únicos, por exemplo a palavra *saudade* [165].

10) *O 3° Milênio e a Era do Ser*

Keppe, em seu trabalho, desinverte os valores da humanidade, revelando que tudo depende do Ser e não do Ter, até mesmo as riquezas materiais, além do bem-estar psicofísico, evidentemente.

Em seu livro *Metafísica Trilógica – A Libertação do Ser* [166], na página 7 diz:

"Este trabalho visa alertar sobre a conduta fundamental do ser humano no sentido de querer destruir sua própria essência– e levar todo o planeta ao desastre. Sigmund Freud denominou tal atitude como se viesse de uma força instintiva - selasse assim, não haveria qualquer possibilidade de recuperação. Mas o que estou mostrando é que se trata simplesmente de um comportamento invertido, que vem se dando desde o início da civilização, com a intenção de eliminar o ato de ser. Este fenômeno tem de ser conhecido e modificado, como a única possibilidade para salvar o gênero humano."

Na página 213, afirma, sobre a mesma questão:

"*O homem caiu no tempo e espaço depois que começou a corromper o ser, obstaculizando o seu aspecto transcendental; no momento só com a volta ao ato puro é que conseguirá novamente se entranhar com todos os elementos eternos (assim como consigo próprio), que evidentemente deixou de se manifestarem sua inteireza depois que aboliu sua ação pura . A maior diferença entre essência e existência consiste em que a primeira está totalmente inserida na transcendência, enquanto que a segunda reduzida, seja no*

campo do pensamento e principalmente no da realização; não conseguiremos chegar à felicidade e êxito como gostaríamos pois anulamos ao máximo nosso ser".

Na página 178, no capítulo intitulado *A Doença Física, Psíquica e Social Aparecem pelo Ato de Rejeitar o Ser (que é Transcendental)* :

"O que o homem combate é o próprio ser, motivo pelo qual arranja suas doenças e problemas de toda a espécie, pois sabe que tal ato (de ser) fornece imediatamente glória ao Ser por excelência – por este motivo não queremos partir do que somos para realizar tudo o que é possível, mas "criar" uma nova maneira de ser para dar um sentido diferente à vida. Com isto perdemos todo o nosso tempo, ao tentar recriar a existência em lugar de desenvolvê-la; evidentemente, é uma atitude exageradamente arrogante."

11) A Superioridade do Bem sobre o Mal

A escolha invertida do mal (privação do bem) como base da vida, tem escravizado e infelicitado o ser humano ao longo da história, desde tempos imemoriais.

O trabalho de Keppe, ao tratar das neuroses e psicoses, das doenças psicossomáticas e da patologia social, tem sido ode conscientizar o ser humano dessa escravização ao erro, para que ele possa finalmente se libertar e retornar ao bem original.

Por compreender que o bem é essencial, e o mal artificial e secundário, Keppe sempre teve e tem certeza de que o amor, a razão e a ação pura fatalmente prevalecerão, ao passo que o mal, a patologia, a inveja, por serem apenas a ausência do que existe, só poderão inapelavelmente desaparecer da face da Terra. Em seu livro *O Reino do Homem* (Vol. I, op. cit., p. 61), dá uma explicação sobre isso, fazendo uma analogia entre o que aconteceu a Cristo e o que sucede hoje, ao gênero humano:

"A tentação"

Cristo dirigiu-se ao deserto, jejuando por quarenta dias. Aproximou-se dele o tentador e disse: " – Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães". *Ao que o Salvador respondeu: "*– Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus".

Em seguida, o demônio o levou à Cidade Santa, colocou-o no cimo do Templo e disse-lhe: "– Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em alguma pedra". *Respondeu-lhe Cristo: "*– Também está escrito: – Não tentarás ao Senhor teu Deus".

Novamente, satanás levou-o a um monte muito alto e mostrando-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor; disse-lhe: "- Tudo isto te darei

se, prostrado, me adorares." *Aí, Jesus lhe ordenou:* Vai-te Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e a ele só prestarás culto". *Com isto, o diabo o deixou e os anjos se aproximaram para servi-lo.* (*Mateus, Cap. 4, vers. 1 a 11*).

Esta atitude de Cristo denuncia o pacto da humanidade com o erro, a vaidade, a mentira e a megalomania: a) ao valorizar quase que inteiramente o material (o pão), afastando-se do principal, o espiritual (a palavra de Deus); b) ao induzir o próximo à teomania, sugerindo-lhe que faça o que quiser e nada lhe acontecerá (atirar- se do alto do Templo); c) e principalmente a idéia invertida de que toda a riqueza e esplendor pertenceriam ao mal, ao demônio — espírito esquizofrênico, pobre, projetivo e agressivo, que desprezou toda glória e poder do Criador, por causa da inveja. De outro lado, tal acontecimento esclarece-nos qual é a atitude dos espíritos malignos: a) primeiro, ao assumirem uma conduta só de crítica aos outros; b) segundo, de acentuada inveja (sugerindo que Cristo era o príncipe de Deus Pai, que cuidaria com todo desvelo, para que não se machucasse); c) terceiro: uma ousadia e falta de respeito incríveis, ao querer a adoração do próprio Deus; d) deslavadas mentiras, ao dizer que o mundo seria sua obra, esquecendo que não tem poder algum de criação — só de destruição. O que eu acho interessante é que a maior parte dos seres humanos endossou tal tese demoníaca, a ponto de Goethe ter escrito um romance, onde narra os benefícios que um homem encontrou, após vender sua alma ao diabo (Fausto).

Acredito que a maior lição do Filho de Deus foi sobre o modo que deve-ríamos tratar o demo: a) observando sua teomania, megalomania e mentira; b) conscientizar que ele jamais nos poderá dar qualquer coisa de bom — mesmo que ele acredite nisso; c) afastá-lo energicamente, desde que fomos escolhidos pelo Criador como seus filhos —e o chamado Príncipe deste mundo é apenas um grave doente mental, que julga ser poderoso e bom, como só Deus pode ser. "

12) A Criança, a Sanidade e o Reino de Deus

"Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele". (Marcos, 10:15)

A conclusão científica de Keppe a respeito da necessidade de aceitarmos a criança em nosso próprio interior, é a comprovação da afirmação de Cristo (teologia) a esse respeito. Só aqueles que voltarem a ser crianças entrarão no Reino do Pai (na felicidade, sanidade).

É por isso que nas Festas do Espírito Santo uma criança é coroada, como símbolo do espírito que deverá reinar no 5° Império.

O aparente equilíbrio frio dos racionalistas que dirigem a nossa sociedade é como comprova Keppe, um sinal de patologia grave. A seguir, selecionamos alguns trecho sobre *"O Infantil e o Maduro"* do seu livro *Auto-Sentimento:* [167]

"As crianças e as pessoas infantis têm enorme força psíquica, isto é, são criaturas que aceitam melhor; dando liberdade às suas tendências. Por este motivo, os chamados fenômenos parapsicológicos são atinentes às personalidades mais simples.A partir desse fato, o leitor pode concluir os efeitos nefastos do tipo de civilização em que vivemos: quanto mais nos enfronhamos nela, tornamo-nos totalmente artificializados, não havendo outra opção, senão o perecimento prematuro.

Constrangemos as crianças a se tornarem fingidas e artificiais como nós mesmos. O afeto é infantil. Deste modo, só a pessoa que se conservar com essa característica poderá amar." [168]

O que se faz, com veemência, é a destruição de todo o nosso fundamento, pelo cuidado extremo em se evitar a conservação de qualquer traçado infantil na personalidade. Aliás, ele é visto sempre como neurótico, indevido e contraproducente.

Para ser-se maduro é necessário ser infantil; um não pode existir sem o outro. Em outras palavras, o indivíduo só pode ser amadurecido se fizer um processo dialético com a sua infantilidade, usando-a em sua existência."

Em seu livro *Libertação dos Povos — A Patologia do Poder*, escreveu o seguinte:

"Se observarmos as crianças, vemos que elas têm muito interesse, uma pela outra, gostam de brincar juntas, e seu maior prazer são os folguedos que têm em comum; pouco a pouco, à medida que crescem, abandonam seus colegas: na adolescência fazem muitas amizades particulares; na mocidade ainda continuam aquela chama de ideal - para finalmente se materializarem completamente, ao ingressar na vida de trabalho: os trinta anos são a marca da passagem, do sonho para a corrupção, do ideal para o engano. E essa corrupção significa a aceitação do poder que esta oprimindo, negando e deturpando a civilização, e impedindo o desenvolvimento do ser humano."

Mais à frente, nesse mesmo livro, na página 152, escreveu o seguinte:

"Mensagem aos Jovens

Gostaria de falar especialmente aos jovens, aos estudantes e trabalhadores, que trazem dentro de si os mais caros ideais, e acreditam que podem melhorar muito a humanidade. Eu quero avisá-los que, no passado, os adultos de hoje eram exatamente iguais a vocês, e pouco a pouco foram abafados por algo que não sabiam muito bem - e finalmente podemos enxergar agora: o poder econômico-social, que nos impede de desenvolver; destrói e deturpa a existência do ser humano.

Aos estudantes e trabalhadores de todos os países, eu gostaria de falar-lhes que a sociedade ideal que vocês imaginam está à nossa frente, a ser formada em brevíssimo tempo - porque finalmente encontramos todos os meios para realizá-la. Chegamos ao momento de realizar, de pôr em ação todos os incríveis sonhos que povoaram a mente de todos os indivíduos de valor que habitaram este mundo."

O jovem, estudante ou trabalhador, é a chama viva de todos os mais caros ideais da humanidade; ele é a esperança de todo país, é a alegria, a vida e o afeto vivo. Porém, ele não pode continuar assim por muito tempo, porque os "ideais" que encontra na sociedade são bem diferentes daqueles que traz em seu coração. Pouco a pouco, ele entra em brutal choque com a ambição e cobiça, a intriga e inveja dos que têm o poder econômico-social, e é impedido de continuar com os seus mais caros sonhos.

Parece-me que existe um consenso geral sobre a orientação errônea dos sistemas sociais: 1) desde a década de 1960, os jovens se rebelaram, tendo a opinião de que não se poderia confiarem uma pessoa além dos 30 anos, o que não deixa de ser verdade, porque geralmente ela entra na corrupção profissional a partir mais ou menos desta época; 2) porém, o erro fatal que os jovens cometeram foi o de ter ingressado no mundo das drogas, colocando-se à parte da vida em sociedade. Não preciso dizer que as drogas foram bem-vindas por todos os poderosos; que passaram a aceitá-las, por dois motivos: primeiro, porque anulou o perigo deles serem alijados do poder, e depois porque encontraram uma fonte de lucro quase inigualável".

13) *Paz Mundial e o Reino de Deus*

A paz mundial, a espiritualização, o Reino de Deus na terra são aspirações que existem no coração de cada um de nós, mesmo que não o queiramos perceber claramente; entretanto, para que possamos alcançá-las, precisamos conscientizar a causa de nossas desavenças, a fim de neutralizá-las. Em numerosas obras Keppe trata dessa magna questão, como nos trechos a seguir, selecionados de seus livros *Glorificação e Contemplação e Ação* (op. cit.):

"O problema da verdade não é filosófico ou religioso; é psicológico porque, quanto mais enxergamos a negação que fazemos à verdade, mais a vemos – pois a característica da consciência é ser o olhar da eternidade derramado em nosso interior. Tudo o que existe, os tempos passados e futuros, a beleza e magia, toda a bondade e complacência, está sintetizado em nosso íntimo, não como uma chama apenas, mas uma fogueira que arde, para o todo e sempre. Cada um de nós se constitui em uma luz do Criador, que ilumina sempre, mesmo que não o queiramos – porque não há ser algum, que não se enterneça diante da bondade, que não se inflame pela verdade, e

não se extasie frente à beleza absoluta, que captamos por partes, se bem que a saibamos e percebamos no seu total.

Alguns dos antigos pensadores helênicos estavam tão maravilhados com Deus, que achavam que todas as coisas eram parte dele (panteísmo); sabemos que tudo repousa, depende e precisa dele; toda a maravilha e alegria são seus reflexos. Mas Ele próprio é ainda muito maior e, quanto mais o aceitamos, mais participamos da vida que não só veio dele, mas cresce continuamente em nosso interior.

Parece-me que a principal revelação é a que diz respeito ao nosso interior, com toda a gama de verdade que contém e de atitudes errôneas que fazemos, contra a realidade, pois o único problema, que existe em todo o universo, é o da conduta do ser humano, não importa em qual planeta viva. Estou dizendo que a verdade, Deus, está à nossa frente, dando-nos a mão, conversando conosco, apaziguando nossa angústias, amando-nos, alegre com nossa presença, fazendo o que pode para nos ajudar. E não queremos aceitá-lo.

Podemos falar que temos agora uma natureza decaída, mas Deus está exatamente onde sempre esteve, isto é, neste paraíso – pois Ele não poderia ter criado senão o que fosse maravilhoso. E, mesmo com tal "natureza", sabemos que tudo continua como antes. Então, por que não ver bem, usar da consciência adequadamente, para recolocar cada coisa (que deslocamos), novamente na sua devida posição? Só depende de nossa vontade.

Parece existirem no universo cem bilhões de galáxias, que contêm bilhões e bilhões de sóis, planetas, cometas e satélites, sendo quase inimaginável aquilatar o seu tamanho. Pensem agora que Deus é um ente, um ser muitíssimo maior do que tudo isso.

Tudo o que existe é criação de Deus, que a ofertou ao ser humano para cuidar, usufruir e se desenvolver com esse maravilhoso empreendimento: o grande desabrochar da ciência, as novas percepções no campo do pensa-mento, os sentimentos (o amor) são a mesma manifestação divina, através das criaturas que realizam o bem, por meio da verdade e da beleza. Poderia ser de outro modo?

O ser humano passa a vida toda à procura daquilo de que se afastou, e de que não consegue se esquecer, ou seja, de Deus. Todos os seus movimentos, sentimentos e pensamentos estão voltados para o Ser Supremo, em uma atitude de sofreguidão – mesmo que não o perceba claramente – simplesmente porque nós fomos criados, e com todas as "fibras", para a glória da beleza, da verdade e da bondade, que não está somente no Criador, mas na totalidade de cada pessoa. Queiramos ou não, nosso destino é a glorificação, que só pode ser junto de quem já a tem, para sempre.

Olhando-se para o faturo, e vendo à frente, bilhões de trilhões de anos – o tempo mais que suficiente para passar inúmeras galáxias, com os seus sóis,

planetas e cometas, possuidores de milhões e milhões de civilizações, e seres humanos, que se sucedem — não há outro sentimento, senão o de adoração, perante a grande, a enorme, a estarrecedora luz do espaço, bilhões de bilhões de vezes muitíssimo maior do que tudo isso — para dizer a verdade, sem limite de tamanho e de tempo.

Sabemos de tudo isso, temos consciência desse amor; que nos inunda, cada instante, seja com a luz do sol, com a delicadeza das estrelas e o bálsamo suave do luar; sentimos perfeitamente a presença desse gigantesco e maravilhoso Ser, em cada pipilar dos pássaros, no rumorejar das águas sobre as pedras, no movimento brusco dos répteis. Percebemos perfeitamente a proximidade desse Ser; principalmente em cada homem, mulher e criança, que levante seus olhos, porque sabemos que recebemos uma chama que não se apagará eternamente e que arderá mais fortemente, quanto mais próxima estiver dele".

A Importância da Educação para a Paz

Em seu livro *Trabalho e Capital*, na página 377, Keppe salienta a importância de haver uma educação correta , não apenas familiar mas social, para haver a correção do indivíduo e a pacificação da própria sociedade:

"Quando a vida social for boa, dificilmente haverá uma pessoa psicótica, no máximo teríamos os chamados neuróticos, que seriam extremamente receptivos ao tratamento.

Minha definição de neurose é: a atitude de negar, omitir ou deturpar a realidade; a causa individual está na inveja, e a etiologia social reside na orientação errônea (praticamente a educação), que não permite que o ser humano conscientize seus problemas de inveja. E a conseqüência de todos esses, fatores psicossociais é uma sociedade estagnada, invertida e defeituosa (crimes, assaltos e toda espécie de delinqüência).

Como defini a neurose como sendo uma atitude, ela tem origem em fatores psicológicos e sociais — sendo todos os outros conseqüências: doenças orgânicas, incapacidade no trabalho, fome, vícios e guerras. Se você quer trazer a paz para a humanidade, basta desinverter a sociedade, que cada elemento irá voltando ao seu devido lugar.

É importante saber que a palavra que eu uso: educação, tem uma conotação muito mais geral do que uma simples orientação familiar; ela inclui a filosofia de vida da sociedade, a escola e universidade, a política e economia do povo — enfim. tudo o que o meio social transmite ao indivíduo tem de ser visto neste aspecto educacional — mesmo que a influência familiar seja o ponto central."

Conclusão

Gostaríamos de encerrar este capítulo com um trecho do livro *Contemplação e Ação* (op. cit., p. 48), de Norberto Keppe, em que faz uma análise da teologia e das instituições religiosas à luz da ciência trilógica, sendo notável sua semelhança com as previsões do abade Gioachino di Fiori e com o ideário quinto-imperialista, desconhecidos pelo cientista naquela altura:

"Se o leitor verificar na Bíblia, verá que o próprio Verbo Divino advertiu-nos sobre "a vinda dos verdadeiros adoradores de Deus, em espírito e verdade" (*João, cap. 4, vers. 23*) *– sendo estes os preferidos por seu Pai. Temos de admitir que a humanidade terrestre vem se desenvolvendo em três fases distintas, havendo grande diferença entre a primeira e a segunda (vinda de Cristo) e haverá uma maior alteração ainda entre a segunda e a próxima, que já está chegando, ou seja, com a inundação de todo o globo pelo Espírito Divino.*

A Civilização é uma imagem do ser humano, que é um espelho do Cria-dor; vamos dizer que repetimos, em nós, os mesmos desígnios encontrados em Deus. De maneira que, em um primeiro tempo, havia um povo (escolhido) que se empenhava na percepção do Criador (o judaico). Em seguida, com a vinda do Verbo Divino (Jesus Cristo), foi necessária a criação de instituições especializadas, que falassem por ele, levando sua palavra a todos os povos – o que já foi realizado. No momento, estamos notando que a dimensão do Criador é muito maior do que imaginávamos - estamos vendo um Deus universal, que se volta para todos os povos, que invade todas as áreas – principalmente a da realização e consciência, diretamente ligada à ciência. Logo, as instituições religiosas (como estão organizadas) jamais poderão aceitar tal mudança, assim como o povo judeu (no passado) que não acatou o novo mandamento trazido por Cristo".

Cristo veio preparar o homem para uma nova existência no Terceiro Milênio, mostrando-nos alguns sinais evidentes, como o envio do Espírito Santo (após sua redenção) e prenunciando o advento dos verdadeiros adoradores do Pai em espírito e verdade. Mais tarde, no cap. 16, vers. 7 a 13 do Evangelho de S. João, diz o seguinte: 'Convém que eu vá, porque se eu não for, não virá a vós o Consolador. Ele, quando vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao juízo. Quando vier, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo... e anunciar-vos-á as coisas que estão por vir'. *Pois bem, a realização desta profecia, de modo completo, está se realizando agora".*

FINAL
Ano 2000: É a Hora?

Nem rei, nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal, nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro,
Tudo é disperso, nada é inteiro.
O Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

(III. Os Tempos. Quinto. Nevoeiro. *Fernando Pessoa.* Mensagem)

A compositora e cantora moçambicana Amélia Muge musicou este poema em homenagem ao Fórum Stop a Destruição do Mundo, realizado por nós em Lisboa (Maio - 1993) e Paris junho-1993).

Apresentação

Nesta última parte, procuro discorrer sobre a expectativa , mais ou menos generalizada, de estarmos na iminência da realização do Apocalipse e da Parusia, que viria em seguida. Muitos falam do 3° Milênio como sendo o marco da grande transformação.

No capítulo 19, tento fazer um estudo científico, diferente do tradicional, sobre o Apocalipse, mostrando que essa palavra significa *revelação*, *conscientização*, e não *catástrofe ou "fim. do mundo"* – portanto constituindo-se em algo extremamente positivo para o gênero humano, apesar dos fenômenos energéticos intercorrentes, denominados de *"tribulações"*.

No capítulo seguinte, *Mensagens Marianas: Brasil*, *Portugal e o 3° Segredo de Fátima*, faço um breve estudo sobre as aparições marianas, muitas delas documentadas *in loco* pelo jornalista norte-americano Michael Brown em seu livro *The Final Hour* (*A Hora Final*), mostrando que Maria, em suas mensagens, geralmente deixa entrever um período de grandes tribulações, seguidas de uma era de paz duradoura.

Em razão disso, muito se tem especulado a respeito do 3° Segredo de Fátima e outros, revelados a videntes em Garabandal (Espanha) e em Medjugorge (Iugoslávia). Porém, os estudos mais recentes - e as afirmações do cardeal Ratzinger, único a conhecer oficialmente o 3° Segredo de Fátima além do papa– mostram que este segredo tem relação com a *"fé de Portugal"* (e, conseqüentemente, do Brasil), que será levada a todos os povos.

Advertência

No momento em que escrevo, a França encontra-se arrasada por temporais e vendavais que arruinaram sua Festa de Réveillon do Milênio, ao mesmo tempo que um derramamento de petróleo afeta, oficialmente, 140 quilômetros de suas praias; amigos lá residentes contam-me que a imprensa mundial escondeu ou minimizou as proporções do desastre, para não afugentar os turistas e proteger os poderes responsáveis pelos desastres ecológicos. Segundo eles, em várias estradas tudo caiu, havendo falta de eletricidade, água e aquecimento nas casas em grande parte do país; 10 mil árvores foram arrancadas pelas raízes ou tombadas pela força dos ventos em Versalhes. Ao mesmo tempo, há o perigo de desastres nucleares (como ocorreu em Chernobil, na Rússia), devido à falta de resfriamento elétrico nos reatores nucleares.

No Brasil, um vendaval com aspecto de tomado atingiu recentemente Santa Catarina, algo nunca acontecido na história de nosso país. Num desastre que se repete, só que de modo mais intenso, inundações assolam Rio, São Paulo e Minas Gerais e até o Nordeste como no município de Altinho, Pernambuco, que depois de passar por uma seca, teve casas, cavalos e pessoas arrastadas por inundações do rio Una. A Via Dutra, no terceiro dia do ano 2000 viu-se transformada em rio impetuoso em certos trechos, impedindo totalmente a circulação de veículos entre Rio e São Paulo. Campos de Jordão também está em estado de calamidade pública, e as águas do rio Paraíba invadiram a cidade de Aparecida do Norte.

Da Áustria, chegam-me notícias de tempestades de neve sem precedentes na história daquele país: nunca nevou tanto lá como agora, a tal ponto que as estradas e vias de acesso estão totalmente interrompidas.

A Venezuela há pouco tempo sofreu inundações inacreditáveis, com rios de lodo negro correndo pelas mas da capital, carregando impetuosamente carros, ônibus, pessoas, arrebentando muros e casas e desabrigando 200 mil habitantes em Caracas.

Em vários locais, vulcões inativos estão voltando à atividade. Ao mesmo tempo, o degelo da Antártida lança por via oceânica o perigo de alagamento das zonas baixas litorâneas e de ilhas como Holanda, Japão, Nova Yorque e Inglaterra; a esta última e aos Estados Unidos já chegam pelo mar grossas

correntes de água doce que matam os peixes de água salgada e elevam perigosamente o nível dos oceanos; até mesmo Washington está ameaçada de inundação devido à elevação de seus rios, em conseqüência da subida das águas dos oceanos.

Noutras partes, alterações climáticas surpreendem habitantes em várias localidades, como na gélida Escandinávia (Suécia e Finlândia) onde, segundo contam nossos amigos suecos e finlandeses, houve em 99 um verão nunca visto antes, com temperaturas superiores a 30 graus! Terremotos na Turquia, inundações na China, no Vietnã, neve e enchentes na Argélia, nos desertos da Jordânia e em Israel...

Por meio da Associação Stop a Destruição do Mundo, que fundei em Paris, em 1991, e que congrega centenas de pessoas em todo o mundo, alertamos na Europa e no Brasil, por meio de fóruns, encontros, revistas, jornais, rádio e televisão para o perigo de ocorrerem essas tragédias que, agora, já estão acontecendo. E, infelizmente, constituem apenas o começo de uma bola de neve com possibilidade de se acentuar a partir de maio do ano 2000 com sucessivos terremotos e maremotos em várias partes , conforme as previsões científicas.

Tudo isto causa interrogações inquietantes nas mentes das pessoas. Em que mundo estamos? Serão esses os sinais apocalípticos? Que futuro nos espera? Será este o "fim do mundo"?

O que posso adiantar de imediato é que, ao lado de todos esses acontecimentos trágicos, provocados pela ação doentia do próprio homem, existem previsões e profecias muito otimistas, especialmente para nós, brasileiros, acerca de uma grande transformação na mentalidade dos seres humanos, justamente por volta desta época, com o advento de um mundo totalmente diferente, livre da corrupção, das calamidades e das guerras, denominado de Quinto Império ou Reino do Espírito Santo, onde os povos, transformados pela conscientização da psicossociopatologia, finalmente serão felizes, por um período de cinco mil anos ou mais.

O que me faz lembrar de um provérbio chinês, que li há muito tempo num livro cujo nome infelizmente não recordo agora: *"É quando a noite atinge seu ponto mais frio e escuro que estamos no início de um novo dia ".*

Capítulo 19

"O Apocalipse" À Luz Da Ciência: Destruição do Mundo ou Salvação do Planeta?

Ao contrário do que muitos pensam, o termo *apocalipse* significa *revelação* e não *catástrofe* — não sendo portanto uma mensagem de terror e de fim de mundo. No sentido filosófico, *revelação* pode ser considerada o reconhecimento de uma verdade que estava encoberta em nosso interior (Sócrates); no teológico, é o processo que Deus usa a fim de elevar o nível de consciência, revelando verdades ignoradas pelo ser humano; e no científico (trilógico) é sinônimo de *conscientização* . Trata-se , portanto, sempre de uma mensagem de esperança e não de mau augúrio.

Vendo por esse prisma, quando São João discorre sobre os "sete selos" acompanhados de certos fenômenos, poderíamos entender cada "selo retirado" como a revelação de alguns "segredos" universais que são conscientizados - e essa conscientização provoca enormes transformações a nível energético (imaterial e material) no nosso interior e no mundo. A retirada dos selos seria comparável à ação de desvendar, tirar os véus da frente de nossos olhos, para entendermos as causas do nosso sofrimento e as soluções para ele. A revelação das verdades universais (divinas) provocaria as mudanças mencionadas, primeiramente a nível interior (esotérico) do ser humano e, como conseqüência, a nível exterior (exotérico) - e não vice-versa.

De acordo com as pesquisas da física moderna (Tesla) e da radiônica, sabemos que a conscientização de duas ou mais pessoas acerca de conceitos verdadeiros pode provocar um efeito constante e crescente de ressonância energética que atua em outros níveis de energia, como as orbitais, afetando também o reino animal, vegetal, mineral, etc. [169] Essa elevação do nível de consciência leva à formação de um vórtice energético, que funciona como um "portal" entre o mundo físico e o imaterial — vale dizer, entre a transcendência e o nosso mundo, ou entre o mundo divino e o nosso tempo.

Sendo assim, a energia escalar ou divina, adentrando com mais intensidade na Terra através da elevação de consciência, que dois ou mais seres humanos teriam numa determinada época da história da humanidade (o apocalipse) poderia provocar enormes transformações energéticas no planeta como um todo, podendo gerar até abalos geofísicos, mudanças climáticas e de mentalidade

humanidade. [170] Tais mudanças, principalmente a nível de consciência, levarão a enormes transformações sociais, econômicas e institucionais, provocando uma verdadeira "revolução" na humanidade.

Embora esse fenômeno já possa ser perfeitamente entendido e explicado pelas ciências atuais, ele não exclui o componente teológico e teleológico da atuação divina que entra em ação na situação apocalíptica. Neste prisma, é de Deus que emana a sabedoria e a energia que transformarão a humanidade por meio das mentes dos seres humanos conscientizados, num determinado momento da História , ou seja, dentro do tempo e espaço, havendo, portanto, a presença temporal do Espírito Santo na Terra.

Nesse contexto entra a descrição de João sobre "as duas testemunhas", o grupo dos "verdadeiros", os "escolhidos" que, a meu ver, são aqueles que aceitam a conscientização dessa revelação a nível interior. Ao que tudo indica, essa conscientização será como a leitura do "pequeno livro" que o anjo deu a São João dizendo: *"Pega nele e come. Há de azedar-te no estômago, mas na tua boca será doce como o mel"* (Apocalipse, 10: 9-10) – mostrando que a verdade é doce na boca, quando se a ensina, mas na hora de engoli-la (admiti-la dentro de si) nós a sentimos amarga como fel, devido à conscientização da psicopatologia (erros individuais e sociais) que ela inclui.

Mil Anos de Felicidade

O Evangelista fala claramente sobre um Reino de Ouro que haverá na Terra, por mil anos - número simbólico, que pode significar dois, três, cinco mil anos ou mais, quando haverá grande paz e incrível desenvolvimento para a Humanidade.

Nesse período, segundo João, Cristo governará a Terra com os "mártires ressuscitados". Essa ressurreição, provavelmente simbólica, pode significar o reconhecimento (aceitação na vida psicossocial) do trabalho, ideais e espírito das pessoas que dedicaram suas vidas ao bem, à verdade e beleza , assim como do Espírito de Cristo - fato que, evidentemente, conduzirá a Humanidade para o seu apogeu. Possivelmente trata-se do "reinado espiritual", de que nos fala o abade Gioachino di Fiori, em que os seres humanos terão contato com o Ser Divino diretamente, sem a oposição da patologia espiritual e humana.

Novas Otimistas

De maneira que a Revelação joanina se constitui fundamentalmente no anúncio de um período de conscientização e de transformação em todos os níveis – transformação esta iniciada a partir de revelações feitas pelo Espírito

de Deus aos homens — através de suas consciências interiores (*Crise*, em grego, significa *transformação*).

Acredito que muitos videntes, como Nostradamus, por exemplo, ajudaram a descaracterizar o verdadeiro significado do Apocalipse, levando as pessoas a esperar por grandes sinais (catástrofes e milagres), que anunciariam o fim do mundo.

Essas previsões, acompanhadas de um crescente aumento das perturbações sociais e econômicas, dos transtornos climáticos e geológicos, embora advindos todos eles da destruição que os seres humanos infligem à vida em nosso planeta, contribuem para a visão trágica que muitos têm, de que estamos às portas do fim.

Acredito, sim, que estejamos à portas do final "destes tempos", em que a patologia humana e espiritual (a inversão de valores, a inveja, a alienação, as fantasias megalômanas, a falta de ética, a má vontade, a projeção) têm dominado a sociedade. Afinal, já possuímos consciência suficiente para promover essa grande transformação, para construir a Parusia. Aquilo de que necessitamos ainda é que essa consciência (revelação) se estenda ao maior número possível de pessoas, antes que os seres humanos detentores do poder econômico-social consigam destruir quase totalmente o planeta, projetando ainda por cima a responsabilidade de tal destruição em Deus, como se Ele nos castigasse - e não nossa própria conduta.

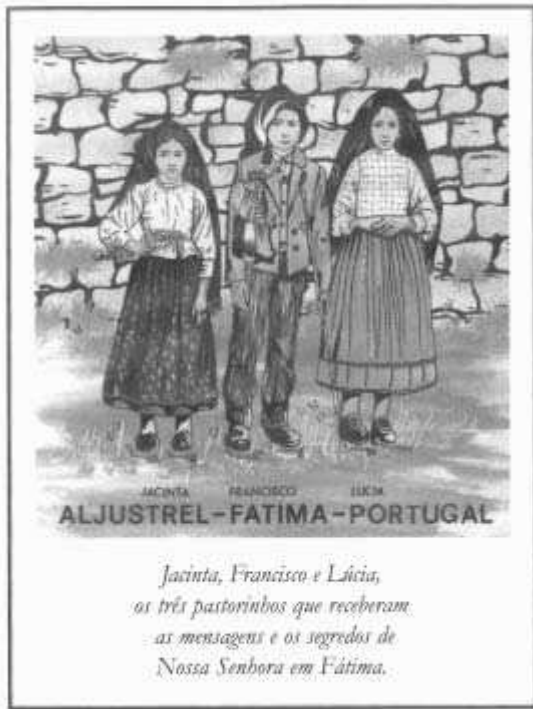
Nós Diante do Mundo

Embora muitos vejam nisso um mito, uma fantasia inalcançável, a instauração de um "Reino de Felicidade" na Terra é perfeitamente possível e condizente com a nossa natureza — aliás fomos criados para isso. Esse mundo está ao alcance de nossas mãos: basta que trabalhemos para realizá-lo.

Gostaria de advertir o leitor que falo como cientista; e que no período em que vivi e trabalhei na Europa (por mais de dez anos) fundei uma associação denominada *Stop a Destruição do Mundo* [171], com a finalidade específica justamente de estudar as causas da destrutividade humana e propor soluções. Essa entidade foi logo apoiada por um enorme grupo internacional interessado em preservar a civilização e o planeta.

Capítulo 20

Mensagens Marianas
Brasil, Portugal e o 3° Segredo de Fátima

Jacinta, Francisco e Lúcia, os três pastorinhos que receberam as mensagens e os segredos de Nossa Senhora em Fátima.

Em seu notável livro *The Final Hour*, [172] jornalista norte-americano Michael Brown escreve que, embora tenhamos testemunhado o maior desenvolvimento tecnológico, industrial, científico e no campo das comunicações, nós presenciamos a maior destruição e devastação que o mundo jamais viu. Duas guerras mundiais direta ou indiretamente dizimaram centenas de milhões de vidas, e guerras menores têm sido constantes. Três quartos da população do mundo vivem na total miséria, sendo que o crime, a violência, perseguições e novas doenças são sempre crescentes.

Com o ateísmo, a decadência de valores morais e éticos, racismo, egoísmo e avareza em ascensão, chegamos a perguntar: será este o século que assinalará ou preparará a luta vitoriosa do bem contra o mal como muitos esperam?

Para escrever seu livro, Michael Brown viajou por dezenas de países, com a finalidade específica de documentar jornalisticamente as aparições de Maria. Entrevistando pessoas, fotografando e coletando grande número de dados, documentou centenas de aparições marianas em locais conhecidos e desconhecidos como Fátima, Amsterdã, Medjugore, Garabandal, Zeitoun, Betânia, entre outros. Aparentemente para contrabalançar as forças destrutivas, nunca a mãe de Cristo fez tantas aparições nos mais diversos locais do mundo, como neste século, trabalhando lado a lado com o seu Filho.

Em algumas dessas aparições ela deixou mensagens claras, exortando os seres humanos para a conscientização: o Satanás existe, é real, o mundo está presentemente sob seu domínio e caso não haja uma conversão significativa, incluindo a de muitos clérigos, os efeitos da luta entre as forças do Bem contra o Mal não tardarão a se fazer sentir, trazendo sofrimentos horríveis aos maus e aos inocentes, até que, diante da evidência absoluta da necessidade de uma mudança, o homem finalmente se volte para Deus (ou seja: para o bem, o belo e o verdadeiro).

Maria ensinou a Ida, vidente holandesa, para que esta divulgasse a todas as pessoas, a seguinte oração: "*Senhor Jesus Cristo*, *Filho do Pai*, *enviai agora à Terra o Vosso Espírito. Fazei que o Espírito Santo habite no coração de todos os povos*, *a fim de que sejam preservados da corrupção*, *das calamidades e da guerra. Seja a Senhora de Todos os Povos*, *que de início foi Maria*, *a nossa Advogada. Amém.*"

A vidente de Amsterdã recebeu uma série de 59 mensagens de Maria entre 1945 até 1959. Suas revelações não foram bem aceitas pelos funcionários religiosos, porque contêm uma enérgica admoestação à situação em que se colocaram. Por exemplo, na visão que teve no dia 7 de outubro de 1945, viu uma pomba preta pairar sobre a Igreja e Nossa Senhora dizer: "*Isto é o espírito antigo. É mister que desapareça*". A 3 de dezembro de 1949, em uma nova visão, foi informada de que mesmo que a doutrina fosse exata, o Papa deveria mudar as leis. Na vigésima visão disse que o grande problema atual é de ordem espiritual – a falta de amor ao próximo e de justiça.

Na 30ª visão falou sobre a arrogância dos teólogos: "*A teologia deve ceder lugar aos interesses do meu Filho* ". (...) "*Teólogos*, *Cristo só procura o que é pequeno e simples*".

Daqui por diante, dirigiu toda a atenção ao que chamou de *descida do Espírito de Deus sobre os homens*. Mostrou três raios que partiam de suas mãos sobre a humanidade, explicando que o Pai e o Filho querem enviar à Terra o verdadeiro Espírito, pois só ele poderá trazer a paz (33' visão).

A explicação da oração seria a seguinte: o primeiro parágrafo diz sobre a Trindade Divina, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sabemos que a primeira Pessoa (o Pai) falava diretamente com o povo judeu, preparando a

vinda de seu Filho (o Verbo), que nos trouxe o conhecimento direto de Deus. No entanto, faltava-nos receber a Terceira Pessoa (o Espírito Santo), que havia descido só para alguns apóstolos, no Cenáculo, por ocasião do Dia de Pentecostes – e agora está para inundar a mente de todos os seres humanos.

Ida fala da Trindade Divina com estas palavras: *"O mesmo Pai é o mesmo Filho e o mesmo Pai e o Filho é o mesmo Espírito Santo"* (visão n° 51) dando a entender que somente agora é que iremos compreender o que o Pai revelou ao povo judeu e o Filho falou há dois mil anos. O Espírito de Deus é o mesmo de Cristo (e do Pai), que está explicando agora o significado de suas palavras, ou melhor, conscientizando todo o amor e verdade sobre os quais fomos criados.

Na segunda parte da oração é pedida a descida do Espírito divino em toda a humanidade que, neste final de milênio, já ouviu a palavra do Verbo e agora aguarda com fervor o entrosamento direto com Deus – o que seria o fim das corrupções, calamidades e guerras.

Um fato muito importante a assinalar nas mensagens de Maria em Amsterdã é o incrível papel que desempenhou a pessoa mais extraordinária que já passou por este mundo, escolhida especialmente por Deus para ser sua mãe física, recebendo todas as prerrogativas que têm as genitoras. É o incrível, definitivo e mais perfeito entrosamento entre o Criador e o criado, fato que vem despertando muita inveja em inúmeras pessoas, inclusive nos chamados protestantes, que a atacam sem notar o motivo inconsciente (inveja) que os leva a tal conduta. Por esse motivo, a mãe de Cristo tem o nome de Maria de Nazaré, Co-Redentora, Medianeira e Advogada de todos os seres humanos e de todos os povos da Terra.

O Terceiro Segredo

Talvez as mais importantes das aparições de Maria tenham sido as ocorridas em Fátima em 1917 – as quais também foram reconhecidas pelo Vaticano. A maior parte do conteúdo das mensagens transmitidas por ela aos três pastorinhos já sucedeu. Resta a última parte do 3° Segredo, que deveria ter sido revelado só após 1960 pelo papa João XXIII, para que então as mensagens no seu conjunto pudessem se tomar ainda mais claras.

Em entrevista concedida à Radio Renascença, emissora da Igreja Católica de Portugal, a 13 de Outubro de 1996, o cardeal Ratzinger, único conhece-dor oficial do 3° segredo de Fátima além do papa, declarou à entrevistadora que só podia adiantar-lhe uma coisa: *"esse segredo tem relação com a fé cristã de Portugal, e os portugueses devem levar adiante a missão de levar a mensagem do Evangelho de Cristo a todos os povos"*.

Para os conhecedores do espírito messiânico português, da missão templária de cristianizar o mundo e de nele difundir o Quinto Império anunciado por

Daniel, o profeta, a mensagem de Ratzinger é cheia de profundo significado. Não nos podemos esquecer de que o Brasil é o Portugal da modernidade, não só pela língua, base cultural, tradição e espiritualidade, mas porque a maior parte de seu povo é constituída por descendentes de portugueses.

Afirma Armando Alexandre dos Santos, no resumo de seu livro *As Aparições, a Mensagem e o Segredo de Fátima* (Editora Artpress, São Paulo, 1999, p. 17) que os especialistas em Fátima vêm estudando há décadas o que poderia ser a « 3ª parte do segredo » recebido por Irmã Lúcia (pois, na verdade, não há três segredos, mas apenas um, dividido em três partes. Duas delas, que tratam da influência demoníaca na Terra e da conversão da Rússia, entre outros assuntos, já foram reveladas; é o que se conhece. Porém, a terceira parte começa com a seguinte frase: *"Em Portugal se conservará sempre o Dogma da Fé, etc."* – e após isso o seu conteúdo foi censurado).

Alexandre dos Santos afirma que a quase unanimidade dos estudiosos comunga da conclusão de que a terceira parte do segredo *"só pode se referir à terrível crise atual da Igreja"* contraposta à fé de Portugal. Concluem que Portugal(e aqui entende-se também este grande Portugal que é o Brasil) conservará a fé original em Cristo, e que as demais nações não o farão, inclusive a Igreja .

Tal revelação, de fato, não é desejada pelos representantes do Vaticano, pois mostraria que é a fé de Portugal (a fé genuína, ligada à adoração do Espírito de Cristo, estendida a todos os povos de língua portuguesa) que vai manter e difundir pelo mundo a chama e a vivência legítima do cristianismo, levando ao triunfo de Cristo e do Imaculado Coração de Maria, à desejada Era de Paz, de Justiça e de Espiritualidade tão esperada pelos judeus, cristãos e todos os seres humanos da Terra.

O Magnificat

Maria, mãe de Cristo, foi muito clara em suas mensagens em Portugal, afirmando após o segredo de Fátima não ainda revelado: *"E por fim, meu Imaculado Coração triunfará"*. Portanto, conclui-se que o conteúdo do cântico "Magnificat" atribuído a ela pelo evangelista Lucas será cumprido em sua totalidade (e pelo que a vidente Lúcia deu a entender, brevemente): *"Maria disse então: O meu coração louva o Senhor e alegra-se em Deus, meu Salva-dor, porque ele olhou com amor para esta sua humilde serva! Daqui em diante toda a gente me vai chamar ditosa, Pois grandes coisas me fez o Deus poderoso. Ele é Santo! Ele é sempre misericordioso para aqueles que o adoram, em todas as gerações. Fez coisas grandiosas com o seu poder extraordinário. Vence os orgulhosos e deixa-os confundidos. Derruba os poderosos e levanta os humildes. Enche de coisas boas os que têm fome, E manda embora os ricos de mãos vazias. Conforme tinha prometido aos nossos*

antepassados, ajudou o povo de Israel, que o serve. Lembrou-se dele, cheio de misericórdia. Foi bondoso para Abraão e seus descendentes para sempre." (Lc. 1, *46-55*)

O Estado de São Paulo de 28 de novembro de 1999 publicou a seguinte notícia enviada pelas agências EFE e AP: *Papa visitará Fátima para beatificar crianças* - LISBOA – O papa João Paulo II visitará o santuário de Fátima dia 13 de maio para beatificar Francisco e Jacinta Marto, duas das crianças que disseram ter testemunhado várias aparições da Virgem Maria em 1917. (...) **A beatificação, anunciada pelo papa dia 28 de junho, foi considerada o reconhecimento oficial das aparições da Virgem aos dois irmãos e a sua prima Lúcia Maria, que vive hoje enclausurada em um convento de Coimbra.** A visita de um dia será a terceira do papa a Fátima e uma das poucas viagens que fará ao exterior no ano que vem.

Este livro justamente explicou o que vem a ser a "Fé de Portugal".

Esta gravura de Nossa Senhora de Todos os Povos, foi pintada sob orientação da vidente holandesa Ida, que visitamos pessoalmente em Amsterdã.

Cronologia
Síntese da História Secreta do Brasil

Cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, o profeta Daniel anunciou para a história do futuro a decadência e queda gradativa do gênero humano e de suas civilizações, bem como seu renascimento, ou verdadeiro nascimento, numa era dourada que surgiria ao fim da sucessão de quatro grandes impérios. Quinhentos anos antes dessa profecia (por volta de 1.100 a.C.), o Brasil, coma já dissemos, era visitado pelos navegadores judeus e fenícios, povo semita cujo nome vem de púrpura, vermelho cor de sangue, *em virtude dos finos tecidos vermelhos que usavam - os quais possivelmente já eram preparados em boa parte com. a tinta extraída do chamado pau-brasil.*

O destino da nova terra ligou-se desse modo ao do povo eleito, e os profetas judaicos freqüentemente profetizaram sobre o Brasil, como Jeremias quando anunciou que o povo de Deus habitaria uma terra de onde mana leite e mel — exatamente a frase que o santo italiano D. Bosco utilizou em 1883 para se referir ao Brasil: "esta é a terra prometida. de onde mana leite e mel."

O profeta judaico Isaías profetizou de tal sorte sobre estes novos céus e estas novas terras, que Colombo disse ter conseguido chegar à América Equatorial somente orientando-se pelas suas profecias.

A profecia mais importante foi a de Daniel sobre o Quinto Império, que seria realizado no final dos tempos, e que norteou todo o plano da Descoberta, influenciando a História até os dias de hoje.

Primeiros tempos (+- 2.000 a.C.) Abraão e a terra prometida - Abraão, filho mais velho de Noé, nascido em Ur, na Caldéia, e patriarca do povo hebreu, recebe de Deus a promessa de uma descendência numerosa e o estabelecimento em uma nova terra, iniciando-se uma nova aliança entre Deus e os homens e a saga histórica do povo judeu.

Surgimento dos povos semitas (árabes e judeus) - Abraão teve dois filhos: Ismael, de sua escrava Hagar, e Isaac, de sua mulher legítima, Sara. De Ismael surgiu o povo ismaelita (árabes), e de Isaac, o povo hebreu.

As doze tribos de Israel — Judá e o Cetro da Sabedoria - Isaac teve também dois filhos: Esaú e Jacó. De Jacó originaram-se as 12 tribos de Israel. A cada uma, Deus concedeu uma herança. As tribos de Efraim e Manassés tiveram o legado da riqueza material, enquanto que a de Judá recebeu o cetro da liderança espiritual e da sabedoria, sendo chamada Leão de Judá. A ela

caberia, no final dos tempos, unir todos os povos e nações sob o cetro espiritual da sabedoria divina.

1.100a. C. Fenícios no Brasil - Brasil é encontrado pelos navegadores fenícios, que também estabelecem entrepostos nas costas hoje portuguesas.

1.008 a. C. Acordo judaico fenício de navegação - O rei Davi, da Judéia, e o rei Hirão, dos fenícios, firmam acordo para exploração conjunta dos mares e terras descobertas pela Fenícia.

970 a 936 a. C. – Fenícios e Judeus no Brasil. As minas de Salomão na Amazônia - O Rei Salomão, filho de Davi, e Hirão II, da Fenícia, organizam viagens conjuntas às costas brasileiras (Ofir), estabelecendo povoados e minas no Amazonas. O Templo de Jerusalém é construído como ouro do Brasil.

884 a. C. – Tribo de Judá emigra para o atual Portugal - Neste ano, ocorre a primeira grande emigração judaica para a Península Ibérica. Os emigrantes eram, principalmente, da tribo de Judá.

765 a. C. - Isaías profetiza sobre o Brasil - O profeta judaico Isaías faz referência à Grande Ilha e à Nova Jerusalém, que surgiria no fim dos tempos, fundada sobre a paz, justiça e união de todos os povos e nações, livre de qualquer opressão. Em certo trecho, afirma: *«cantai ao Senhor um cântico novo e o seu louvor desde o fim da Terra: vós, os que navegais pelo mar (...) vós ilhas e seus habitantes. (...) Dêem glórias ao Senhor e anunciem o seu louvor nas* ilhas».(Is., cap.42 vs. 12)

586 a. C. – Segunda emigração judaica à Ibéria (Nova Judá, ou Sefarad) - Esta emigração ocorre quando o rei Nabucodonosor invade o reino de Judá, arrasando Jerusalém e destruindo o Templo de Salomão.

586 a. C. - 539 a.C. (+-) - Daniel profetiza o Quinto Império - O profeta judaico Daniel interpreta o sonho do Rei Nabucodonosor sobre a sucessão de quatro impérios humanos e o surgimento, no fim dos tempos, do Império Divino, ou Quinto Império. Esta profecia influiu nos rumos da humanidade até os dias de hoje.

ANO 0 - Nascimento de Jesus Cristo - Jesus nasce em Belém, iniciando a Segunda Era da humanidade (Era do Filho), em sucessão à do Pai, que vigorou no judaísmo, desde Abraão, com Moisés e os profetas, até aquela época.

***30 a 33 – Cristo anuncia a vinda da Terceira Pessoa, ou Espírito Santo* -** Jesus anunciou à mulher samaritana no poço de Jacó a vinda de uma era em que Deus seria adorado verdadeiramente em espírito e verdade ; depois disse aos apóstolos que o Espírito Santo traria a total verdade, com revelações que eles naquele tempo não poderiam suportar , e santificaria a humanidade.

33 a 400 - Primeiros cristãos. A espera da Parusia. - Esta época caracterizou-se pela mais alta espiritualidade em toda a história do cristianismo. S. João Evangelista descreve no Apocalipse a história do futuro da Humanidade, apontando, como Daniel, o triunfo do Reino Divino sobre a Terra, no final dos tempos. Anuncia a prisão de Satanás por « mil anos » (após um período de grandes tribulações) quando então a Humanidade viverá um período feliz e desenvolvido, antes do Juízo Final.

***74 - Terceira emigração judaica para a Península Ibérica* -** Por ordem do Imperador Vespasiano, as tropas romanas cercam, invadem e destroem pela segunda vez Jerusalém e o Templo, provocando nova fuga dos judeus pelo mar. Inicia-se o cristianismo na Península Ibérica.

***354 – Nasce Agostinho, que traz a noção da Cidade de Deus* -** Considerado um dos maiores gênios da Humanidade, Aurélio Agostinho, pela junção da teologia judaico-cristã com a filosofia platônica, influenciou a civilização por oito séculos ; ao lado de alguns erros, trouxe conceitos universais belíssimos, que muito ajudaram a humanidade em seu desenvolvimento.

***1.100 - Gioachino di Fiori profetiza o surgimento da Idade do Espírito Santo* -** *O* abade italiano Gioachino di Fiori expõe a Doutrina das Três Idades, baseado na Teologia da Trindade, dando as bases para o início do Renascimento. A Terceira Idade, correspondente ao Quinto Império de Daniel, teria como característica essencial a atuação da Terceira Pessoa na História da Humanidade, levando ao que ele chamou de Era Monástica ou da Inteligência Espiritual.

***1.118 -A Ordem dos Templários descobre os segredos do Templo de Salomão* -** Neste ano, cavaleiros cruzados cristãos fundam em Jerusalém a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão, religiosa e militar, no local onde fora o templo do rei judaico. Sua regra é escrita por São Bernardo. Os cavaleiros têm acesso à biblioteca dos subterrâneos do templo, onde estavam os mapas para chegar a Ofir. (Brasil).

***1097- 1139 - São Bernardo cria Portugal*, *F Estado Europeu* -** Santo Bernardo consegue criar o 1° Estado Europeu - Portu-Calis (o Porto do Cálice) ou Portugal (o Porto do GraaL), com a finalidade de abrigar os conhecimentos

e os indivíduos dispostos a construir o Reino do Espírito no além-mar - na Grande Ilha - e os reis da dinastia lá existente, geração após geração, batalharam por isso. Afonso Henriques, filho de D. Henrique, primo de São Bernardo, é o 1 ° rei português.

1215 – S. Francisco de Assis espiritualiza a Europa com sua Ordem difusora de di Fiori - *O* santo italiano cria a Ordem dos Frades Menores e também a Ordem Terceira, que admitia os leigos em sua militância, revolucionando o modo de vida medieval e fornecendo as bases espirituais que dominam a sensibilidade religiosa e moral portuguesa. Um dos mais famosos seguidores de S.Francisco foi Santo Antônio de Pádua (Portugal) – (1190-1231).

1300 - Dante escreve a Divina Comédia (***um Apocalipse Gioachimita***) ***-*** Inspirado na doutrina de Gioachino di Fiori, Dante Alighieri escreve a obra que promove o nascimento da Língua Italiana e o Renascimento Europeu pela Literatura.

1296 – Projeto Áureo, ***Plano dos Descobrimentos***, ***e a Festa do Divino em Portugal -*** *O* Rei D. Dinis e a Rainha Santa Isabel iniciam o Projeto Áureo com a Festa do Divino Espírito Santo, a Universidade Laica, a oficialização da língua portuguesa, a proteção aos templários e o Plano dos Descobrimentos para chegar à Terra Prometida, ou pátria do Quinto Império (Brasil).

1312 - 1314 – Perseguição aos templários e extinção da Ordem na Europa - Após ter-se tornado a maior potência econômica e social da Europa, com mais de 20 mil propriedades imobiliárias (castelos, fortificações, terras, etc.) a Ordem do Templo é perseguida pelo rei Felipe, o Belo, e pelo papa Clemente V, ambos franceses, e extinta em toda a Europa, menos em Portugal, onde fica sob a proteção do rei D. Dinis.

1321 - D. Dinis reabre a Ordem do Templo com o nome de Ordem de Cristo - Os templários de Portugal, que estavam escondidos, sob proteção real, recebem todos os castelos e bens de volta e colaboram decisivamente no projeto dos Descobrimentos.

1321-1521 – Desenvolvimento do Projeto Áureo - Desenvolve-se o Projeto Áureo do Império do Espírito Santo no mundo por iniciativa portuguesa, com as grandes navegações. D. Dinis cria a primeira armada portuguesa e obtém madeira para as embarcações.

1343 – ***Portugal informa ao papa a «descoberta » do Brasil*** (***a Grande Ilha***) ***-*** Portugal anuncia ao papa Clemente VI a «descoberta » da « *Ínsula do*

Brasil ou de Brandam » pelo navegador Sancho Brandão, enviado pelo rei D. Afonso IV, filho de D. Dinis.

***1492 – Colombo chega à América*. -** Genovês, segundo uns, português, segundo outros, porém residente em Portugal e casado com uma portuguesa, Cristóvão Colombo faz acordo com os reis espanhóis e navega até a América. Franciscano da Ordem Terceira, Colombo era profundamente milenarista, seguidor da doutrina de Gioachino di Fiori e das profecias de Daniel e Isaías.

1495 – Início da diáspora dos judeus portugueses pelo mundo - Judeus portugueses formam núcleos no Norte da África e na Ásia Menor.

1498 - Duarte Pacheco chega ao Brasil - *O* navegador e astrônomo Duarte Pacheco capitão geral da armada de Calecut, vice-rei e governador de Malabar, na Índia, chega ao Brasil.

1500 - Tomada de posse do Brasil - Pedro Álvares Cabral oficializa a descoberta da Ilha de Vera Cruz perante o mundo, terra a que os portugueses, como vimos, já tinham chegado antes, com base nos mapas dos fenícios e dos judeus, pertencentes aos templários.

1500-1530 – Início da povoação do Brasil. Festeiros do Divino - Entre os povoadores e deportados estão os primeiros cristãos novos (judeus principalmente da tribo de Judá) e os « festeiros do divino », que trouxeram o Culto ao Espírito Santo e a tradição da festa de D. Dinis ao território nacional.

1521 - Súbita ruptura do Projeto Áureo - D. Manuel I, mestre de Ordem de Cristo, morre neste ano. D.João III e seu círculo contra-reformista extinguem a Ordem de Cristo e a transformam em convento religioso com clausura. Muitos templários ingressam na Ordem dos Jesuítas.

1521-1557–Partida de cristãos novos para a índia e o Brasil - Em razão de perseguições movidas pela Inquisição, os judeus portugueses recém-convertidos (cristãos novos) emigram em grande parte para Amsterdã (Holanda) e Brasil.

***1550 - Primeiros jesuítas* (*templários*) *tentam fazer o Quinto Império no Brasil*. -** Os primeiros jesuítas com formação templário e gioachimita , como padre Anchieta e Manoel da Nóbrega, chegam ao Brasil para fazer daqui «a sua empresa» . Objetivo dos missionários : organizar, na nova terra, o novo mundo espiritualizado, o V Império. Nascimento das Missões e das povoações de S. Vicente, Santo André da Borda do Campo (São Bernardo) e São Paulo.

1500- ***1566 d. C. – Profecias de Bandarra sobre Portugal -*** Bandarra, o sapateiro de Trancoso, anuncia, por trovas populares, um futuro glorioso para Portugal. Ele anunciava, já naquele tempo, segundo acreditam alguns de seus intérpretes, a vinda de um ou alguns descendentes dos portugueses, que guia-riam o gênero humano para a vivência do chamado Quinto Império.

1572 - Camões publica Os Lusíadas, epopéia do Quinto Império - Dedicado ao Rei D. Sebastião, que retomou o sonho do Projeto Áureo, a obra camoniana é baseada na Divina Comédia, em Eneida e em Ilíada e Odisséia, constituindo uma epopéia coletiva, onde o herói não é uma pessoa, mas, sim, o povo lusitano.

1578 - Morre D.Sebastião, último rei iniciado e nasce o Mito Sebastianista - Último monarca que sonhou em implantar o Reino do Espírito Santo ou V Império no Mundo, o rei morreu na batalha de Alcácer Quibir, dando origem ao Mito Sebastianista ou Mito do Encoberto (que o rei voltaria para concretizar o ideal).

1580 - Morre Camões. Portugal perde *a* ***independência. -*** Com a morte de D. Sebastião, que não deixou herdeiros, e a morte de seu tio, que administrava o reino, Portugal passa ao domínio espanhol até 1640. Foi a pior época da Inquisição em Portugal, que perseguiu o padre Antônio Vieira, um dos expoentes do quinto-imperialismo, atingindo também o Brasil.

1600 - Padre António Vieira, gioachimita e quinto-imperialista, luta pelo ideal - Conhecido como protetor dos índios e dos cristãos novos, seu grande ideal era a propagação do V Império, conforme demonstra em seu livro *«História do Futuro - Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo»*.

1640 – Crescimento dos núcleos judaico-portugueses no Brasil - Um grupo de judeus oriundos de Amsterdã, que haviam emigrado para o nordeste brasileiro, parte da colônia judaica do Recife para a América do Norte e funda Nova Amsterdã (Nova York).

1750 - Marquês de Pombal destrói as Missões - Perseguição de setores da Igreja e de Pombal aos jesuítas que haviam organizado missões indígenas no Brasil e na América Latina. O filme *«The Mission»*, com Robert de Niro, mostra a destruição de uma República Guarani, organizada pelos missionários da Companhia de Jesus, onde os nativos tinham atingido extraordinário desenvolvimento.

1755– Terremoto destrói Lisboa - Do mesmo modo que o ideal havia sido destruído, a grande cidade símbolo de Portugal sofreu um terrível terremoto; as minas de ouro de Minas Gerais ao mesmo tempo esgotaram seus recursos, fazendo com que a administração pombalina afundasse em problemas financeiros.

1883 - Dom Bosco profetiza sobre o Brasil como a « terra prometida » de Jeremias - No dia 4/9/1883 , D. Bosco sonhou com um amigo falecido que o levou a um país que soube ser o Brasil, e, num planalto, o jovem guia anunciou: «Esta é uma futura terra prometida, onde correrão também o leite e o mel». (conforme as palavras de Jeremias). Viu uma grande multidão de índios e de europeus e, entre eles, seus filhos salesianos. Por causa dessa profecia, o presidente Juscelino Kubitschek transferiu a capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, escolhendo, como data da inauguração, o dia da fundação de Roma.

1900 até hoje- Renascentistas portugueses tentam resgatar « a fé de Portugal » - Intelectuais, poetas, filósofos que se opuseram à entrada do positivismo em Portugal e tentaram resgatar os verdadeiros valores espiritualistas e messiânicos da nação portuguesa. Destacamos : prof. Agostinho da Silva, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, António Quadros, António Termo e Fernando Pessoa (com Mensagem).

1917 - Depois de várias aparições na França em 1830, 1846, 1858 e 1871, Maria , a mãe de Jesus, surge em Fátima e dá várias mensagens de grande otimismo concernentes ao futuro de Portugal e Brasil. *«Como se quisesse mostrar que tínhamos entrado numa fase, final, indicando ao mesmo tempo a direção futura do pólo do mundo, a Virgem abandonava a França, onde aparecera, para pisar o solo de Portugal, mãe do Brasil, fazendo-o entrar assim na conjuntura mística da História de nosso tempo »* , afirmou o escritor francês Yves Christiaen. Para ele, a nova Era de Aquário terá início em nosso país.

1920 – São Paulo inicia seu fabuloso crescimento para tornar-se a cidade mais cosmopolita do Hemisfério Sul e a maior do mundo na entrada do Terceiro Milênio. Caracterizada pela tolerância racial e liberdade de credos, a cidade do trabalho e da cultura, e coração do Brasil, responsável por 50 % do PIB do país , expandiu-se de 65 mil habitantes em 1889 para 600 mil em 1920 e para 20 milhões na Grande São Paulo em 1999, num fenômeno energético sem precedentes em nosso planeta. Convém lembrar que 1 /3 dos moradores da cidade em 1920 eram imigrantes italianos (200 mil habitantes), levando muitos a apelidá-la de a 3ª Roma.

***1970 para cá – No Brasil*, *Norberto Keppe cria a Trilogia Analítica*, *a ciência interdisciplinar* -** Filho de mãe portuguesa e pai alemão, nascido no Brasil e com nacionalidade austríaca, Keppe cria em 1970 a Sociedade de Psicanálise Integral em São Paulo e, em 1977, com a descoberta da Inversão, dá início ao corpo teórico e prático de sua ciência, a Trilogia Analítica, pela qual fornece o método para tratar as doenças psíquicas, orgânicas e sociais do ser humano e sugere as bases para a construção de uma nova sociedade, com a visão do homem e da ciência universais.

Sobre a Autora

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, natural da cidade de São Paulo, é psicanalista, pesquisadora, estudiosa da psicossociopatologia, escritora e conferencista internacional, tendo exercido sua profissão em diversos países. Vice-presidente da Sociedade Internacional de Trilogia Analítica (Psicanálise Integral) é autora de obras traduzidas para vários idiomas, como *A Cura pela Consciência — Teomania e Stress*, *Mulheres no Divã — Uma Análise da Patologia Feminina*, *ABC da Trilogia Analítica* (*Psicanálise Integral*), entre outras.

A tese contida neste livro é o resultado de quinze anos de pesquisa da autora no Brasil, Europa e Estados Unidos, visitando locais históricos, consultando especialistas, historiadores, intelectuais, jornalistas, gente do povo e religiosos, bem como livros e documentos históricos raros, obtidos em locais estratégicos da Europa.

A autora, na Catedral de Santiago de Compostela.

Bibliografia

ALENCAR, Francisco, CARPI, Lúcia e RIBEIRO, Marcus. *História da Sociedade Brasileira.*

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia.* Adaptação em prosa por Marques Braga. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa, 1985, 4ª Ed.

AMARANTE, Eduardo. *Portugal Simbólico.* Editora Nova Acrópole, Lisboa.

AMARANTE, Eduardo e TESSEUR, Françoise. *Templários - Aspectos Secretos da Ordem* Editora Nova Acrópole, Lisboa

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia* (*Nossos Clássicos*). S.A. Editora, Rio de Janeiro, 1994

ARAÚJO, Antônio de Souza. O *Santuário da Luz.* Edições da Paróquia de Carnide, Lisboa, 1977.

ARMSTRONG, Herbert W. *The United States and Britain in Prophecy* (*Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia*). Published by Worldwide Church of God, USA, 1980

Bíblia Sagrada. Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos) Lisboa, 1988, 14'Edição.

BARBALHO, Nelson. *Altinho. Subsídio para sua História.* Biblioteca Pernambucana de História Municipal, no. 25 — CEM — Recife, 1988

BEIRÃO, Caetano. *A Short History of Portugal* (*Pequena História de Portugal*). Edições Panorama. Lisboa, 1960, la. Ed.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino*, *o Santo e a Senhora.* Mec-Funarte, Brasília, 1978

CARDILLO, Edmundo. *Dante*, *Seiscentos Anos de Dúvidas.* Aquarius, Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 1976, la Edição, p.50

CHIAVENATO, Júlio José. *As lutas do povo brasileiro*, *do "descobrimento" a Canudos.* Editora Moderna, São Paulo, 1988, p. 17

CHRISTIAEN, Yves. A *Mutação do Mundo*. Editora Pensamento, São Paulo, 1978

COCUZZA, Felipe. A Mística *da Amazônia*, Zohar Editora, São Paulo, 1992. p.71.

COCUZZA, Felipe. *O Parlamentarismo e o Voto Distrital.* Transcendental Editora Ltda. S. Paulo, 1991

COELHO, Jacinto do Prado. *Camões e Pessoa*, *Poetas da Utopia*. Publicações Europa-América Ltda. Mem Martins, Portugal

COUTO, Mons. Gustavo. *Monographia Histórica. O Quarto Centenário da Morte de Vasco da Gama*. Typ. da Livraria Ferin, Lisboa, 1925

COLOMBO, Cristóvão, *O livro das Profecias* – 1501 - *1502* – Tradução do latim e espanhol para o inglês por Delno C.West e August Kling, University of Florida Press, Gainesville, 1991. Flórida, USA.

DAENHARDT, Rainer. *Missão Templária dos Descobrimentos*. Edições Nova Acrópole, Lisboa, 1992, 2' Ed.

DAENHARDT, Rainer. *Páginas Secretas da História de Portugal*, Vol. II, Edições Nova Acrópole, Lisboa, Maio de 1994, 1ª Edição.

DELUMEAU, Jean. *Mil* Anos *de Felicidade. – Uma História do Paraíso.* Terramar, Editores, Distribuidores e Livreiros Lda., Lisboa, Portugal, 1997.

DOMINGUES, Mário, *O Drama e a Glória do Padre Antônio Vieira*. Editora Livraria Romano Torres. Lisboa, 1952

FERREIRA, Pedrosa. *Francisco de Sales* (*tudo por* amor).Edições Salesianas, Porto, Portugal

Festa do Espírito Santo (Vídeo) – Programa Viola, Minha Viola, de Inesita Barroso - (Parati - Rio) - TV Cultura

FONTE, Barroso *da.Paço dos Duques de Bragança*. Edição Elo, Publicidade Artes Gráficas Lda. Lisboa, Mafra, 1993.

GALVÃO, Duarte. *Crônica de El-Rei D. Afonso Henriques*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1986

GOTLIB, Nádia Battella. *Luiz Vaz de Camões. Literatura Comentada*. Editora Abril – Educação, S. Paulo

GOTLIB, Nádia Battella. *Tarsila do Amaral*, *a* Modernista.Editora Senac, São Paulo. 1998.

GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos. *Convento de Cristo*. Edição Elo, Publicidade Artes Gráficas Lda. Lisboa, Malta, 1991.

GUIMARÃES, Manuel, *Tradição e Festa dos Tabuleiros em Tomar*, publicação do Conselho local

*História Popula*r *da Rainha* Santa *Isabel*, *Protetora de Coimbra*, autor anônimo. livro distribuído no mosteiro das Clarissas de Coimbra. onde está sepultado o corpo da Rainha.

GUIRAO, R *O enigma dos mapas de Piri Reis*. Hemus Editora Lda. São Paulo.

HOLMES, George. Dante. Oxford University Press, Oxford, 1980 (ed. original). Trad.: Cardigo dos Reis. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1981.

HOMERO. *Ilíada*. Publicações Europa-América Ltda. Mem Martins, Portugal.

KEPPE, Marc André R.. A *Origem da* Terra.Proton Editora Lda., São Paulo, 1986.

KEPPE, Marc André R. *Vida e Obra de Norberto Keppe – A História da Trilogia* Analítica.Proton Editora, 1988.

KEPPE, Norberto. O *Homem Universal* Proton Editora, São Paulo, 1999.

KEPPE, Norberto. A *Libertação*. Proton Editora, São Paulo, 1998, 3'Ed.

KEPPE, Norberto. *Nova Física da Metafísica Desinvertida*. Proton Editora, São Paulo, 1996.

KEPPE, Norberto. Metafísica *Trilógica I - A Libertação do Ser* Proton Editora, S. Paulo, 1993

KEPPE, Norberto. *Metafísica Trilógica II – Fenômenos Sensoriais "Transcendentais"*. Proton Editora, São Paulo, 1994

KEPPE, Norberto. *Metafísica Trilógica III – Cura Através das Forças Energéticas*. Proton Editora, São Paulo, 1995.

KEPPE, Norberto. *A Libertação da Vontade* (*A Libertação do Livre Arbítrio*) Proton Editora, São Paulo, 1992.

KEPPE, Norberto. A *Libertação pelo Conhecimento* (*A Idade* da Razão).Proton Editora, São Paulo, 1991.

KEPPE, Norberto. *Sociopatologia* (*Bases* para a *Civilização do 3° Milênio*). Proton Editora, São Paulo. 1991.

KEPPE, Norberto. *Trabalho & Capital.* Proton Editora, São Paulo, 1989.

KEPPE, Norberto. *A Glorificação*. Proton Editora, São Paulo, 1987.

KEPPE, Norberto. *A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder.* Proton Editora, São Paulo, 1986.

KEPPE, Norberto. *A Decadência do Povo Americano* (*e dos EUA*). Proton Editora, São Paulo, 1985.

KEPPE, Norberto. O *Reino do Homem*, *Volumes / e H*. Proton Editora , São Paulo, 1982.

KEPPE, Norberto. *A Metafísica Educacional Cristã e a Psicanálise Integral* (*Trilogia Analítica*). Publicação da Sociedade Internacional de Trilogia Analítica, São Paulo, 1982.

KEPPE, Norberto. *Contemplação e Ação*. Proton Editora, São Paulo, 1982

KEPPE, Norberto. *Trilogia*. . Proton Editora, São Paulo, 1978.

KEPPE, Norberto. *A Consciência*. Proton Editora, São Paulo, 1978.

KEPPE, Norberto. *Auto-Sentimento*. Proton Editora, São Paulo, 1977.

KEPPE, Norberto. *Psicanálise da Sociedade*. Proton Editora, São Paulo, 1976

LANCASTRE, Maria José de. *Fernando Pessoa*, *Uma* Autobiografia. Quetzal Editores, Lisboa, 1996

MACEDO, Sérgio D.T. *Os Primeiros Habitantes do Brasil* (*índios e Colonos*). Distribuidora Record de Serviços de Imprensa Lda. Rio de Janeiro, 1963.

MACHADO, Luís. A *Última Conversa de Agostinho da Silva*. Editorial Notícias, Lisboa, 1995.

MAGUNA, Pe. Isidoro. *Divino Menino Jesus de Praga – Abençoai-nos*. Edições Carmelo.

MAHIEU, Jacques. *Des Sonnengottes Heiiige Steine* (*Os Vickings no Brasil*). Trad.: Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, 1976

MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal* (*Desde os Tempos mais Antigos até ao Governo do Sr. Pinheiro de Azevedo*). Palas Editores, Lisboa, 1980

MELO, Afonso Arinos de Melo Franco. *O índio Brasileiro e a Revolução Francesa* (As *origens brasileiras da teoria da bondade natural*). Livraria José Olympio Editora/ Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura- Rio de Janeiro, 1937.

MILLER, René Fulop. *Os Santos que Abalaram o Mundo*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1976, 8' Ed.

MORUS, Thomas, Utopia, Coleção Europa-América, p.22/23.

NANNE, Kaike (texto) e CUNHA, Valdemir & FERNANDES, Hylio (fotos), de São Miguel das Missões. Artigo *Ruínas de* Um *Sonho - nos pampas* gaúchos, *nas planícies* paraguaias e *nas florestas argentinas*, subsistem os *vestígios da República Guarani*, *uma* civilização *utópica que* marcou *a História da América* Revista Terra, julho de 1996, ano V, n°7, p.90-4

NIGG, Walter.D. *Bosco*, *Um Santo* para *o Nosso* Tempo.Edições Salesianas, Porto, Portugal

O Grande Livro da Arte. Editorial Verbo, Lisboa, São Paulo, Agosto de 1982.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza e BULL, Márcia R. *Dossiê América:* Caso *U.S. Government x Keppe &* Pacheco.Proton Editora, São Paulo, 1995.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. A *Cura pela Consciência – Teomania e Stress*. Proton Editora, 3' Ed., São Paulo, 1994.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. A *Multinacional Americana das Drogas – Dossiê*. Proton Editora, 2 'Ed., São Paulo, 1994.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. *Mulheres no Divã* (*Uma Análise da Patologia Feminina*). Proton Editora, São Paulo, 1987.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. *ABC da Trilogia* Analítica (*Psicanálise Integral*). Proton Editora. São Paulo, 1986.

PEIXOTO, Afrânio, Camões e o Brasil, Editora Livraria Aillaud Bertrand, Paris-Lisboa).

PELICANO, Maria de Lurdes. *Arte e Transcendência. Florilégio Poético* .Edições Margem, Lisboa, 1997.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Publicações Europa-América Ltda. Mem Martins, Portugal, 1989.

PESSOA, Fernando. *Mensagem* (*Obras Completas de Fernando* Pessoa). Editora Mica, Lisboa

PINHO, Roberto Costa. *Museu Aberto dos Descobrimentos – Portugal*, *Mito e História em* Busca da *Outra Banda da Terra*. Editado por Fundação Quadrilátero dos Descobrimentos, FIESP, São Paulo

QUADROS, Antônio (Introduções, organização e biobibliografia atualizada). *Fernando Pessoa: Mensagem e Outros Poemas Afins*. Publicações Europa-América, Portugal, 1990.

QUADROS, Antônio, *Portugal* Razão *e Mistério - Vol*. L Guimarães Editores, Lisboa, 1988, 2' Ed.

QUADROS, Antônio. *Portugal*, *Razão e Mistério - O Projecto Áureo ou O Império do Espírito Santo – Livro II* - Guimarães Editores, Lisboa, 1987.

RAMOS, Jacinto. Esta *é a Ditosa Pátria Minha Amada*. Coleção Portugal ontem, Portugal hoje. Terra Livre. Lisboa, 1977.

RESENDE, Vânia Maria. *O Menino na Literatura Brasileira*. Edit. Perspectivas.

RODRIGUES, A. Medina, CASTRO, Dácio A. de & TEIXEIRA, Ivan P. *Antologia da Literatura Brasileira – Textos Comentados*. *O Modernismo*. *Vol. 11*. Marco Editorial, São Paulo, 1979.

SANTOS, Armando Alexandre . *As Aparições*, *a Mensagem e o Segredo de Fátima*. Editora Artpress, São Paulo, 1999.

SCHWENNHAGEN, Ludwig. *Fenícios no Brasil* (Antiga *História do Brasil de 1.100 a.C. a 1500 d.C..*) Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 3ª Edição, 1976

SILVA, Agostinho. *Um Fernando Pessoa*. Guimarães Editores, Lisboa, 1996, 3°. edição.

Stop a Destruição do Mundo. Vários autores. Redação : José Ortiz de Camargo Neto. Supervisão : Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco. Proton Editora Ltda. São Paulo, 1993, p. 323

SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1972, 2' Ed.

SUTTON, A. *Wall Street* e *a* Ascensão *de Hitler e Wall Street e a Revolução Bolchevique – apud* MONFIELD, Deirdre. *Fátima e a Grande* Conspiração.Edições Fernando Pereira, Lisboa, Portugal.

TELMO, Antonio. *História Secreta de Portugal*. Vega Gabinete de Edições, Coleção Janus, Lisboa

THORNDIKE, Joseph J. *The Ver), Rich — A History of Wealth*. American Heritage / Bonanza Books, New York, 1976

VESPÚCIO, Américo. *Cartas de Viagens e Descobertas*. In: A Visão do Paraíso — Novo Mundo. L&PM Editores Ltda. Porto alegre, 1984.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Livro Anteprimeiro da História do Futuro — Esperanças de Portugal & Quinto Império do Mundo. Comentários e* prefácio de José Von Den Besselaar. Edição do Ministério da Cultura e Coordenação Científica — Biblioteca Nacional de Lisboa, 1983

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermões Escolhidos*. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses

ZWEIG, Stefan. *Brasil, País do Futuro*. Livraria Civilização, Porto, Portugal, 1951.

Referências

[1] Apud PINHO, Roberto Costa. Museu Aberto dos Descobrimentos - Portugal, Mito e História em Busca da Outra Banda da Terra. Editado por Fundação Quadrilátero dos Descobrimentos. Fiesp, São Paulo, p. 73.

[2] Jean Delumeau, entrevista, Folha de S. Paulo, 8/08/99, Caderno "Mais!", 5-5.

[3] HEINBERG Richard, *Memórias e Visões do Paraíso,* Editora Campus, Rio de Janeiro, 1991, V página da Introdução, p. 90, 100, 195.

[4] Ver *Capítulo 4 - O* Milenarismo Cristão.

[5] Cf. 2, Daniel, 31-45. Ver detalhes nos capítulos 2 e 3.

[6] Cf. 1 Reis, 9: 26, 27, 28; e 10: 14, 27 -SCHWENNAGEN, Ludwig. *Fenícios no Brasil* (*Antiga História do Brasil, de 1100 a.C. a 1500 d. C.*). Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1976, p. 29 e 39. SETÚBAL, Paulo. *Ensaios Históricos*. Editora e Saraiva, São Paulo, 1956. 3` Ed., p. 71-8, relata que para o historiador Henrique Onfroy de Thoron, as terras bíblicas de Ofir, Parvaim e Tarschisch eram o Brasil.

[7] Ver capítulos 9 e 13

[8] Ver capítulo 10

[9] Ver capítulo 11

[10] Ver capitules 5, 6 e 7

[11] Ver capítulos 8 e 12.

[12] QUADROS, Antonio. *Portugal Razão e Mistério.O Projecto Áureo ou o Império do Espírito Santo. Livro* H.Guimarães Editores, Lisboa, 1987, p.32-33.

[13] DELUMEAU, Jean. *Mil anos de Felicidade.* Terramar Editores, Distribuidores e Livreiros Lda., Lisboa. 1997, contra capa.

[14] ZWEIG, Stefan. *Brasil, País do Futuro,* Livraria Civilização, Porto, Portugal, 1951, p.13.

[15] Nos capítulos 2 e 3 mostro que existem grandes evidências de o quarto império, o mais decadente de todos, ser o do poder econômico anglo-americano atual, que está em completa derrocada, apesar das aparências em contrário.

[16] No capítulo 9 explicamos em detalhes a vida e a obra deste monge pouco divulgado, mas que teve uma influência definitiva para o nascimento da modernidade.

[17] PERSCH, pe. Léo. *Parusia, a Segunda Vinda de Jesus.* Raboni Editora Ltda., Campinas. 1995, p.5.

[18] COCUZZA. Felipe, *A Mística da Amazônia. Zahar Editora, São* Paulo, 1992. p. 71.

[19] Idem, p. 71, ver capítulo 12

[20] DAENHARDT, Rainer. *Missão Templário dos Descobrimentos.* Edições Nova Acrópole, Lisboa, 1992, 2a. edição, p. 47 a 57

[21] SCHWENNHAGEN, Ludwig. *Fenícios no Brasil* (*Antiga História do Brasil de 1.100 a.C. a 1500 d.C*). Editora Cátedra, Rio de Janeiro. 3ª Edição, 1976, p.24, 26, 27, 29, 30, 39 e 79.

[22] ZWEIG, Stefan, *Brasil, País do Futuro,* Livraria Civilização, Porto, 1941, 4° Edição.

[23] Dados colhidos de um folheto distribuído por seus seguidores, por ocasião de uma visita de Tagore ao Rio de Janeiro e difundidos pela Sociedade de Embiose.

[24] Jonas Negalha, lingüista e pesquisador do tema do Quinto Império e de História, forneceu-nos as previsões sobre o Brasil cujas fontes não estão indicadas.

[25] CARDILLO, Edmundo, *Dante, Seiscentos Anos de Dúvidas,* Aquarius, Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 1976, Iª Edição, p.50

[26] COCUZZA, Felipe, *A Mística da Amazônia.* Zahar Editora, São Paulo, 1992, p.39.

[27] Apud COCUZZA, Filipe, op. cit., p. 35.

[28] As citações assinaladas com (a), (b), (c), (d) e (f), são do livro - PINHO, Roberto Costa. Museu Aberto dos Descobrimentos (Portugal, Mito e História em Busca da Outra Banda da Terra). Editora Fundação Quadrilátero dos Descobrimentos - FIESP.

[29] MELO, Afonso Arinos, em *O índio Brasileiro e a Revolução Francesa,* Livraria José Olympio, Editora MEC, Rio, 1976, descreve, ao longo do livro as *"origens brasileiras da teoria da bondade natural.".*

[30] Ver detalhes no capítulo 20.

[31] Apud COCUZZA, Felipe. *A Mística da Amazônia.* Zahar Editora. São Paulo, 1992, p. 153.

[32] Ver detalhes no capítulo 16.

[33] PELICANO, Maria de Lurdes. *Arte e Transcendência. Florilégio Poético.* Edições Margem, Lisboa, 1997, p. 117.

[34] CHRISTIAEN, Yves. *A Mutação do Mundo.* Editora Pensamento, São Paulo, 1978, p.160, 161.

[35] Ver Capítulo 9, sobre Gioachino di Fiori.

[36] PESSOA, Fernando. *Mensagem.* Apontamentos Europa-América. Explicações por José Flórido. Publicações Europa-América, Lisboa, 1989, p.32.

[37] Ao lado da ambição de riquezas materiais e de poder político que pautou a ação de muitos, foi inegável a iniciativa idealista de tantos europeus, religiosos ou não, de construir o *"Millennium"* no Novo Mundo.

[38] *A Associação Stop a Destruição do Mundo foi* fundada por mim no dia 28 de Junho de 1992, em Paris, sob a lei francesa 1901, como uma entidade sem fins lucrativos reunindo um grupo internacional interessado em soluções práticas para salvar a vida humana e o ambiente ecológico na Terra. Sua finalidade é pôr um freio na destruição tanto do planeta (setor ecológico) quanto da Humanidade, nos campos psicológico, orgânico, social, político, cultural e econômico. A inspiração de lançar esse movimento de conscientização nasceu durante uma das visitas que fiz a Portugal — mais precisamente a Fátima e Tomar, na Primavera de 1992, motivo pelo qual muitos associados consideram a Senhora de Fátima como inspiradora e padroeira da associação, que promove eventos como os fóruns internacionais realizados em 1993 em Lisboa e Paris, com a presença de centenas de ecólogos, cientistas e pesquisadores, bem como promoveu a edição do livro *Stop a Destruição do Mundo* (Proton Editora, São Paulo, 1993), com pesquisas dos associados c redação do jornalista José Ortiz Camargo Neto.

[39] A letra completa dessa música encontra-se no Capítulo *13,* sobre os *poetas, profetas, músicos e pensadores do Quinto Império.*

[40] KEPPE, Norberto e col. *A Decadência do Povo Americano e dos EUA.*. Proton Editora, Nova York e São Paulo, 1985.

[41] Sinclair Lewis, Ernest Hemingway, John Steinbeck, Thomas Mann, Graham Greene, Aldous Huxley, entre muitos outros, sofreram a perseguição e vigilância do FBI, sem falar dos assassinados: Martin Luther King, John e Robert Kennedy, John Lennon, etc. O leitor pode ter melhores informações vendo, por exemplo, o filme *"Na Lista Negra",* com Robert de Niro ou consultando o livro *Dossiês Perigosos,* de Robert Mitgang.

[42] Ler a propósito, o dossiê *A Multinacional Americana das Drogas,* Revista de Psicanálise Integral no. 19, Proton Editora, S. Paulo, 1991.

[43] Oscar Segurado, artista gráfico português que assistia à palestra.

[44] Professor Jonas Negalha, português açoriano residente em São Paulo, pesquisa-dor do assunto do Quinto Império.

[45] PACHECO, Cláudia. *A Multinacional Americana das Drogas.* Proton Editora, São Paulo, 1991.

[46] Rabino BERG, artigo no Centro de Estudos de Cabala, edição de São Paulo, dezembro de 1999 e janeiro de 2000, página 5.

[47] MEDANHA, Victor. *História Misteriosa de Portugal.* Editora Pergaminho Ltda., Lisboa, 1995, p.66.

[48] Ver a respeito a obra "Ensaios Históricos", de Paulo Setúbal (Edições Saraiva, São Paulo, 1956, 3ª Edição, p.71-8.

[49] COLOMBO, Cristóvão, *o Livro das Profecias* - 1501-1502 - Tradução do latim e espanhol para o inglês por Delno C. West e August Kling, University of Florida Press, Gainsville, 1991, Flórida, USA, p. 104 a 110.

[50] Idem, p. 49.

[51] *Stop a Destruição do Mundo.* Vários autores. Proton Editora Ltda. São Paulo, 1993, p. 323; SUTTON, A. *Wall Street e a Ascensão de Hitler e Wall Street e a Revolução Bolchevique - apud* MONFIELD, Deirdre. *Fátima e a Grande Conspiração.* Edições Fernando Pereira, Lisboa, Portugal.

[52] Milenarismo: nome que designa a expectativa da realização de um reino de Deus na Terra por mil anos ou mais, antes do Juízo Final.

[53] KEPPE, Norberto.O *Reino do Homem — Vol. I.* Proton Editora. São Paulo, 1983, pág. 60.

[54] Texto baseado principalmente na obra *o Reino do Homem, Vol.* I, cap. X, de Norberto R. Keppe, Proton Editora, São Paulo, 1983.

[55] KEPPE, Norberto. *Contemplação e Ação,* Proton Editora, São Paulo, 1981. p. 59, 61 c 62.

[56] **Hospitalários**: ordem militar cristã, conhecida com o nome de Cavaleiros de São João de Jerusalém, Cavaleiros de Rodes ou de Malta, fundada pelos cruzados em Jerusalém, em 1099, com o fim de defender os lugares santos. Uma ramificação foi a Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, sediada em Aragão, consagrada à luta contra os mouros na Península Ibérica.

[57] Teutônicos: Ordem militar e religiosa da Idade Média, a terceira criada na Terra Santa. Fundada em Jerusalém como ordem hospitalária por mercadores alemães, em 1128, transformou-se em ordem militar (1198) com o consentimento do papa Inocencio III, passando a adotar uma regra inspirada na do Templo.

[58] BURMAN, Edward. *Templários: Os Cavaleiros de Deus,* Editora Record Nova Era, Rio de Janeiro, 1994, p. 28.

[59] Idem, op. cit., p. 100.

[60] Idem, op. cit., p. 117, 118.

[61] AMARANTE, Eduardo & TERSEU, Françoise. *Templários, Aspectos Secretos da Ordem,* Editora Nova Acrópole, Lisboa, 1992, p. 34.

[62] Idem, op. Cit.

[63] DAENHARDT, Rainer. *A Missão Templária dos Descobrimentos.* Edições Nova Acrópole, Lisboa, 1ª Ed., Maio de 1991, p. 19

[64] DELUMEAU, Jean. op. cit., p. 147.

[65] Idem, op. cit., p. 149.

[66] Idem, op. cit., p. 150.

[67] *Libro de* las Profecias (*of Cristofer Columbus*). University of Florida Press, Gainsville, 2nd printing, 1992, p. 110.

[68] Frei Bartolomeu de Ias Casas foi o primeiro espanhol a denunciar o massacre dos índios pelos europeus, no mais conhecido de seus livros *O Paraíso Perdido — Brevíssima Relação da Destruição das Índias,* publicado em 1552. (*Apud* PEREIRA, André. *Diário de Bordo de Cristóvão* Colombo.Editora Record, Rio de Janeiro, 1992, p.33)

[69] CASAS, B. de Las. *Historia de las* Indias.Madrid, Biblioteca de autores españoles, 1875 -1876.

[70] *Libro de las Profecias* (*of Cristofer Columbus*), op. cit., p. 110.

[71] DELUMEAU, Jean. Mil Anos de Felicidade, op. cit., p. 246, 248.

[72] *La Trinita nella Storia,* Atti del II Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti. A Cura *di Antonio* Crocco *San Giovanni in Fiori*, Itália, 1986, p. 72, 177.

[73] Idem, p. 205.

[74] Abadia de Cluny, fundada em 910, na França, por Guilherme, o Piedoso, duque de Aquitânia, para os monges beneditinos, sob a direção do abade Bernon. Foi esta Ordem que enviou os nobres cavaleiros Borgonha para lutar na Reconquista Cristã da Península Ibérica, dando origem a Portugal.

[75] DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade,* op. cit., p.45

[76] Na Parte III deste livro desenvolvo melhor a compreensão keppeana sobre o «Reino de Deus» , e como consegui-lo através do que chamou de Trilogia Analítica : a unificação da ciência, da filosofia e da teologia.

[77] Escatologia (teologia) : doutrina das coisas que deverão acontecer no fim do mundo ou depois dele.

[78] DELUMEAU, Jean. op. cit., p. 45.

[79] Parusia, que em grego significa "uma nova vinda ou visita", para alguns teólogos quer dizer a Segunda Vinda de Jesus, no Juízo Final. Para outros, como di Fiori, significa a vinda espiritual de Cristo (do Espírito Santo), inaugurando uma era de paz no mundo, anterior ao Juízo Final.

[80] DELUMEAU, Jean, Op. cit., p. 48.

[81] Idem 80, op. cit., p. 49.
[82] Idem 80, op. cit., p. 50.
[83] Idem 80, op. cit., p. 54.
[84] Idem 80, op., cit., p. 54.
[85] QUADROS, António. *Portugal Razão e Mistério - Livro II - O Projecto Áureo ou Império do Espírito Santo*. Guimarães Editores Ltda., Lisboa, 1987, p.12.
[86] *Jean Delumeau*, Folha de S. Paulo, 8 de agosto de 1999 , Caderno "Mais !" 5-5.
[87] QUADROS, António. *Portugal Razão e Mistério - Livro II – op.* cit., p. 12-13
[88] Idem 87, p. 12.
[89] SILVEIRA, Frei Ildefonso (O.F.M.) e REIS, Orlando (seleção e organização). *São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Editora Vozes e Cepefal do Brasil. Petrópolis, 1981.
[90] KEPPE, Norberto. *O Reino do Homem - Vol. 1*. Proton Editora, São Paulo, 1983, p. 128, 130.
[91] KEPPE, Norberto. *O Reino do Homem - Vol. 1*., op. cit., p. 146.
[92] SILVEIRA, Frei Ildefonso. *São Francisco de Assis*. op.cit., p. 424.
[93] QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério. Livro H. O Projecto Áureo ou o Império do Espírito Santo*. Guimarães Editora Ltda., Lisboa, 1987, p. 29.
[94] ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia* , adaptação em prosa por Marques de Braga, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 4a. Edição, 1985, p.111.
[95] CARDILLO, Edmundo. Dante (Seiscentos Anos de Dúvidas). Aquarius – Editora e Distribuidora de Livros Ltda. São Paulo, 1ª Edição, 1976, p. 50.
[96] ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*, São Paulo, Abril Cultural, 1979. Frase constante do prefácio de Hernani Donato.
[97] *Apud* QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério. Livro II, op.* cit., p. 31.
[98] PINHO, Roberto Costa. *Museu Aberto dos Descobrimentos – Portugal, Mito e História em Busca da Outra Banda da Terra*. Editado por Fundação Quadrilátero dos Descobrimentos, FIESP, São Paulo, p.118.
[99] COCUZZA, Felipe, *A Mística da Amazônia*, Zohar Editora, São Paulo, 1992, p.71.
[100] DAENHARDT, Rainer. *Missão Templário dos Descobrimentos*. Edições Nova Acrópole, Lisboa, 1ª Edição, Maio de 1991, p. 26.
[101] COCUZZA, Felipe. *Amazônia Mística*, op. cit, p. 71.
[102] VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo - Cartas de Viagens e Descobertas*. (*A Visão do Paraíso*) – L & PM Ltda., Porto Alegre, 1984 (contracapa).
[103] QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério, Livro II- O Projeto Áureo ou Império do Espírito Santo*, op. cit.. p. 13.
[104] QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério - Livro II*, op. cit., p.15.
[105] Idem 104, p. 23.
[106] Conforme o livreto *História Popular da Rainha Santa Isabel, Protetora de Coimbra*, *cujo* autor anônimo diz ter presenciado muitos dos fatos ali narrados (livro distribuído no mosteiro das Clarissas de Coimbra, onde está o corpo da Rainha).

[107] Cf. livro *Museu Aberto dos Descobrimentos*, op. cit., *e* QUADROS, António, *Portugal Razão e Mistério - Vol. I*. Guimarães Editores, Lisboa, 1988, 2ª Ed. p. *173*.

[108] Teleologia = teoria das causas finais, conjunto de especulações que têm em vista o conhecimento da finalidade, considerando os seres pelo fim a que aparentemente se destinam.

[109] Escatologia, do gr. *éschatos* - último - + *logos* - tratado = teoria teológica sobre as coisas que irão suceder no final dos tempos ou depois de acabar o mundo.

[110] QUADROS, António, *Portugal Razão e Mistério*, op.cit., p. 15.

[111] GUIMARÃES, Manuel. *Tradição e Festas dos Tabuleiros em Tomar*. Edição Elo - Publicidade, Artes Gráficas Lda., tomar, 1995, p.10.

[112] QUADROS, António, *Portugal Razão e Mistério*, op.cit., p. 144

[113] Idem, p. 141.

[114] QUADROS, António. *Portugal*, *Razão e Mistério - Livro II*, op. cit.p. 49

[115] QUADROS, António. *Portugal*, *Razão e Mistério - Livro II*, op. cit., p. 57.

[116] Filme *Festa do Espírito Santo* – Programa Viola, Minha Viola, de Inesita Barroso - (Parati - Rio) -TV Cultura

[117] ZWEIG, Stefan. *Brasil*, *País do Futuro*. Edições da Livraria Civilização, Porto, 1951, 4ª Edição, p. 43, 45, 46.

[118] ZWEIG, Stefan, *Brasil*, *País do Futuro*, op. cit. E 56 e 57.

[119] ZWEIG, Stefan. *Brasil*, *País do Futuro*, *op*.. cit., p737.

[120] PINHO, Roberto. *Museu Aberto dos Descobrimentos* (*Portugal*, *Mito e História em Busca da Outra Banda da Terra*), op. cit.

[121] COCUZZA, Felipe. *A Mística da Amazônia*, op. cit., p. 76_

[122] QUADROS, António. *Portugal*, *Razão e Mistério*, Livro II, op. cit., p. 85.

[123] ZWEIG, Stefan. *Brasil*, *País do Futuro*, op. cit. p. 42.

[124] ZWEIG, Stefan, *Brasil*, *País do Futuro*,*op*. cit., p. 45.

[125] MILLER, René Fulop. *Os Santos que Abalaram o Mundo*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1976, 8ª Edição, p. 279.

[126] Interessante essa idéia comum aos religiosos de que um trabalho apostólico e missionário como ode Anchieta seria realizado « com suas orações ». Não só de orações, mas de muitas ações (e com risco constante de morte) foi exercida a incansável atividade missionária desse abnegado jesuíta, que passou toda a sua vida, dos 19 aos 63 anos (idade de sua morte) a serviço do apostolado.

[127] MORUS, flamas, Utopia, Coleção Europa-América, p.22/23.

[128] Revista Terra, julho de 1996, ano V, n° 7, p. 60-4.

[129] (Shopping News, 9/9/90, p. 3-B, artigo "As Ruínas que contam o fim de um sonho")

[130] Revista Terra, julho de 1996, ano V, n°7, p.60-4, op. cit.

[131] MILLER, René Fülöp. *Os Santos que Abalaram o Mundo*. Livraria José Olympio Editora, Rio da Janeiro, 1976, 8ª Edição, p. 262.

[132] PEIXOTO, Afrânio. *Camões e o Brasil*. Editora Livraria Aillaud Bertrand, Paris-Lisboa, 1925, p.9.

[133] DAENHARDT, Rainer, *Páginas Secretas da História de Portugal*, Vol. II, Edições Nova Acrópole, Lisboa, Maio de 1994, 1ª Edição, p. 147.

[134] BACELAR, Anísio. *Profecias do Bandarra - Sapateiro de Trancoso. Coleção* Janus. Vega, Gabinete de Edições, Lisboa, p. 64.
[135] Apud QUADROS, António, *Portugal*, Razão *e Mistério*, op. cit. p.174.
[136] A. Quadros, *op.cit*, p. 23.
[137] VIEIRA, pde. António. *Livro Anteprimeiro da História do Futuro – Esperanças de Portugal* & *Quinto Império do Mundo. Comentários* e prefácio de José Von Den Besselaar. Edição do Ministério da Cultura e Coordenação Científica – Biblioteca Nacional de Lisboa, 1983.
[138] ISRAEL, Menasseh Ben – *Piedra Gloriosa o de la Estátua de Nebuchadnesar* – Compuesto por el Hacham-Amsterdam-An. 5415.
[139] CHIAVENATO, Júlio José. "As *lutas do povo brasileiro, do "descobrimento" a* Canudos, Editora Moderna, São Paulo, 1988, p. 17.
[140] DOMINGUES, Mário, *O Drama e a Glória do Padre António Vieira*, Editora Livraria Romano Torres, Lisboa, 1952, p.302 *e 303*.
[141] SILVA, Agostinho. *Um Fernando* Pessoa. Guimarães Editores, Lisboa, 1996, 3ª. edição.
[142] *Fernando Pessoa: Mensagem e outros Poemas Afins*. Introduções, organização e biobibliografia atualizada de António Quadros. Publicações Europa-América, Portugal, 1990, p.119
[143] Ver entrevista do prof. Agostinho *à Revista de Psicanálise Integral*, no final do Capítulo 1.
[144] Apud PINHO, Roberto Costa, Museu Aberto dos Descobrimento, op. cit., p. 43.
[145] GLOTIB, Nadia Battella - *Tarsila do Amaral - a Modernista* - Editora SENAC, S. Paulo, 1997, p. 101
[146] PELICANO, Maria de Lurdes. *Arte e Transcendência. Florilégio* Poético.Edições Margem, Lisboa, 1997, p. 27.
[147] KEPPE, Norberto. *Glorificação*. Proton Editora, São Paulo, 1987, p. 11.
[148] O próprio processo de criatividade, seja nas ciências, no trabalho e até nas artes, exige uma ligação muito grande do cientista, do operário e do artista com a realidade. Por este motivo, os grandes gênios sempre produziram por *"insight"*, como Newton, Lavoisier, Edson, Nikola Tesla, etc.
[149] KEPPE, Norberto, *O Reino do Homem* (*Vol. 1*), Proton Editora, São Paulo, p.2
[150] KEPPE, Norberto, *Auto-Sentimento*. Proton Editora, São Paulo, 1978.
[151] KEPPE, Norberto. *A Consciência*.Proton Editora, São Paulo, 1978.
[152] KEPPE, Norberto.*Contemplação e Ação*. Proton Editora, São Paulo, 1980.
[153] KEPPE, Norberto. *O Reino do Homem*, *Vol. 1*, Proton Editora, São Paulo, São Paulo, 1984, p. 60.
[154] KEPPE, Norberto. *A Glorificação*. Proton Editora, São Paulo, 1983, p. 62-3.
[155] KEPPE, Norberto. *Sociopatologia - Bases para a Civilização do Milênio*. Proton Editora, São Paulo, 1993.
[156] KEPPE, Norberto. *O Homem Universal*. Proton Editora, São Paulo, 1998.
[157] KEPPE, Norberto. A *Libertação dos Povos - Patologia do Poder*. Proton Editora, São Paulo, 1986, p. 132.
[158] KEPPE, Norberto. A *Libertação da Vontade* . Proton Editora, São Paulo. 1993, p. 32-3.

[159] KEPPE, Norberto. *A Libertação Pelo Conhecimento – A Idade da Razão*. Proton Editora, São Paulo, 1991

[160] KEPPE, Norberto. *Metafísica Trilógica - A Libertação do Ser*. Proton Editora São Paulo, 1992, p. 8.

[161] KEPPE, Norberto.Trabalho *e Capital*. Proton Editora, São Paulo, 1988.

[162] KEPPE, Norberto. The *Decay of American People – and USA* (*A Decadência do Povo Americano - e dos EUA*). Proton Editora, Nova York e São Paulo, 1985.

[163] KEPPE, Norberto.Trabalho *e Capital*. Proton Editora, São Paulo, 1988.

[164] KEPPE, Norberto. *A Libertação pelo Conhecimento - A Idade da Razão*. Proton Editora, São Paulo, 1991. p. 145-8.

[165] Vale a pena mencionar a fundação em São Paulo da ALDH - Associação Lusófona de Direitos Humanos, em 1° de junho de 1998, tendo como patrono o pe. António Vieira, com a finalidade de defender os valores, direitos humanos e cultura universal dos povos de língua portuguesa, que em seu espírito e prática almejam a cooperação pacífica entre todas as raças. Apoiada pela Associação *Stop a Destruição do Mundo* e presidida pelo jurista português dr. Luís M. de Sande Freire (membro da Comissão Internacional dos Juristas de Genebra), é composta de brasileiros e portugueses, atuando simultaneamente em Lisboa c em São Paulo. Em novembro de 1999, o deputado federal Aldo Rebelo, apoiante da ALDH, apresentou um importante projeto em defesa da língua portuguesa, contra a sua desnacionalização, tornando obrigatório seu uso em nosso território em todas as situações, com as ressalvas e exceções cabíveis.

[166] KEPPE, Norberto. *Metafísica Trilógica - A Libertação do Ser*. Proton Editora São Paulo, 1992.

[167] KEPPE, Norberto. *Auto-Sentimento*. Proton Editora, São Paulo, 1976, p. 99-103.

[168] *Mamar é o primeiro símbolo de amar; fato extremamente esclarecedor dessa relação infantil."*

[169] KEPPE, Norberto. *Nova Física da Metafísica Desinvertida*. Proton Editora, S. Paulo, 1995.

[170] Vale a pena fazer um lembrete sobre a conhecida experiência dos 100 macacos; depois que esse número de símios aprendeu a executar uma tarefa numa ilha, os outros macacos, de ilhas próximas, começaram a fazer espontaneamente a mesma coisa, mostrando que a energética do conhecimento é difusiva até entre os animais, quanto mais entre os seres humanos.

[171] Os interessados na Associação STOP à Destruição do Mundo poderão solicitar informações na Proton Editora.

[172] A Hora Final - Faith Publishing Company, Milford, Ohio, 1992.

OBRAS PUBLICADAS PELA PROTON EDITORA

NORBERTO R. KEPPE

- **O Homem Universal** - 1999, 155 páginas.
- **A Libertação** - 3° Ed., 1998, 273 págs.
- **A Nova Física da Metafísica Desinvertida** - 1996, 155 págs.
- **Metafísica Trilógica I** – A Libertação do Ser-1993, 328 págs.
- **Metafísica Trilógica II** – Fenômenos Sensoriais «Transcendentais» - 994, 270 págs.
- **Metafísica Trilógica III** – Cura Através das Forças Energéticas - 1995, 192 págs. –
- **A Libertação da Vontade (A Libertação do Livre Arbítrio)** - 1992, 248 págs.
- **A Libertação pelo Conhecimento (A Idade da Razão)** - 1991, 307 págs.
- **Sociopatologia (Bases para a Civilização do 3° Milênio)** - 1991, págs. 247.
- **Trabalho & Capital** -1989, 383 págs.
- **A Glorificação** - 2° ed., 1987, 168 págs.
- **A Libertação dos Povos** – A Patologia do Poder - 1986, 290 págs.
- **A Decadência do Povo Americano** (e dos E.U.A.)-1985, 240 págs.
- **O Reino do Homem** - Volumes I e II - 1982, 303 págs.
- **Contemplação e Ação** - 1982, 166 págs.
- **Trilogia -** 1978, 174 págs.
- **A Consciência -** 1978, 179 págs.
- **Auto-Sentimento** - 1977, 228 págs.
- **Psicanálise da Sociedade** - 1976,384 págs.

CLÁUDIA BERNHARDT S. PACHECO - Autoria e Supervisão

- **Dossiê América: Caso U.S. Government X Keppe & Pacheco -** Cláudia B.S. Pacheco e Márcia R. Buli. 1995, 240 págs.
- **A Cura Pela Consciência – Teomania e Stress** - 3° ed., 1994, 197 págs.
- **A Multinacional Americana das Drogas** — Dossiê - 2' ed., 125 págs., 199.
- **Mulheres no Divã (Uma Análise da Patologia Feminina)** - 1987, 175 págs.
- **ABC da Trilogia Analítica - (Psicanálise Integral)** - 1986, 150 págs.
- **Odontologia do 3° Milênio (Trilógica)** - Márcia Sgrinhelli e Heloisa Coelho, Supervisão de Cláudia B.S. Pacheco, 1998, 190 págs.
- **Stop à Destruição do Mundo** - Diversos Autores, Supervisão de Cláudia B.S. Pacheco, 1994,340 págs.

OUTROS AUTORES

- **Vida** e **Obra de Norberto Keppe -** Marc André da Rocha Keppe - 1990, 206 págs.
- **A Origem da Terra** - Marc André R. Keppe, 1984, 185 págs.

PROTON EDITORA LTDA.

É o nome internacional da Proton Editora Ltda., originária de São Paulo, Brasil. Conta atualmente com representação em Lisboa, Paris, Londres, Estocolmo, Helsinqui e Grünstadt e publica somente obras da Trilogia Analítica (ou Psicanálise Integral). Os temas principais abordados pela editora são Psicanálise, Metafísica, Sociopsicopatologia, Saúde e Economia. A maior parte das obras é a de Norberto R. Keppe, psicanalista e criador da Escola de Psicanálise Integral (Trilogia Analítica) e de sua principal assistente Cláudia B.S. Pacheco.

Como obter os livros?

Os livros podem ser encomendados por correio, diretamente ou podem ser encontrados nas melhores livrarias da Europa, Estados Unidos e América Latina.

Para maiores informações sobre a Psicanálise Integral (Trilogia Analítica) em língua portuguesa, telefone ou escreva à Proton Editora Ltda.

Brasil
Av. Rebouças n° 3819 - 05401-450 São Paulo
Tel. (55)(11) 210 36 16 - Fax. (55)(11) 815 99 20
(a partir de 29/05/2000, novo número de telefone: 3032-3616)
www.trilogiaanalitica.com.br
sitaenk@uol.com.br

Portugal
Av. Almirante Reis n° 156, 1° - 1000 Lisboa
Tel./Fax. (351) (21) 847 52 06

Millennium - Centro Internacional De Arte, Cultura E Serviços

Um grupo de Empresas Trilógicas
que atuam em São Paulo

As bases da teoria e do método da Trilogia Analítica são ensinadas através de cursos, palestras e workshops ministrados na SITA - Sociedade Internacional de Trilogia Analítica e nas Escolas ***Millennium***.

Eles são dirigidos à empresas, escolas e indivíduos de qualquer idade e profissão que visem o crescimento psicossocial.

As Escolas ***Millennium*** pertencem ao grupo de empresas que seguem o modelo econômico trilógico, ou seja, onde são aplicadas as propostas de Norberto Keppe, algumas expostas neste livro. Nelas todos os que trabalham são sócios e participam de grupos de conscientização dos erros e da psicossociopatologia, obtendo com isso rápido desenvolvimento econômico e profissional.

A verdadeira 3' via da Economia, esse novo modelo de trabalho foi considerado pelo Centro de Pesquisa Científica da França (CNRS) como um dos mais originais entre os contemporâneos.

As Empresas Trilógicas ***Millennium***, bem como as residências trilógicas fundadas por Norberto Keppe, aplicam há 15 anos os conceitos do 5° Império descritos neste livro, mostrando que a "Utopia" já foi colocada em prática, não só no Brasil mas nos Estados Unidos e Europa mostrando-se perfeitamente viável. Constituindo-se em modelos para aplicação em larga escala no Brasil e no mundo, poderão resolver os problemas da estrutura social e econômica em curto tempo levando o mundo à sonhada realização do Millennium de Ouro.

Quem exercerá liderança no cenário internacional no século 21: os Estados Unidos ou o Brasil?

De acordo com a tese da psicanalista e cientista psicossocial Claudia Bernhardt de Souza Pacheco, que se baseou em pesquisas feitas durante os anos no Brasil, EUA e Europa, a resposta é o Brasil, por ser o único dotado dos valores que vigorarão no 3° milênio.

A universalidade, a tolerância racial e religiosa, a mentalidade não imperialista, a valorizarão da espiritualidade e da paz, tudo isso aliado às riquezas materiais e de clima excepcionais farão da "Ilha de Vera Cruz" o pais ideal para a formarão de um novo modelo de sociedade mais adiantado e mais justo.

Os valores da lusofonia suplantarão os da anglofonia, que de acordo com a autora são invertidos, por colocarem a tríade do Poder, do Dinheiro e do Prestigio (o Ter), acima da trilogia do Amor, da Razão e da Ação Boa, Bela e Verdadeira (o Ser).

No século 21 os poderes econômico-sociais patológicos serão colocados em xeque, e a liberdade de consciência será o prImeiro requisito do novo Homem Universal

Apesar de inúmeras previsões e profecias citadas neste livro apontarem um futuro radioso para o Brasil, isto não será conseguido através de "milagres", mas exigirá conhecimentos da psícossociopatología e muito trabalho.

A ciência que permitirá a realizarão desta utopia chamada Brasil foi, segundo Pacheco, elaborada pelo cientista Norberto R. Keppe, criador da Trilogia Analítica, que estuda as causas e o tratamento das doenças psíquicas e sociais.

Outras obras da autora: "A Cura pela Consciência - Teomania e Stress", "Mulheres no Divã". "O ABC da Trilogia Analítica", entre outros trabalhos sobre psicanálise e psícosocíopatologia.